

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
ADRIANA VALÉRIA VARGAS CARVALHEIRA

**ESCOLA EM ÁREA DE RISCO AMBIENTAL: o que dizem professores e
alunos**

Taubaté – SP

2019

Sistema integrado de Bibliotecas – SIBi/ UNITAU
Biblioteca Setorial de Pedagogia, Ciências Sociais, Letras e Serviço Social

C331e Carvalheira, Adriana Valéria Vargas
Escola em área de risco ambiental: o que dizem professores
e alunos /Adriana Valéria Vargas Carvalheira. -- 2019.
212 f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté,
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2019.

Orientação: Profa. Dra. Mariana Aranha de Souza,
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação.

1. Currículo escolar. 2. Desastres naturais.
3. Educação e ambiental. 4. Interdisciplinaridade. 4. Projeto
Cemaden Educação. I. Título.

CDD – 370

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Adriana Valéria Vargas Carvalheira

**ESCOLA EM ÁREA DE RISCO AMBIENTAL: o que dizem professores e
alunos**

Dissertação apresentada para Defesa como requisito para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Formação Docente para a Educação Básica

Linha de Pesquisa: Formação Docente e Desenvolvimento Profissional

Orientadora: Profa. Dra. Mariana Aranha de Souza

Coorientador: Profa. Dra. Juliana Marcondes Bussolotti

Taubaté – SP

2019

ADRIANA VALÉRIA VARGAS CARVALHEIRA

ESCOLA EM ÁREA DE RISCO AMBIENTAL: o que dizem professores e alunos

Dissertação apresentada para Defesa como requisito para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Formação Docente para a Educação Básica

Linha de Pesquisa: Formação Docente e Desenvolvimento Profissional

Orientadora: Profa. Dra. Mariana Aranha de Souza

Data: 24/09/2019

Resultado: Aprovada

BANCA EXAMINADORA

Prof. (a) Dr. (a) Mariana Aranha de Souza Universidade de Taubaté

Assinatura 

Prof. (a) Dr. (a) Jubiana Maciel de Souza Universidade

Assinatura 

Prof. (a) Dr. (a) DEBORA OLIVATO Universidade

Assinatura 

Prof. (a) Dr. (a) Virgínia Maria Virginia Lima Universidade

Assinatura 

DEDICATÓRIA



Dedico este trabalho ao meu marido, filhos e familiares, e de um modo geral a todos aqueles que direta ou indiretamente percorreram o caminho comigo, me ajudando a transpor a linha do horizonte.

AGRADECIMENTOS

A presente Dissertação de Mestrado não poderia chegar a um desfecho final sem o precioso direcionamento de Deus, que esteve comigo o tempo todo, me fortalecendo e concedendo a sabedoria necessária para seguir em frente. E também, sem a colaboração de inúmeras pessoas, quero deixar aqui registrado minha enorme gratidão.

Quero agradecer ao meu marido Luiz Fernando e aos meus filhos Franklin, Rafael e Fernanda, que me deram muito apoio e tiveram paciência e tolerância com meus afastamentos constantes do convívio familiar. Aos meus pais que sempre me mostraram a importância dos estudos. À minha irmã Margareth e cunhada Isabel, que me auxiliaram em alguns momentos.

Presto também minha imensa gratidão à minha Orientadora Prof^a Dr^a Mariana Aranha de Souza, por toda dedicação, paciência e empenho, sempre me orientando e conduzindo nesta tarefa e em todas que realizei durante o percurso. Gratidão pelas correções sempre de maneira delicada e motivadora. À Prof^a Dr^a Juliana Marcondes Bussolotti, que colaborou com seus ensinamentos e me tranquilizou também em certos momentos de angústia com suas palavras animadoras. À Prof^a Lilian Pereira Cruz, que me deu um suporte no início de minha pesquisa. A todos os professores do Mestrado, que muito contribuíram compartilhando seus conhecimentos para um efetivo aprendizado.

Agradeço a todos meus colegas do Mestrado em Educação, que prestaram informações contribuindo tanto no decorrer do curso, como no processo de elaboração de minha Dissertação, especialmente à Eliane Carneiro, Irene Matsuno, Elaine Policarpo, Edna Moreira e Roseli cuja companhia, apoio e amizade, estiveram presentes em muitos momentos desta trajetória. Aos alunos e Mestres recém-formandos que se disponibilizaram a apresentar suas Pesquisas, para além de nos transmitirem conhecimentos, nos direcionarem ao desenvolvimento das nossas...

Agradeço em específico à Cláudia, Cibele e Luciana que contribuíram de alguma forma com a efetivação deste trabalho. Aos funcionários da secretaria da Faculdade de Pós-Graduação, sempre tão prestativos em nos ajudar. À Simone, que prestou auxílio com a Plataforma Brasil de maneira tão solícita, me ajudando a ultrapassar esse “obstáculo”.

Aos membros de minha Banca de Qualificação que me concederam o privilégio de receber suas preciosas contribuições para que pudesse aprimorar minha Dissertação: à Prof^a Dr^a Débora Olivato que me proporcionou um excelente material para inserir em meu trabalho de maneira que ficasse mais aprofundado de acordo com o tema em questão, além dos contatos que me possibilitou para conseguir informações para aperfeiçoar ainda mais e à Prof^a Dr^a Márcia Maria Dias Reis Pacheco que me propiciou retornar à escola onde ocorreu a pesquisa

para tomar conhecimento dos excelentes projetos desenvolvidos em seu contexto, os quais não poderiam deixar de serem explicitados e à Profª Drª Virgínia Mara Próspero da Cunha que se prontificou a compor minha Banca e prestou suas importantes contribuições.

Expresso aqui também minha imensa gratidão à Diretora da escola que me acolheu com bastante receptividade para realizar esta pesquisa. Aos professores entrevistados e ex-alunos que tão pronta e pacientemente me receberam e responderam às entrevistas. Foram de uma solícitude que hoje em dia pouco se vê em situações como esta.

Aos Professores Rogério Negri e Tatiana Mendes, pela disponibilização dos relatórios e banco de imagens do PROEX ICTUNESP SJC.

À “Chica” que carinhosamente me recebeu no Cemaden e apresentou-me suas dependências e o trabalho desenvolvido pelos agentes do Cemaden Educação, o qual aprendi a ter grande respeito, tamanha responsabilidade e cuidado deste órgão em relação a manutenção da vida.

À Unitau, Instituição que tem todo meu apreço pelo trabalho de qualidade que presta aos seus estudantes, visando uma formação proficiente a todos.

Encerro aqui, com a certeza de que por mais árduo que possa ter sido o caminhar, valeu muitíssimo a pena!

RESUMO

Esta pesquisa visou investigar a percepção do Professor Coordenador do Projeto Cemaden Educação, do Coordenador Pedagógico da escola e de ex-estudantes que participaram do Projeto sobre as práticas educativas realizadas na Escola Estadual Monsenhor Ignácio Gióia localizada em situação de risco ambiental e suas influências na comunidade local. O município, monitorado pelo Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais CEMADEN/MCTIC, realiza este projeto piloto denominado Cemaden Educação visando à prevenção de desastres naturais. O referencial teórico que sustentou essa pesquisa abrangeu a discussão sobre o currículo escolar, a interdisciplinaridade e a escola sustentável e resiliente a partir da perspectiva da Educação Ambiental. De natureza qualitativa, esta pesquisa foi desenvolvida com o Professor Coordenador do Projeto, Professor Coordenador Pedagógico da Escola e ex-alunos do Ensino Médio que participaram das atividades de implantação e monitoramento do referido projeto. Foi utilizada a entrevista semiestruturada como instrumento de pesquisa, realizada individualmente com os sujeitos, em conformidade com os procedimentos éticos. As entrevistas foram transcritas manualmente, preparadas e tratadas pelo software IRaMuTeQ e analisadas por meio do cruzamento entre as classes e excertos apontados por este programa. Em seguida, foram triangulados os dados obtidos nessa análise, na revisão documental, nas entrevistas e na revisão de literatura sobre o referencial teórico que embasou o trabalho. Os resultados mostraram que o Projeto Cemaden Educação foi bastante significativo para os participantes que o julgaram de extrema importância, pois enriqueceu os conteúdos do currículo escolar e ofereceu subsídios para que os mesmos pudessem exercer práticas de verificação das mudanças climáticas e ou paisagens locais podendo colaborar desta forma eficaz e conscientemente com a prevenção de riscos de desastres. Esse projeto veio aprimorar as práticas que já eram realizadas na escola no que tange a uma educação sustentável e resiliente.

Palavras-chave: Currículo Escolar. Desastres Naturais. Educação Ambiental. Interdisciplinaridade. Projeto Cemaden Educação.

ABSTRACT

This research aimed to investigate the perception of the Coordinating Professor of the Cemaden Education Project, the Pedagogical Coordinator of the school and former students who participated in the Project on the educational practices carried out at Monsignor Ignácio Gióia State School, which is located in an environmental and environmental risk situation. their influences on the local community. The municipality, monitored by the National Center for Monitoring and Warning of Natural Disasters CEMADEN / MCTIC, conducts this pilot project called Cemaden Education aimed at preventing natural disasters. The theoretical framework that supported this research covered the discussion about the school curriculum, interdisciplinarity and the sustainable and resilient school from the perspective of Environmental Education. Of qualitative nature, this research was developed with the Project Coordinating Professor, Pedagogical Coordinating Professor of the School and high school alumni who participated in the implementation and monitoring activities of the project. The semi-structured interview was used as a research instrument, conducted individually with the subjects, in accordance with the ethical procedures. The interviews were manually transcribed, prepared and treated by the IRaMuTeQ software and analyzed by crossing the classes and excerpts pointed out by this program. Then, the data obtained in this analysis, the document review, the interviews and the literature review on the theoretical framework that supported the work were triangulated. The results showed that the Cemaden Education Project was very significant for the participants who considered it extremely important, as it enriched the contents of the school curriculum and offered subsidies so that they could practice climate change verification practices or local landscapes and could collaborate in this way. effectively and consciously with disaster risk prevention. This project improved the practices that were already performed at school regarding a sustainable and resilient education.

Keywords: School Curriculum. Natural disasters. Environmental education. Interdisciplinarity. Cemaden Education Project.

LISTA DE SIGLAS

- AMI** - Associação de Amigos para Reconstrução e Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de São Luís do Paraitinga
- APM** - Associação de Pais e Mestres
- CEMADEN** - Centro de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais
- CEPAL** - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
- CEP-UNITAU** - Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté
- CERESTA** - Centro de Reconstrução Sustentável de São Luís do Paraitinga
- CONDEPHAAT** - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico Artístico e Turístico
- EA** - Educação Ambiental
- EIRD** - Estratégia Internacional para a Redução de Desastres
- EJA** - Educação de Jovens e Adultos
- ELEKTRO** - Eletricidade e Serviços AS
- EM-DAT** - *Emergency Disasters Data Base*
- ERRD** - Educação em Redução de Riscos de Desastres
- FDE** - Fundação para o Desenvolvimento da Educação
- FFT** - Federação das Faculdades de Taubaté
- ICT** - Instituto de Ciência e Tecnologia
- INPE** - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais
- IPCC** - Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima
- IPHAN** - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- IRAMUTEQ** - Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de
- MAH** - Marco de Ação de Hyogo
- MCTIC** - Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações
- MEC** - Ministério da Educação e Cultura
- ODS** - Desenvolvimento Sustentável
- PDDE** - Programa Dinheiro Direto na Escola
- PNUD** - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
- PPA** - Plano Plurianual
- PPP** - Projeto Político Pedagógico
- PROEX** - Programa de Extensão Universitária
- PRONEA** - Programa Nacional de Educação Ambiental

SAMU - Serviço de Atendimento Móvel de Urgência

SARESP - Sistema de Avaliação do Rendimento do Estado de São Paulo

SED - Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia

SESI - Serviço Social da Indústria

TCLE - Termo de consentimento Livre e Esclarecido

UCE - Unidades de Contexto Elementares

UCI - Unidades de Contexto Iniciais

UFABC - Universidade Federal do ABC Paulista

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

UNESP - Universidade do Estado de São Paulo – Júlia Mesquita

UNFCCC (em inglês) - (United Nations Framework Convention on Climate Change) Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

UNIFESP - Universidade Federal do Estado de São Paulo

UNITAU - Universidade de Taubaté

USP - Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O ensino em compartimentos.....	25
Figura 2: Limitações da escola	26
Figura 3: Mandala -Temas transversais - Escola Sustentável	48
Figura 4: Exemplificação dos níveis de alerta.....	57
Figura 5: Procedimentos de ações preventivas de proteção civil Cemaden	58
Figura 6: Experiência em gestão de risco de desastre no Brasil.....	60
Figura7: Nuvem de Palavras	85
Figura 8: Dendograma CHD.....	88
Figura 9: Cemaden Educação	93
Figura 10: Informação para prevenção	106
Figura11: Credibilidade do projeto	116
Figura12: A escola de Ensino Médio.....	126

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Caracterização dos alunos	64
Tabela 2: Temáticas abordadas nas Classes	81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Características e Princípios.....	62
Quadro 2: Temáticas abordadas nas Classes	90
Quadro 3: Classes e agrupamentos de Palavras	91

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 –	31
Imagem 2 –	32
Imagem 3 –	54
Imagem 4 –	54
Imagem 5 –	55
Imagem 6 –	65
Imagem 7 –	66
Imagem 8 –	66
Imagem 9 –	67
Imagem 10 –	68
Imagem 11 –	69
Imagem 12 –	112

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	11
1.1	Problema de Pesquisa	19
1.2	Objetivos.....	20
1.2.1	Objetivo Geral	20
1.2.2	Objetivos Específicos	20
1.3	Justificativa.....	22
1.4	Delimitação de Estudo.....	20
1.5	Organização do Trabalho	23
2.	REVISÃO DE LITERATURA	24
2.1	A cidade de São Luís do Paraitinga	27
2.1.1	A escola e o Currículo	35
2.2	Interdisciplinaridade	38
2.2.1	O que é interdisciplinaridade	38
2.2.2	Polissemia do conceito de interdisciplinaridade.....	39
2.2.3	Por um currículo interdisciplinar	40
2.3	Escolas sustentáveis e resilientes.....	42
2.3.1	Educação para riscos e desastres	52
2.3.2	Projeto Cemaden Educação	61
2.3.3	Proex: parceria com Cemaden.	62
3.	METODOLOGIA	71
3.1	Tipo de pesquisa	70
3.2	População	71
3.3	Instrumentos de Pesquisa	72
3.4	Procedimentos para Coleta de Dados	73
3.5	Procedimentos para Análise de Dados	76
4.	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	79
4.1	Caracterização do sujeitos	79
4.2	A escola e o Projeto Cemaden Educação	81
4.3	A escola e seu Projeto Político Pedagógico	85
4.3.1	Sobre as práticas educativas	85
4.4	Análise das Classes.....	91
	CONSIDERAÇÕES	134
	REFERÊNCIAS	137

APÊNDICE A – INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS	142
ANEXO A - OFÍCIO.....	144
ANEXO B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO	145
ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	146
ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	150
ANEXO E – ENTREVISTAS.....	155
MEMORIAL	197

1. INTRODUÇÃO

Ao iniciar este trabalho, sinto o quanto é importante envolver o leitor na escolha dos caminhos percorridos por mim como aluna até chegar ao exercício da docência no Ensino Fundamental, atuando no momento como Psicopedagoga em uma escola da Rede Municipal de Ensino de São José dos Campos. Foi preciso vislumbrar um pouco de minha trajetória, pois só a partir dela será possível compreender o meu interesse pela profissão e também pelo tema de minha pesquisa.

Interessei-me pela docência logo após completar meu primeiro ano escolar motivada por uma professora extremamente acolhedora e que ensinava realmente pelo prazer de lecionar. Tinha um jeito muito especial com todos seus alunos. Ela mostrou-me o quanto a escola é importante e o quanto é prazeroso estudar. Desde então, segui em frente, buscando realizar todos meus objetivos acadêmicos.

O primeiro sonho fora efetivar minha formação no Magistério para assim, realizar meu tão almejado sonho: lecionar. E o interesse em me preparar adquirindo conhecimentos para oferecer o melhor para meus alunos foi um objetivo que sempre persegui, por isso dei continuidade aos estudos cursando a Faculdade e curso de Pós-Graduação.

Caberia salientar que no decorrer de minha carreira no Magistério, notei que em todas escolas por onde passei a questão ambiental era trabalhada superficialmente, havendo necessidade de um olhar mais aguçado pelo assunto, pois as ações no presente impactarão positivamente nas próximas gerações. E isso certamente, vai depender de atitudes conscientes de preservação em relação ao meio ambiente no cotidiano, para que se possa de fato colher os frutos tão almejados por todos: um ambiente saudável, com pessoas bem preparadas para práticas sustentáveis e resilientes.

No curso do Mestrado houve ainda mais o despertamento em relação à questão ambiental, pelos conteúdos desenvolvidos e trabalhos que realizamos em algumas disciplinas voltadas para este tema com as professoras Mariana e Juliana. Elaboramos até um curto vídeo em grupo, o que foi bastante interessante e prazeroso, sobre escolas Sustentáveis e Resilientes. E conseqüentemente, a visita da Rachel Trajber, do Cemaden Educação, que veio enriquecer ainda mais nosso aprendizado acabou aguçando minha curiosidade em saber como este órgão alinhava suas práticas junto às Unidades Escolares. De que forma ocorria essa “parceria”?

E foi pensando nisso, que ao ser sugestionada por minha orientadora quanto à abordagem do tema para meu trabalho de pesquisa, achei interessante e aceitei o desafio, pois além de pensar na importância da questão ambiental, eu também acredito que é preciso partir

da Educação para que realmente esse projeto de vida seja bem sucedido.

A presente pesquisa intitulada “**ESCOLA EM ÁREA DE RISCO AMBIENTAL: o que dizem professores e alunos**”, aborda as práticas educativas desenvolvidas na escola, visto ser uma situação emergencial neste contexto. E o fato de haver no Brasil muitas escolas situadas em áreas de risco ambiental, devendo estas práticas estarem vinculadas às ações educativas pela vulnerabilidade (estrutural ou áreas sujeitas a inundações, deslizamentos, etc), o que acarreta perigos diretos para a comunidade escolar e local.

Sob a ótica pedagógica, a Educação Ambiental (EA) “é eminentemente interdisciplinar, participativa, comunitária, criativa, crítica da realidade vivenciada, formadora da cidadania e valoriza a ação, ou seja, é orientada para a resolução de problemas locais”. (GUIMARÃES, 1995, p.12) e deveria ser tratada como estratégia dentro e fora do âmbito escolar.

O mundo todo tem refletido a importância da EA. No Brasil ela é garantida de acordo com leis federais, estaduais e municipais. A Constituição Federal de 1998 atribuiu ao Poder Público a necessidade de “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente” (art.225, parágrafo 1, inciso VI). Outro documento importante sobre EA foi a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que dispõe sobre a educação ambiental e instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental no Brasil. “[...] o ensino deve ser organizado de forma a proporcionar oportunidades para que os alunos possam utilizar o conhecimento sobre o Meio Ambiente para compreender a sua realidade e atuar nela (BRASIL, 1998, p. 190)”.

Outro destaque foi o artigo 3º que dita “todos têm direito à educação ambiental” e o inciso II do mesmo artigo incumbe “às instituições educativas, promover a educação ambiental de maneira integrada aos programas educacionais que desenvolvem” (idem).

Assim, a EA contribui sobremaneira para a formação e inclusão do cidadão a partir do momento em que questiona as relações da sociedade com a natureza, e leva o aluno a refletir e agir, suscitando uma visão crítica frente a realidade ambiental. Percebe-se por esse contexto, que muitas escolas foram construídas em locais de risco, em situações de vulnerabilidade estrutural e/ou áreas sujeitas a inundações, deslizamentos, terremotos maximizando assim os perigos para a comunidade escolar. Boa parte de crianças e adolescentes, especialmente das áreas mais carentes, estão inclusive, sujeitos também à vulnerabilidade social, como a derivada do tráfico de drogas, da guerra civil, da exclusão, do descaso pela educação ou da ausência de oportunidades (UNICEF)¹.

¹ www.unicef.org/brasil

Para conceber a extensão do risco que a população dessas áreas corre, bem como, a importância de discutir e inserir projetos escolares que visem o trabalho preventivo é preciso adentrar, mesmo que com brevidade, ao conceito de EA a qual traz consigo uma pedagogia que se faz necessária, segundo Leff (2001), para direcionar a educação dentro do contexto social e na realidade ecológica e cultural onde se encontram os sujeitos e atores do processo educativo.

De acordo com Jacobi (2012), a EA surgiu a fim de criticar o fato de não haver preocupação em se abordar os problemas ambientais pela sociedade visto que se observa pouca percepção na sociedade sobre as mudanças que se colocam como essenciais para aproximar-se de uma sociedade que dá importância à sustentabilidade.

As iniciativas que se multiplicam, sejam nas escolas, nas universidades, nas empresas, nas ONGs, representam pontos de convergência para a aproximação e diálogo de múltiplos atores face um mesmo objetivo de promover mudanças nos hábitos, nas práticas sociais através de estratégias sensibilizadoras e mobilizadoras. O discurso da economia verde e da importância de perceber os riscos potenciais que coloca a mudança climática compõem atualmente uma agenda para modificar a visão de mundo das pessoas e integrá-las em novas políticas e ações sustentáveis.

Sendo assim, a EA possibilita transformações no comportamento, refletindo em ações eficazes que contribuem para melhoria e prevenção de desastres ambientais. A escola revela-se como o local ideal para se aplicar a EA, devido ao grande número de pessoas que se pode atingir, facilitando assim a disseminação das informações e conseqüentemente incorpora práticas e atitudes de cuidado com o meio ambiente de forma mais efetiva.

De acordo com Trajber (2010) diante do exposto acima, percebe-se a busca de uma melhor qualidade de vida para todos, e por isso a EA se faz tão importante, pois ela vem com o intuito de propor um caminho para se alcançar o bem-estar. De acordo com Jacobi (2012), avançar em práticas educativas é imprescindível, porém as mesmas não ocorrem na velocidade almejada em nenhum ambiente, seja no meio escolar, em universidades ou nas empresas. Especialmente nas escolas, elas só acontecem com o apoio e empenho da liderança, do corpo docente, de voluntários dispostos a se engajarem no projeto e também dependem de líderes e projetos multiplicadores.

Então, é perceptível, segundo Jacobi (2012), que para se alcançar o objetivo de uma educação sustentável e resiliente no ambiente formal é necessário que os docentes estejam preparados como mediadores dos conhecimentos para tal. No entanto, é preciso que recebam a formação adequada para este fim, assim podendo inseri-la no currículo de maneira a propiciar a formação que irá afetar de fato tanto esta geração como as futuras.

Porém, uma ação Sustentável não poderia estar restrita apenas em algumas poucas ações insignificantes à manutenção do planeta, mas procedimentos de grande impacto com esforços reunidos. Diante do panorama vivido por muitas escolas e o anseio de desejar uma escola atuante, participativa, protagonista de suas ações motivou essa investigação em uma escola situada em uma cidade do interior do Vale do Paraíba, a qual está construída em local inseguro, de vulnerabilidade estrutural, sujeita a ações climáticas - com o desígnio de conhecer as práticas de educadores e educandos no desenvolvimento de um Projeto Pedagógico, voltado para práticas pedagógicas que desenvolvam uma Educação Sustentável e Resiliente.

O conceito de Resiliência é um termo auferido da física e engenharia, o qual foi introduzido nas pesquisas das ciências da saúde, estando desde então em voga nos últimos 35 anos. Sofreu algumas variações desde sua definição inicial como um traço ou característica individual até se conceituá-lo como um processo que é caracterizado de acordo com Assis (2005) não como um atributo que nasce com o sujeito, mas sim uma qualidade que surge da relação da pessoa com o meio.

Entendendo-se por resiliência a capacidade de uma comunidade local ou sociedade exposta a perigos de adaptar-se, se contrapondo ou se retirando, com objetivo de manter um nível aceitável em seu funcionamento e estrutura. Sendo também conceituada como a capacidade da sociedade de se auto organizar adquirindo conhecimentos sobre desastres ocorridos no passado com a finalidade de alcançar proteção futura e melhorar o controle para redução de risco de desastre. Assim sendo, a resiliência é algo a ser desenvolvido e encorajado por qualquer grupo social ou instituição acadêmica.

Diante dos obstáculos e adversidades apresentados pelo aumento das instabilidades ligadas aos eventos extremos, far-se-á necessário articular a educação e ciência com objetivo de potencializar as estratégias de “aprender a viver” com sustentabilidade, na preservação da natureza e resiliência, na ambientação, às mudanças territoriais e climáticas visando a prevenção de riscos de desastres. Sendo que para definir área de risco, os técnicos/cientistas precisam: identificar qual é o local e o risco, delimitar delineando as áreas sujeitas ao risco.

Em caso de risco geológico, nota-se um conjunto de fatores naturais (relacionados ao perigo) e sociais (principalmente da vulnerabilidade da comunidade local), potencial de dano (humano e material) para analisar o deslizamento de terra e inundações.

De acordo com dados do artigo “A Educação sobre Riscos Ambientais e o Programa “Defesa Civil nas escolas”² uma proposta metodológica interdisciplinar, em relação às práticas

² <http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/05/5a-4.pdf>

sustentáveis e resilientes devem ser desenvolvidas ações junto aos alunos para que possam efetivamente praticá-las, como por exemplo, a promoção da capacitação para os alunos, professores e membros da própria comunidade, para que saibam que medida adotar antes, durante e depois de um desastre. Realização de palestras e comunicações de sensibilização, a fim de envolver alunos e a própria comunidade no processo de reflexão sobre a problemática dos riscos.

Palestras que podem acontecer na própria escola, em outras escolas ou locais públicos acessíveis à comunidade; Desenvolver temas coerentes com a realidade local, com a participação de todos os envolvidos no projeto; Trabalhar com “noções de primeiros socorros”; Planejar ações em conjunto com os alunos, bem como as atividades práticas de reconhecimento da realidade local, para orientação com relação às problemáticas de risco; Elaboração de mapas de risco para verificar as vulnerabilidades do entorno da escola e da comunidade; Realização de oficinas práticas com a confecção de materiais que sejam importantes de serem utilizado mediante o contexto ao qual se está inserido.

A produção de vídeos e peças teatrais para a sensibilização da comunidade a partir do entendimento de suas realidades; Confecção de material didático, como livros e cartilhas, relacionados ao tema; Promoção de atividades de reflorestamento, cuidado de mananciais, matas ciliares e de proteção ambiental; Criação de agentes (alunos) de Defesa Civil; Simulação de exercícios de evacuação de áreas.

Entretanto, diante de algumas ações e diversas opiniões, as mesmas ainda não são suficientes para propiciar o conhecimento seguido da compreensão para se viver de forma adequada e capaz de superar as intempéries e crises ecológicas as quais estamos sujeitos. Em alguns casos, a mobilização somente é gerida pelo temor das catástrofes ou por questões morais, segundo Trajber (2010).

Cabe aqui destacar que as situações de desastres, não acontecem exclusivamente no Brasil, mas no mundo, e não acontecem só pelo grau de vulnerabilidade física e social do sistema educativo, visto que, tais condições de fato fragilizam as capacidades individuais e coletivas para enfrentamento e superação das crises, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio. Acontecem também pela negligência das políticas de prevenção que não tratam o problema de forma efetiva como deve ser tratado visto o teor de periculosidade aos quais as escolas estão expostas, bem como todos que as frequentam (UNICEF).³

³ www.unicef.org/brasil

Governos de todo o mundo se comprometeram com medidas para reduzir o risco de desastres e vulnerabilidades diante das ameaças naturais. Para tanto, adotaram uma estratégia denominada: Marco de Ação de Hyogo⁴ (MAH), por ser considerado pelos Estados Membros das Nações Unidas como instrumento mais importante neste aspecto. Ele foi criado com o objetivo de prestar assistência às nações e comunidades diante de seus esforços para tornarem-se mais resistentes as ameaças às quais coloca em risco o desenvolvimento, enfrentando-as da melhor forma, aumentando assim a resiliência e reduzindo as perdas que ocasionam os desastres, preservando vidas humanas, bens sociais, econômicos e ambientais, visto que desastres podem afetar a qualquer um, devendo ser, portanto uma discussão que envolve a todos de forma colaborativa e cotidiana.

O Marco prima para que a educação de filhos seja voltada para a forma como planejam suas cidades, pois cada decisão pode torná-las mais vulneráveis ou mais resistentes. As cinco prioridades do Marco de Ação de Hyogo (2005-2015) são: garantir que a redução do risco de desastres seja uma prioridade nacional e local; identificar, avaliar e monitorar os riscos de desastres melhorando sistemas de alerta precoce; utilizar conhecimento, inovação e educação para criar uma cultura de segurança e resiliência em todos os níveis; reduzir os fatores de risco ocultos; fortalecer a preparação para desastres permitindo uma resposta eficaz em todos os níveis.

A Assembleia Geral das Nações Unidas além de implementar o MAH, reafirmou a importância do Sistema Multissetorial da Estratégia Internacional para Redução de Riscos de Desastres (EIRD) e também o da Plataforma Global para a Redução de Riscos de Desastres (PGRRD) com intuito de apoiar e promover o Marco de Ação de Hyogo e para coordenar a redução de riscos de desastres em seus respectivos países.

Os “atores” essenciais para a realização do MAH são os estados, instituições regionais e as organizações internacionais, bem como, a sociedade civil, incluindo os voluntários e as organizações de base, a comunidade científica, os meios de comunicação e o setor privado.

De acordo com as diretrizes do Marco de Hyogo, seria preciso desenvolver a resiliência para proteger as comunidades que vivem em edifícios construídos em condições inseguras, pois geralmente não existem códigos de construção e nem o cumprimento dos mesmos. Sendo estes os maiores causadores de mortes do que de fato as ameaças naturais.

Outra estratégia utilizada foi o Marco de Sendai, o qual se aplica aos riscos de pequena e grande escala frequentes e infrequentes, súbitos e lentos, de causa natural ou humana, bem

⁴ www.unisdr.org

como aos riscos e perigos ambientais, tecnológicos e biológicos. Tendo como objetivo orientar a gestão do risco de desastres para vários perigos no desenvolvimento em todos os níveis, nos âmbitos intra-intersectorial. (UNISDR: MARCO DE SENDAI PARA A REDUÇÃO DO RISCO DE DESASTRES 2015-2030).

No atual contexto, será preciso enfrentar os desafios da atualidade preparando-se para o futuro, com foco em: monitoramento, avaliação e compreensão do risco de desastres, compartilhamento de informações e como elas são geradas; fortalecimento da governança do risco de desastres e coordenação entre as instituições e os setores relevantes, bem como a participação plena e significativa das partes interessadas nos níveis adequados; investimento na resiliência econômica, social, de saúde, cultural e educacional de pessoas, comunidades e países e no meio ambiente, inclusive por meio de tecnologia e pesquisa; melhoria em sistemas de alerta precoce para vários perigos, preparação, resposta, recuperação, reabilitação e reconstrução.

Para complementar as ações e capacidades nacionais, será necessário intensificar a cooperação internacional entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento e entre Estados e organizações internacionais.

De acordo com dados da ONU⁵, em um Fórum Político de Alto Nível que aconteceu na sede, em Nova Iorque, foram oportunizados, aos países-membros, apresentarem seus avanços na efetivação da Agenda 2030, adotada desde 2015, visando um Desenvolvimento Sustentável, bem como, oportunizar a troca de experiências na construção de sociedades mais resilientes.

Este fórum⁶ teve como foco cinco Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), cuja execução contribui para fortalecer a resiliência econômica, social e ambiental frente aos desastres naturais, particularmente na América Central, onde a fragilidade a esses eventos aumenta como consequência da mudança climática buscando a prevenção, mitigação e reconstrução pós-desastre, investindo neste setor visando ao desenvolvimento sustentável.

Diante desse cenário, a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL),⁷ destacou o atual contexto de crise ambiental e vulnerabilidade financeira como uma oportunidade para criar um mecanismo de alívio da dívida multilateral, cuja finalidade seria liberar recursos para a criação de um fundo para investimentos de adaptação e mitigação climáticas. Especialmente, os mais vulneráveis a seus efeitos, diante da menor capacidade de adaptação e mitigação (diminuição ou remediação dos impactos).

⁵ <https://nacoesunidas.org/>

⁶ <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>

⁷ <https://www.cepal.org/pt-br>

O alto nível de urbanização da América Latina, segundo os dados das Nações Unidas⁸, alcançará 83,6% em 2030 concentrando uma porcentagem cada vez maior da população, porém uma grande preocupação e esforços voltados à criação de espaços estratégicos e prioritários nos centros urbanos para que fomentem um desenvolvimento sustentável e resiliente com a contribuição de vários atores.

Ainda segundo a ONU (1990)⁹ é meta assegurar acesso às cidades, operando a manutenção da mobilidade, visando acabar com as desigualdades múltiplas nas cidades e territórios, condição fundamental para alcançar um desenvolvimento sustentável e resiliente na região. Esses desafios exigem uma conversa renovada entre Estado, Mercado e Sociedade e também um aumento na capacidade de formar uma aliança entre as nações e entidades de modo a fortalecer instituições para o fomento de políticas sustentáveis, visando reduzir inclusive desastres naturais em escala mundial regional, nacional e local.

Tominaga (2012) destaca que se denominam desastres naturais quando as forças da natureza promovem uma grande perturbação do funcionamento de uma comunidade ou de uma sociedade, de maneira que haja perda de vidas humanas, materiais, econômicas ou ambientais de grande extensão, e isso impacta na capacidade da comunidade ou da sociedade afetada de arcar com seus próprios recursos.

Segundo dados da Assembleia Legislativa, no ano de 2008, 270 escolas foram inundadas no Vale do Itajaí, Santa Catarina (Banco Mundial, 2012b). Em 2010, no Estado do Alagoas, sofreram danos 115 escolas durante as inundações. A Região Serrana de Rio de Janeiro (2011) passou por uma tragédia, onde 25 escolas foram atingidas por inundações, deslizamentos e enxurradas.¹⁰

Esses dados alarmantes despertaram a necessidade de investimentos na prevenção de riscos, sabendo-se, no entanto, que somente com uma ação mais efetiva ocorrerá mudanças de valores, hábitos e atitudes e a tomada de uma postura consciente, sensível e ética em relação ao ambiente, de forma a agir localmente pensando globalmente, ou seja, inicialmente com engajamento da comunidade para posteriormente da sociedade como um todo, implicando no equilíbrio necessário para obtenção de qualidade de vida para todos em seus diversos níveis.

O ambiente escolar sempre fascinante devido suas multiplicidades, especialmente neste caso, por ser instigante desvendar o que motiva esses professores e alunos neste contexto tão

⁸ <https://nacoesunidas.org/onu-lanca-relatorio-sobre-cidades-latino-americanas/>

⁹ <https://nacoesunidas.org/>

¹⁰ Dados da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro – ALERJ, 2011.

peculiar quanto às práticas que realizam como ocorrem estas práticas, quais os efeitos destas práticas para a Unidade e comunidade como um todo.

De acordo com dados do site do Cemaden, o Projeto Cemaden Educação, o qual é voltado para Educação em Redução de Riscos de Desastres (ERRD) surgiu ao se constatar a urgente necessidade de conscientização quanto às práticas sustentáveis e resilientes no cotidiano das escolas, visto que inúmeras escolas segundo (OLIVATO, TRAJBER, MUNOZ)¹¹ se encontram em riscos constantes devido à sua localização em espaços de vulnerabilidade, suscetíveis a ações climáticas, desabamentos, enchentes, inundações.

O Projeto principiou com a intenção de orientar à comunidade escolar e local quanto a ações alicerçada em conhecimentos científicos visando à segurança da comunidade escolar mediante ocorrências de riscos eminentes de desastres naturais aos quais estão expostos pelo fato desta unidade estar construída em uma área de risco ambiental.

Com isso, enfatiza-se a importância do desenvolvimento de um Projeto como o Cemaden Educação na prevenção e alerta aos desastres naturais junto à comunidade escolar e local em situações de vulnerabilidade. Compreendendo por vulnerabilidade a um conjunto de condições sociais, econômicas, políticas, culturais, técnicas, educativas e ambientais que deixam as pessoas mais expostas ao perigo. Explicitando melhor, ser vulnerável é estar fisicamente sensível a uma ameaça/perigo e apresentar fragilidade diante do dano. As formas de usar e ocupar o terreno, má qualidade da construção das casas/prédios, um desconhecimento da ameaça, rede precária de serviços básicos, são fatores significativos de vulnerabilidade.

1.1 Problema de Pesquisa

Considerando o contexto da escola a qual se debruçou essa investigação sobre ações de professores e estudantes pelo risco o qual estão expostos diariamente, surge o seguinte problema de pesquisa: Qual a percepção de professores e ex-alunos, que participaram do Projeto Cemaden Educação sobre suas contribuições quanto as práticas pedagógicas que acontecem nesta escola situada em área de risco ambiental?

Desta pergunta inicial, advém outros questionamentos acerca da organização curricular da escola quanto à implementação, desenvolvimento e incorporação do Projeto, bem como, o impacto que possui no planejamento e na execução das práticas educativas da escola, considerando-as a partir de uma perspectiva interdisciplinar.

¹¹ Desastres Naturais – www.cemaden.gov.br

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

► Investigar a percepção do Professor Coordenador do Projeto Cemaden Educação, do Coordenador Pedagógico da escola e de ex-estudantes que participaram do Projeto sobre as práticas educativas de uma escola em situação de risco ambiental.

1.2.2 Objetivos Específicos

► Compreender os processos de implantação e desenvolvimento do Projeto Cemaden Educação em uma Escola Pública situada em uma região de risco ambiental.

► Investigar como se realizam as práticas educativas nessa escola relacionadas ao Projeto Cemaden Educação a partir da visão de ex-alunos e professores.

► Analisar as influências do Projeto Cemaden Educação no ambiente escolar e suas contribuições quanto à prevenção aos riscos de desastres naturais.

1.3 Justificativa

No ano de 2010, o município de São Luís do Paraitinga foi inundado pelas chuvas de verão que se abateram torrencialmente sobre a cidade, enchendo o rio que a perpassa até que houvesse o seu transbordamento, causando assim um dos maiores desastres naturais já registrados em sua história.

As escolas localizadas na parte mais baixa da cidade foram as mais prejudicadas pela inundação, resultando assim na necessidade de transferência para outros pontos da cidade.

Tendo sido alvo desta tragédia, uma escola, cinco anos depois, foi convidada a participar do Projeto Cemaden Educação, o qual atua junto às escolas de Ensino Médio que se localizam em áreas de risco ambiental. O intuito do mesmo foi desenvolver práticas educativas na comunidade escolar, visando esclarecimentos e preparo para agir em situações de vulnerabilidade relacionadas aos fenômenos naturais.

A Educação Ambiental é uma dimensão da educação, uma atividade com intencionalidade à prática social, que deve promover ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, buscando potencializar

essa atividade humana com a finalidade de torná-la plena de prática social e de ética ambiental de acordo com o Art. 2º, das Diretrizes Curriculares Nacionais.

A Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação 2011-2015 (BRASIL, 2012), inicia com o desafio e as diretrizes para o Brasil ser uma “sociedade do conhecimento”, que combina educação universal de qualidade, pesquisa científica, inovação e inclusão social. Nesse sentido, a concretização de uma verdadeira sociedade do conhecimento deve ser aliada à noção de sustentabilidade socioambiental, o que permitiria que a “universalização do acesso às informações e aos conhecimentos científicos e tecnológicos estaria a serviço do processo de emancipação humana” (MASSON, 2009, p.16).

Uma prática educativa contínua pela qual a comunidade regional educativa possa ter a consciência de sua realidade global, do tipo de relações que os homens estabelecem entre si e com a natureza, dos problemas para a Educação derivados de ditas relações e suas causas profundas de forma a desenvolver mediante uma prática que vincula o aluno com a comunidade, valores e atitudes que promovem um comportamento focado à transformação que supera essa realidade, tanto em seus aspectos naturais como sociais, desenvolvendo assim as habilidades e atitudes necessárias para a chamada transformação.

De acordo com o estabelecido na Conferência Intergovernamental de Tbilist (1977)¹² (BRASIL, 1ª Educação Ambiental é um processo de reconhecimento de valores intergovernamental de clarificações de conceitos, objetivando o desenvolvimento das habilidades, promovendo o desenvolvimento de atitudes em relação ao meio, para entender e apreciar as interrelações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios biofísicos. Está também relacionada com a prática das tomadas de decisões e a ética que conduzem para a melhoria da qualidade de vida. Quintas (2008) afirma que:

A Educação Ambiental nasce como um processo educativo que conduz a um saber ambiental materializado nos valores céticos e nas regras políticas de convívio social e de mercado, que implica a questão distributiva entre benefícios e prejuízos da apropriação e do uso da natureza. Ela deve, portanto, ser direcionada para a cidadania ativa considerando seu sentido de pertencimento e co-responsabilidade que, por meio da ação coletiva e organizada, busca a compreensão e a superação das causas estruturais e conjunturais dos problemas ambientais. (QUINTAS, 2008, p. 12).

¹² Em 1977, na cidade de Tbilist, antiga URSS, ocorreria o mais importante evento internacional em favor da educação ambiental até então já realizado, organizada pela UNESCO em colaboração com o PNUMA. Foi assim chamada “**Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental**”, que foi responsável pela elaboração de princípios, estratégias e ações orientadoras em educação ambiental que são adotados até a atualidade. <http://www.meioambiente.pr.gov.br>

Segundo Mouzinho (2003), a EA é o processo em que se busca despertar a preocupação individual e coletiva para a questão ambiental, garantindo o acesso à informação em linguagem adequada, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e estimulando o enfrentamento das questões ambientais e sociais. Desenvolve-se num contexto complexo, procura trabalhar não apenas a mudança cultural, mas também a transformação social, assumindo a crise ambiental como uma questão ética e política. Layrargues (2002) vem confirmar os conceitos de Mouzinho (2003) no que diz respeito ao significado de EA afirmando que ela é:

Um processo educativo eminentemente político, que visa ao desenvolvimento nos educandos de uma consciência crítica acerca das instituições, atores e fatores sociais geradores de riscos e respectivos conflitos socioambientais. Busca uma estratégia pedagógica do enfrentamento de tais conflitos a partir de meios coletivos de exercício da cidadania, pautados na criação de demandas por políticas públicas participativas conforme requer a gestão ambiental democrática. (LAYRARGUES, 2002, p 28).

Diante dos elevados números de acidentes naturais ocorridos em áreas vulneráveis, especificamente nesta região do Vale do Paraíba, justifica-se a realização desta pesquisa visando constatar a percepção de professores e alunos quanto à realização e efetividade das práticas educativas relacionadas ao Projeto Cemaden Educação¹³ no âmbito escolar e na comunidade local. De que forma o referido projeto influenciou no currículo escolar, nas ações dos envolvidos no mesmo, na disseminação do conhecimento conquistado por meio dele e sua repercussão na comunidade local, visto a função a qual se propõe de reflexão e maior conscientização relacionadas à Educação Ambiental e às práticas de prevenção quanto aos desastres naturais.

1.4 Delimitação do Estudo

A pesquisa foi realizada em uma escola situada na cidade de São Luís do Paraitinga¹⁴, a qual está localizada a 170 km de São Paulo, com uma população de 11539 habitantes. Faz limite com os municípios de Taubaté, Ubatuba, Lagoinha, Redenção da Serra e Natividade da Serra. Atualmente São Luís do Paraitinga é um dos 39 municípios que compõem a Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, instituído pelo Governo do Estado de São Paulo, em 09 de janeiro de 2012.

¹³ educacao.cemaden.gov.br/

¹⁴ <http://inroutes.com/conhecendo-sao-luiz-do-paraitinga/dia16/01/19>

Todas as escolas deste município, desde a Educação Infantil, estão envolvidas em projetos que visam a Educação Ambiental. Dentre os projetos realizados nas escolas, um que se destaca pelo fato de possibilitar ações relacionadas à sustentabilidade é o Projeto Cidade Inteligente que teve início em 2014. Seus principais eixos são: medição inteligente, iluminação pública, veículos elétricos e geração distribuída.

Outro projeto de destaque é o Cemaden Educação¹⁵ que foi implantado em 2015, em uma escola da Rede Estadual de Ensino Médio, abrangendo ações educativas que pudessem colaborar com a conscientização e percepção da comunidade escolar sobre riscos de desastres no amplo contexto da Educação Ambiental, contribuindo assim com a prevenção aos desastres naturais com monitoramentos e alertas de modo a produzir conhecimentos e promover uma maior participação das comunidades de forma localizada.

1.5 Organização do trabalho

O trabalho apresenta-se dividido em seções organizadas conforme descrição a seguir: Capítulo 1: Introdução, problematização, justificativa, objetivos e a organização do projeto que nortearão a pesquisa. Capítulo 2: Apresenta os principais temas da pesquisa com base nas teorias dos autores renomados. Serão abordados temas como: Escola e Currículo, A escola, Currículo, Interdisciplinaridade, O que é interdisciplinaridade, Polissemia do conceito de interdisciplinaridade, Currículo interdisciplinar, Escolas sustentáveis e resilientes e riscos. Capítulo 3: Discorre sobre a metodologia empregada nesta pesquisa, baseando-se em autores da área e no rigor científico, obrigatórios num trabalho acadêmico. Aqui, trata-se mais especificamente, do lócus da pesquisa, os participantes, coleta de dados. Capítulo 4: Revelam os resultados obtidos através dos dados apurados nas entrevistas semiestruturadas, utilizados no decorrer da pesquisa. Por fim segue as considerações, referências, anexas e apêndices.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Freire (1998) apresenta o papel e a importância da escola na vida das pessoas. O autor vem salientar a importância deste bem de consumo, que é a instituição escolar, pois ao frequentá-la e dela tirar o melhor proveito, só estará possibilitando ao aprendiz que exerça sua cidadania e suba na escala social, pois:

¹⁵ educacao.cemaden.gov.br/

É um bem de consumo que nós damos hoje o nome de ‘educação’: trata-se de um produto cuja fabricação é assegurada por uma instituição oficial chamada ‘escola’. Quanto a mais um ser humano ‘consome’ educação mais ele faz frutificar seu haver e sobe na hierarquia dos capitalistas do conhecimento. A educação define uma nova pirâmide de classes, na medida em que grandes consumidores de saber podem, em seguida, pretender prestar serviços de valor inestimável à sociedade. (FREIRE, 1998, p. 45).

Este bem de consumo cuja definição Freire (1998) atribui à escola, propicia a esta instituição um caráter de extrema relevância na vida de toda sociedade, pois é a partir dela que as pessoas podem mudar o contexto de algumas situações as quais estejam vivenciando que lhe são desfavoráveis, pois ao se adquirir mais conhecimento, conseqüentemente amplia-se a visão de mundo, aumentando assim a percepção do entorno, e fazendo com que se sinta desejoso e capaz de agir de forma a modificar seu contexto social.

De acordo com Harper *et al* (1987), a educação, a qual tem sido desenvolvida nas instituições escolares, onde a forma de ensinar é compartimentada, de maneira que as disciplinas são ministradas pelos professores sem que haja alinhamento umas com as outras, como se é possível observar na charge representada na figura (1), retratando um aluno com ar de cansado, sobrecarregado, sob gavetas, as quais trazem descritas os nomes das variadas disciplinas desenvolvidas no contexto escolar, que estão imersas em conteúdos vazios, pois não se “conversam” entre si.

Freire (1998) afirma que professor deve desenvolver seu trabalho de forma a atentar para a realidade dos seus aprendizes, possibilitando-lhes que contribuam com a própria aprendizagem e reflitam de que forma eles mesmos podem contribuir para manter um ambiente saudável e seguro para o estudo e com mais qualidade no dia a dia em suas próprias comunidades.

A figura a seguir exemplifica como o ensino tradicional privilegiava o conteúdo fragmentado e considerava o aluno como um receptor passivo, ou seja, como se o conhecimento pudesse ficar compartimentados e/ou engavetados.

Figura 1: O ensino em compartimentos



Fonte: HARPER et al (1987, p.64)

Diante do exposto acima, de acordo com Harper *et al* (1987), os profissionais da educação precisam desenvolver um trabalho de forma cooperativa, tanto no contexto escolar, como por meio de parcerias externas de forma a não privilegiar nenhuma disciplina, pelo contrário, abranger todas com projetos interdisciplinares. Valorizar também o que cada estudante possui de habilidades e talentos, aproveitando assim os saberes variados que serão bem pertinentes ao cotidiano da vivência escolar, social e até nas supostas adversidades as quais possam estar expostos se estiverem inseridos em um contexto que gera insegurança, repercutindo assim na melhoria da qualidade social.

De acordo com Cortella (2017), a escola deve deixar que os saberes dos educandos fluíssem livremente, para que o ser aprendiz se apossa cada vez mais de uma gama variada de conhecimentos, que abranjam as diferentes áreas do saber, para que possam expressá-los em benefício próprio, da unidade escolar, da comunidade local e da sociedade como um todo, pois é a partir da criticidade que se torna possível ser um agente capaz de perceber a amplitude do universo que os rodeia e sentir o desejo de transformá-lo em um lugar melhor, permitindo assim que demonstrem todas as potencialidades as quais jamais devem ser reprimidas como se pode notar na figura abaixo:

Figura 2: Limitações da escola



Fonte: HARPER *et al* (1987, p.53)

Segundo Freire (1998), para evitar o cerceamento do imaginário, sonhos e anseios dos educandos os quais a figura (2) reporta, o professor precisa envolver seus alunos aos ricos conhecimentos que podem ser adquiridos quando se alinha às variadas áreas do conhecimento à vivências diferenciadas e práticas alinhadas a projetos de variadas instâncias e dimensões de forma mais abrangente e profunda. O que os torna muito mais significativos, tanto para educador, quanto para educandos e com maior possibilidade de serem assimilados e consequentemente colocados em prática.

O nosso papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre só por constatar, mas também o de quem intervém como sujeito, não para se adaptar, mas para mudar. Reforçando as teorias de Freire, Borges (2011), vem explicitar que:

[...] ao respeitar as diferenças, os saberes tradicionais, as histórias de vida, a diversidade cultural de sua comunidade, com reflexos no currículo como orientador das disciplinas, conteúdos e atividades desenvolvidas, a escola educa. Ao incentivar a interação, compartilhar ideias, revitalizar os espaços de convívio à luz das aprendizagens, a escola educa. Quando vai além dos seus muros, alcança seu entorno, chega à comunidade, às famílias, tornando-se referência para mudanças coletivas, a escola se torna um espaço educador (BORGES, 2011, p. 01).

Nota-se segundo a citação acima que, a escola quando se fecha em seus muros, não permitindo o acesso das famílias, da comunidade como um todo e de um conhecimento mais voltado para a realidade, ela acaba sendo apenas mera transmissora de conhecimentos, os quais se tornarão vazios e sem sentido, pois não propiciarão aplicabilidade efetiva no âmbito social.

De acordo com Boff (1999), ao considerar a crise instalada relacionada à questão ambiental, muitas práticas educacionais devem se voltar para a aquisição de novos significados relacionados à função da escola. Os temas baseados em questões ambientais estão cada vez mais em pauta de discussão com propostas de ações, projetos e programas variados oferecidos por órgãos federais com o intuito de inserir de forma permanente nas práticas pedagógicas das escolas de Educação Básica, não apenas como conteúdo que se resume a alguns bimestres e em algumas situações apenas, sendo assim campanhas passageiras que ocorrem no ano e depois são deixados de lado e até muitas das vezes esquecidos, segundo Boff (1999).

De acordo com dados obtidos na Plataforma Programa Cidades Sustentáveis¹⁶, escola é lugar onde os indivíduos estabelecem relações com a territorialidade, onde intervêm neste espaço, com o propósito de melhorar as condições de vida dos sujeitos que o constituem.

Ao se educar para a cidadania, é possível construir uma ação política onde toda a sociedade está engajada em prol de um mundo melhor para todos que nele habita. Diante disso, nos resta a esperança de Morin (2003), na efetivação de um terceiro milênio da criação da cidadania global.

Sendo assim, segundo Santos (2002), no Brasil, a Política da Educação Ambiental serve como aliada, pois promove a sociologia emergente, a qual busca superar o paradigma racional que silenciou a participação, a emancipação, a solidariedade e a diversidade.

2.1 A cidade de São Luís do Paraitinga

Em relação à geografia da cidade, o geógrafo Azis Ab'Saber (2010) menciona que São Luís do Paraitinga “nasceu e se acantonou em um setor do vale do rio de águas claras (Para-itinga)”, mais precisamente no fundo de um lóbulo de um largo meandro existente na margem esquerda do Rio Paraitinga. Descreve ainda que em São Luís, o Rio Paraitinga faz um largo volteio correspondente ao lóbulo do meandro desenvolvido entre terraços fluviais, encostas e patamares de morros. A várzea meândrica de São Luís está aproximadamente a 750 metros de altitude enquanto o estreito e bem marcado terraço que serviu de base para a Igreja Matriz está entre 754 e 757 metros de altitude.

Considerando o geógrafo mencionado no parágrafo anterior, no que concerne a ocupação de São Luís, percebe-se a importância do Rio Paraitinga, visto que, foi o fator decisivo na implantação da cidade e ainda hoje é determinante para o entendimento de sua dinâmica e

¹⁶ https://www.cidadessustentaveis.org.br/institucional/a_plataforma

de sua expansão urbana. Ab'Saber¹⁷ (2010) ressalta que a forma do Rio Paraitinga contribuiu para as cheias de São Luís do Paraitinga:

O perfil longitudinal do Rio Paraitinga é bem menos acidentado do que o Rio Paraibuna. Fato que implica em inundações mais acentuadas por ocasião de grandes e prolongadas chuvas; e transbordamentos mais violentos e trágicos para a cidade de São Luiz, em períodos climáticos anômalos. Processos hídrico-climáticos que acontecem de aproximadamente 11 em 11 anos, devido aos impactos da época El Niño sobre o território intertropical sul-americano. (AB'SABER, 2010, p. 03).

Em relação à extensa paisagem do município e da bacia hidrográfica na qual está inserido, é possível constatar que as atividades econômicas realizadas na região no decorrer dos anos: cafeicultura, plantios de variados gêneros alimentícios, pecuária leiteira e mais recentemente a monocultura do eucalipto, foram as causadoras da grande devastação da floresta que originalmente ali existiu, porém, causa de expansão e enriquecimento para proprietários rurais.

O desenvolvimento destas atividades contribuiu ao longo dos anos para a erosão do solo e diminuição da sua permeabilidade corroborando com a extinção de espécies de fauna e flora, o que ocasionou na alteração do ecossistema, do ciclo hidrológico e acabou colaborando para as ocorrências de cheias e inundações, que são bastante comuns nos municípios da Bacia, em especial na área urbana de São Luís do Paraitinga, segundo o Plano Diretor de Macrodrenagem de 2012.

A produção de gêneros agrícolas variados e a boa localização geográfica faziam da cidade antigamente um centro agitado com grande circulação de pessoas (Prefeitura e Portal das Cidades Paulistas, s/d). Na atualidade, as atividades econômicas desenvolvidas que se destacam é o turismo e a agropecuária, com produção de leite, milho, feijão, hortaliças, entre outros produtos.

Pela grande prosperidade econômica no passado, a cidade tem o maior conjunto arquitetônico tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat)¹⁸ do Estado de São Paulo. Sendo cerca de 90 edificações de pau a pique e taipa de pilão, a maioria delas situadas na área urbana. Um destes patrimônios é a casa de Oswaldo Cruz.

¹⁷AZIS NACIB AB' SABER filho ilustre de São Luís do Paraitinga. Geógrafo formado pela USP. Filho de um mascate libanês e de uma brasileira de São Luiz do Paraitinga. Criado em meio a roceiros dos quais sua mãe era filha. Mudou-se para São Paulo pouco antes de ingressar na USP no curso de Geografia e História aos dezessete anos. Destacou-se por importantes textos sobre geografia, especialmente em escritos sobre paisagem e o meio ambiente. Faleceu em 16 de março de 2012, em sua casa na região metropolitana de São Paulo, aos 87 anos.

¹⁸condephaat.sp.gov.br/

O Centro Histórico de São Luís do Paraitinga exibe uma arquitetura em estilo colonial, preservando características arquitetônicas e o traçado urbano singular dos períodos colonial e imperial. As ruas são largas, pois segue um planejamento urbanístico de cidades portuguesas, o que contribui para o turismo de forma significativa, revelando a cidade com aspectos históricos, além de seus tesouros materiais, impressos nas casas feitas em taipa de pilão.

A cidade possui fama devido a celebrações religiosas e pela rica cultura popular, destacando a tradicional Festa do Divino Espírito Santo, ofertando e agradecendo pelos resultados obtidos na colheita agrícola, e aproveitam para pedir dádivas para a próxima safra. Nestas festividades ocorrem o encontro das bandeiras, a novena do Divino, apresentações do casal de gigantes “João Paulino e Maria Angu” e de grupos de Moçambique, congada, jongo e cavahada, além da distribuição gratuita do afogado, um prato típico elaborado à base de carne.

Outro espetáculo de destaque na cidade é o Carnaval, que é uma manifestação cultural das mais importantes para a cidade e a que mais gera renda local devido ao grande número de turistas que se dirigem para o município nos períodos dos eventos.

Os Patrimônios imateriais também têm destaque como os fazeres culinários: o afogado (que é o mais famoso) e outros como: sopa de cadela, feijão tropeiro, bolinho caipira e demais pratos. As lendas e mitos também vigoram entre os luizenses, especialmente, a crença no Saci. Conforme o *site*¹⁹ da prefeitura, São Luís do Paraitinga abriga o “último reduto caipira” de São Paulo, pelo fato de conservar usos e costumes seculares, os quais já não são observáveis na maior parte do território paulista.

É uma região que oferece aos turistas as práticas de ecoturismo e esportes de aventura como o *Rafting*, trilhas, arborismo, passeios de bicicleta, cavalgada. No entanto, apesar de tantos atrativos culturais e esportivos, o município virou manchete de todo o país na virada de 2009 para 2010 devido à maior tragédia da história de São Luís do Paraitinga. O fato ocorreu em decorrência dos índices de precipitação das chuvas no inverno de 2009, que já haviam sido acima da média esperada. Estando o solo já encharcado não possibilitou a absorção de água e as fortes chuvas que assolaram o local naquele dia provocaram o transbordamento do rio Paraitinga. A inundação²⁰ trouxe grandes prejuízos, pois, além dos danos aos imóveis e à produção agrícola, se perderam também arquivos e registros históricos.

As equipes de *Rafting* da cidade se mostraram muito eficientes nos trabalhos de resgate dos moradores isolados pela água. Anteriormente ao desastre, os que viviam da prática deste

¹⁹ www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br/

²⁰ Os participantes da pesquisa utilizam o termo enchente ao invés do termo inundação, isso fica claro nos relatos.

esporte não eram muito bem vistos pela sociedade, pois não a considerava um trabalho digno, somente um esporte de lazer. Após a enchente, ganharam reconhecimento devido ao empenho e força de vontade com que atuaram no salvamento das pessoas.

Em São Luiz do Paraitinga, luizenses chamaram seus heróis de "Anjos do *Rafting*" para contestar o discurso de vitimização produzido pela mídia e o discurso oficial de que a ajuda externa de emergência foi a salvação, os verdadeiros heróis do desastre. A história do *rafting* foi lembrada no Jornal da Reconstrução, publicação criada pelos moradores para registrar seu processo de recuperação do desastre. (MARCHEZINI.V; TRAJBER. R; CONCEIÇÃO R.S. MENDES. T.S. NEGRI. R.G, 2018, p. 375-400).

O movimento de reconstrução da cidade teve início imediatamente após as medidas de socorro à população. Foram realizadas ações emergenciais, com instalação de postos de distribuição de mantimentos e roupas, além de unidades móveis de postos de saúde.

Com intuito de abrigar e proporcionar apoio e infraestrutura aos grupos de trabalho envolvidos no movimento foi criado o Centro de Reconstrução Sustentável de São Luís do Paraitinga (CERESTA)²¹ e a Associação de Amigos para Reconstrução e Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de São Luís do Paraitinga (AMI).

Imagem 01: Matriz de São Luís sobre os escombros

²¹ www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br/site/a-cidade/ceresta/parceiros-da-reconstrucao/



Fonte: Mario Ângelo/Folhapress; (FOLHA ONLINE, 2010a)

Do patrimônio histórico, destacou-se o desabamento da Igreja Matriz. “As igrejas e templos religiosos são representações do sagrado, espaços que expressam valores, como a fé, a segurança e a proteção divina”. (MARCHEZINI, 2014, p.100). Simbolicamente representa a “casa de Deus” e serve sempre, em momentos de infortúnios, como a inundação em 2010, como elemento de fora, enfrentamento e esperana.

Ainda segundo o autor,

No histórico de enfrentamento das inundaoes, os níveis atingidos pelas águas do rio Paraitinga nos degraus da escadaria da Igreja matriz sempre foram a grande referência cultural para lidar com a dinâmica de cheias. Culturalmente, o terceiro degrau da escadaria da igreja era o maior nível atingido e servia de base para a adoao de práticas de proteo por parte do luizense (MARCHEZINI, 2014, p. 100).

Outro monumento histórico que desabou com a inundao foi a Capela das Mercês. Ela desmoronou em quase sua totalidade em 02 de janeiro de 2010, “em grupos reunidos em vários pontos da cidade – numa margem do rio, no alto de um morro ou logo perto da Igreja, os luizenses presenciaram a queda da Igreja, e a emoo despertada foi interpretada como uma dor coletiva (MARCHEZINI, 2014, p.102)

E tão logo as águas baixaram, um grupo de voluntários luizenses iniciaram os trabalhos de remoo dos escombros para salvar as imagens e elementos artísticos da construo dos edifícios, para os moradores o sentimento era de dor e desolao, a desolao de seu “espao

ritualizado da missa e do conjunto de sociabilidades que se encerram no presente (...) é a perda do passado.” (MARCHEZINI, 2014, p. 102). Ainda nas palavras do autor:

No tempo social do desastre, conservado nos relatos detalhados dos luizenses nas entrevistas realizadas em dezembro de 2011, dor coletiva e perda da identidade são algumas categorias evocadas para se referir ao sentimento de perda da Igreja Matriz. (...) Para muitos dos moradores, a cidade só estará recuperada quando a Igreja Matriz for reconstruída, e o verdadeiro luizense permanecerá em São Luiz até que isso aconteça (MARCHEZINI, 2014, p.102).

A Matriz São Luiz de Tolosa foi reaberta aos fiéis, após passar por obras de reconstrução depois que desabou com a inundação que devastou a cidade em 2010. A igreja   símbolo da religiosidade do povo luizense.

Imagem 2: Matriz de São Luís do Paraitinga restaurada.



Fonte: <http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2014>

Após a catástrofe, houve investimentos do governo em projetos para o desassoreamento do rio Paraitinga e constru o de uma barragem para obstruir as águas da chuva procurando diminuir desta forma incidências como esta. A inunda o fez com que a cidade ficasse ainda mais conhecida, pois muitos turistas visitavam São Luís do Paraitinga levados pela curiosidade em torno do ocorrido. Muitos políticos fortaleciam suas campanhas eleitorais com a retórica de ter dado incentivo para a reconstru o da cidade.

Em relação às ações voltadas ao turismo, a cidade recebeu a chancela de Estância Turística (Lei Estadual nº 11.197 de 05 de julho de 2002). Em 2010 foi reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Histórico Nacional, onde o município recebe maiores cuidados pelo setor público para poder oferecer uma estrutura adequada que atenda aos visitantes e para manter o patrimônio (PORTAL DAS CIDADES PAULISTAS, 2009).²²

Conforme Santos e Paes-Luchiari (2007), São Luís do Paraitinga, para se tornar parte do circuito turístico nacional, incorpora seu patrimônio material e imaterial como ferramenta para o desenvolvimento do turismo beneficiando a economia local. O ponto forte de São Luis do Paraitinga são seus patrimônios culturais materiais: centro histórico e residências tombadas pelo IPHAN. E imateriais: festividades e celebrações (dança de fita, pau-de-sebo, foguete de vara, bonecos gigantes, danças variadas, como: catira e quilombo e procissões), além dos naturais: Parque Estadual Serra do Mar, trilhas, observação de pássaros, ecoturismo, entre outros, que compõem as atrações que movimentam uma das mais importantes rendas do município, o turismo.

De acordo com dados obtidos no Blog da Prefeitura de São Luís do Paraitinga²³, atualmente o município possui 158 professores em pleno exercício nas escolas. Sendo um total de nove escolas, onde quatro delas estão situadas na zona urbana e cinco na zona rural.

As escolas de Ensino Fundamental I e II são municipais e as de Ensino Médio, Estaduais. Duas das escolas localizadas na cidade apresentam o Ensino Infantil, Fundamental I e II, uma escola apresenta apenas o Fundamental II e uma escola apresenta Fundamental II e Supletivo. As escolas rurais atendem somente do Infantil ao 9º ano.

Na cidade não existe creche por falta de adequação do terreno ao projeto do Estado, pelo fato de ser uma região montanhosa e íngreme, mas o mesmo está readequando o projeto para a implantação das creches de acordo com o terreno da cidade. Por volta de 1700 crianças são atendidas na Rede de Ensino Fundamental e 2000 na Rede de Ensino Médio. Havendo uma média de 16 a 17 alunos por sala, sendo que a que contém o maior número, tem um total de 25 alunos. Existe uma escola rural onde estudam apenas 04 alunos e outra que funciona em período integral com horário de funcionamento de segunda à sexta das 7:00 às 17:30 minutos.

²² www.cidadespaulistas.com.br/

²³ www.saoluizdoparaitinga.sp.gov.br/

Não há transportes públicos na cidade, porém há transporte escolar para crianças que estudam nas áreas rurais.

As Unidades Escolares da Rede Municipal contam com alguns Projetos Educacionais, os quais são subdivididos entre elas, como: Cidade Inteligente (Elektro), Elektro nas escolas, Atleta do Futuro, Concurso de Redação, Feira de Ciências, Projetos Musicais (SESI), Cultura Andando (Livro), Projeto Saci e Festas Regionais.

Todas as escolas deste município, desde a Educação Infantil, estão envolvidas em projetos que visam a Educação Ambiental. Dentre os projetos realizados nas escolas, um que se destaca pelo fato de possibilitar ações relacionadas à sustentabilidade é o Projeto Cidade Inteligente que teve início em 2014. Seus principais eixos são: medição inteligente, iluminação pública, veículos elétricos e geração distribuída.

O Projeto Cemaden Educação²⁴ foi implantado em 2015, em uma escola da Rede Estadual de Ensino Médio, abrangendo ações educativas que pudessem colaborar com a conscientização e percepção da comunidade escolar sobre riscos de desastres no amplo contexto da Educação Ambiental, contribuindo assim com a prevenção aos desastres naturais com monitoramentos e alertas de modo a produzir conhecimentos e promover uma maior participação das comunidades de forma localizada.

Com base na análise do Projeto Político Pedagógico da escola onde a pesquisa foi realizada foi possível identificar que há poucos registros históricos em seus 34 anos de existência. O ginásio foi criado em novembro de 1960 e instalado em agosto de 1962, quando passou a funcionar com alunos e o corpo docente de outra escola.

Foi em 1968 que o estabelecimento recebeu o nome que tem hoje. Em dezembro de 1970 deixou de ser ginásio para se tornar um Colégio Estadual. Já foi escola de Primeiro e Segundo grau e funcionava em quatro períodos de aulas para atender toda a demanda de alunos de quintos a oitavos anos e também do Colegial e Magistério, porém como essa fusão de Ginásio com Colegial não surtiu bons efeitos, desfez-se rapidamente. No entanto, a demanda de alunos era grande e logo foi necessário unir novamente, alunos de quintos, oitavos e Segundo Grau o que perdurou até o ano de 2007. A partir de 2008 transformou-se de fato em escola de curso Normal, atual Ensino Médio.

Segundo dados do Projeto Político Pedagógico, no passado, a escola oferecia um currículo voltado para uma formação humanística, ou seja, de maneira a promover o

²⁴ educacao.cemaden.gov.br/

desenvolvimento, a dignidade e o bem-estar como objetivo primordial do pensar e agir do ser, acima dos valores religiosos, ideológicos ou nacionais, especialmente contemplados na área de línguas: inglês, francês e latim. Atualmente, o currículo expressa as intenções político-pedagógicas da escola, elaborado a partir da análise e reflexão da realidade da comunidade no contexto social em que está inserida, pois reflete uma determinada visão de mundo, de homem, de conhecimento e de sociedade.

O mesmo resultou de uma produção coletiva, construída de forma diferenciada num processo dinâmico, aberto e flexível, permeado por uma diversidade de influências, tendo as competências de leitura e escrita como referência, com o compromisso de articular as disciplinas com as habilidades do aluno para que seja capaz de realizar leitura crítica do mundo, de forma a questioná-lo, inferir questões, compartilhar ideias e prioridades.

2.1.1 A Escola e o Currículo

O currículo, para Moreira (1995), tem significados que vão além das teorias tradicionais, o qual pode ser visto como uma trajetória ou uma viagem em que o docente tem a oportunidade de vivenciar com seus alunos e assim, criarem uma identidade educacional. Identidade essa que cabe à escola desenvolver junto a seus educandos.

Dessa forma, na escola é necessário enfrentar de forma contextualizada o cenário escolar. E isto nos leva a uma reflexão sobre o sentido de políticas, os quais são definidos como “conjuntos de tecnologias e práticas que se desenrolam, em meio a lutas, em cenários locais” (MOREIRA, 1995, p.89).

Segundo Arroyo (2007), a educação, o conhecimento, a escola e o currículo estão a serviço de um projeto de sociedade onde haja a democracia, justiça e igualdade. Uma sociedade que aprimore em seus aspectos culturais, políticos, sociais e também pedagógicos. Visando este ideal de construção de sociedade, a escola, o currículo e a docência são obrigados a se indagar e tentar superar toda prática e toda cultura seletiva, excludente na organização do conhecimento, dos tempos e espaços, dos agrupamentos dos estudantes e também na organização do convívio e do trabalho dos educadores e dos educandos, buscando uma integração de tal forma que eles possam se sentir capazes de vislumbrar horizontes mais seguros e promissores independentemente de onde se encontrem. Moreira e Candau (2007) julgam:

O papel do educador no processo curricular é, assim, fundamental. Ele é um dos grandes artífices, queira ou não, da construção dos currículos que se materializam nas escolas e nas salas de aula. Daí a necessidade de constantes discussões e reflexões, na escola, sobre o currículo, tanto o currículo formalmente planejado e desenvolvido quanto o currículo oculto (MOREIRA; CANDAU, 2007, p.19).

Buscando assim desenvolver um currículo que não seja apenas planejado e seguido à risca, mas um documento que permeie as reais necessidades dos educandos, especialmente, nas especificidades de suas vivências diárias, para que possa efetivamente agir sobre elas.

De acordo com Arroyo (2007), torna-se possível constatar as mudanças que vêm acontecendo na consciência e identidade profissional dos educadores, visto que todos coincidem ao destacar as transformações nas formas de viver a infância, a adolescência, juventude e a vida adulta. E o que há de coincidente nessas mudanças é que educadores e educandos estão se vendo e sendo reconhecidos como sujeitos de direitos e esse reconhecimento coloca os currículos, o conhecimento, a cultura, a formação, a diversidade, o processo de ensino aprendizagem, a avaliação, os valores e a cultura escolar e docente, a organização dos tempos e espaços em um novo referente de valor: o referente ético do direito.

Para o autor, reorientar o currículo é buscar práticas mais consequentes com a garantia do direito à educação, sendo os sujeitos da ação educativa: os educandos e os educadores. Ele também ressalta a importância do trabalho coletivo dos profissionais da Educação para a construção de parâmetros de sua ação profissional.

Segundo Arroyo (2007), o direito à educação é entendido como direito à formação e ao desenvolvimento humano, como humanização e processo de apropriação das criações, saberes, conhecimentos, sistemas de símbolos, ciências, artes, memória, identidades, valores, culturas resultantes do desenvolvimento da humanidade em todos os seus aspectos. De acordo com Young (2010), as escolas devem sempre se perguntar:

Este currículo é um meio para que os alunos possam adquirir conhecimento poderoso? “Para crianças de lares desfavorecidos, a participação ativa na escola pode ser a única oportunidade de adquirirem conhecimento poderoso e serem capazes de caminhar, ao menos intelectualmente, para além de suas circunstâncias locais e particulares”. Não há nenhuma utilidade para os alunos em se construir um currículo em torno da sua experiência, para que este currículo possa ser validado e, como resultado, deixá-los sempre na mesma condição (YOUNG, 2010, p.1297).

Portanto, o currículo deve estar tão bem planejado de maneira que propicie aos alunos o uso dos conhecimentos adquiridos para aquisição de autonomia, segurança e mudanças nos locais onde vivem.

Young (2010) vem destacar também que o currículo ainda hoje, assume como verdadeiras as seguintes posições: educação e conhecimento são inseparáveis; e o conhecimento, especificamente o currículo, não é dado, mas uma construção social, o qual ele identifica como a forma de distribuir poder na sociedade, argumento construído na década de

1970, o qual deve estar arraigado em cada ser ‘aprendente’, para que possa usufruir desse poder de maneira a atuar em sua realidade de forma a transformá-la.

Em consonância com Arroyo (2007), Young (2010) vem firmar uma posição contrária à defesa de um currículo por resultados, instrumental e imediatista, ressaltando a necessidade de garantir acesso ao conhecimento, em especial para crianças e jovens dos grupos sociais desfavorecidos. Ele defende que a escola não deve se afastar de sua tarefa específica, disponibilizando o conhecimento especializado, que não se acessa na vida cotidiana e que pode oferecer generalizações e base para julgamentos, fornecendo parâmetros de compreensão de mundo.

Compreende-se que, para o desenvolvimento do planeta é importante dispor de conhecimentos e formas de pensamento que viabilize problematizar a prática social em pilares fundados nos conhecimentos, de forma a aprofundar o entendimento das múltiplas relações envolvidas nos fenômenos naturais e sociais.

Arroyo (2007) enfatiza que nas últimas décadas marcadas por ocorrências de novos fatos sociais, reconfiguram-se as identidades e a cultura docente, pois a presença dos movimentos sociais pressiona a construção de currículos de formação e de educação básica mais afirmativa das identidades coletivas:

Essas ricas e tensas reconfigurações da cultura e das identidades profissionais trazidas pela diversidade de movimentos e de ações coletivas terminam por configurar o território dos currículos de formação e educação básica. Os conhecimentos, os valores apreendidos nessa diversidade de lutas por identidades coletivas pressionam para obter vez nos currículos. Como incorporar essa ecologia de saberes, culturas, valores, leituras de mundo ao currículo (ARROYO, 2007, p.12)

O investimento na busca de um currículo mais completo e diversificado, que contemple os quesitos citados acima segundo Arroyo (2007) tende a propiciar aos agentes educadores e aos seus aprendizes o preparo do ser que não se conforma só em aprender, mas que também busca melhorar sua condição social, pois tem a consciência plena de que o conhecimento da teoria, da prática e de mundo lhe fornecerão os subsídios dos quais ele precisa para não se acomodar na realidade em que vive.

Os alunos mais jovens e talentosos são por intervenção da escola os que têm mais capacidade de mobilizar a comunidade para que haja implementação de políticas sociais capazes de promover o desenvolvimento local, ou seja, formar uma nova cultura escolar comprometida com os princípios da sustentabilidade; a realização de ações concretas de aprendizagem e integração com os currículos escolares; o fomento à participação da comunidade local ligada à escola; o desenvolvimento de relações com outras áreas que tenham

impacto sobre a organização e a gestão escolar; o empenho dos jovens e o encorajamento das escolas para atingir resultados sociais, ambientais, educacionais e financeiros possíveis de se mensurar, com o desafio de alterar a comunidade em um ambiente de aprendizagem, que transcenda os limites das salas de aula.

Educar torna-se então uma responsabilidade de todos, onde professores e gestores passam a contar com parcerias públicas e privadas, incluindo as famílias. Desta forma se estabelece uma “teia” multidisciplinar, segundo Freire (1998), em que se aproveitam todas as ofertas possíveis em torno da educação.

2.2 Interdisciplinaridade

2.2.1 O que é interdisciplinaridade

Segundo o dicionário Aurélio²⁵, o termo “interdisciplinaridade” resulta das relações entre várias disciplinas ou diferentes áreas do conhecimento. É um conceito metodológico que demanda uma consistência na integração das disciplinas teóricas, baseado no conceito de múltiplos conhecimentos. “A integração refere-se a um aspecto formal da interdisciplinaridade, ou seja, à questão de organização das disciplinas num programa de estudo [...] É condição de efetivação da interdisciplinaridade”. Ainda segundo a autora, a interdisciplinaridade “pressupõe uma integração de conhecimentos visando novos questionamentos, novas buscas, enfim, a transformação da própria realidade”. (FAZENDA, 1979, p. 08;09).

Lenoir (*apud* FAZENDA, 2008) categoriza a interdisciplinaridade a partir de quatro finalidades: científica, escolar, profissional e prática, onde cada uma destas finalidades se organiza a partir dos objetivos pelos quais desejamos atingir, tanto de natureza da pesquisa, como do ensino e de sua aplicabilidade no contexto da sala de aula.

Essa pesquisa tomou por base o contexto de Interdisciplinaridade Escolar, objeto que instiga pesquisadores e profissionais preocupados com as questões, sobretudo, do Currículo da Educação Básica no Brasil. Para que haja a Interdisciplinaridade Escolar, faz-se necessário fomentar um movimento crescente em três níveis, assim compreendido: curricular, didático e pedagógico.

²⁵ <https://www.dicio.com.br/aurelio/>

O primeiro nível curricular estabelece ligações de interdependência, de convergência e de complementariedade entre as diferentes disciplinas escolares que formam o percurso de uma ordem de ensino ministrado, a fim de permitir que surja do currículo escolar, uma estrutura interdisciplinar.

Segundo Fazenda (2008), a Interdisciplinaridade é uma nova atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão. [...] “A Interdisciplinaridade pauta-se numa ação em movimento. Pode-se perceber esse movimento em sua natureza ambígua, tendo como pressuposto a metamorfose, a incerteza” (FAZENDA, 2002, p. 180).

De acordo com Fazenda (2008), a Interdisciplinaridade lembra a "disciplina" como um sistema constituído ou por constituir, que sugere um conjunto de relações entre disciplinas abertas sempre a novas relações que se vai descobrindo. Interdisciplinar é toda interação existente dentre duas ou mais disciplinas no âmbito do conhecimento, dos métodos e da aprendizagem.

A Interdisciplinaridade supõe grande liberdade e abertura: nada e ninguém pode permanecer excluído da relação entre disciplinas, entre ciência e arte, relação que não privilegia somente algumas, mas que acolhe em cada uma as estruturas e os elos que gradualmente elevam-se à unidade, ou seja, de maneira que todas as disciplinas se tornem uma entre si, possibilitando um aprendizado mais amplo e dinâmico.

Na citação de Cazenave (1986), percebe-se que as concepções de Fazenda (2002) quanto à Interdisciplinaridade, vêm de encontro às dele, pois para ambos:

A unificação é um grande sonho que não se pode ignorar, e eu me lembro que fui atingido há 20 ou 30 anos, logo que li “O jogo das pérolas” de Herman Hesse, onde essa unificação foi realizada por meio desse jogo de pérolas de onde saía a música, depois a matemática, etc., e que finalmente concentrava todo o conhecimento humano em uma só prática. Este sonho está presente em mim também. Eu espero que ele esteja presente em muitas outras pessoas, mas eu creio que sua realização esteja muito distante (CAZENAVE, 1986, p. 113).

As concepções de Fazenda (2008) estão em consonância com as de Cazenave (1986) no que diz respeito a um trabalho interdisciplinar com êxito, especialmente diante do quadro escolar nos dias atuais. No entanto, Fazenda (2008) reforça que, para esse trabalho de Interdisciplinaridade não ficar apenas no sonho, faz-se necessário registrar todas as situações vividas no processo de aprendizagem, pois estes registros propiciam indicadores dos aspectos de sucesso ou fracasso em trabalhos dessa natureza.

2.2.2 Polissemia do conceito de interdisciplinaridade

Segundo Jacquard (*apud* LENOIR, 2005), a noção de Interdisciplinaridade, como tantas outras, aliás, é polissêmica, pode-se dizer que é uma palavra semelhante a uma esponja, a qual absorve pouco a pouco as substâncias que ela encontra e se enriquece de todos os sentidos atribuídos por aqueles que a empregam; mas, quando espremida essa “esponja”, ela se esvazia; de modo que se pronunciar várias vezes, ela conseqüentemente perderá o seu verdadeiro significado.

Em outras palavras, polissemia relacionada à Interdisciplinaridade quer dizer que a mesma tem vários sinônimos devido à sua complexidade e recebe variadas interpretações, no entanto, ela corre o risco de perder seus significados se for mal interpretada.

2.2.3. Por um currículo interdisciplinar

A supremacia do conhecimento fragmentado de acordo com as disciplinas impede de operar o vínculo entre as partes e a totalidade, e deve ser substituído por um modo de conhecimento capaz de aprender os objetos em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto “a inteligência que só sabe separar espedaça o complexo do mundo em fragmentos desconjuntados, fraciona os problemas” (MORIN, 2010, p. 14).

Segundo o autor, a desconexão tornou-se uma dimensão desmedida e grave entre os saberes dissociados, fragmentados entre as disciplinas, e, por outro lado, realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários.

Entretanto, deve-se, pois, analisar sobre a problemática do ensino considerando por um lado, o efeito negativo cada vez mais grave da compartimentação dos saberes e da incapacidade que os educadores possuem em articulá-los, entre si; por outro lado, define que é uma qualidade fundamental da mente humana a capacidade de articular e contextualizar que precisa ser desenvolvida, e não atrofiada.

Além disso, os conhecimentos fragmentados só servem para usos técnicos. Não conseguem conjugar-se para alimentar um pensamento capaz de considerar a situação humana no âmbito da vida, na terra, no mundo, e de enfrentar os grandes desafios de nossa época. Não conseguimos integrar nossos conhecimentos para a condução de nossas vidas (MORIN, 2003, p.17).

Segundo o autor, é necessário aprofundar os saberes da realidade escolar e de seus sujeitos, que reflita sobre suas experiências e cotidiano com o objetivo de construir um

Currículo Escolar mais voltado às suas necessidades e demandas, tornando-os agentes mais críticos e reflexivos no processo de conhecimento, apropriação e uso da natureza.

A construção e a prática do currículo são um exercício de relações interpessoais e que por sua vez, em muitas ocasiões se mostra tão complexo quanto a própria compreensão do significado interdisciplinar. É perceptível que sem diálogo não é possível trabalhar de forma interdisciplinar, nem transdisciplinar, especialmente a questão ambiental.

(...). Na prática, o corpo docente das escolas tem muita dificuldade em trabalhar segundo esta perspectiva, principalmente por falta de formação, de espaço, de estímulo e a de falta de prioridade por parte dos superiores. Vale lembrar que no Brasil, a questão ambiental deve ser tratada na escola de forma transversal, conforme determinação do MEC, expressa nos Parâmetros Curriculares Nacionais, onde cada disciplina deve utilizar o tema dentro de seu plano de aula. (GALLO-JUNIOR H; LOMBARDO. M.A; OLIVATO. D, 2007, p.08)

Essa dialógica deve redundar em políticas que venham beneficiar tanto professores, quanto alunos, de forma a propiciar um currículo viável para todos os envolvidos no processo e de maneira a ampliar também as possibilidades de se desenvolver um mesmo conteúdo com várias abordagens, oferecendo maior amplitude.

De acordo com dados obtidos no site do Ministério do Meio Ambiente com o intuito de atender aos quesitos abordados acima para obtenção de um currículo mais abrangente, surgiu o Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) 2005, nas Deliberações da Conferência Nacional do Meio Ambiente que fala sobre informação, comunicação, capacitação objetiva que visa:

Implementar a Política Nacional de Educação Ambiental – Lei no 9.795 – na perspectiva transdisciplinar, crítica e problematizadora, valorizando os saberes locais e tradicionais, de modo que essa educação contribua para a promoção de padrões social e ambientalmente sustentáveis de produção e de consumo, assim como para a construção de uma concepção de mundo justa e democrática (ProNEA. 2005, p. 78).

Esses objetivos estão acordados com os princípios básicos da Política Nacional de Educação Ambiental, uma vez que aposta na diversidade de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade. Mesmo sabendo que a Educação Ambiental deve se configurar como interdisciplinar ou ainda transdisciplinar nos currículos escolares, discute-se também as possibilidades de que seja uma disciplina formalizada, garantindo assim o conteúdo de fato desenvolvido.

O ProNea²⁶ é um programa de caráter permanente devendo ser reconhecido por todos governantes. Possui como eixo norteador a perspectiva de construir um país mais democrático voltado para a sustentabilidade ambiental a qual se dará por meio de uma EA compreendida como um processo e não como um fim em si mesma. Tendo o referido programa como princípios pedagógicos: respeito à liberdade de aprender, de ensinar, de pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; transversalidade construída a partir de uma perspectiva inter e transdisciplinar. Deixando evidente que os desígnios legais governamentais apostam na ideia de um caráter interdisciplinar à EA e deve perpassar todos os currículos de todos os níveis de ensino, desde a Educação Infantil à Pós-Graduação.

A Lei 9.795/1999²⁷ entende que a EA deve ser desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis de ensino e modalidades do ensino formal, porém não como disciplina específica dos currículos escolares. Entretanto, Boff (1999) destaca que no dia a dia das escolas é a inexistência de uma ação permanente e eficaz em relação à EA, onde almejando superar essa falta que alguns estudiosos defendem a proposta de criar uma disciplina específica para a EA como tentativa de garantir que esse conteúdo seja praticado no âmbito escolar. Enfatiza que, para garantir uma educação voltada para o cuidado com o meio seja efetivamente praticada nos espaços formais, ou melhor, nos currículos escolares, é necessário possibilitar uma visão sistematizada sobre ela, ou seja, um foco constante no dia a dia.

2.3 Escolas sustentáveis e resilientes

Segundo o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, elaborado na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (UNICED/92), por Sorrentino, mais conhecida como "Rio 92", foi definida como a educação para uma sustentabilidade equitativa pois é um processo de aprendizagem permanente, baseado no respeito a todas as formas de vida, discutindo sua inserção tanto no ensino formal quanto no ensino não formal e destacando seu caráter abrangente e a importância de ser trabalhada inserida nas diversas disciplinas do currículo escolar.

²⁶www.mma.gov.br/educacao-ambiental/.../programa-nacional-de-educacao-ambiental

²⁷LEI Nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm

Segundo Guimarães (1995), é uma questão de âmbito interdisciplinar, participativa, comunitária, criativa, crítica da realidade a qual se vive, formadora da cidadania de forma a valorizar a prática, ou seja, voltada para a resolução dos problemas localizados. Sendo o papel da educação de forma global, com ênfase a potencializar o Projeto Político Pedagógico, o que virá a contribuir com o resgate do seu verdadeiro sentido: o de pensar e propor a educação que se almeja desenvolver nas escolas de um modo geral e conseqüentemente na extensão da comunidade e das famílias, atingindo desse modo uma gama maior de pessoas imbuídas na construção de uma sociedade de fato igualitária, sustentável e resiliente.

É necessário fazer uso de maneira sustentável e democrática dos recursos e das tecnologias, com o intuito de solucionar problemas de forma diferenciada, dependendo da região que esteja inserida, utilizando-se da educação como meio de transformação da realidade que se vive.

De acordo com o Ministério do Meio Ambiente, faz-se necessário que as pessoas se apropriem do conhecimento do local onde vivem das suas dificuldades e de seus potenciais, podendo gerar desta forma um centro de documentação sobre a sua região e organizar uma rede de consulta científica para assegurar o conhecimento sobre todo o território, e ser uma articuladora do conhecimento necessário aos diversos agentes econômicos e sociais. Para que haja um desenvolvimento sustentável, é preciso ter pessoas com a formação correspondente com a finalidade de se efetivar sua aplicabilidade. Diante desse contexto:

A Educação Ambiental é um dos eixos fundamentais para impulsionar os processos de prevenção da deterioração ambiental, do aproveitamento dos direitos dos cidadãos a um ambiente saudável. Ela implica uma nova concepção do papel da própria escola. A articulação de seus conceitos, métodos, estratégias e objetivos é complexa e ambiciosa: dimensões ecológicas, históricas, culturais, sociais, políticas e econômicas da realidade e a construção de uma sociedade baseada em princípios. (COLESANTI, 1996, p. 35).

A educação para além da sala de aula, evoluindo para a gestão integrada do conhecimento. Assim, o conceito de ambiente situa-se numa categoria não apenas biológica, mas que constitui “uma racionalidade social, configurada por comportamentos, valores e saberes, como também por novos potenciais produtivos.” (LEFF, 2001, p. 224).

Para Passos e Sato (2002) para que essas mudanças possam ocorrer:

O mais importante, entretanto, é que a proposta não seja isolada de um contexto curricular. Se o currículo for realmente fenomenológico (P, ele terá que ser criado à luz da existência dos envolvidos na escola, no âmago da biografia ecológica que se complementa nas cartografias dos desejos de mudanças. (PASSOS & SATO, 2002, p.25).

À escola caberia assumir um comportamento adequado, pois para se educar em uma perspectiva ambiental significaria a aquisição de novas definições e novos conhecimentos, mudanças de atitudes, valores e normas que transformem comportamentos, para que venham de encontro ao cuidado com o meio, Nieves Alvarez (2002).

Segundo a autora Medina (2001), a Educação Ambiental é “uma modalidade da educação em geral” que trabalha valores, desenvolve atitudes, trabalha a “compreensão crítica e global do ambiente” para gerar “uma posição consciente e participativa a respeito das questões relacionadas com a conservação e a adequada utilização dos recursos naturais, para a melhoria da qualidade de vida” (Medina, 2001, p. 18 *apud* BUSSOLOTTI, 2015, p.26).

Sendo assim, segundo Santos (2002) no Brasil, a política da Educação Ambiental serve como aliada, pois promove a sociologia emergente, na tentativa de superar o paradigma racional que acabou silenciando a participação, a emancipação, a solidariedade e a diversidade.

Walsh (2005) ainda define que o processo de resiliência, vai além do enfrentamento, pois se é possível extrair aprendizado da situação de crise vivenciada, seja pessoal, familiar ou social, e o retorno desse aprendizado se reverte à comunidade. Ao definir a resiliência como um processo, pressupõe-se que existam fatores, mecanismos e variáveis que venham a contribuir, facilitar ou dificultar seu desenvolvimento. Tais fatores são denominados risco e proteção, o que vem influenciar na tomada de decisão para implantação de uma Educação Ambiental.

De acordo com Legan (2007), a escola-sustentável propõe uma educação básica que inclua o ensino de valores, a promoção do cuidado com o planeta, o cuidado com as pessoas e a partilha justa de recurso. A reorganização da educação envolve não somente aumentar o conhecimento do aluno, mas incentivar o desenvolvimento de habilidades e valores que motivarão para estilos de vida sustentáveis, uma vez que já é comprovado que elevar o grau de instrução das pessoas não é suficiente para a construção de sociedades sustentáveis. Por isso faz-se necessário realizar projetos que abranjam o tema.

Com base nos dados do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, em 2004, teve início um novo Plano Plurianual, o (PPA) 2016-2019, em função das novas diretrizes e sintonizado com o PRONEA, o Programa 0052 é reformulado e passa a ser intitulado para Sociedades Sustentáveis, sendo desenvolvido de forma plena e integralmente.

A escola, segundo Boff (1999), enquanto um espaço de convivência e de produção de relações e de saberes se faz também um espaço de construção de identidades. Quem “vive” a Escola a concebe como um lugar de vivência, podendo manifestar vínculos com o lugar de maneira a identificar-se com o mesmo, percebendo-o necessário à sua subsistência, sentindo-se

pertencente, e inclusive capaz de expressar orgulho por ela, colocando-se como corresponsável pela mesma.

Podendo, inclusive, desenvolver práticas relacionadas à “ética do cuidado” a qual envolve atitude cuidadosa, protetora e amorosa para com a realidade, pelo fato de entender que “Cuidar é mais que um ato, é uma atitude. [...] Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e envolvimento afetivo com o outro” (BOFF, 1999, p. 33). Resultando destas relações interpessoais sujeitos capazes de atitudes mais resilientes frente aos traumas, desafios e problemas que o ser humano se vê exposto no cotidiano escolar, bem como, em outros espaços de um modo geral. “No Brasil é aplicado por intermédio de três modalidades principais: Projetos, Disciplinas Especiais e Inserção da Temática Ambiental nas Disciplinas” (LOUREIRO, 2006, p.35).

Entende-se que a atuação em Educação Ambiental, ultrapassa os limites de uma disciplina ou de ações esporádicas e pouco efetivas. No entanto, não se pode delegar a ela o papel de ser a grande solucionadora de problemas ambientais e nem seu entendimento como alicerce político pedagógico que deveria:

Relaciona-se com várias áreas do saber, implica em campos ideológicos e políticos, e traz conflitos ao lado de solidariedade. Implica em mudanças, sobretudo à luz das injustiças sociais sempre relacionadas com a degradação ambiental. Não há como considerar a Educação Ambiental apenas pelo viés social, ou apenas pelos componentes naturais. São duas dimensões interligadas, que se complementam oferecendo uma magnitude de difícil conceituação. E, por isso mesmo, exige reflexões constantes na maturidade política de nossas esperanças à construção da sustentabilidade planetária. (SATO, 2006, p.90).

Assim, diante do que foi discorrido, a Educação Ambiental apresenta um novo significado de mundo, com diversas realidades, uma mistura de variados sentimentos, que exprimem inúmeras formas de solidariedade e comunhão, quesitos imprescindíveis para fazer acontecer de fato a sustentabilidade. É necessário também criticidade em relação a Educação Ambiental, de acordo com Tristão (2004).

Levar para a sala de aula uma crítica requer, basicamente, esse tipo de prática, em que o professor tenha a oportunidade de reaprender constantemente e possa levar para os seus educandos práticas pedagógicas mais comprometidas com a realidade e com a real necessidade social, atento à dinâmica da cultura escolar em que atuará. Baseada na relação do ser humano com o meio ambiente, da sociedade com a natureza e das sociedades entre si, podemos entender que isso se encontra, ainda, em construção e debate. (TRISTÃO, 2004, p.13).

Ao analisar dados do MEC (2006) relacionados à EA, nos âmbitos escolares, observam-se como os atores envolvidos no processo educativo ambiental participam das atividades e como realizam sua formação nesta área de atuação.

Para as escolas pesquisadas, a iniciativa para a realização de projetos parte principalmente da atuação de um Grupo de professores, da Equipe de direção e dos alunos. Os professores são os maiores participantes nas iniciativas e na gestão dos projetos nas escolas.

Ainda de acordo com dados do MEC²⁸, área de atuação que visa a construção de escolas sustentáveis e resilientes atuando em todos os níveis de ensino formal, mantendo ações de formação continuada por meio do programa “Vamos Cuidar do Brasil” com as Escolas, como parte de uma visão sistêmica de Educação Ambiental, a qual passa a fazer parte das Orientações Curriculares do Ensino Médio e dos módulos de Educação a Distância na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Para Lopes (2010), quando o assunto é o meio ambiente e implementar na escola um espaço sustentável, geralmente, as pessoas pensam que se fará necessário grandes modificações na estrutura física e altos investimentos, no entanto, não é exatamente assim. O fundamental seria propor orientação e subsídios junto os educandos visando a incorporação de atitudes sustentáveis no cotidiano.

De acordo com Trajber (2010), a escola está inserida em um meio e este por sua vez, abriga um público que precisa sentir-se parte dela para unirem-se em torno de objetivos comuns acerca das ações da escola.

A reflexão sobre as finalidades da escola e seu papel social, quando ocorre por meio desse diálogo, fornece subsídios para se pensar uma escola sustentável que reveja seu espaço construído, seu currículo e sua gestão. “O Projeto Político Pedagógico permite significar ou ressignificar as ações desempenhadas pela coletividade escolar e dessa forma, consolidar o sonho de uma melhor educação, que desejamos ser sustentável”. (TRAJBER, 2010, p. 36).

Pesquisas sobre boas práticas relacionadas a Educação para a Sustentabilidade e Qualidade de vida, um Projeto lançado em 2005, tem destaque em Santa Catarina, denominado “Minha escola, meu lugar” que conta com a parceria da Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia – SED, associado ao Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD o qual visa transformar as regiões administrativas de Santa Catarina em polos de desenvolvimento, a partir da realização de um plano local em cada região, com

²⁸ <https://www.mec.gov.br/>

base num diagnóstico prévio, baseando-se na convicção de que o espaço de vivência diário das pessoas constitui o lócus do que se produz tanto individual como coletivamente em relação à cultura, tecnologia e identidades.

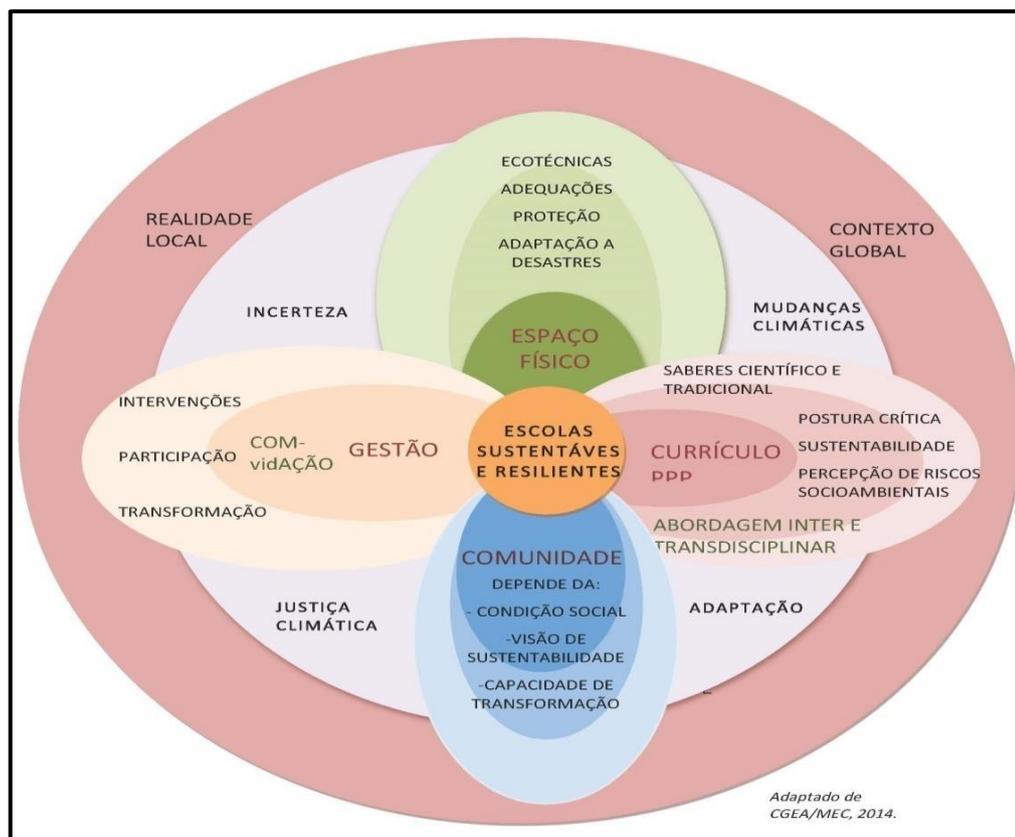
O lugar, enquanto local onde os indivíduos estabelecem relações com a territorialidade, intervindo neste espaço, buscando melhoria das condições de vida dos sujeitos que o constituem, tendo como objetivo principal fortalecer a ação da escola como instituição promotora de desenvolvimento e de aprendizagem, bem como, estimular a efetivação de ações que propiciem o espírito protagonista dos estudantes como agentes sociais capazes de transformar o seu lugar.

De acordo com o referido projeto "Minha escola, meu lugar"²⁹, a escola deve permear de ações coletivas que projetem o desenvolvimento local onde os mais jovens e possuidores de maiores talentos possam mobilizar a comunidade para que se implemente políticas sociais capazes de promover o desenvolvimento local, ou seja, de uma nova cultura escolar comprometida com os princípios da sustentabilidade; a realização de ações concretas de aprendizagem e integração com os currículos escolares; o incentivo à participação da comunidade local ligada à escola; o desenvolvimento de relações com outras áreas que tenham impacto sobre a organização e a gestão da escola; o envolvimento dos jovens e o encorajamento das escolas para atingir resultados sociais, ambientais, educacionais e financeiros possíveis de se mensurar.

Para melhor esclarecimento do que seja uma escola sustentável e resiliente, segue-se a Mandala, que representa os Temas Transversais, na figura a seguir, é possível observar todos os conceitos relacionados ao tema discutido no contexto escolar.

²⁹“Minha escola, meu lugar: educação para a sustentabilidade e qualidade de vida”. Foi lançado em 2005, no Estado de Santa Catarina, com o propósito maior de fortalecer a ação da escola como instituição promotora de desenvolvimento e aprendizagem, além de estimular a implementação de ações que despertem o espírito protagonista dos estudantes como agentes sociais capazes de transformar o seu lugar.
<https://www.cidadessustentaveis.org.br/boas-pr%C3%A1ticas/minha-escola-meu-lugar>

Figura 3: Mandala Temas transversais - Escola Sustentável e Resiliente



Fonte: Apresentação feita por Rachel Trajber sobre o Cemaden Educação 01/10/2019

É possível observar na Mandala (figura 3) que os Temas Transversais, vêm ao encontro à formação da humanidade, pois remetem a uma compreensão das relações sociais, por meio de atividades que possibilitam aos estudantes a experiência com o objeto do conhecimento, envolvendo conteúdo da atualidade, bem como, os tradicionais, propiciando assim os saberes em sua diversidade, tratando o conhecimento, de maneira a superar as formas fragmentadas e descontextualizadas.

O planejamento anual das escolas deve contemplar as temáticas transversais como a questão da Educação Ambiental, Educação para Saúde, pois as mesmas contribuem para o desenvolvimento das relações sociais entre o homem e o meio, pelo fato de possuir caráter transversal perpassa por todas as disciplinas do currículo escolar tendo o compromisso com mudanças de valores, comportamentos e atitudes.

De acordo com Trajber (2010), em uma sociedade a qual é composta pela circulação em abundância de tantas identidades e diversidades especialmente, nos núcleos dos espaços educadores sustentáveis, pensar a educação é pensá-la de maneira diferente. Nos dias atuais, o

processo pedagógico requer uma reflexão ambiental para que a distância entre o pensar e o fazer também possa acolher o sentir no processo de criação.

Uma educação integral deve incitar não apenas responsabilidades ecológicas, mas também atitudes reflexivas sobre nossas próprias vidas e a sociedade a qual estamos inseridos, investindo no cuidado com o mundo por opção de quem acredita que a tão falada Educação Ambiental não é apenas um pretexto a coleta seletiva de lixo, mas um convite à mudança de nossos modos de vida de forma radical e permanente.

Segundo Sato & Trajber (2010), as referências das escolas sustentáveis possuem três pedagogias, são elas: a do **Cuidado**, que considera o sujeito historicamente situado, consciente de sua existência, seus sonhos, valores e sentimentos, um projeto coletivo da humanidade. Entende-se como a Ética do Cuidado em um amplo contexto social, que envolve cuidado e colaboração com uma atitude cuidadosa, protetora e amorosa para com a realidade, com nosso corpo, a família, a escola, o bairro, o município, o estado, a nação, o planeta, o universo.

A da **Integridade**, vivenciando o sistema educativo de maneira a desenvolver uma práxis coerente entre o que se diz e o que se faz, possuindo a capacidade de enxergar além. E do **Diálogo**, que prima pelo respeito às variadas referências acadêmicas ou populares, aos valores de cada biorregião e ao potencial de transformar a escola em um espaço público e democrático de aprendizagem constante.

Conforme Borges (2011), no Programa de Formação de Professores a escola deve se constituir em um espaço educador sustentável de extrema importância, mas, no entanto, o fato de a escola ter sido planejada com o intuito de educar não garante que consiga fazê-lo de forma automática ou inercial, nem que seja o único caminho para tal, pois com o programa de formação:

[...] pretende-se estimular que as escolas se identifiquem com os ideais de sustentabilidade, compreendam a importância de transformar suas atitudes e também seus objetivos de ensino e aprendizagem, tornando-se por fim referências de sustentabilidade para seus alunos e comunidade. As sementes plantadas na escola servem como fonte de inspiração e estímulo para a transformação do dia a dia dos que se alimentam delas. Esse é o caminho em que apostamos para promover a transformação de percepções, posturas e atitudes, e é o que precisamos para construir sociedades sustentáveis. (BORGES, 2011, p. 07).

A escola deve ser modelo, um exemplo de práticas sustentáveis, pois caso contrário não passará de conteúdo vazio, inerte, sem aplicabilidade no contexto de vida dos envolvidos no sistema de ensino. Marcondes (2012) vislumbra também que para haver um futuro melhor faz-se necessário e fundamental “planejar para as mudanças previstas no tamanho da população e

tendências como o envelhecimento, migração e urbanização é uma condição indispensável para estratégias sustentáveis de desenvolvimento” (MARCONDES, 2012, p.01).

Marcondes (2012) ainda alerta que se não forem efetuadas as mudanças necessárias para uma sociedade sustentável, fatalmente a situação atual, que já se encontra precária, apenas se agravará no futuro, pelo fato da população estar envelhecendo cada vez mais e por ocorrerem muitos movimentos migratórios, o êxodo rural e a urbanização, especialmente quando esta urbanização acontece em locais onde a população se sujeita a riscos eminentes.

Trajber (2015) endossa o que Marcondes (2012) expõe sobre a Sustentabilidade, a qual deveria estar na base da tomada de decisões da escola, ser o foco principal, percebendo a necessidade e urgência para uma vida mais saudável para todos.

De acordo com dados obtidos no site do Ministério da Educação o Programa Nacional (ProNEA)³⁰, que é de caráter prioritário e permanente, reconhecido por todos os governos, o qual tem como eixo orientador a perspectiva da sustentabilidade ambiental na construção de um país de todos, sendo composto por ações que visam assegurar, no âmbito educativo, a interação e a integração equilibradas das múltiplas dimensões da sustentabilidade ambiental de forma geral: ecológica, social, ética, cultural, econômica, espacial e política, buscando o desenvolvimento do país, o envolvimento e a participação social na proteção, recuperação e melhoria das condições ambientais e de qualidade de vida. Nesse sentido, assume as seguintes diretrizes: Transversalidade e Interdisciplinaridade, Descentralização Espacial e Institucional, Sustentabilidade Socioambiental, Democracia e Participação Social, Aperfeiçoamento e Fortalecimento dos Sistemas de Ensino, Meio Ambiente e outros que tenham ligação com a Educação Ambiental.

Ainda de acordo com o Ministério da Educação, este programa propõe um constante exercício de transversalidade para internalizar, por meio de espaços de interlocução bilateral e múltipla, como um todo. Estimula o diálogo entre as disciplinas e as políticas setoriais avaliando os impactos dessas políticas. O fato de a EA possuir uma abordagem sistêmica faz dela capaz de integrar os múltiplos aspectos da problemática ambiental da atualidade. Essa abordagem deve reconhecer o conjunto das inter-relações e as múltiplas determinações dinâmicas entre os âmbitos naturais, culturais, históricos, sociais, econômicos e políticos.

Pode-se verificar que o ProNEA, diante do exposto pelo Ministério da Educação, exige também a perspectiva da complexidade, que implica em que no mundo interagem diferentes níveis da realidade (objetiva, física, abstrata, cultural, afetiva) e se constroem diferentes olhares

³⁰ <http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/politica-de-educacao-ambiental/programa-nacional-de-educacao-ambiental>

decorrentes das diferentes culturas e trajetórias individuais e coletivas, tendo como diretriz a descentralização espacial e institucional, por meio da qual privilegia o envolvimento democrático dos atores e segmentos institucionais na construção e implementação das políticas e programas nos diferentes níveis e instâncias de representatividade social no país.

De acordo com Santos (2002), ao se desenvolver a Educação Ambiental, a mesma acarretará também em uma transformação social a qual superará as injustiças cometidas contra o ambiente, a desigualdade social, o lucro indiscriminado advindo dos recursos naturais e da própria humanidade. O processo de exclusão associado à degradação ambiental a qual a camada popular está submetida cabe a EA fomentá-los, buscando assim ocasionar o aumento do poder das maiorias submetidas.

De acordo com Pelicioni e Philippi Jr. (2005): são as atitudes que levam à ação, diante disso, os instrumentos fundamentais da gestão ambiental como o ProNEA, desempenha um importante papel na orientação de agentes públicos que possibilitam solucionar questões estruturais, almejando a sustentabilidade socioambiental propiciando assim, oportunidade de ressaltar o bom exemplo das práticas e experiências exitosas, como a integração entre professores e técnicos ambientais em programas de formação. Neste contexto, é importante e até mesmo essencial contar com a atuação do professor como orientador e fomentador de iniciativas e atitudes ambientalmente corretas que reduzam ao máximo os impactos das ações humanas mantendo a qualidade de vida e possibilitando às futuras gerações usufruir de um ambiente saudável.

Neste projeto a democracia e a participação social perpassam por estratégias e ações, sob a perspectiva da universalização dos direitos e da inclusão social, por intermédio da geração e disponibilização de informações que garantam a participação social na discussão, formulação, implementação, comprometidos com a qualidade ambiental e a justiça social; e de apoio à sociedade na busca de um modelo socioeconômico sustentável que supere assimetrias nos planos cognitivos e organizativos, já que a desigualdade e a injustiça social ainda são características da sociedade.

Assim, a prática deve ir além da disponibilização de informações, devendo contribuir para a socialização de conhecimentos, inclusive por intermédio do uso de tecnologias voltadas, por exemplo, para reciclagem e desenvolvimento de produtos biodegradáveis, desenvolvidas em universidades, organizações não governamentais e empresas privadas.

Com a regulamentação da Política Nacional, o ProNEA compartilha a missão de aperfeiçoamento e fortalecimento dos sistemas de ensino, meio ambiente e outros que tenham interface com a Educação Ambiental e práticas marcadamente ambientalistas e educacionais.

Programas como o ProNEA, dentre muitos outros, são propostas educacionais fundadas e voltadas ao ideário ambientalista, que permite a formação de agentes, editores, comunicadores e educadores ambientais que apoiam e fortalecem grupos, comitês e núcleos ambientais, em ações locais voltadas à construção de sociedades cada vez mais consciente em relação às boas práticas relacionadas ao cuidado com o meio ambiente.

Os projetos desenvolvem articuladamente ações relacionadas às questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais, respeitando à liberdade e à igualdade de gênero, reconhecendo a diversidade cultural, étnica, racial, genética, de espécies e de ecossistemas, enfoque humanista, histórico, crítico, político, democrático, participativo, inclusivo, dialógico, cooperativo e emancipatório, compromisso com a cidadania ambiental, vinculação entre as diferentes dimensões do conhecimento, entre os valores éticos e estéticos, entre a educação, o trabalho, a cultura e as práticas sociais.

A democratização na produção e divulgação do conhecimento e fomento à interatividade na informação, pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, garantindo a continuidade, permanência do processo educativo, constante avaliação crítica e construtiva do processo educativo e coerência entre o pensar, o falar, o sentir e o fazer.

De acordo com o Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima (IPCC, 2007), o Brasil participa de estudos climáticos que abrange cientistas do mundo todo para avaliar as mudanças climáticas e com os resultados obtidos nas pesquisas é possível verificar os futuros cenários internos os quais sofrerão as consequências dessas mudanças climáticas no território brasileiro e onde serão previstas também as regiões do país que poderão apresentar alterações na temperatura e precipitação com o aquecimento global, o que acarretará em intensificação dos eventos severos, impactando assim em cidades e áreas vulneráveis às mudanças climáticas.

2.3.1 Educação para a redução de risco de desastres

Gestão de Desastres/ Cemaden³¹

O Cemaden foi instituído a partir de um desastre ocorrido na região Serrana do Rio de Janeiro, se tornando um importante sistema de alerta que abrangesse competências científicas e tecnológicas de várias áreas do conhecimento, especialmente, de meteorologia, hidrologia, geologia e desastres naturais.

³¹ www.cemaden.gov.br

Embora o Brasil possuísse certa competência técnica para monitorar e prever fenômenos de natureza meteorológica, hidrológica, agrônômica, e geológica de forma disciplinar, não havia nenhum órgão da esfera federal que monitorasse esses processos de uma maneira integrada até recentemente. Não havendo então um sistema de alerta e mediante a incapacidade em se prevenir e mitigar os danos, as ações governamentais amenizavam apenas as consequências dos desastres naturais.

No entanto, apenas o socorro e a reestruturação das áreas afetadas não foram decisões suficientes, sendo necessário que o Governo Federal direcionasse seus esforços visando aumentar a capacidade da sociedade brasileira para o enfrentamento de catástrofes naturais, especialmente com intuito de prevenir e alertar antecipadamente, procurando reduzir o número de vítimas e também evitar prejuízos sociais e econômicos decorrentes desses desastres.

Foi a partir daí que em fevereiro de 2011, o MCTI³² foi chamado a integrar o grupo de trabalho coordenado pela Casa Civil da Presidência da República criado com o objetivo de elaborar um plano de prevenção e enfrentamento dos desastres naturais. Tendo como responsabilidade implantar um sistema de alertas antecipados da probabilidade de ocorrência de desastres naturais, associados aos fenômenos naturais como deslizamentos de encostas e as inundações, os que mais causam vítimas fatais no país. Atualmente, 957 municípios são considerados prioritários pelo Governo Federal.

O Cemaden tem como missão promover desenvolvimentos científicos, tecnológicos e inovadores para avançar na qualidade e confiabilidade dos alertas, na prevenção e mitigação desses desastres, realizar o monitoramento das ameaças naturais em áreas de riscos em municípios brasileiros os quais estão mais expostos à ocorrência de desastres naturais, bem como, realizar pesquisas e inovações tecnológicas que possam contribuir para a melhoria de seu sistema de alerta antecipado, objetivando assim reduzir o número de vítimas fatais e prejuízos materiais em todo o país.

O projeto Cemaden desenvolve a teoria, mas com foco na prática. E essa prática se efetivou de variadas formas. E uma delas se deu por meio da instalação de pluviômetros semiautomáticos, um total de 1375, mediante sua intermediação, em mais de 310 municípios de todas as regiões do Brasil, em áreas de risco, e operados por equipes da comunidade. Como ilustra imagens a seguir:

³² www.mctic.gov.br/

Imagem 03: Projeto pluviômetro nas comunidades



Fonte: Acervo do PROEX

Imagem 04: Instalação do pluviômetro



Fonte: Acervo do PROEX

Imagem 05: Instalação do pluviômetro



Fonte: Acervo do PROEX

Algumas comunidades e escolas possuem pluviômetros automáticos, ou semiautomáticos, e/ou artesanais (de garrafa PET) e que são verificados por representantes da Defesa Civil Municipal, lideranças comunitárias, professores, alunos, funcionários. Em uma situação de perigo de inundação ou deslizamento de terra, eles avisam aos órgãos competentes para acionar o alerta ou quando eles passam por treinamento avisam a comunidade, por meio do toque da sirene, difusão da informação presencial e/ou via mídia social. Na fase da gestão de risco são realizadas diversas atividades preventivas direcionadas a preparar a comunidade para atuar com uma situação de desastre.

Define-se o alerta como um instrumento que indica que a situação de risco de desastre é previsível em curto prazo. Ao receber o sinal de alerta a Defesa Civil prepara-se para o desastre, mobilizando os recursos necessários para a resposta. O documento conterá recomendações de ações de preparação, tais como: verificações in loco, acionamento de Planos de Contingência e acionamento de Planos de Chamadas [i]³³.

³³ [i], [ii], [iii]: <https://www.cemaden.gov.br/o-alerta>

Os níveis de risco e alerta estarão na dependência de condições previamente presentes, sendo elas: exposição da população ao risco, nível atual e previsto para determinado rio e de condições meteorológicas favoráveis à ocorrência de eventos de caráter geodinâmico (movimento de massa) e/ou hidrológico (inundação e/ou enxurrada). O envio de um alerta de risco de desastres naturais é realizado em conjunto com a equipe multidisciplinar, após análise do ambiente favorável ao evento.

A emissão de um alerta de risco Moderado, tanto para movimentos de massa quanto para inundações parte da premissa de que a combinação dos fatores meteorológicos, hidrológicos e geológicos não permite descartar a ocorrência de desastres naturais de natureza geohidrológica [ii].

A decisão de elevação de nível para risco Alto ou Muito Alto dependerá da evolução das condições favoráveis à ocorrência do desastre de risco pré-existente, em relação ao volume pluviométrico observado e previsto, além da vulnerabilidade que a população está exposta à ameaça [iii]. A equipe multidisciplinar decide o nível do alerta seguindo a correspondência com a Matriz de níveis de Alertas.

Figura 4: Exemplificação dos níveis de alerta

Matriz de níveis de Alertas		Impacto Potencial		
		Moderado	Alto	Muito Alto
Possibilidade de ocorrência	Muito Alta	Moderado	Alto	Muito Alto
	Alta	Moderado	Alto	Alto
	Moderada	Observação	Moderado	Moderado

Fonte: <https://www.cemaden.gov.br/o-alerta/>

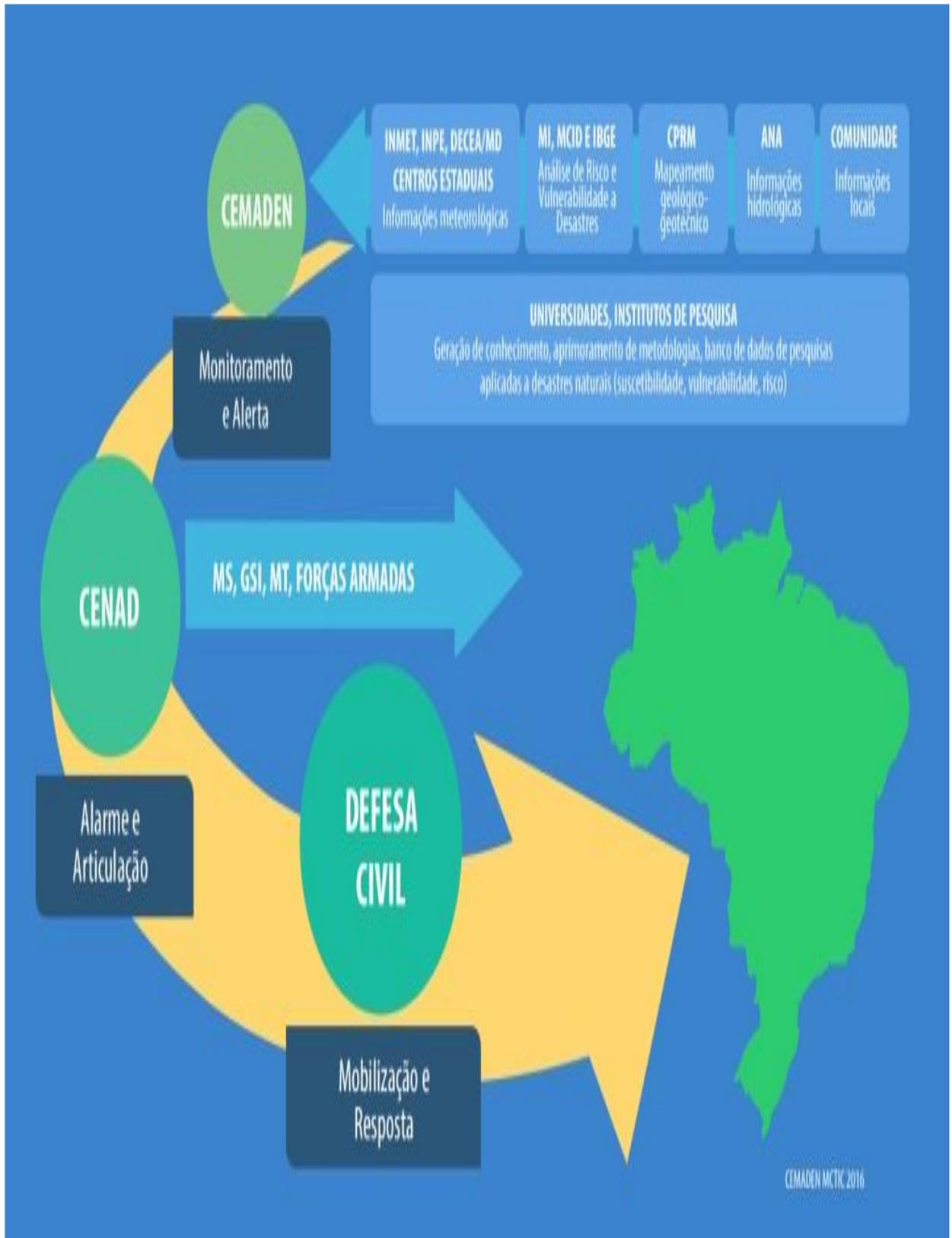
O Protocolo de Ação entre o Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos e Desastres (CENAD), Ministério da Integração (MI) e o [iii] regulamenta que todo alerta de risco de desastres naturais emitido pelo Cemaden deverá ser enviado ao CENAD, para se constituir em subsídio fundamental na tomada de ações preventivas de proteção civil, entre outros aspectos legais. Este procedimento está demonstrado na figura abaixo, que integra as ações do Cemaden com seus parceiros.

Os alertas do Cemaden são enviados ao CENAD/MI³⁴, que os repassa para os órgãos de Defesa Civil Estadual e Municipal, e resultam da combinação da possibilidade de ocorrência e do impacto potencial, podendo ser moderado, alto e muito alto.

³⁴ <https://www.cemaden.gov.br/o-alerta/>

Em caso de alerta o CENAD/MI recomenda as seguintes ações de proteção e Defesa Civil de acordo com a figura a seguir:

Figura 5: Procedimento de ações preventivas de Proteção Civil Cemaden.



Fonte: <https://www.cemaden.gov.br/o-alerta/>

Os alertas do Cemaden são enviados ao CENAD/MI³⁵, que os repassa para os órgãos de Defesa Civil Estadual e Municipal, e resultam da combinação da possibilidade de ocorrência e do impacto potencial, podendo ser moderado, alto e muito alto.

Em caso de alerta o CENAD/MI recomenda as seguintes ações de proteção e Defesa Civil:

► Risco de nível moderado: possibilidade de ocorrência do fenômeno alertado e, caso ocorra, espera-se impacto moderado para a população. Recomendável sobreaviso das equipes municipais.

► Risco de nível alto: alta possibilidade de desastre, com grande impacto para a população. Recomendam-se as ações previstas no Plano de Contingência Municipal, dentre outras, como: verificação *in loco* nas áreas de risco, acionamento dos órgãos locais de apoio, preparação de abrigos e rotas de fuga.

► Risco de nível muito alto: alta probabilidade de ocorrência do fenômeno alertado, com potencial para causar grande impacto na população. Recomenda-se aos órgãos municipais de proteção e Defesa Civil³⁶ as ações previstas no Plano de Contingência Municipal, verificação *in loco* nas áreas de risco, acionamento de sistema de sirenes, possibilidade de desocupação das áreas de risco e direcionamento das equipes de resposta para as proximidades das áreas de risco.

São muitos os desafios que o Cemaden visa transpor para conseguir evitar os efeitos trágicos de desastres naturais decorrentes das chuvas. No entanto, possui toda uma estrutura, com planejamentos estratégicos onde diversos órgãos estão unidos em prol de um objetivo comum, com foco observacional na seca, geodinâmica e na hidrologia.

E também na intensificação da fiscalização e planos de prevenção e de gestão de riscos, como: Criação de cultura de prevenção pré-desastre (população/governos), comunicação do risco (alerta); Mapeamento das áreas vulneráveis de risco visando a prevenção; Sistemas multiameaça: conhecimento técnico e científico para desenvolver estes sistemas; Criação de

³⁵ <https://www.cemaden.gov.br/o-alerta/>

³⁶ <https://www.defesacivil.sp.gov.br/>

capacidades para redução de risco de desastres: monitoramento e pesquisa avançada; Criar e manter articulação das ações de gestão de risco de desastres naturais.

É impossível evitar ou minimizar os impactos dos desastres naturais, visto a grande quantidade de vítimas em decorrência dos eventos climáticos. Então, a solução está na mudança de cultura, nos processos de urbanização do país, na necessidade de um sistema de alerta, validar alertas e avaliar alertas.

O Cemaden atua juntamente com a Defesa Civil, a qual age com preparação e respostas aos desastres procedendo com a elaboração dos planos de contingência e emergência, os quais traçam a definição das rotas de fuga, a realização dos treinamentos simulados de desocupação de área, a implantação de sistema de alertas, cursos de assistência à comunidade e primeiros socorros, organização de kits, definição de abrigos, entre outros.

Um plano de contingência/emergência escolar deve ter um conjunto de ações planejadas para salvar vidas e evitar danos materiais, tais como: uma comunicação coordenada e eficiente; organização para evacuar o lugar em risco, atender pessoas com necessidades especiais e feridas, ter clareza de quais são os locais seguros para se protegerem.

As instituições públicas mais indicadas para atuar junto à comunidade escolar e local na fase de preparação e na resposta em casos de emergência são: Defesa Civil Municipal ou Estadual, os Bombeiros, o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU).

São apresentadas na figura as principais experiências em gestão de risco de desastres no Brasil.

Figura 6: Experiências em gestão de risco de desastres no Brasil



Fonte: Sequência cíclica das fases de gerenciamento de desastres (modificado de Thouret, 2007)

Observa-se na figura 6 que há uma gestão de riscos de desastres no Brasil de forma bem elaborada com ações previstas para o antes, durante e depois. Esse gerenciamento é organizado por fases, as quais observam todos os aspectos pertinentes à suposta ou à ocorrência propriamente dita, de maneira que se possa minimizar o máximo possível às consequências.

2.3.2 Projeto Cemaden Educação

O Projeto Cemaden Educação foi implantado em 2014, tendo como foco atuar junto às escolas da Rede Estadual de Ensino Médio localizadas em áreas de riscos de desastres socioambientais, com propostas de ações educativas que colaborassem com a comunidade escolar para a conscientização, percepção e prevenção relacionadas aos riscos de desastres naturais no amplo contexto da Educação Ambiental, com o objetivo de contribuir para a construção de escolas sustentáveis e resilientes (edificações, gestão e currículo).

A finalidade deste órgão é que cada escola se torne um Cemaden micro-local, ou seja, um espaço de pesquisa, monitoramento do clima (chuvas), compartilhamento de conhecimentos e com potencial para emitir alertas de desastres. Com preparo também para gerir e intervir de forma participativa na comunidade local, envolvendo-a em ações de prevenção.

No Projeto, as tecnologias de informação e comunicação são utilizadas de forma criativa por meio de três eixos que se complementam, sendo eles:

- ▶ **Ciência cidadã:** vivenciada por meio de pesquisas, coleta de dados locais, análise e disponibilização de resultados em rede;

- ▶ **Compartilhamento de informações:** envolvendo um sistema colaborativo entre as escolas participantes via site: <http://cemadeneducacao.gov.br> e aplicativo de celular.

- ▶ **Com-Vidação:** Comissão de Prevenção de Desastres e Proteção da Vida, envolvendo escola, comunidade, Defesa Civil entre outros setores sociais, com intenção de uma gestão participativa.

O Cemaden Educação possui como características e princípios: Jovem educa jovem, jovem escolhe jovem e jovem aprende com jovem. Podemos visualizar melhor como isso ocorre na prática observando o quadro 1 que se segue:

Quadro 01: Características dos princípios do Cemaden Educação

PESQUISA INICIAÇÃO CIENTÍFICA NO ENSINO MÉDIO	INTERVENÇÃO TRANSFORMADORA NAS COMUNIDADES
Aprendizagem significativa	Lideradas por jovens
Produção de conhecimento na escola	Projetos coletivos
Currículo trans/inter-disciplinar	Pesquisa - ação – participativa
Ciência-Tecnologia-Sociedade-Ambiente	Educomunicação
Saberes tradicionais e originários	Gestão democrática
Linguagem simples e didática	Controle social
Incentiva aprofundamento em sala de aula	Educação entre pares
Abre percepção trabalho em novas áreas	Conectados entre si = rede de proteção
Atlas coletivo on line	Conectados entre si = rede de proteção

Fonte: <http://cemadeneduacao.gov.br>

Buscando desta forma, construir uma rede de proteção de desastres junto com as escolas e comunidades; Integrar educação formal / não formal (Pluviômetros nas Comunidades) / informal (comunicação); Compartilhar conhecimentos sobre eventos que podem provocar desastres socioambientais; Contribuir para políticas de educação integrada no enfrentamento de desastres.

O Cemaden Educação articula várias ações, a qual julga de relevância para alcançar os objetivos a que se propõe, pois somente com essa rede bem estruturada é possível desenvolver ações que reverberem em benefício à comunidade local e com a disseminação dos conhecimentos adquiridos, atinge a comunidade como um todo.

2.3.3. (PROEX) ICT UNESP SJC: parceria com o Cemaden

Este programa de Extensão Universitária PROEX/ ICT UNESP – tem por objetivo a formação sobre o tema: Gestão de risco de desastres”. Sendo a proposta deste projeto que cada escola se torne um espaço de realização de pesquisas, onde se possa monitorar o tempo e o clima, tendo a oportunidade de compartilhar conhecimentos, entendendo e emitindo alertas de desastres, sendo apta a propor ações que previnam os desastres socioambientais, mas também para avaliar a capacidade da escola em responder a esses acontecimentos. O MCTIC foi um dos parceiros desse projeto.

O Cemaden Educação vem realizando desde 2015 este Projeto de Extensão com participação dos alunos e professores do curso de Engenharia Ambiental do Instituto de Ciência e Tecnologia da UNESP (ICT/UNESP) de São José dos Campos.

Foram realizadas oficinas variadas, inicialmente em escolas de Ensino Médio nas cidades de São Luís do Paraitinga e Caçapava e posteriormente, foram ministradas também aos professores da área de Geografia da Rede Pública Municipal de São José dos Campos, apresentando-se sempre nos moldes tanto teóricos quanto práticos.

Elas contavam com a participação de diversos segmentos, conforme especificado na tabela abaixo:

Tabela 1: Especificação dos participantes do PROEX:

PARTICIPANTE		
FUNÇÃO		ATIVIDADE
DOCENTES	03	Organização, elaboração e supervisão dos alunos extensionistas durante as formações e execução das atividades na EEMIG.
COLABORADORES	06	Organização, elaboração, realização das formações dos alunos extensionistas e apoio na execução das atividades na EEMIG.
SUPORTE TÉCNICO	01	Apoio no registro e aquisição de materiais audiovisuais durante a execução de atividades na EEMIG.
ALUNOS	12	Participação nas formações e execução na EEMIG das atividades definidas nas formações.

Fonte: Elaborada pela pesquisadora, com dados do PROEX (2015)

Este Projeto de Extensão contou com a colaboração de doze alunos de graduação, três docentes, um técnico administrativo e seis colaboradores externos. A maior parte dos

envolvidos externos eram pesquisadores do Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais (CEMADEN)³⁷.

No primeiro semestre de 2015, o projeto foi desenvolvido através de múltiplas atividades, e aconteceram na escola de Ensino Médio - Escola Estadual Monsenhor Ignácio Gióia, em São Lus do Paraitinga – SP, são elas: Oficina de História Oral, de Futuro, Bacia Hidrográfica e Visita de Campo. A atividade “Oficina de Futuro” foi dividida em três partes que se intitulavam: “A árvore dos sonhos”, “As pedras no meio do caminho” e “A ponte das ações”. Tudo alicerçado nos sonhos dos alunos que participaram do projeto, na maneira que esperavam ou julgavam ser uma comunidade protegida contra desastres.

Está descrito abaixo uma atividade cujo título é “Oficina de Futuro”, onde os alunos identificaram seus sonhos em comum, as barreiras para alcançar esses sonhos (“Pedras no Caminho”), também discutiram, planejaram e explicaram as ações a serem tomadas no êxito do sonho de comunidade protegida de desastres naturais. Conforme se pode observar nas imagens em sequência:

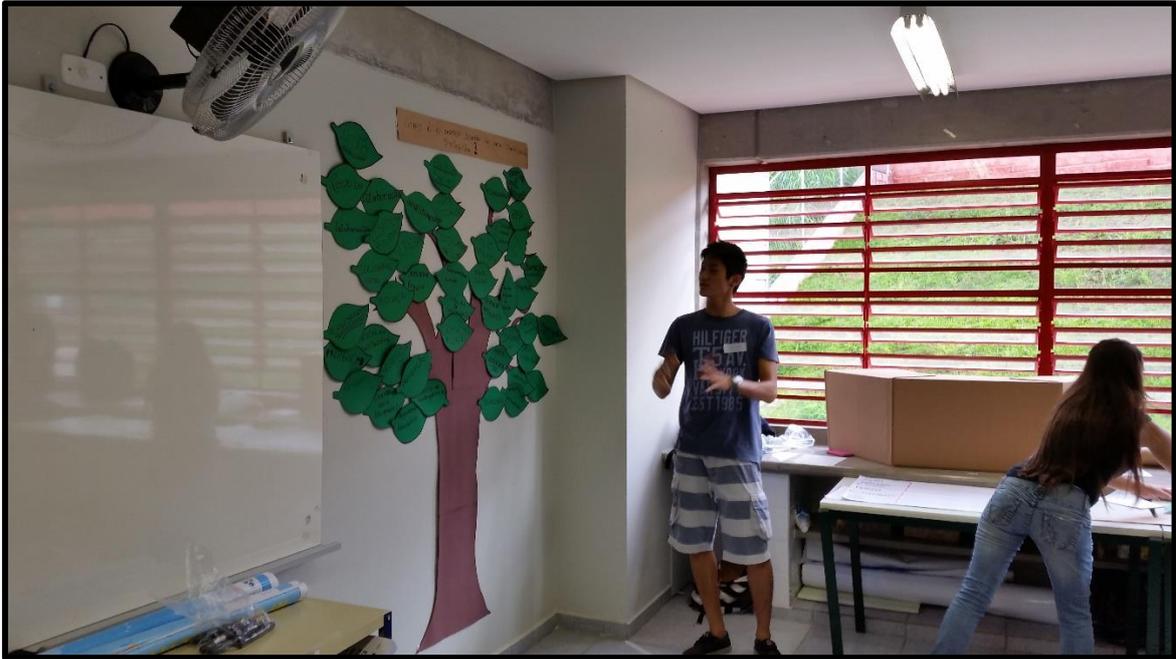
Imagem 06: Oficina Árvore dos Sonhos – PROEX



Fonte: Acervo do PROEX

Imagem 07: Oficina Árvore dos Sonhos – PROEX

³⁷ Dados do PROEX e 8º Congresso de Extensão Universitária da UNESP, 2015. Título, autores – ISSN 2176-9761).



Fonte: Acervo do Proex

Imagem 08: Oficina Árvore dos Sonhos – PROEX



Fonte: Acervo do PROEX

A instabilidade e descrédito no governo e o desconhecimento do assunto estão entre os principais obstáculos identificados. Entre as medidas sugeridas para superação do obstáculo do desconhecimento, estão as propostas de campanhas de conscientização dentro da própria

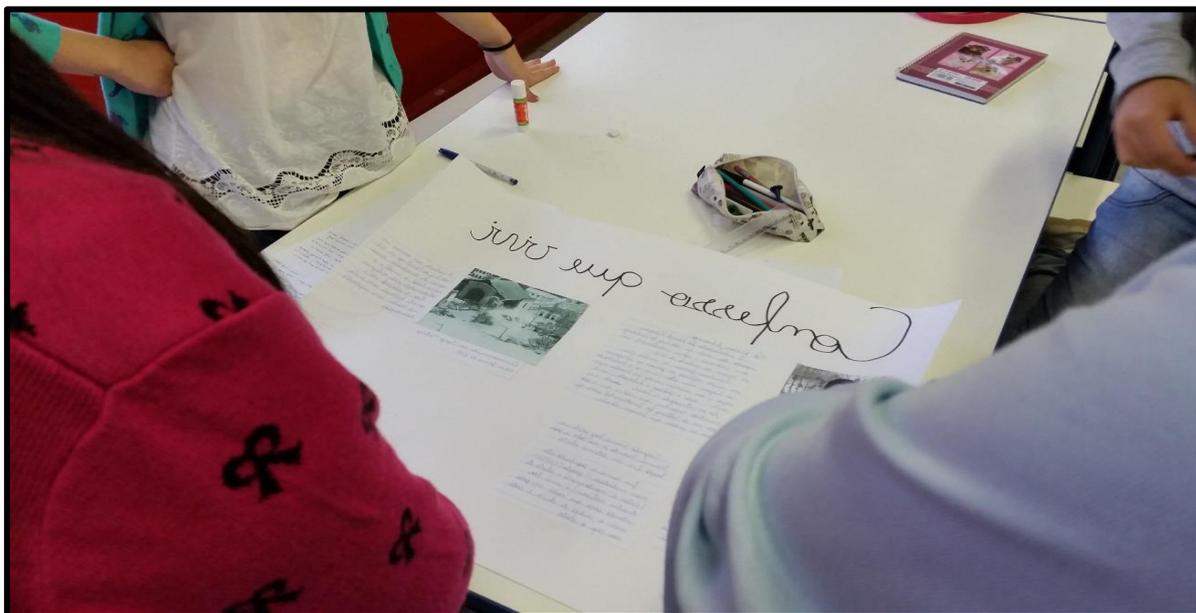
Unidade Escolar, como uma de suas atividades para organizar uma Com-Vidação. No encerramento das oficinas, abriam-se debates referentes às ações que cada um poderia fazer a fim de contribuir no alcance dos sonhos.

Com a contribuição de uma professora que leciona em uma Universidade no Vale do Paraíba, especialista na área de História, foi realizada uma introdução sobre o tema “História Oral”, com a participação de moradores da cidade que vivenciaram o desastre em 2010.

Essa dinâmica contou com a participação dos alunos do Ensino Médio em grupos, onde cada grupo entrevistaria um dos convidados, as questões eram em forma de um questionário sucinto, com o objetivo de se ter informações além do que já havia sido emitido pela imprensa, ou seja, sentimentos ao vivenciar tamanha catástrofe.

A atividade de “História Oral” e a produção de jornais feita pelos alunos, os quais eram distribuídos para comunidade posteriormente às oficinas, resultaram numa excelente forma de prevenção e redução dos riscos frente aos desastres. Pode-se visualizar este momento de aprendizado coletivo na imagem a seguir:

Imagem 09: Oficina História Oral – PROEX



Fonte: Acervo do PROEX

Ao término, cada grupo preparou e expôs um pôster simulando uma matéria de capa de um jornal, sobre a entrevista realizada. A atividade de "História viva" mostrou as diferentes experiências, visões e formas de ver e sentir os desastres naturais, no tempo e no espaço. Propôs

a coleta de narrativas e testemunhos dos desastres (enchentes, deslizamentos, secas) que ocorreram no bairro da escola/comunidade. Os estudantes vivenciaram a preservação da memória coletiva e individual relativo às mudanças socioambientais locais por meio de relações inter-geracionais (com pessoas de diversas idades/gerações).

Na sequência das oficinas, houve a explanação realizada por uma docente da UNESP-ICT sobre os conceitos básicos relativos à cartografia e funcionalidades do software Google Earth, como instrumentos para pesquisa do meio e realizaram uma atividade intitulada “Bacia Hidrográfica”, onde desenvolveram os trabalhos sobre a orientação e acompanhamento de uma representante do Cemaden no laboratório de informática da escola Monsenhor Ignácio Gioia, com a oferta de uma atividade aos docentes e alunos do Ensino Médio com o objetivo de identificar elementos da paisagem e áreas de risco de desastres, baseada apenas no conhecimento individual a respeito da região que ocupam. Os dados levantados por eles foram compostos numa base de dados geográfica sobre a cidade. Segue na imagem 10 e 11 este momento intenso e rico de aprendizado coletivo:

Imagem 10: Oficina Cartografia Social – PROEX



Fonte: Acervo do PROEX

Imagem 11: Oficina Cartografia Social: PROEX



Fonte: Acervo do PROEX

A finalidade desta atividade foi a formação da rede de observação e coleta de dados de chuvas por meio da instalação de pluviômetros (instrumento meteorológico utilizado para recolher e medir a quantidade de chuvas).

Ela trata do monitoramento participativo da ocorrência - ou não - de chuvas, com a análise dos períodos de duração intensidade e, da distribuição das chuvas no território formado pela rede observacional da escola.

Eventos extremos sobrevieram através da falta de chuva (secas, incêndios florestais) ou por seu excesso (enchentes, inundações, alagamentos, enxurradas, deslizamentos) e são cada vez mais corriqueiros, o que requer prevenção para que não se tornem desastres. Tais acontecimentos interferem em nosso dia a dia, mudando a paisagem e os ecossistemas, a produção de alimentos e de energia, a nossa mobilidade o acesso à água limpa, a segurança, em nossa saúde e no bem-estar da comunidade.

Esta atividade aconteceu de forma colaborativa (*crowdsourcing*)³⁸ por meio do qual os dados coletados contribuem significativamente com a ampliação da área de cobertura da rede de observação pluviométrica do Brasil, ao mesmo tempo que estimula a produção de conhecimentos na escola, o envolvimento dos jovens em ações de autoproteção, bem como despertam para a formação de comunidades alertas às dinâmicas do tempo e mudanças do

³⁸ <https://dicionario.priberam.org/crowdsourcing>

clima. Diversas outras atividades podem ser feitas nas variadas disciplinas do currículo escolar, e de formas bem variadas. São elas:

- ▶ Compreensão das propriedades dos objetos e sua posição relativa.
- ▶ Desenvolvimento do raciocínio espacial por meio de construções e formas.
- ▶ Solução de problemas do cotidiano de maneira a contribuir e ampliar para noções de variação de grandezas, oportunizando a compreensão da realidade.
- ▶ Pesquisar acontecimentos históricos e localizá-los através dos tempos.
- ▶ Cientificar-se dos conhecimentos que as comunidades possuem, valorizando-os, especialmente dos moradores mais idosos.
- ▶ Utilizar linguagem gráfica com intuito de desenvolver mecanismos de sistematização das informações.
- ▶ Observar e analisar o processo de conservação e destruição dos ambientes naturais, de forma a conhecer a dinâmica e a força humana, a qual se amplia a cada dia devido aos avanços tecnológicos e econômicos os quais incidem na natureza, em diferentes escalas, mas também conhecer formas de controle e prevenção.
- ▶ Revisar os elementos da cartografia, produzir mapa temático, ler e interpretar linguagens gráficas, especialmente cartográficas. Produzir símbolos pictóricos.
- ▶ Construir estratégias para resolver os problemas ambientais de maneira conceituada e organizada.
- ▶ Leitura e interpretação de textos e símbolos gráficos. Relacionar entre informações das diferentes áreas do saber na interpretação de símbolos e produção textual.

Propiciando desta maneira, o desenvolvimento de uma gama de atividades com os estudantes de maneira diversificada e interdisciplinar.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa

Essa pesquisa possui uma abordagem qualitativa descritiva, pois conforme Duarte (2002), esse método de pesquisa retrata a realidade e o sujeito de forma indissociável, considerando suas particularidades e traços subjetivos. Ademais, considera-se que foi realizada em um caráter exploratório, pois estimulou às pessoas entrevistadas a pensar e a expressar livremente sobre o assunto estudado. De acordo com Gil (2008):

São incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população. Também são pesquisas descritivas aquelas que visam a descobrir a existência de associações entre variáveis. As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente e realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. (GIL, 2008, p. 28).

Defende-se que a busca pelo foco qualitativo dentro da pesquisa é de grande valia, pois se concorda com as análises de Minayo (2010), quando faz referência à pesquisa qualitativa, como aquela que:

[...] trabalha com o universo de significados, motivações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo de relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização (MINAYO, 2010, p.17).

Assim sendo, deve-se ter um olhar sensível e perscrutador na abordagem aos sujeitos da pesquisa, com a finalidade de captar o máximo de informações possíveis, ou seja, aquelas que vão além das entrelinhas.

3.2 População

O público alvo desta pesquisa é composto por um (1) Professor Coordenador do Projeto Cemaden Educação na escola, (1) Professor Coordenador Pedagógico que coordena todos os projetos da escola e três (3) ex-alunos do Ensino Médio que participam do projeto desde sua fase piloto de execução, pois na atualidade estes alunos já não compõem mais o corpo discente desta Unidade Escolar, visto que já finalizaram o referido curso, totalizando assim cinco (5) pessoas participantes da pesquisa.

Eles foram sujeitos ativos nas ações e no monitoramento do Projeto desenvolvido em uma escola situada em um município do interior do Vale do Paraíba Paulista, a qual está construída em área de risco ambiental.

3.3 Instrumentos de Pesquisa

Nesta pesquisa foram utilizados os seguintes instrumentos: Análise Documental e Entrevista semiestruturada.

a) Análise Documental: É a análise desenvolvida por meio da discussão as quais os temas e os dados suscitam. Inclui geralmente o corpus da pesquisa, as referências bibliográficas e o modelo teórico. Especificamente no caso da análise de documentos, recorre-se geralmente para a metodologia da análise do conteúdo:

Conjunto de técnicas de investigação científicas utilizadas em ciências humanas, caracterizadas pela análise de dados linguísticos. [...]. Normalmente, nesse tipo de análise, os elementos fundamentais da comunicação são identificados, numerados e categorizados. Posteriormente as categorias encontradas são analisadas face a uma teoria específica (APPOLINÁRIO, 2009. p.27).

Na busca por elementos que possibilitem a melhor compreensão do método de análise utilizado, abordou-se a técnica, análise e pesquisa. Relacionando esses conceitos ao campo da pesquisa documental, pode-se encontrar o posicionamento de Minayo (2008) que, ao debater o conceito e o papel da metodologia nas pesquisas em ciências sociais, destaca enfoque plural para a questão: “a metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade e também o potencial criativo do pesquisador” (MINAYO, 2008. p. 22).

Nesta pesquisa foram objetos de análise os seguintes documentos: O Projeto Cemaden Educação; o Relatório PROEX ICT UNESP SJ: parceria Educação; o PPP da escola afim de observar como ocorreu e de que forma a comunidade escolar vê o projeto.

b) Entrevista semiestruturada: De acordo com Minayo (2008) a entrevista é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo, tomada no sentido amplo de comunicação verbal e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico.

A entrevista oportuniza o diálogo face a face, sendo utilizada para “mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes”, ou seja, ela fornece dados básicos para “uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações” em relação aos atores sociais e contextos sociais peculiares. (MINAYO, 2008; CERVO; BERVIAN, 2007, p.52).

A entrevista semiestruturada possui principalmente perguntas abertas, dando ao entrevistado a possibilidade de falar mais livremente sobre o tema proposto, mas o roteiro pode possuir também perguntas fechadas, geralmente de identificação ou classificação (MINAYO 2008, p.20).

De acordo com Lakatos e Marconi (2010) com o uso de entrevistas, você consegue: averiguar fatos ocorridos; conhecer a opinião das pessoas sobre os fatos; conhecer o sentimento da pessoa sobre o fato ou seu significado para ela; descobrir quais foram, são ou seriam as condutas das pessoas, sejam elas passadas, presentes ou planejadas (futuras); descobrir fatores que influenciam os pensamentos, sentimentos ou ações das pessoas.

O roteiro da entrevista se encontra no Apêndice A desse projeto. Acredita-se que este instrumento de pesquisa ofereceu margem de coleta de dados, que se traduziram em características específicas dos sujeitos, suas subjetividades, suas concepções e adversidades, que retrataram os indivíduos dentro das questões que se quis pesquisar.

Optou-se, portanto, por esta abordagem metodológica, pelo fato de privilegiar no processo de entrevista a fala em suas pequenas particularidades, uma vez que, além das palavras, também perscruta as emoções, que se expressam nas pausas, nos silêncios, nos risos e nos gestos.

3.4 Procedimentos para Coleta de Dados

Como instrumento de coleta de dados foram aplicadas entrevistas. No entanto, antes que fossem efetivadas aguardou-se a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté (CEP-UNITAU), por utilizar seres humanos para a coleta de dados que tem a finalidade maior de defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade, contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

A realização de pesquisas qualitativa; a análise do “contexto, da história, das relações, das representações [...], visão de vários informantes e o emprego de uma variedade de técnicas de coleta de dados acompanha o trabalho de investigação” (MINAYO, 2010, p. 28-29).

Ainda de acordo com Minayo (2010), no que tange à coleta de dados, a Triangulação permite que o pesquisador possa lançar mão de três técnicas ou mais com vistas a ampliar o universo de informações em torno de seu objeto de pesquisa, utilizando-se, para isso, por exemplo, do grupo focal, entrevista, aplicação de questionário, dentre outros.

Os sujeitos foram esclarecidos quanto ao perfil e objetivos da mesma, como também tiveram acesso aos documentos protocolares necessários à sua realização: protocolo do número de registro da pesquisa, decorrente da autorização emitida pelo CEP da instituição e cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. Após sua aprovação, por meio do protocolo de número 2.600.091, foi solicitada a autorização dos gestores da escola para se realizar a coleta de dados.

Desta forma, após o contato com a escola, a especificação do trabalho a ser desenvolvido e o consentimento, empreendeu-se na busca dos sujeitos para efetivação das entrevistas em consonância às exigências já aqui explicitadas. Foram feitos convites aos participantes, onde foi possível demarcar os professores e alunos do segmento em análise que se dispuseram a participar da proposta e atenderem ao tempo de atuação, o que é imprescindível para participação nessa pesquisa. Inicialmente, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos indivíduos que aceitaram participar do estudo, sendo-lhes garantido o sigilo de sua identidade. A eles foi assegurado o desligamento do estudo, a qualquer tempo, se assim o desejassem. Ainda observando os cuidados éticos necessários à pesquisa, destacou-se que os procedimentos de coleta de dados não ofereceriam qualquer tipo de risco aos sujeitos entrevistados (físico ou emocional).

Assim, foi realizado o convite a um Professor Coordenador da Escola, um Professor Coordenador do Projeto Cemaden Educação na escola e três ex-alunos participantes ativos no projeto que se propuseram a atender às exigências concernentes ao estudo em questão.

O Professor Coordenador do Projeto na Unidade Escolar e o Professor Coordenador Pedagógico da escola foram convidados a participar da pesquisa via meios de comunicação (telefone e celular) os quais aceitaram prontamente. Foi quem indicou os alunos, os quais julgava que iriam ser receptivos ao convite e também poderiam contribuir com dados importantes, visto que foram participantes ativos no desenvolvimento do mesmo.

As entrevistas dessa pesquisa se deram de forma em que os participantes se sentiram livres e tranquilos para responderem às questões constantes da mesma. Foram realizadas individualmente com cada Professor Coordenador e ex-estudantes sobre os seguintes temas: Como visualizam o projeto; porque se interessaram em participar; quais os pontos positivos do projeto; quais os pontos negativos do projeto.

O discurso dos professores e discentes ouvidos foram sem qualquer tipo de debate ou contestação que pudessem afetar-lhes a tranquilidade pessoal, ou, ainda, as convicções filosófico-epistemológicas, morais, ou as respectivas opções de práticas profissionais. Tais providências estão em conformidade com as determinações da Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, publicada no Diário Oficial da União em 13 de junho de 2013, documento que regulamenta as condições para o desenvolvimento de pesquisa envolvendo seres humanos.

A coleta de dados advinda da análise documental, foi realizada em dois momentos: um por meio de análise de material online e do material disponível na instituição e outro na escola em que foi feita a pesquisa, do PPP.

Posteriormente, foi realizada mais uma entrevista com o professor Coordenador do Projeto e o Professor Coordenador da UE, para obtenção de maiores informações sobre o Projeto Cemaden Educação, bem como, sobre os demais projetos que a escola desenvolve.

As entrevistas com o Professor Coordenador do Projeto, com uma das ex-alunas que se dispuseram a auxiliar na pesquisa foram realizadas individualmente no ambiente escolar, em um espaço especificado pela gestora da unidade. Com dois ex-alunos em locais especificados pelos entrevistados para que viabilizasse a participação dos mesmos. Foram gravadas em mídia digital e serão armazenadas pela pesquisadora por um período de 05 anos, quando serão descartadas.

A entrevista com o professor Coordenador do Projeto Cemaden Educação e com uma das ex-alunas participantes se deu no ambiente escolar, mais precisamente na sala da diretora da escola, a qual nos recebeu amistosamente sendo bastante prestativa, nos cedendo sua sala para realização da mesma.

O professor Coordenador do Projeto Cemaden, prontamente nos atendeu em seu horário de intervalo do lanche, o qual acabou sendo ultrapassado para que o mesmo pudesse responder a todas as questões que lhe foram submetidas, as quais estavam de acordo com o que foi elaborado no projeto de pesquisa, pela orientanda e orientadora. Ele ia respondendo-as com riqueza de detalhes, gesticulando bastante, de forma a suscitar uma maior afirmação ao que falava.

A aluna entrevistada, identificada como número dois (2) na presente pesquisa, a qual não estuda mais na escola, no entanto se prontificou a colaborar, compareceu à Unidade Escolar logo após a entrevista com professor e também foi entrevistada de acordo com as questões propostas no projeto de pesquisa. Respondeu rapidamente às questões com respostas bastante objetivas.

Após a entrevista, foi-lhe indagado se podíamos fazer uma visita onde estava instalado o pluviômetro. Solicitamente atendeu ao pedido e nos dirigimos às dependências da escola onde o mesmo se encontrava. O aparelho estava instalado na sala do Coordenador Pedagógico da escola, parte do equipamento, e outra parte do lado externo, mais precisamente atrás da escola, em um local onde somente os monitores poderiam ter acesso, visando assim protegê-lo de danificações pelo mau uso. Descreveu sobre o dia de sua instalação e da importância deste equipamento para a comunidade. Porém, no momento ele não estava em pleno funcionamento.

As entrevistas realizadas com dois dos ex-alunos, denominados 3 e 4 foram por meios de comunicação, via *whatsApp*³⁹, devido à dificuldade de conseguirmos um encontro presencial. As questões foram sendo propostas uma a uma, as quais iam respondendo de forma tranquila e pausadamente, buscando qualidade nas informações.

As entrevistas realizadas após a Qualificação mediante solicitação de um membro da Banca para averiguação de como está o Projeto Cemaden Educação no momento e também para averiguar sobre outros projetos desenvolvidos pela escola, os quais julga que também são muito importantes de serem elencados, foram realizadas na escola onde ocorreu a pesquisa.

Primeiramente foi realizada a entrevista com o professor Coordenador do Projeto Cemaden Educação. Desta vez em uma sala de apoio pedagógico da escola. Ele novamente discorreu sobre todos os questionamentos com perspicácia e desenvoltura, reforçando o que já havia dito e ampliando um pouco o repertório de informações.

A entrevista realizada com o Professor Coordenador Pedagógico se deu no ambiente escolar, mais precisamente em sua sala de trabalho. Veio a constatar o que o Professor Coordenador do Projeto Cemaden Educação já havia descrito sobre o mesmo, e também prestou algumas novas informações sobre os projetos que a escola desenvolve.

3.5 Procedimentos para Análise de Dados

As entrevistas foram transcritas e os textos preparados para serem tratados pelo *IRaMuTeQ*. O *IRaMuTeQ* é um *software*⁴⁰ gratuito desenvolvido sob a lógica da *open source*, licenciado por GNU GPL (v2). Ele organiza a distribuição do vocabulário de forma facilmente compreensível e visualmente clara (análise de similitude e nuvem de palavras). Nas análises lexicais clássicas, o programa identifica e reformata as unidades de texto, transformando Unidades de Contexto Iniciais (UCI) em Unidades de Contexto Elementares (UCE); identifica a quantidade de palavras, frequência média e número de *hapax* (palavras com frequência um); pesquisa o vocabulário e reduz das palavras com base em suas raízes (lematização); cria dicionário de formas reduzidas, identifica formas ativas e suplementares (CAMARGO; JUSTO, 2013, p. 17).

³⁹ WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para celulares. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet.

⁴⁰ O software ancora-se no R (www.r-project.org) e na linguagem Python (www.python.org).

A modalidade de análise desdobrou-se em três etapas que englobam: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos o qual foi feito a princípio pelo *softwer IRamuteQ*, com fonte aberta, o qual foi desenvolvido por Pierre Ratinaud (RATINAUD & MARCHAND; LAHLOU, 2012, p. 68), que permite fazer análises estatísticas sobre corpus textuais e sobre tabelas indivíduos/palavras.

A pré-análise consiste em uma leitura flutuante, análise dos documentos, formulação das hipóteses e objetivos e elaboração de indicadores. (SILVA & FOSSA, 2015; MINAYO, 2013). O tratamento prévio dos dados das entrevistas foi desenvolvido da seguinte forma: baixar o *softwer IRamuteQ* no computador; Realizar a transcrição das entrevistas; Devidamente tratadas, ou seja, revisão textual das falas (corpus textuais) dos entrevistados, só as falas dos entrevistados são lançadas para a análise visto que o *softwer* tem um padrão específico para processamento de texto, suprimindo-se os vícios de linguagem visando a aquisição de dados fidedignos.

Ao estruturar os textos dessa forma, foram salvos em bloco de notas em formato TXT (copia e cola no arquivo de texto de extensão “TXT”), obedecendo às regras de leitura do *IRamuteQ*: os parágrafos foram eliminados e concentrado o corpus textual em um único texto corrido.

O texto já estruturado, alinhado em formato TXT, foi importado para o *IRamuteQ*, procedeu-se a abertura do corpus textual, escolhida as classes gramaticais (palavras mais relevantes) iniciando o procedimento de análise que produziu dados em formatos variados das entrevistas.

Na sequência, foi realizada a análise de conteúdo das falas dos sujeitos segundo os autores Bardin (1977) e Franco (2008); a triangulação destes dados considerou: (a) as falas dos sujeitos; (b) a análise documental; e (c) o referencial estudado.

A Análise por Triangulação de Métodos está presente em *modus operandi* pautado na preparação do material coletado e na articulação de três aspectos para proceder à análise de fato, sendo que o primeiro aspecto se refere às informações concretas levantadas com a pesquisa, quais sejam os dados empíricos, as narrativas dos entrevistados; o segundo aspecto compreende o diálogo com os autores que estudam a temática em questão; e o terceiro aspecto se refere à análise de conjuntura, entendendo conjuntura como o contexto mais amplo e mais abstrato da realidade (BARDIN, 1977 & FRANCO, 2008).

A opção pela Análise por Triangulação de Métodos significa adotar um comportamento reflexivo-conceitual e prático do objeto de estudo da pesquisa sob diferentes perspectivas, o

que possibilita complementar, com riqueza de interpretações, a temática pesquisada, ao mesmo tempo em que possibilita ou aumenta a consistência das conclusões.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 Caracterização dos sujeitos

Com o intuito de conhecer melhor os entrevistados desse estudo, apresenta-se um breve histórico do Professor Coordenador do Projeto Cemaden Educação e do Professor Coordenador da Escola, lócus dessa pesquisa. Em sequência, consta uma tabela, no qual são designados números aos alunos envolvidos, contendo dados específicos de cada um.

► **Caracterização do Professor Coordenador do Projeto Cemaden Educação na Unidade Escolar:** O professor entrevistado é do sexo masculino, tem 45 anos, possui formação acadêmica na área de História. É graduado e Pós-Graduado-Mestre, e está iniciando o Doutorado. Nascido e residente na cidade a qual a escola onde ocorreu o Projeto está localizada. Solteiro, não possui filhos, mas disse que considera seus alunos como filhos, pelo muito amor que tem para com eles e pela profissão do Magistério, sentindo-se realizado na mesma.

Foi aluno da escola, na qual iniciou com 07 anos de idade, no primeiro ano primário e teve a oportunidade de cursar na mesma escola até o Ensino Médio, o que era o seu desejo. A escola só comportava até o 8º ano e quando estava próximo de finalizar seus estudos no Ensino Fundamental e teria que sair da Unidade, foi criado o nível de Ensino Médio na mesma, o que o deixou extremamente satisfeito, pois gostava muito de estudar nesta escola.

Ao término deste curso, ingressou na faculdade, onde cursou História, na Universidade de Taubaté (UNITAU) e concomitante aos estudos, trabalhava na escola como secretário concursado.

Quando finalizou a graduação, foi trabalhar na escola como professor na qual havia passado toda sua vida escolar do 1º ano primário ao 3º ano do Ensino Médio, na função de secretário. Ele mesmo foi responsável pela sua atribuição de aulas, iniciando como professor de História.

Foi também vice-diretor desta escola por um período de quatro anos, e depois por contingência de funcionários, onde a escola poderia ter somente o diretor, ele retornou para a sala de aula, o que para ele foi bem tranquilo, visto que lecionar é um grande prazer.

Passou praticamente sua vida acadêmica e profissional nesta escola, a qual para ele é muito importante e julga-se uma ótima referência para discorrer sobre esta escola e o que acontece no seu âmbito, pois representa um local onde passou a maior parte de sua vida.

Possui um relacionamento tanto profissional, quanto amigável com a comunidade escolar. Encontram-se em eventos tanto no contexto escolar, como fora dele, visto que a cidade é pequena e todos se conhecem e se relacionam no dia a dia. Percebe-se bem querido e respeitado pelos alunos e por toda comunidade. É uma pessoa bastante amistosa, e apresenta uma retórica fluente e firme em seus relatos, demonstrando muita segurança e conhecimento.

► **Caracterização do Professor Coordenador Pedagógico da Unidade Escolar:** O professor entrevistado é do sexo masculino, tem 31 anos, possui formação acadêmica na área de Inglês. É nascido em Redenção da Serra. Graduou-se na Unitau, Taubaté. Já trabalhou na Secretaria da Educação de Taubaté.

É residente na cidade onde se encontra a escola na qual ocorreu o Projeto Piloto do Cemaden Educação. Solteiro, não possui filhos e mora com seus pais. Está atuando como Coordenador Pedagógico da escola no momento, a qual é sua Sede. Sentindo-se realizado com esta atuação. Trabalha há seis anos na escola e há dois anos está na Coordenação. Ministrava aulas de Inglês, antes de assumir a Coordenação. Possui um relacionamento tanto profissional, quanto amistoso com a comunidade escolar.

Tabela 2: Caracterização dos alunos

Alunos	Caracterização
--------	----------------

Aluno 1	Sexo feminino tem 18 anos, solteira. Reside na zona rural. Estudou na escola do 1º ano do Ensino Fundamental ao 3º do ano do Ensino Médio, onde concluiu seus estudos no ano de 2017. Atualmente, estuda Direito na Universidade de Taubaté e não trabalha para dedicar-se melhor aos estudos.
Aluno 2	Sexo feminino tem 17 anos, solteira. Reside no centro da cidade. Estudou na escola do 1º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Atualmente, faz cursos variados e trabalha como cuidadora de crianças.
Aluno 3	Sexo masculino tem 19 anos, solteiro. Reside no centro da cidade. Estudou na escola do 1º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, onde concluiu seus estudos no ano de 2015. Atualmente, estuda Jornalismo na Universidade de Taubaté. Ficou desempregado há pouco tempo.

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

4.2 A Escola e seu o Projeto Político Pedagógico

De acordo com dados obtidos a partir da análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, doravante denominado nesse trabalho PPP, onde se consta registrado que a escola vivia em um contexto que foi transformado rápida e drasticamente, ocasionando uma grande mudança em decorrência de uma fatalidade na qual não só a escola, mas a cidade como um todo teve o dissabor de vivenciar.

O fato ocorreu na virada do ano de 2009 para 2010. O réveillon foi marcado por uma chuva torrencial, abatendo-se na tranquila cidade. O rio transbordou, e na tarde do dia primeiro de janeiro as águas do Paraitinga começaram a invadir a praça. No início da noite, subia os degraus da igreja. Na madrugada de 02 de janeiro, as paredes principais do antigo prédio, onde se encontrava o ginásio da escola, veio abaixo de forma estrondosa e logo em seguida, a escola desabou fato que deixou todos desesperados, assustados e perplexos.

Muitos outros patrimônios da cidade também desabaram, sendo o incidente mais marcante na vida de seus munícipes. O triste relato resume o que se viveu naquele dia 2 de

janeiro, e não havia palavras que pudessem expressar os sentimentos. A partir daí a cidade se viu com mais um grande problema para resolver, além dos muitos anteriores a essa tragédia: Onde os alunos estudariam?

Somente no ano de 2012, mais precisamente no mês de março, de acordo com o Projeto Político Pedagógico, a escola ganhou um prédio novo, onde atualmente só funciona o Ensino Médio. Ela foi construída apresentando uma boa estrutura física, sendo bastante ampla, arejada, com muitas salas. As salas da direção e da secretaria ficam em ambientes distintos e aconchegantes. Possui laboratório de ciências, um amplo refeitório coberto, cantina, quadra poliesportiva, espaço gramado, dispendo de alguns recursos tecnológicos como computadores, televisões, *Data show*, entre outros.

No PPP da escola consta que o quadro de educadores é composto por alguns professores efetivos, porém em sua maioria não o são, ocasionando assim uma grande rotatividade do Corpo Docente, o que redundava em uma falta de vínculo dos mesmos com a Unidade Escolar e com seus educandos.

Segundo registros do documento, a escola tem como missão promover uma gestão democrática, realizando um trabalho pedagógico de forma coletiva, seguindo o foco do que se pretende sem fugir da realidade escolar, tendo a consciência de que é no trabalho coletivo que acontecem as grandes transformações. Dessa forma, todos se sentem comprometidos com as ações necessárias para as mudanças sociais por meio de uma prática educativa que seja capaz de responder aos desafios de uma sociedade em constantes mudanças, assegurar um ensino de qualidade, de inclusão que garanta o acesso, permanência e sucesso do aluno, promovendo assim uma aprendizagem significativa, de maneira que a construção do conhecimento ocorra de forma crítica e participativa.

O PPP foi elaborado em uma construção coletiva, envolvendo equipe de direção, professores, alunos e comunidade, por meio da reflexão e da prática compartilhada em uma proposta pedagógica de cidadania cultural que é uma das prioridades desta Unidade de Ensino.

O documento partiu da discussão e elaboração de um questionário contendo questões relacionadas a fatores socioeconômicos, escolaridade dos pais, expectativas em relação à escola, acesso às informações, entre outras, o qual foi aplicado aos discentes visando traçar o perfil dos mesmos.

A comunidade escolar participou dessa construção, elencando como prioridade algumas ações que julgavam importantes, dentre elas consta: valorizar projetos que envolvam o grupo com trocas de experiências e práticas de convivência de forma a colocar o aluno como protagonista na ação educadora, opinando também por meio de entrevista sobre o que acham

da escola, o que está a contento e o que necessita ser aprimorado para melhor atender à sua clientela.

No PPP ainda consta que a escola se preocupa em atender bem seu alunado e para tanto, busca proporcionar-lhes um ambiente agradável e bem estruturado, utilizando os recursos financeiros recebidos da APM (Associação de Pais e Mestres), FDE (Fundação para o Desenvolvimento da Educação) e do Governo Federal, Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), com o objetivo principal de realizar a manutenção do prédio e melhoria da qualidade do ensino.

Este documento aborda como um tema de extrema importância o bom desempenho dos alunos no Sistema de Avaliação do Rendimento do Estado de São Paulo (SARESP), visto que oferecem parâmetros para que a escola se auto avalie, (re)planeje suas ações e reflita sobre seu processo de ensino-aprendizagem.

Na organização curricular do PPP, que é desenvolvida de forma interdisciplinar, existe a parte diversificada que propõe estudos das características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da comunidade escolar pois, de acordo com os aspectos diferentes da natureza humana tem valor significativo o fato de se compreender e modificar o mundo atual, propiciando assim uma formação geral que possibilite a aquisição de uma profissionalidade como incentivo à formação de pesquisadores, com embasamento em Fazenda (2002) a qual aponta que

[...] pelo próprio fato da realidade apresentar múltiplas e variadas facetas, não é mais possível analisá-las sob um único ângulo, através de uma só disciplina. Torna-se necessário uma abordagem interdisciplinar que leve em conta o método aplicado, o fenômeno estudado e o quadro referencial de todas as disciplinas participantes, assim como uma relação direta com a realidade. (FAZENDA, 2002, p.16).

A citação de Fazenda (2002), reporta à importância do quanto a proposta pedagógica da escola deve estar em consonância com a realidade, e o quanto o estabelecimento de parcerias dentro do contexto escolar como fora deve ser priorizado, visando assim o desenvolvimento dos conteúdos também por meio de Projetos, os quais virão a corroborar para que a interdisciplinaridade ocorra de forma mais ampla no ambiente escolar.

Assim sendo, os profissionais da escola, conjuntamente com seus alunos e parceiros devem se organizar de maneira a efetivar práticas pedagógicas que favoreçam ações mais dinâmicas e articuladas entre as variadas disciplinas, buscando um alinhamento de conceitos, suas bases de conhecimento e sua função na resolução dos problemas da sociedade, organizando seu currículo com intuito de ampliar e contextualizar os conhecimentos sobre novas formas, considerando possibilidades relacionadas a eixos/temáticos, eixos/conteúdos, tema gerador,

temas transversais, áreas de estudo, sendo de importância a metodologia que é aplicada aos conteúdos escolares, o diálogo entre os conhecimentos das diversas disciplinas curriculares e destes com a realidade vivenciada pelos aprendizes, estabelecendo-se assim a interdisciplinaridade que de acordo com Fazenda (2002), é o que possibilita com que os conhecimentos sejam desenvolvidos em seus diferentes aspectos de forma multidisciplinar e pluridisciplinar, abordando os conceitos primordiais.

Em entrevista, Trajber (2015) reforça que o currículo não pode entrar em contradição com as próprias instalações da escola, nem tampouco com sua gestão. Ele precisa agrupar todas essas formas de conhecimento a partir dos elementos que equacionam a sustentabilidade: as culturais, ambientais, sociais, políticas e econômicas. Atualmente, o que encontramos é um apagamento desse tipo de correlações. Esse currículo precisa ser formado a partir de uma crítica ao tipo de sociedade insustentável que temos hoje, tomando como base os conhecimentos já existentes.

Assim sendo, o conhecimento constitui-se como uma ferramenta que articula teoria e prática, tanto de forma física quanto abstrata, com intuito de atingir local e globalmente, formando cidadãos capazes de aprender e ensinar com autonomia e democraticamente, de maneira consciente, participativa e criativa, interagindo no meio social com responsabilidade e ética.

No PPP ainda consta que a escola faz uma parceria bastante importante e efetiva com a Prefeitura Municipal da cidade e também desenvolve alguns projetos especiais em parcerias com algumas entidades públicas e privadas que trata da questão - Prevenção Também se Ensina – o qual é voltado para prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, uso de álcool e drogas.

Segundo registros no PPP, ainda não consta a parceria que a escola efetivou com o Cemaden Educação para a realização do Projeto Piloto, o qual se deu no início do ano de 2015 nesta escola devido ao incidente ocorrido na cidade no ano de 2010, pois o documento está em fase de atualização. A partir do ocorrido percebeu-se a vulnerabilidade a que todos estavam expostos e a urgência de se desenvolver projetos como este, voltado para orientação e práticas de ações eficazes de alerta, prevenção e proteção que pudesse ocorrer no âmbito escolar por julgar-se ser um ambiente mais propício para transmitir este tipo de conhecimento técnico de forma mais rápida e efetiva. Estas práticas, viriam proteger aos alunos e à comunidade local como um todo, de forma mais efetiva e embasada em conhecimentos mais proficientes caso ocorra novamente um desastre desta natureza, visando contribuir também para evitar o pânico e morte por falta de instruções.

A ação educadora dessa maneira é promotora do desenvolvimento humano em sua íntegra, pois de acordo com Zabala (1999), “a formação integral é a principal finalidade do ensino e, portanto, seu objetivo é o desenvolvimento de todas as capacidades da pessoa e não apenas as cognitivas” (ZABALA, 1999, p.13).

Diante do exposto, segundo Zabala (1999), percebe-se a grande importância do foco da educação não se reduzir apenas ao desenvolvimento cognitivo de seus educandos, visto que para se formar um cidadão de forma integral e agente capaz de atuar globalmente na sociedade, faz-se necessário desenvolver no mesmo as variadas habilidades e capacidades que possui, buscando focar também nas que lhe são peculiares. Para tal, o trabalho deve ser voltado para a coletividade, formando-se de fato uma sociedade de pessoas cooperativas, que unidas desempenharão seu papel agindo de fato em benefício próprio, da comunidade a qual está inserida e da sociedade como um todo.

Beck (2010) considera que para superar o atual modelo da sociedade de risco globalizada depende de uma quebra de paradigma, na busca de se integrar saberes interdisciplinares, e fomentar o diálogo e o envolvimento pluri-institucional e comunitário.

No PPP a escola registra o compromisso que tem em respeitar os conhecimentos dos educandos, aproveitando a sua experiência, discutindo sua realidade, associando saberes curriculares e a experiência no convívio em sociedade, valorizando e resgatando a diversidade cultural, em um constante ensinar e aprender.

4.3 Discussão dos Resultados

4.3.1 Sobre as Práticas Educativas: o que dizem alunos e professor

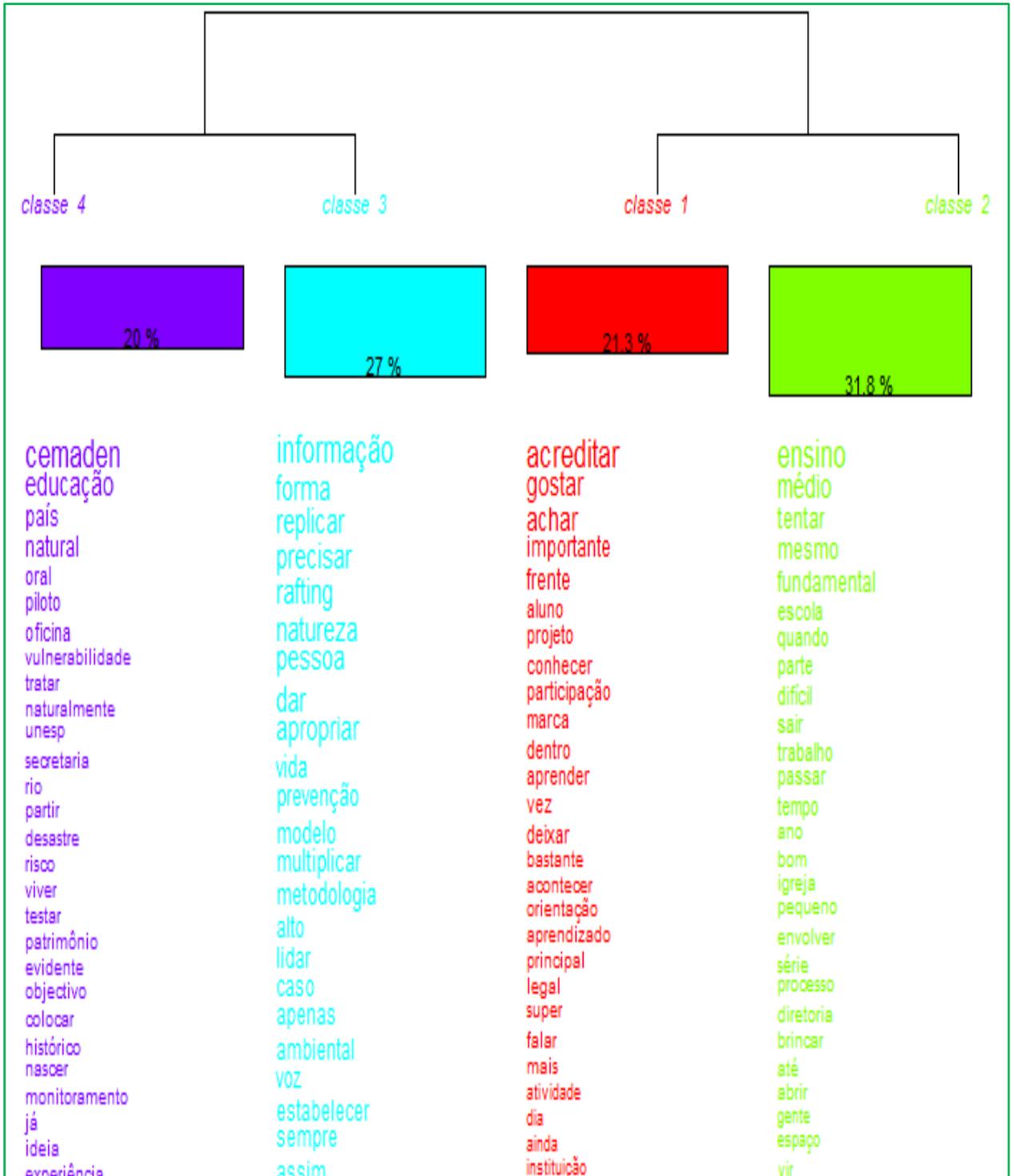
Uma vez contextualizado o Cemaden e o Projeto Cemaden Educação, bem como a escola a qual foi desenvolvido o Projeto Cemaden Educação em sua fase piloto de execução, foi realizada a análise do conteúdo da narrativa das entrevistas aplicadas ao Professor Coordenador do Projeto, ao Professor Coordenador Pedagógico da escola e aos ex-alunos que participaram do mesmo, sendo tratadas pelo *software IRaMuTeQ*.

Depois de submetidas às respostas dos professores e ex-alunos ao *software IRaMuTeQ*, o mesmo apresentou quatro classes para a organização dessas falas que indicaram alguns caminhos que permitem supostas análises.

o quanto o desenvolvimento do Projeto foi significativo para eles. No entanto, percebe-se que o **Não** está apontando para um fator negativo relacionado ao trabalho realizado com o Projeto, visto que os estudantes colocam que o mesmo deveria ser desenvolvido por mais alunos, no entanto alguns deles o iniciaram, porém acabaram não o desenvolvendo com a responsabilidade e frequência que era necessária para o bom aprendizado que ele oferecia, bem como posterior propagação dos conhecimentos adquiridos; refere-se também ao fato de a comunidade não ter comparecido às palestras e oficinas para as quais eles eram convidados, ou seja, não aproveitaram as oportunidades que lhes foram apresentadas; e por último a Prefeitura, que deveria ser parceira no desenvolvimento do mesmo, se envolveu muito pouco, não tomando a responsabilidade que lhe era cabível.

O dendograma, a seguir ilustra as quatro classes geradas, pelo *software IRaMuTeQ*, do conteúdo das entrevistas dessa pesquisa:

Figura 8: Dendograma CHD - Classificação Hierárquica Descendente



Fonte: Software IRaMuTeQ

Observou-se no Dendrograma (Figura 8) que a Classe 03 e a Classe 04 se aproximam, devido à sua disposição visual, agrupadas por uma chave. Da mesma forma, verificou-se que a Classe 01 e a Classe 02 também se aproximaram. Ao mesmo tempo, observou-se pelo Dendrograma que as ‘duplas de Classes’ se contrapõem, ou seja, se trata de dois grupos

temáticos distintos: as Classes 01 e 02 tratam de temáticas consideradas opostas às temáticas agrupadas nas Classes 04 e 03.

Há, ainda, outra análise visual que é possível a partir da observação do Dendograma (figura 8) embora as duplas de classes tratem de temas considerados opostos, há uma lógica comparativa entre elas. A Classe 04 está no extremo oposto da Classe 02, ou seja, são classes que podem ser consideradas muito distantes. As classes 03 e 01, ainda que opostas, estão mais próximas do que as duas primeiras.

Ao analisar o Dendograma gerado pelo *IRaMuTeQ*, também foi possível observar que a análise estatística de cada Classe de Palavras é apresentada em forma de lista e as primeiras palavras são grafadas em fonte maior e vão diminuindo na medida em que as palavras vão ficando para o final da lista, o que representa que palavras que mais apareceram na fala dos entrevistados estão no início da lista e, portanto, são grafadas em fonte maior, e palavras que apareceram menos na fala dos entrevistados são grafadas em fonte menor e se encontram no final da lista de palavras.

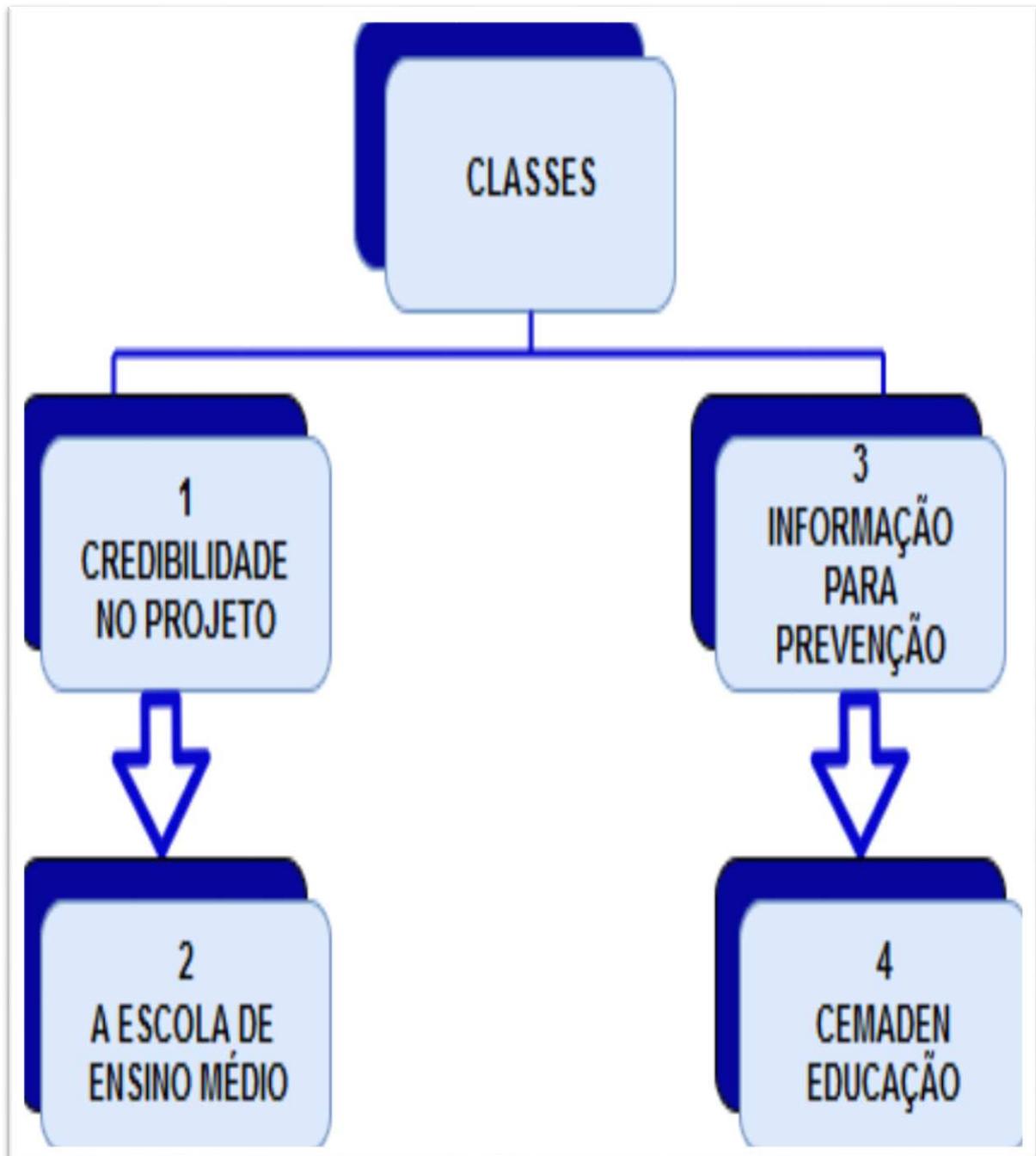
Na lista de termos da Classe 04, por exemplo, facilmente se observa que as palavras **Cemaden, Educação, país e natural**, que são as quatro primeiras palavras da Classe, estão grafados em fonte maior que as duas últimas: **ideia e experiência**.

Ao mesmo tempo, o *IRaMuTeQ* gerou um outro relatório, denominado *Rapport*, que apresentou, entre outras informações, a mesma lista de palavras de cada uma das Classes com a ordem em que as palavras aparecem e suas incidências. Dessa forma, foi possível verificar objetivamente se houve diferença significativa entre os termos.

A análise desse trabalho está no fato de identificar os termos que constituem os temas de cada uma das Classes de Palavras, a fim de elucidar o que os entrevistados dizem sobre as práticas que o Projeto Cemaden Educação desenvolve no âmbito desta escola, suas contribuições no currículo escolar e para a comunidade local, e sobre os Projetos que a Escola desenvolve, bem como, como ocorrem esses processos de aprendizagem e a predominância destes termos em suas falas.

Para isso, o *IRaMuTeq* gerou um relatório para cada Classe de Palavras (no caso desta pesquisa foram quatro relatórios), contendo os segmentos de frases que contêm as palavras que constituem aquela classe. Dessa forma, foi possível identificar quais são as frases em que estão presentes as palavras e quais entrevistados as disseram, o que permitiu que fosse feita uma triangulação com o contexto em que esses entrevistados estavam inseridos, ou seja, a escola e seus documentos legais, bem como, o referencial teórico que orientou as temáticas abordadas como ilustra o quadro a seguir.

Quadro 02: Temáticas abordadas nas Classes



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

No quadro a seguir também estão visualmente apontados os temas principais e secundários que cada uma das Classes de Palavras apresenta a partir do que apontaram os entrevistados.

Quadro 3: Classes e agrupamentos de palavras

Classe de Palavras	Classes	Agrupamento de palavras
Classe 4	Cemaden Educação	<p>Grupo A: Cemaden Educação, país, natural, piloto, naturalmente, testar, evidente, nascer, monitoramento, ideia.</p> <p>Grupo B: Unesp, Secretaria, oral, oficina, tratar, partir, objetivo, colocar, experiência.</p> <p>Grupo C: Vulnerabilidade, rio, risco, viver, desastre, natural, patrimônio, histórico.</p>
Classe 3	Informação para a prevenção	<p>Grupo D: Informação, forma, replicar, precisar, pessoa, dar, apropriar, voz.</p> <p>Grupo E: Vida, prevenção, Rafting, Natureza, ambiental, alto, lidar.</p> <p>Grupo F : Modelo, multiplicar, metodologia, caso, apenas, estabelecer, sempre, assim.</p>
Classe 1	Credibilidade no projeto	<p>Grupo G: Acreditar, gostar, achar, importante, frente.</p> <p>Grupo H: Aluno, Projeto, conhecer, participação, marca, dentro, aprender.</p> <p>Grupo I: Vez, deixar, bastante, acontecer, orientação, aprendizado, principal.</p> <p>Grupo J: Super, legal, falar, mais, atividade, dia, instituição, orientação.</p>
Classe 2	A escola de Ensino Médio	<p>Grupo K: Ensino, Médio, tentar, mesmo, Fundamental, escola, tentar.</p> <p>Grupo L: Quando, parte, difícil, sair, trabalho.</p> <p>Grupo M: Passar, tempo, ano, bom, igreja, pequeno, envolver, série.</p> <p>Grupo N: Processo, diretoria, brincar, até, abrir, gente, espaço, vir.</p>

Fonte: Tabela criada pela pesquisadora, a partir das Classes de Palavras apresentadas pelo *IraMuTeQ* (2019).

4.4 Análise das Classes

Neste momento serão feitas considerações relacionadas aos resultados gerados pelo programa *IraMuTeQ* utilizado na metodologia dessa pesquisa, assim optou-se em apresentar a interpretação por meio das classes denominadas Classe 4: Cemaden Educação; Classe 3: Informação para prevenção; Classe 2: A Escola de Ensino Médio; Classe 1: Credibilidade

no projeto, em seguida, as palavras foram organizadas por agrupamentos seguindo uma ordem alfabética⁴¹, como por exemplo, Grupo A, Grupo B, e assim consecutivamente.

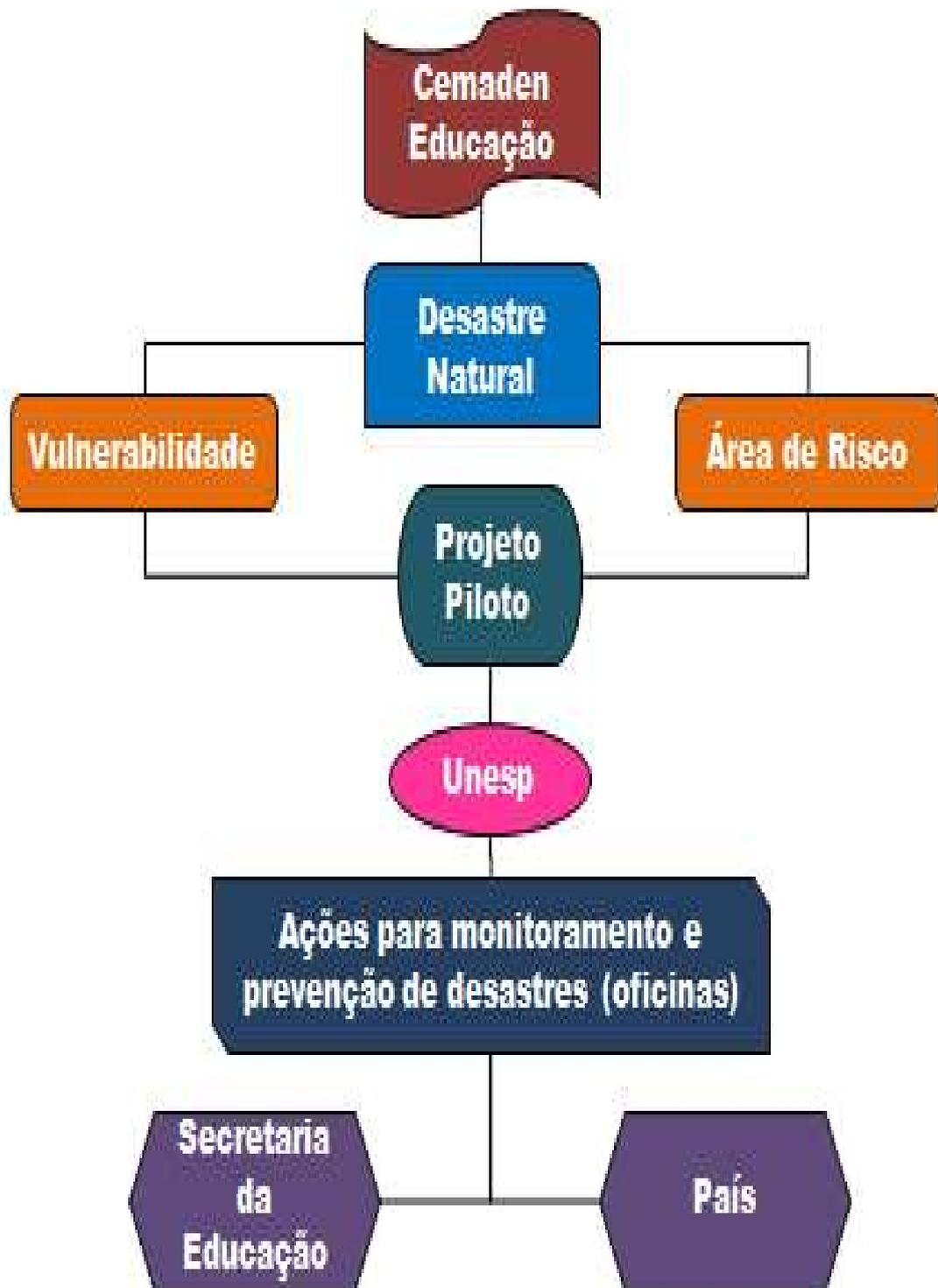
Classe 4 : Cemaden Educação

A partir da elaboração do Mapa Conceitual pode-se destacar as palavras mais recorrentes na Classe 4 e as relações existentes entre elas nas falas dos entrevistados, a análise realizada verificou que existiam seis palavras que desencadearam as demais:

Cemaden, Educação, país, natural, oral, piloto, como ilustrado a seguir:

Figura 9: Cemaden Educação

⁴¹ Optou-se pela ordem alfabética para fins de organização.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Observou-se que essa Classe de Palavras tratou da relação entre a (primeira palavra mais citada da Classe) e as formas desenvolvidas na escola, *locus* desta pesquisa.

Quando se fala em **Educação**, (segunda palavra mais citada da classe), de **país**, **natural**, **oral**, bem como das demais palavras dessa classe, todas centralizam-se na palavra **natural** colocando-a como um ponto importante a ser observado. Nesse sentido, nota-se que grande parte do trabalho diferenciado que a escola realiza juntamente com o **Cemaden Educação** está diretamente ligado a desastres provocados por fenômenos da natureza.

A palavra **natural** foi a quarta palavra mais recorrente da Classe 4. Por isso, optou-se por nomear a Classe como: **Cemaden Educação/ Desastre Natural**, pois ao fazer a leitura dos segmentos de texto em que estas palavras se encontram, percebe-se que elas se relacionam umas com as outras referindo-se: (a) piloto; (b) oficina; (c) vulnerabilidade e d) Unesp, destacando a necessidade de se criar formas de prevenção e monitoramento do rio, especialmente, quanto aos riscos que oferecem à população diariamente.

A partir da palavra **oral**, quinta palavra mais recorrente na Classe 4, observou-se que os segmentos de texto se repetiam, demonstrando a ligação entre os contextos das frases dos entrevistados dentro da Classe. Os segmentos de texto com a palavra oral se repetiram, os conceitos como: oral, no sentido de práticas de oficinas orais, oral, relato de histórias de traumas vivido em decorrência da enchente (inundação), de deslizamentos de terra, por causa da ação impensada do homem.

A palavra **piloto** por sua vez, apresentou-se contextualizada em segmentos de texto que falavam sobre projeto piloto propostos à escola, indicando que o mesmo seria viável de ser desenvolvido nessa escola devido aos riscos eminentes ao qual a comunidade como um todo se encontra permanentemente expostas.

Essa classe trata sobre as ações do Projeto Piloto Cemaden Educação em uma comunidade escolar diante dos desastres naturais, os quais colocam a vida de muitas pessoas de uma cidade do interior de São Paulo em risco.

Grupo A: Cemaden, Educação, País, Natural, Piloto, Naturalmente, Testar, Evidente, Nacer, Monitoramento, Ideia

O Projeto Cemaden Educação, foi um projeto instituído em uma escola, após uma inundação devastadora que abalou a pequena e tranquila cidade do interior de São Paulo bem no início do ano de 2010, ocasionando uma destruição tamanha a qual imergiu toda cidade, causando desmoronamentos, inclusive de seu Patrimônio Histórico.

A partir desse triste episódio, fez-se necessário que órgãos competentes tivessem um olhar mais apurado para o seu delicado contexto, a fim de dar subsídios aos munícipes quanto a atitudes de proteção e prevenção em uma situação trágica como essa a qual vivenciaram.

Foi escolhida uma escola de Ensino Médio para o desenvolvimeto deste projeto, pois a idealizadora do mesmo, Rachel Trajber, julgou que ao ser desenvolvido em uma escola, que é um ambiente de formação e informação, onde se concentra um grande número de pessoas, seria mais propício que o projeto tivesse possibilidade de atingir uma gama maior da sociedade, pois o que se iniciaria com alunos, eles contariam aos seus familiares, que por sua vez, contariam aos seus vizinhos e assim sucessivamente, havendo desta forma a multiplicação dos conhecimentos que adquiririam por meio do projeto. A seguir, a transcrição da voz dos participantes sobre a importância do projeto Cemaden Educação.

Eu posso falar do Cemaden. A Raquel **Trajber** tem uma expressão: “Você é o **pai** do Cemaden Educação”. A primeira **experiência** do **Cemaden nasce** por **causa** de uma **experiência** desta **cidade**, que em 2010 passou por um desastre **natural**: a **enchente** de 2010 que **destruiu grande** parte do **Patrimônio Histórico** da nossa **cidade**. (**Professor Coordenador do Projeto**)

A professora Rachel Trajber que trabalhou no Ministério da **Educação** e está no **Cemaden**, decidiu fazer esse **projeto** via escola, pois **imaginou** que a escola seria o **melhor** ponto de partida numa comunidade para **atingir** a comunidade toda (**Professor Coordenador Projeto**).

O professor Coordenador do Projeto Cemaden Educação, relatou que o projeto se iniciou como projeto piloto, nesta escola, e em escolas situadas na região de Ubatuba e Cunha, por causa dos desastres naturais aos quais estes municípios também vivenciaram e correm ainda o risco de vivenciar novamente pela localização que se encontram. Pode-se dizer que as escolas passaram pela experiência como “cobaias”, e se obtivessem resultado positivo o projeto seria levado para outros contextos escolares, com o objetivo de construir uma sociedade mais preparada para vivenciar situações desastrosas e conseguirem agir de maneira sustentável e resiliente.

A **ideia** do **projeto Cemaden Educação** aqui na escola era **exatamente** essa, a escola seria uma escola **piloto**. A escola serviu como **projeto Piloto do Cemaden Educação**, antes que começasse este projeto na Secretaria de Educação do Estado eram feitas **experiências** com algumas escolas. (**Professor Coordenador do Projeto**)

Tenho dezoito anos e moro no bairro. Faço parte do **Projeto Cemaden Educação**. **Ele** se iniciou por volta do ano 2010, onde ocorreram desastres naturais como os deslizamentos. E a parte do Vale foi afetado por uma grande enchente. (Aluno 1)

Um dos alunos entrevistados começou sua participação no projeto em 2015, quando estava no 1º ano do Ensino Médio, e isso se deu de forma espontânea, após ser convidado pelo professor que coordenaria este projeto no âmbito escolar.

Os idealizadores do Projeto Cemaden Educação sempre tiveram interesse de que ele tivesse uma abrangência bem mais ampla, visto que existem muitas cidades, lugares onde seus moradores necessitam de instruções qualificadas para poderem sentir-se capazes de agir, visando colaborar uns com os outros em situações de perigo relacionadas aos desastres naturais. Para tanto, as práticas bem sucedidas que desenvolvessem junto a estas escolas, seriam inseridas em uma Plataforma, onde escolas localizadas em todo território nacional e até no exterior e todas as pessoas que se interessassem pelo assunto, poderiam ter acesso às informações elaboradas e divulgadas pelo órgão, as quais são de abordagem tanto teóricas quanto práticas. Já tendo alcançado este intento, a partir da experiência vivida nesta escola, pois foi muito bem sucedida, segundo relato do Professor Coordenador do Projeto

A **ideia** do **Cemaden** Educação naquele momento era **colocar** tudo isso numa plataforma em que as escolas do **país** inteiro pudessem ter acesso. Isso **já existe** a plataforma do **Cemaden Educação (Professor Coordenador Projeto)**.

A **ideia** de **atingir** o **resto** do **país** **partiu** da **experiência** em nossa **cidade**, que foi uma das **cidades** previamente selecionadas. Adotamos a **ideia** e achamos boa! **Depois** fomos vendo na **prática** as dificuldades **naturais (Professor Coordenador Projeto)**.

Embora tenham tido muito êxito com o andamento e aplicabilidade do projeto e um bom envolvimento e empenho dos alunos que se dispuseram a participar do mesmo, no entanto enfrentaram também muitas dificuldades. As mesmas se deram, especialmente, pelo fato de que muitos professores não quiseram se engajar ao projeto, pois não atribuíram ao mesmo o valor merecido e também por não estarem dispostos a dedicação de tempo além do horário de trabalho, para participar de todas as atividades realizadas, pois elas muitas vezes extrapolavam os horários da carga horária de aula normal.

E como não haveria um pagamento extra aos professores, não houve nenhum empenho do corpo docente da escola em participar, a não ser quando as atividades ocorriam dentro do período regular de aula, o que foi muito pouco, visto que o cuidado do Cemaden Educação era não prejudicar o andamento da rotina da escola e nem a aplicação dos conteúdos das disciplinas da grade escolar, pelo contrário, somar-se a elas interdisciplinarmente.

O Professor Coordenador do Projeto Cemaden Educação, em suas palavras, deixa transparecer que acredita que os profissionais da Educação (docentes), jamais serão valorizados e reconhecidos, especialmente financeiramente por tudo que fazem. Então tem a crença de que,

toda e qualquer ação que se dispuser a fazer, e que seja necessário ir além do seu trabalho remunerado, deve ser feito total e exclusivamente por dedicação e amor ao magistério, aos alunos, aos projetos nos quais acredita e não pensando em qualquer tipo de recompensa material, porém uma recompensa certamente terá, que é o brilho nos olhos dos estudantes, a gratidão e o reconhecimento dos mesmos, este certamente tem um valor inestimável.

No entanto, foi perceptível observar mediante relato do Professor Coordenador pela análise da entrevista, que os professores não se desinteressaram só pelo projeto Cemaden Educação, mas por todos os projetos, os quais demandam maior tempo e dedicação por parte deles. Eles têm dificuldade em se engajar nos variados projetos da escola de um modo geral, pela falta de disponibilidade de tempo que os mesmos demandam. Afinal é necessário muito desprendimento da vida pessoal, pois acaba-se passando muito tempo na escola e em trabalhos de campo, visto que estes projetos só obtêm êxito com um trabalho interdisciplinar com o envolvimento de todos.

Atingir a todos da escola e da comunidade com informações que os participantes adquiriram nas Oficinas realizadas pela Cemaden Educação e seus parceiros, foi um grande investimento, não poupando esforços e nem tempo, com objetivo de propagar tudo o que aprenderam nas escolas de Ensino Fundamental e em setores públicos, pois julgaram de extrema importância a divulgação de um assunto tão sério. No entanto, não existe relatos de resultados sobre o alcance almejado pelo Cemaden Educação nesta comunidade.

A esse respeito, o Professor Coordenador do Projeto acredita ser importante o Cemaden verificar, pois a parte de realização do projeto que cabia a ele e aos ex-alunos participantes já haviam realizado, como o combinado, conforme relatos a seguir:

O que dificulta é que encontremos professores, tanto para participarem do **Cemaden Educação**, quanto do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Professores que compreem a **ideia**, pois usam lógica assim, de que não ganham para isso, não ganham este extra, o Estado não vai me reconhecer me valorizar! (**Professor Coordenador Projeto**)

Na minha opinião os alunos tomaram posse dos conhecimentos que o **Cemaden Educação** transmitiu, mas quanto à comunidade não sei se **atingimos**. Se hoje o **Cemaden** consegue a **partir** da **experiência** que teve que **atingir** a comunidade como eles **imaginavam**, isso já não **me pertence**, fugiu do que eu tinha de fazer **talvez** este seja o próximo **grande** desafio do **Cemaden Educação**. digo **Cemaden**, porque **embora** nós tenhamos assumido esta **responsabilidade** de sermos multiplicadores **aqui** nós precisamos desta retaguarda. O **Cemaden Educação** tem que **pensar** o macro digo o **país** (**Professor Coordenador Projeto**).

Esse **projeto já** está em **nível** Sul americano e foi reconhecido pela Unesco como um projeto inovador na área da Educação, porque ele é um típico projeto que embora seja feito dentro da escola o **objetivo** básico dele é **atingir** a comunidade. (**Professor Coordenador Projeto**).

O Professor Coordenador afirma que mesmo diante de todo repertório oferecido pelo Cemaden Educação e seus parceiros colaboradores, que prestaram uma excelente formação, com embasamento teórico e prático para atuar prestando informações e/ou agindo em situações de desastre naturais, acredita que a comunidade local pode não ter se apropriado deste conhecimento como deveria, cabendo ao Cemaden investigar este aspecto. Ele acredita também que o papel do Cemaden Educação seja sempre se manter na retaguarda para lhes fornecer os subsídios que se fizerem necessários, para manterem as ações e práticas do projeto vivas, pois ainda não se sentem completamente seguros para atuarem sem este respaldo.

Grupo B: Oral, Oficina, Tratar, Unesp, Partir, Objetivo, Colocar, Secretaria, Oral,

O Cemaden Educação, não foi sozinho para a escola. Foi iniciado em parceria com a Unesp. Já o iniciaram com a intenção de levá-lo para a Secretaria da Educação, após realizarem as experiências nesta escola piloto, caso a experiência fosse positiva. O projeto acabou se tornando um acontecimento importante tanto na vida dos entrevistados como para a comunidade escolar de um modo geral.

No entanto, o projeto teve um destaque nesta Unidade Escolar, especialmente porque os estudantes nesta fase escolar necessitavam de práticas pedagógicas dinâmicas, por se entediarem facilmente com a rotina escolar. O projeto veio para somar positivamente aos conhecimentos curriculares, despertando assim maior interesse dos estudantes pelos conteúdos que foram abordados de maneira diversificada, onde o conteúdo se alinhava com a prática interdisciplinar, como visto nos relatos a seguir:

O Cemaden **Educação** veio para escola junto com a **Unesp**, para organizar este **projeto**. Na verdade, eles iam **testar** o **projeto** para verificar como que poderia se inserir no cotidiano da **própria** escola. A partir da experiência que fizeram aqui, eles levaram para a **Secretaria de Educação** o **resultado** deste **projeto piloto**. Agora o **Cemaden Educação** funciona na escola, via **Secretaria da Educação**. Deu para entender? Nós somos o **piloto**. Eles **testaram** a **experiência** e levaram para **Secretaria da Educação**. Eles levariam essa **ideia** para a **Secretaria da Educação** do estado, não só aqui, porque seria em todos os municípios que tivessem algum tipo de **risco** no **país**. Esse **projeto já** chegou no Acre. (**Professor Coordenador Projeto**).

Ao averiguarem que o projeto tinha sido bem sucedido no âmbito escolar, concluíram que estas experiências exitosas não poderiam se manter apenas neste espaço, mas tinham que se expandir para um contexto bem mais amplo, à nível de Secretaria da Educação, criando assim possibilidades de uma amplitude nacional e até internacional, com a intenção de promover

conhecimentos a municípes de todas as regiões do país e do mundo que se encontram expostos aos riscos de desastres naturais.

Para desenvolver o projeto o Cemaden Educação na escola, foram elaboradas oficinas, as quais foram projetadas pelos agentes do Cemaden Educação em parceria com a Unesp. No entanto, além das propostas, devido às necessidades e angústias da comunidade escolar, foi criado também a oficina de “História Oral”, com um espaço de participação a todos os envolvidos relatando suas experiências mediante o trauma vivido com a inundação que se abateu na cidade e que deixou marcas indeléveis.

Para eles era primordial um espaço para exporem os sentimentos vivenciados no fatídico dia, pois só assim conseguiriam adentrar ao projeto de forma mais tranquila e preparados para o que estivesse por vir. E também eles não seriam agentes receptores apenas dos conhecimentos, poderiam agir, opinar, discordar, o que para os jovens é bastante importante, pois sentem-se mais capazes e valorizados.

O recrutamento dos alunos para participarem do projeto Cemaden, bem como, de quaisquer outros projetos da escola costuma ser de maneira a dar liberdade para eles definirem se querem participar ou não, pois ao partir do interesse deles, há um maior empenho no desenvolvimento do mesmo e certamente um trabalho de melhor qualidade, como visto nos relatos a seguir:

Na época a gente recrutou os alunos. E na verdade, o interessante do **projeto** é que eram **oficinas**, eles iam para a **prática**. Daqui também podiam surgir **sugestões** de como isso **atingiria** outras escolas. E a **ideia** da **oficina de História Oral nasceu** aqui, e de certa forma porque vimos nisso uma necessidade comum para **tratar sobre desastres naturais**. E a **ideia** de recorrer à professora que trabalhou com o professor da USP que foi quem mais trabalhou com esse **projeto Memória História Oral**. Ela veio para fazer uma **oficina** que não estava prevista inicialmente. Ela se incorporou ao **projeto a partir** de uma **sugestão** nossa aqui. Porque para nós era uma **oficina** necessária pelas nossas angústias. Então assim, as oficinas tinham esta característica. Elas, como a nossa escola era também piloto no projeto. A **vida** será natural **depois** de um trauma deste? E a única **forma** de cuidar disso é **dando voz**, pelo menos é **assim** que interpreto, que analiso. Eu acho que nossa cidade fez isso bem. Porque um **desastre** não é só físico, **técnico, ambiental**, são as **pessoas!** E como é que as **pessoas** se livram disso? Talvez nunca se livrem, ou como é que elas vão **lidar** com isso (**Professor Coordenador Projeto**).

Para eu, que sou dessa **área** de humanas, as que me **despertaram** muitas coisas para **pensar** sobre o **projeto**, foram as que **tratavam** das questões sociais, das questões **históricas** (**Professor Coordenador Projeto**).

A oficina de “História Oral” contou com a colaboração de uma Prof^ª Dr^ª da UNITAU, que atendendo às necessidades da comunidade escolar foi até a escola e as desenvolveu junto aos professores e alunos engajados no Projeto Cemaden Educação. Percebe-se pelos relatos do

Professor Coordenador do Projeto as quão importantes foram estas oficinas, porque propiciou espaço e lhes deu voz.

Nesse momento, eles puderam falar e colocar seus sentimentos mediante a tragédia vivenciada e também oportunidade de exporem a necessidade e capacidade de resiliência com que agiram, visto ser a única atitude mais acertada diante da situação. Ou escolhiam viver para sempre a frustração do episódio vivido, ou se uniriam para recuperar e reconstruir tudo que haviam perdido. Juntos escolheram a segunda opção.

A perda do patrimônio histórico da cidade foi extremamente dolorosa para todos, mas preservar o que restou da história da cidade foi um cuidado maior. Afinal, a história da cidade não podia ser destruída com a “enchente”. Dar voz para eles neste momento se constituiu em um fator primordial para que pudessem encarar as demais fases do projeto ao qual seriam os protagonistas, como ilustra relatos a seguir:

Foram algumas **oficinas**. Elas eram mistas, porque eram realizadas pela **Unesp** e o **Cemaden**. **Começamos** com a Árvore dos Sonhos para **pensarmos** quais eram as nossas dificuldades, que caminho teríamos que seguir, o que queríamos **atingir** com essa **discussão** toda. (**Professor Coordenador Projeto**).

Os técnicos que vieram para as **oficinas** mudavam a cada **oficina**, porque dependia do **objetivo** dela e o que ela iria **tratar**. Também, no **Cemaden** eles funcionam como equipe multidisciplinar, tem antropólogos, engenheiros, (**Professor Coordenador Projeto**).

Os alunos da Unesp, antropólogos e geólogos, bem como, outros professores da Unitau e Unesp, além dos colaboradores do Cemaden Educação, desenvolveram as oficinas com alunos engajados no projeto Cemaden Educação e em alguns momentos com envolvimento de pessoas da comunidade. Estas oficinas eram muito dinâmicas e sempre traziam algo novo, tanto quanto ao conteúdo, quanto a relação aos seus aplicadores, pois sempre era alguém diferente que as aplicava. Eram oficinas prazerosas para os alunos, porque interagem com o objeto de conhecimento, bem como, podiam expor seus pontos de vista e expressar suas opiniões.

Afinal, essa foi a meta do Cemaden Educação, utilizar uma metodologia diferente que envolvesse estes discentes de tal forma que o interesse deles se mantivesse sempre aguçado, para que assim houvesse um aprendizado efetivo, e desta forma estes estudantes estivessem bem preparados para replicar estes conhecimentos para alunos de outras escolas e para a comunidade local, com objetivo de preparar também para prevenção e administração de situações de desastres naturais, como visto nos relatos a seguir:

Para terminar a **ideia** do **Cemaden Educação**, é um **projeto** que tinha muito disso, vamos fazer juntos, é na **prática**, não vamos dar aulas para eles (**Professor Coordenador Projeto**).

Percebe-se que a união em prol de um objetivo comum foi a regra básica do Cemaden Educação, pois em toda e qualquer situação, especialmente quando vidas estão envolvidas, mais ainda se faz necessário que haja engajamento de todos, pois desta forma a probabilidade de alcançar êxito será garantido.

Pode-se constatar isso em uma, dentre tantas oficinas sucedidas que foram replicadas pelos alunos que participaram do projeto Cemaden Educação em uma escola de Ensino Fundamental, com apoio de um agente da Defesa Civil e do Professor Coordenador do projeto, pois prendeu a atenção dos estudantes e eles tiveram a oportunidade de conhecer um game relacionado aos desastres naturais e as atitudes adequadas em decorrência desses desastres, como relatado a seguir:

O que percebo e não foi combinado é que eles conheceram o game que era o **objetivo**, ouviram o agente, da Defesa Civil, me ouviram, ouviram alunos que estavam no **Cemaden Educação** e isto está no site da **Secretaria da Educação (Professor Coordenador Projeto)**.

O projeto repercutiu positivamente, visto que, se encontra no site da Secretaria da Educação. Embora o professor Coordenador do Projeto Cemaden Educação não se lembre o número de oficinas aplicadas, guardou na memória as que aconteceram, seus objetivos, especialmente, a oficina “Oficina de Cartografia” que mapeou os locais de vulnerabilidade da cidade, onde apuraram o olhar para verificar os moradores que residem na zona de maior perigo para, em um momento de desastre natural como a inundação possam ser os primeiros a serem socorridos, evitando assim mortes. E outro fator bastante importante foi saber o nível de vulnerabilidade da escola, para caso ocorra um desastre natural saibam as medidas a serem tomadas, conforme visto nos relatos a seguir:

Então, **exatamente** o número de **oficinas** não me lembro! Lembro que tivemos de **História Oral**, de **Mapeamento** e de **Cartografia Social** que chamamos de observar geograficamente a **área** e **pensar**, quem mora ali, a **vulnerabilidade** da escola. Especificamente a **partir** de uma **oficina** que **trata** de **risco** de **vulnerabilidade** da escola que a **Unesp** e o **Cemaden** fizeram aqui com os alunos que estavam no **projeto** onde nós mapeamos os **riscos** na nossa escola. E os alunos que fizeram esta **oficina** aqui, ajudaram o **Cemaden** a perceber que eles identificaram os **riscos (Professor Coordenador Projeto)**.

Através desta **experiência** eles fariam primeiro um **mapeamento**, **depois** um banco de dados com a **oficina** sendo **colocada** em **prática** e a **partir** daí, dependendo do **resultado** que eles tivessem do retorno seria inserido na Plataforma do Cemaden (Professor Coordenador do Projeto). Os alunos fizeram as **oficinas** aqui, e nós identificamos quais são as nossas **vulnerabilidades**. Chega a ser irônico que essa escola foi **construída** por **causa** da **enchente**, e ela foi **construída** a beira do **rio Paraitinga (Professor Coordenador do Projeto)**.

As oficinas de Cartografia, após serem desenvolvidas, foram para um banco de dados, e os mesmos foram inseridos na Plataforma do Cemaden Educação e, conseqüentemente, disponíveis a um número ilimitado de pessoas, visto que, o acesso à Plataforma é aberto a todos, percebendo-se que a amplitude de divulgação por essa via corrobora com o objetivo do órgão.

Agora, a escola trabalha com a **experiência** que foi feita aqui com essas **oficinas**. Os alunos daqui **já** participaram de oficinas feitas com alunos da outra escola. A experiência que a **Unesp** fez com eles, eles fizeram com os alunos de um outro **Ciclo**. **(Professor Coordenador do Projeto)**.

Uma questão que ficou em evidência causando perplexidade na comunidade foi: Por quê a escola, que já sofreu anteriormente com a inundação, foi construída às margens do rio Paraitinga? Por que não procuraram um lugar mais seguro para ela, já que existem lugares mais bem localizados na cidade e que os afastaria totalmente deste risco de inundação? As perguntas estão sem respostas até o momento.

Segundo o Professor Coordenador do Projeto Cemaden Educação, as oficinas vivenciadas pelos alunos da escola, foram por eles aplicadas em outras escolas de Ensino Fundamental, como era o intento de seus idealizadores, que os conhecimentos não ficassem estagnados apenas na escola piloto do projeto. O resultado do trabalho ficou perceptível, pois demonstraram domínio dos conhecimentos desenvolvidos nas oficinas e segurança ao transmiti-los aos alunos de outras escolas. E, o importante é que mesmo agora em que o projeto Cemaden Educação já não está mais no auge de seu processo, acontecendo agora com muito menos ênfase, as parcerias continuam, como observa-se no relato a seguir:

A Unitau está muito **presente**. A **Unesp** não perdeu o vínculo. Eles **já** desenvolveram outras **pesquisas depois** do **projeto Cemaden Educação**, que é sobre fazer o caminho, a descida do **rio** Paraitinga e trilhas. **(Professor Coordenador Projeto)**.

As parcerias estabelecidas foram muito importantes para a escola, pois os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar aprendizagens além dos “muros” da escola. Não que a escola já não propiciasse momentos como estes, mas certamente as parcerias aumentam e muito as possibilidades de um currículo bem mais diversificados aos seus estudantes.

Grupo C: Vulnerabilidade, Rio, Risco, Desastre Natural, Viver, Patrimônio Histórico

Muitas cidades do Brasil estão expostas à riscos de desastres naturais. Em especial destaca-se três municípios: Ubatuba, Cunha e São Luís do Paraitinga. Por esse motivo, eles foram escolhidos para o desenvolvimento do projeto Cemaden Educação em sua fase piloto de execução. O professor Coordenador do projeto afirmou que São Luís foi escolhida por causa da grande enchente que ocorreu no ano de 2010, a qual inundou toda cidade, ocasionando também deslizamentos de terra e desmoronamentos de casas, escola, igreja. Os relatos a seguir evidenciam o episódio:

Por **causa** dos **deslizamentos**, que a zona rural apresenta uma fragilidade, áreas de risco. A **ideia** era o **Cemaden** Educação desenvolvesse um **projeto piloto** em três municípios, com perfis diferentes. E eles tinham escolhido nossa **cidade** por **causa** da **enchente** de 2010 e mais duas **cidades** que tinham outros **riscos** de **desastre**, **embora** não a enchente. A **partir** daquela **experiência** o **Cemaden**, **que é o Centro de Monitoramento** Alerta de **Desastres Naturais**, foi implantado pelo Governo Federal em 2011, um ano **depois** da **enchente** aqui. O **Cemaden** foi criado por **causa** do **desastre** em Petrópolis. A **ideia** era que o **Cemaden** Educação desenvolvesse um **projeto** para que chegasse até as comunidades a conscientização sobre os **desastres naturais** e como as pessoas poderiam se prevenir do **desastre** para que pelo menos vidas fossem salvas durante um **desastre natural**. A cheia do **rio**, com casas a beira do **rio**, isto é um **grande risco!** É um **desastre natural**, porque a cheia do **rio** vai provocar danos que podem ser danos ao **patrimônio** ou mesmo **colocar** em **risco** a vida das pessoas. A junção disso pode **colocar** uma **cidade** em **risco** e nós temos várias **áreas** aqui identificadas como **áreas de risco**. Pelo **rio** estar passando pela **cidade** já tem um **risco grande**. **Deslizamentos** também **existem**. É importante nós estarmos estudando isto, porque **existem** muitos **riscos** na **cidade**. Nós fazíamos atividades durante o período de aula e tinham algumas que aconteciam no período contrário (**Professor Coordenador Projeto**).

Mas em nossa **cidade** nós temos o nosso **risco** que está ali porque a cidade foi **construída em volta** do **rio** nós **vivemos** dentro do **risco** nossa **cidade vive** dentro do **risco** (**Aluno 1**).

Uma espécie de dar a eles a **ideia** da **vulnerabilidade** e **já pensando** na ação que poderiam tomar por ser **evidente** que isso **vale** para esse município e **vale** para qualquer outro, porque em um outro mapa de uma outra **cidade... Porém** o **projeto piloto** não **existe** mais, porque ele era **piloto** e essa fase passou (**Professor Coordenador Projeto**).

O projeto originalmente foi criado por causa de desastres naturais na cidade de Petrópolis-RJ e não especificamente por causa dos problemas enfrentados nestas cidades. Como apresentou bons resultados, o Governo Federal considerou que seria viável que se estendesse para este município no ano de 2011, para que fossem viabilizadas ações que contribuíssem para a prevenção de riscos de desastres naturais. Com essa atitude, a população deste município obterá um preparo embasado em teoria e prática para saberem que medidas seriam mais cabíveis em situações de risco, poupando desta forma a vida de pessoas as quais pudessem se encontrar em situações vulneráveis.

Os organizadores do projeto tiveram o cuidado também de desenvolver as atividades relacionadas ao mesmo de forma interdisciplinar, respeitando a grade curricular, em horário normal de aula, o que possibilitou a participação de todos alunos da escola e de alguns professores. E em período contrário, com os alunos específicos do projeto, que não mediram esforços para levar a cabo as demandas do mesmo. Afinal, como o Aluno 1 expõe que estão dentro do risco, nada mais sensato que aproveitem esta grande chance de aprender mais sobre o assunto relacionado aos riscos de desastres naturais.

No entanto, como toda fase piloto passa, a fase do projeto Cemaden Educação na escola também passou. Embora estivesse concluída a fase nessa unidade escolar, fora deixado pelo Cemaden Educação um legado, e segundo relatos, na opinião dos entrevistados jamais passará, pois a discussão tem que continuar, afinal o risco continua ativo, eminente, visto que, a estrutura da cidade e a localização da escola, continuam a mesma.

Tanto a comunidade escolar, como a comunidade local de um modo geral, devem estar sempre atentas aos ensinamentos e práticas desenvolvidas no decorrer do projeto. Eles têm noção de que não se pode deixar que o tempo e a calma vivenciada no momento, apague as lembranças da tragédia e também têm receio de não se atentarem ao preparo que tiveram e o como é importante que ele se mantenha vivo na memória de todos, caso o evento ocorra novamente, como observa-se no relato a seguir:

A lógica do **projeto Cemaden Educação** é fazer disso uma **discussão presente** na comunidade. A comunidade tem algum **risco natural**, então precisa discutir isso, pensar isso, para que isso não seja um fenômeno a surpreender a **própria** comunidade. Alguns alunos que decidem **pesquisar** estes aspectos naturalmente, vem a **enchente**, vindo a **enchente**, vêm as informações do **projeto Cemaden Educação** e o **resultado** fica como **pesquisa** na sala de **leitura** da escola para futuras **pesquisas**. Conseguir **viver depois**, tendo passado por isso, não é fácil! Colocar algum **desastre natural**, é estranho **imaginar**: **Ah**, isso **naturalmente** acontece! Como nós passamos nove anos da **enchente já começamos** a ficar angustiados, mas de qualquer forma o **Cemaden Educação** nos fez **pensar** isso também, e claro, se ela é inevitável estamos mais **preparados** hoje do que estivemos em 2010. De certa forma a **enchente** de 2010 nos fez ver isso porque uma das coisas que apareceu **naturalmente** quando fazíamos **pesquisa da história oral** e fomos buscar informações sobre as outras **enchentes** é que ela respeitou um **ciclo**. Vão tomar **conhecimento** de como se age em uma pesquisa de campo deste tipo. **Então, assim**, de novo, é isso... expor, tornar público, fazer as **pessoas** se **apropriarem** da história. Porque eu tenho convicção de que, as **pessoas** só podem amar aquilo que elas conhecem. Elas **precisam** conhecer esta história. É mais um projeto, mais uma **ideia**. Temos **aqui** uma dinamicidade que é meio que próprio das **necessidades da comunidade (Professor Coordenador do Projeto)**.

“Com a inundação de janeiro de 2010, São Luis do Paraitinga passou a ser objeto de uma biopolítica do desastre, com técnicas de poder, procedimentos e um conjunto de dispositivos de segurança”(MARCHEZINI, 2014, p.65), assim, diante do evento ocorrido na

cidade ficaram os questionamentos feitos tanto pelo Professor Coordenador do Projeto, como pelos moradores de São Luís, em relação ao que passaram com a enchente de 2010, e ao que supostamente está por vir, pois de acordo com estudos realizados por geógrafos, a inundação respeita um ciclo de 10 anos e como já se passaram nove, resta a todos a angústia do que está por vir. E ao mesmo tempo, se estão de fato preparados se vier a acontecer novamente.

O Professor Coordenador do Projeto Cemaden Educação na escola acredita que não daria para conceber e encarar o desastre natural como algo que corriqueiramente acontece e que se deva aceitar passivamente, pois é uma situação muito traumática e difícil de se apagar da memória. Fica também para ele o seguinte questionamento:

Resta saber como ela vai para os registros **históricos**? Ela vai como **grande desastre** que **destruiu o patrimônio histórico**, ou vai como uma **grande lição** que a **cidade** aprendeu na relação com o meio ambiente (**Professor Coordenador Projeto**)?

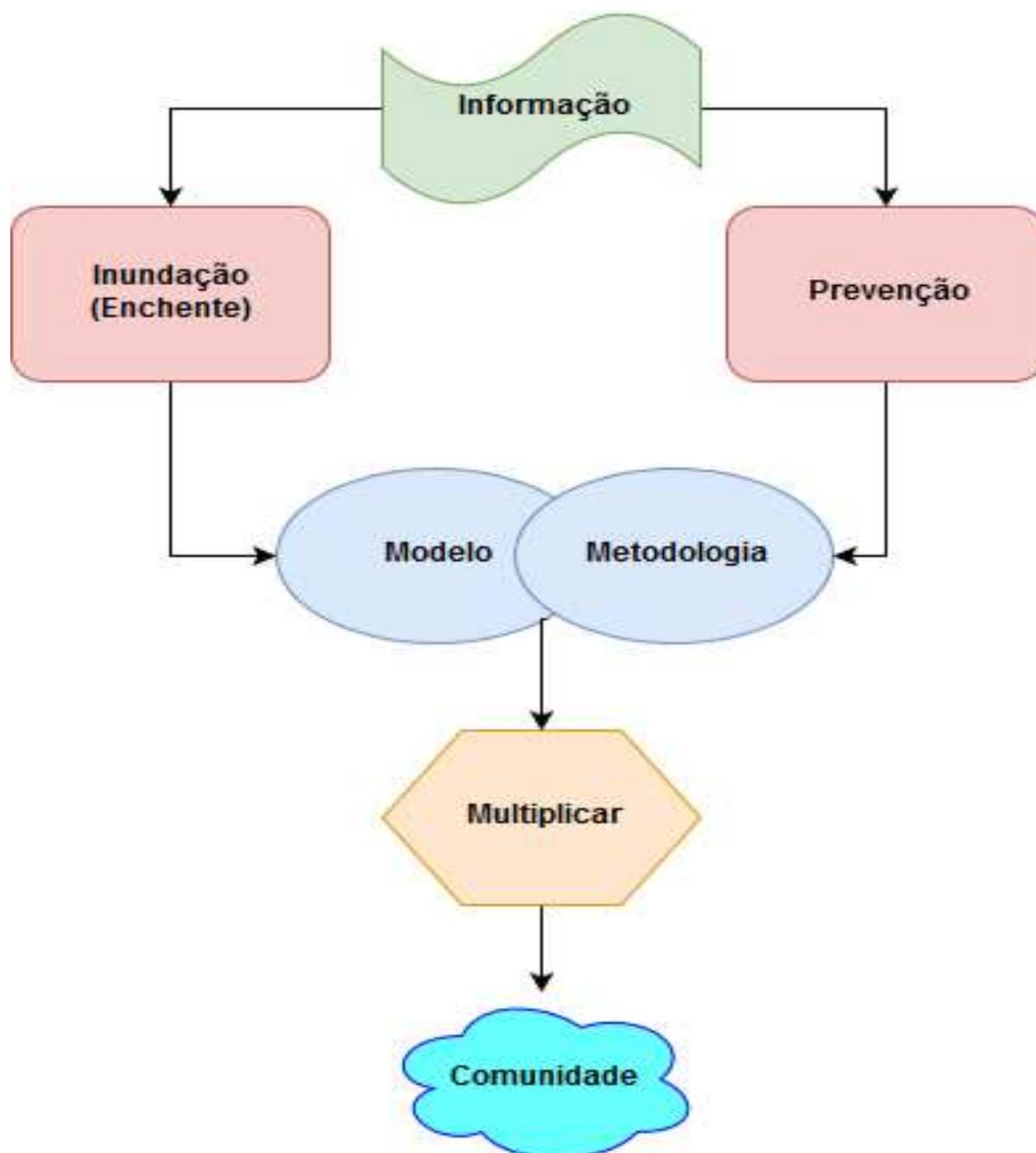
Mas ainda não se tem a resposta para estes questionamentos. Uma coisa é certa, a cidade se reergueu logo após o incidente, e não quis apagar totalmente o triste acontecimento da memória, pelo contrário, primaram por deixar a memória bem viva, evidenciando suas marcas em alguns locais públicos.

Classe 3: Informação para Prevenção

A Classe 3 apresentou uma sequência de vinte e sete palavras. O trabalho de análise de sua recorrência nas falas dos professores e alunos entrevistados ocorreu da seguinte forma: primeiramente realizamos uma pesquisa cuidadosa com a primeira palavra de maior recorrência na classe: **informação**. O *IRaMuTeQ* gerou um relatório em que é possível visualizar todos os segmentos de texto em que esta palavra aparece. Ao observarmos este relatório, pudemos verificar em quais segmentos de texto a palavra **informação** aparece, quais e quantos foram os entrevistados que disseram a palavra **informação** em suas falas e em qual contexto disseram.

Ao fazer esta primeira análise já foi possível verificar que a palavra **informação** se relacionava, em vários momentos, com outras palavras desta mesma classe, como por exemplo **forma**, **replicar** e **rafting**. O trabalho de análise, foi direcionado, então, a procurar compreender quais as relações existentes entre cada uma destas palavras na Classe 3, até que suas relações se esgotassem. Esta etapa da análise propiciou a criação de um Mapa Conceitual que demonstra as relações existentes entre cada uma das palavras da Classe 3 nas falas dos entrevistados, como pode ser observado na Figura 10.

Figura 10: Informação para prevenção



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A partir da elaboração do Mapa Conceitual acima, com as palavras mais recorrentes na Classe 3 e as relações existentes entre elas nas falas dos entrevistados, a análise realizada foi a de verificar que existiam cinco palavras que são desencadeadoras das demais: **informação**, **forma**, **replicar**, **pessoa** e **prevenção**.

Observa-se que esta Classe de Palavras trata da relação entre a (primeira palavra mais citada da Classe) e as formas de se propagar informações por meio de práticas na escola, *locus* desta pesquisa, repercutindo na comunidade, a partir de um modelo, de uma metodologia.

Quando se fala em **forma** (segunda palavra mais citada da classe), de **replicar**, **rafting**, bem como das demais palavras desta classe, todas centralizam-se na palavra **informação**, colocando-a como um ponto importante a ser observado. Nesse sentido, parece-nos que grande parte do trabalho diferenciado que a escola realiza está diretamente ligado a divulgação de informações com objetivo de se prevenir mediante os fenômenos da natureza. Por isso nomeamos essa Classe como: **Informação para a prevenção**, pois ao fazermos a leitura dos segmentos de texto em que estas palavras se encontram, percebemos que elas estão relacionadas umas com as outras, referindo-se que ao replicar informações à comunidade, cria-se formas de prevenção quanto aos riscos que a população está diariamente exposta.

A palavra **modelo** por sua vez, apresentou-se contextualizada em segmentos de texto que falavam sobre ações praticadas em decorrência do projeto Cemaden Educação proposto à escola, indicando que o mesmo seria desenvolvido com práticas que seguissem a modelos prontos, sendo assim mais viável sua aplicabilidade junto à comunidade, visto já possuírem uma metodologia bem estruturada e organizada.

Essa classe trata sobre os **métodos de prevenção** os quais são os mais indicados de serem aplicados em uma situação de risco, como por exemplo a inundação

Grupo D: Informação, Forma, Replicar, Precisar, Pessoa, Dar, Apropriar, Voz

Sabendo-se da necessidade que a população desta cidade situada em uma zona exposta aos riscos ambientais têm de receber informações que poderiam lhes oferecer os subsídios necessários para poderem passar por situações de desastres naturais, mas de uma forma mais preparada, é que o Cemaden Educação decidiu desenvolver uma prática voltada para oficinas, as quais vinham de encontro às necessidades desta comunidade.

Cabe ressaltar que antes de se iniciar o projeto Cemaden Educação, tudo foi muito bem explicado pela Coordenadora do mesmo, que forneceu todas as informações necessárias ao Professor que o Coordenaria na Unidade Escolar, para que soubessem quais seriam as ações durante o andamento do projeto e também para que todos estivessem de comum acordo, evitando assim imprevistos por falta de informações. Ele somente aceitou a ideia, porque viu que era algo diferente, onde seria aplicada uma metodologia que, na visão dele despertaria o

interesse dos estudantes, visto estarem na fase da adolescência, sendo portanto mais exigentes e seletivos quanto à realização de atividades. O professor relata uma colocação da Trajber:

Mas é um projeto piloto, não temos **ideia** onde vai **dar** isso. Sabemos o que queremos, mas como **precisamos pensar** em todas as escolas, de todas as cidades do **país** que tem algum **risco** e são realidades muito diferentes. Por isso que **pensamos** em oficinas. Vamos filmar tudo, registrar tudo. Porque vocês são “cobaias”, **digo**, experimento. O que **der** errado **aqui**, não vamos fazer. O que **der certo**, ficar **ótimo**, vamos **replicar**. Não se preocupe, vamos fazer oficinas. Eles poderão **replicar** estas oficinas. A escola **precisa** disso, desse gás, desse novo jeito de ver. E para mim **deu certíssimo (Professor Coordenador Pedagógico)**.

E após o trabalho realizado, ou seja, o projeto desenvolvido junto aos alunos percebe-se pelo depoimento do Professor Coordenador que ele apenas constatou o que para ele já daria certo diante da explanação da Trajber relacionada ao projeto. A aceitação foi unânime por parte dos estudantes e a participação deles no decorrer do projeto foi bastante expressiva, além de extrapolarem os horários para participarem das oficinas, ainda se expunham para falar sobre suas vivências com a experiência da enchente e sobre os novos aprendizados que iam adquirindo.

De **certa forma**, a importância do projeto Cemaden Educação é esta: **dar a comunidade informações** para que ela se **conscientize** dos **riscos**. Que ela tenha uma **ideia** de como minimizar o impacto de um **desastre** natural (**Professor Coordenador do Projeto**).

Ao desenvolver das oficinas, todos os envolvidos foram tomando posse de conhecimentos relacionados aos riscos que estavam expostos e qual poderia ser a contribuição deles para minimizar os impactos dos desastres naturais na cidade, pois o olhar atencioso de cada um pela cidade para detectar as áreas de mais perigo em um desastre natural, mais especificamente uma inundação, faria uma grande diferença para a conservação da vida de muita gente, especialmente para a parte mais frágil da sociedade.

Para mim, a **maior** importância é você perceber que a **informação** que você se **apropriou** não é sua... **precisa multiplicar** a **ideia** de **conscientizar** para os **riscos** de **desastres**, **precisa** ser da **comunidade a informação**. E na **necessidade** cada vez **maior** de que a **comunidade** se **aproprie** disso, porque na hora de um **alerta** que **diz** para você corra para um lugar seguro, corra para os pontos mais **altos**, as **pessoas precisam** ter algumas **ideias** prévias do que **precisam** fazer. **Quem passava pelas oficinas, acabava por adquirir um olhar mais aguçado, conseguindo detectar os pontos mais críticos da cidade, onde se encontrariam os idosos, as crianças, pessoas deficientes (Professor Coordenador do Projeto)**.

Os alunos que tiveram o privilégio de passar pelas oficinas oferecidas pelo Cemaden Educação juntamente com seus parceiros, estiveram disseminando os aprendizados adquiridos em outras escolas de Ensino Fundamental e também na Unidade Escolar em que estudavam,

durante o período de 3 anos, que é o tempo de duração do Ensino Médio. Porém, este período por ser muito curto, acaba ocasionando com que os alunos saíam da escola muito rápido e junto com eles toda “bagagem” adquirida com o projeto.

Por esse motivo, é preciso que eles retornem à escola em alguns momentos para falar aos alunos atuais sobre a inundação na cidade e o que aprenderam com o desenvolvimento do projeto Cemaden Educação. O importante, no entanto, é que os alunos que já tiveram a oportunidade de aprender com estes ex-alunos da escola, não permitam que estas informações se percam no tempo, que caíam no esquecimento. São conhecimentos que devem passar de geração em geração.

O que nós professores **precisamos** nos **dar** conta, é que nove anos **depois** os alunos que chegam **aqui** não têm a **memória** da **enchente** como **memória**, eles têm como **informação**. Como é um ciclo muito curto são três anos e por isso os alunos saem **daqui rapidamente**, o que **precisamos** é que essas **informações** não fiquem com os alunos quando eles saem, que eles a **repliquem** na **comunidade**. Foram lá e **replicaram** a oficina. As oficinas exigem atividade prática. E é do **conhecimento** particular da **comunidade**. **Então, dá** para ser **replicado**, replicado em qualquer lugar. Hoje acontece com todas as salas, interdisciplinarmente.

Se **apropriaram** de **informações técnicas** da construção, **inclusive** para **perceber**: Por que o material era aquele? Quais eram os objetivos de quem construía? Quem construía aspectos sociais, os barões do café ou as **pessoas que** trabalhavam. Pude **observar** que os alunos têm **contato exatamente** com documentos ou com outras situações também de **desastres** que aconteceram para que eles possam trazer essa **informação** para o município e **depois replicar** essa **informação**. É **ótimo** você ter esta **informação**! Mas do que adianta, se as **pessoas** que estão **próximas** nesta área não souberem. **Assim**, meio que este é o start, isso é a importância do projeto. Essa é uma **forma** de **informações** irem se consolidando. São caminhos que a escola tem encontrado, **depois** que as oficinas foram feitas (**Professor Coordenador Pedagógico**).

Então, cada turma nova que for adentrando à escola, deve ter acesso a estes conhecimentos, tanto pelos alunos que aqui estiverem, como pelos documentos registrados pela escola, os quais os alunos deverão ter livre acesso. Somente assim o assunto será fomentado e permanecerá vivo na memória dos estudantes e conseqüentemente na memória dos luizenses que só terão a ganhar com isso.

Além da divulgação das informações nos contextos escolares, percebe-se pelas análises dos relatos do Professor Coordenador do Projeto que estas informações são levadas para os lares pelos alunos que as recebem das mais variadas formas, o que ele considera bastante válido, afinal a meta do Cemaden Educação é esta mesmo, que a divulgação seja ampla e contínua, que não fique estagnada apenas em um contexto.

O que **percebemos**, é que as coisas que foram **discutidas aqui**, chegam à **comunidade** por estes outros caminhos que eu não acho que seja errado **exatamente**, porque o **modelo** que o Cemaden Educação deixou falou,

está **aqui o modelo**, agora **multiplica**, porém, estes são desafios e eles existem **exatamente** para que possamos atacar, **perceber e resolver**. (**Professor Coordenador Pedagógico**).

E para disseminar informações, contaram também com a participação do agente da Defesa Civil, que também foi imprescindível para que o projeto Cemaden Educação obtivesse êxito, pois as palestras as quais contavam com o envolvimento e as informações que só o agente deste órgão teria a capacitação para desenvolver, foram sempre muito bem administradas, com prestatividade e competência do agente que as desenvolvia de modo a apreender a atenção dos estudantes o tempo todo. Sabendo-se que nos dias atuais conquistar a atenção deste público por um longo período de tempo é digno de mérito, tamanha é a rapidez com que eles processam as informações, solicitando sempre novas abordagens.

A **Defesa Civil** de nossa cidade, foi muito parceira durante o projeto **aqui**, e é muito ativa nesta **ideia de multiplicar informações**. **O agente da Defesa Civil** é o palestrante das escolas municipais para falar sobre **enchentes, desastres, prevenção**. **Muita informação** que receberam **aqui se multiplica** (**Professor Coordenador do Projeto**).

A união de esforços para que a enchente e também o aprendizado que foi conquistado a partir dela permaneça na memória dos luizenses, tem sido uma meta perseguida pelos que tiveram a oportunidade de vivenciar o trágico incidente e também as práticas do projeto Cemaden Educação. Todos têm consciência da importância de se preservar na memória o trágico acontecimento, porém o mais importante ainda, é o que se tirou de bom deste episódio, que foi a reflexão e a certeza de que é a própria comunidade que deve se preocupar com a sua cidade e buscar o melhor para ela, fator este que deve ser levado em consideração, segundo o Professor Coordenador do Projeto.

Então, a comunidade que **precisa** saber disso, não é um plano. Não **funcionaria** se fosse um plano **apenas** governamental. **Pensamos** isso para nossa cidade, pois quem tem que **pensar** nossa cidade é nossa cidade (**Professor Coordenador Pedagógico**)!

Nota-se que não existem dados apurados para saber qual porcentagem da comunidade foi atingida com as informações que os alunos receberam do Cemaden Educação. Acredita-se que, como as informações recebidas pelos alunos foram replicadas, tanto na escola em que o projeto foi desenvolvido, como em escolas de Ensino Fundamental, as informações tiveram um longo alcance, ou melhor, uma grande abrangência na comunidade local se todos os alunos que receberam estas informações realmente levaram-nas para suas casas e compartilhou-as com seus familiares.

Como são os alunos que vão **replicar** as **informações**, não temos condições práticas de fazer o mapeamento para **perceber** onde chegou, até porque isto não é o papel da escola (**Professor Coordenador Pedagógico**).

Sabem que investiram bastante para que todo conhecimento adquirido fosse disseminado, porém ter a dimensão de seu alcance na comunidade local já é algo que não tiveram condições de fazê-lo.

Grupo E: Rafting, Natureza, Vida, Prevenção, Alto, Lidar, Ambiental

O *Rafting* é uma atividade de destaque em relação ao ecoturismo no Rio Paraitinga na cidade de São Luís do Paraitinga, mas durante a inundação do rio Paraitinga no início de janeiro de 2010:

Grupos de luizenses instrutores e praticantes de *rafting* pegaram seus botes, vestiram os coletes, colocaram os capacetes e começaram a evacuação preventiva durante o dia, convencendo seus comparsas cidadãos de que era preciso sair, mesmo que historicamente as águas nunca tivessem atingido níveis preocupantes dentro de suas residências. (MARCHEZINI, 2014, p.66)

Ainda segundo o autor:

Ao longo da noite e da madrugada, diante da ausência de luz elétrica, os praticantes de *rafting* eram guiados pelas lanternas e vozes das pessoas, percorrendo as conhecidas ruas e pontos da cidade para deslocar idosos, crianças e famílias inteiras para um lugar mais alto e seguro. (MARCHEZINI, 2014, p.67)

Esse esporte e seus praticantes eram muito malvistas pelos moradores da cidade, sendo considerados, inclusive, como “desocupados”, no entanto, essa visão distorcida foi modificada após as ações de salvamento em ocasião da inundação em São Luís, a opinião mudou completamente. Pois,

Localmente, a classificação anjos do *rafting* é um contradiscurso diante do discurso do Outro, mas também um indicativo de uma das transformações culturais constitutivas dos processos de mudança social ocorridos em desastres e que expressa como estes são eventos sociais que se dão em tempos sociais, disruptivos em seu intercurso e que devem ser entendidos em um contexto de mudança. No cotidiano luizense, antes da inundação, os discursos sobre instrutores do *rafting* não lhes atribuíam a qualificação de anjos, mas sim – nas palavras de alguns instrutores de *rafting* – de vagabundos, uma vez que o exercício de seu trabalho estava condicionado à visita de turistas nos finais de semana e durante a semana tais instrutores treinavam no rio ou não trabalhavam. (MARCHEZINI, 2014, p.75-76).

A partir do episódio da inundação diante das ações dos praticantes deste esporte todos passaram a admirar o *rafting*, bem como seus adeptos, fazendo até com que os mais jovens aderissem ao esporte, inclusive um jovem bastante ativo no projeto Cemaden Educação, pois ele percebeu o quão este esporte pode ser usado benéficamente, em prol da comunidade. Pode-se ver na figura a seguir como se dá a prática do esporte:

Imagem 12: Atividade do *Rafting*⁴² no rio Paraitinga



Fonte: Cia de *Rafting* (São Luís do Paraitinga) - 2019. [tripadvisor.com.br](https://www.tripadvisor.com.br)

O Professor Coordenador Pedagógico da escola falou do quão prazeroso é a prática do *Rafting*. Então, pode-se perceber que este esporte une o “útil ao agradável”, pois além de ser uma prática a qual seus adeptos vivem grandes aventuras nas corredeiras, ainda pode servir como aliado em situações de desastre natural, especialmente em caso de cheias do rio ou inundações.

Um dos alunos que participou ativamente **aqui** na época do projeto piloto, hoje trabalha com **Rafting**, que durante a **enchente** foi decisivo para impedir que **pessoas** morressem. E antes da **enchente**, eles eram mal vistos pela **comunidade**. **Inclusive** um dos alunos que se destacava pelo interesse e envolvimento, hoje ele está no **Rafting**. **Então**, significa que **aqui** despertou nele uma coisa **assim**. Isto o que o **Rafting** fez, foi sensacional! E não era combinado. Era espontâneo. Após a **enchente**, eles **viraram** os anjos do **Rafting**. **O** aluno foi para lá **depois**, e hoje ele tem **conhecimentos técnicos**. **Ativamente** participa do **Rafting**

⁴²*Rafting*: é uma prática de descida em corredeiras utilizando botes infláveis e equipamentos de segurança. Três empresas atuam no município. Quando ocorreu a inundação de 2010, as empresas disponibilizaram os botes e cerca de 50 praticantes foram os responsáveis pelo salvamento de aproximadamente 800 moradores. Foram reconhecidos pela comunidade como heróis sendo chamados de “anjos de remos”

e precisa desses **conhecimentos** lá, **informações** importantes sobre a **natureza** e respeito ao rio (**Professor Coordenador do Projeto**).

O Professor Coordenador Pedagógico da escola fala também do quão prazeroso é a prática do *Rafting*. Então, pode-se perceber que este esporte une o “útil ao agradável” pois, além de ser uma prática a qual seus adeptos vivem grandes aventuras nas corredeiras, ainda pode servir como aliado em situações de desastre natural, especialmente em casos de cheias do rio ou inundações.

Já fiz *Rafting*, e é uma delícia! Experiência única, incrível! Este **contato** com a **natureza**, é muito bacana! Agora nas férias, fui com meus **pais** para cachoeira fazer trilha, etc (**Professor Coordenador Pedagógico**).

Além do *Rafting*, o Professor Coordenador diz que existem outras práticas esportivas livres que podem ser realizadas aproveitando a natureza exuberante da cidade, como nadar na cachoeira, fazer trilhas. É possível perceber que, embora os moradores de São Luís estejam inseridos em um contexto um tanto quanto perigoso, eles procuram explorar este contexto com práticas que lhes proporcionam alegria e prazer.

Os moradores da cidade utilizaram-se da catástrofe para fazer com que a cidade ficasse ainda mais conhecida, pois já era conhecida antes devido às suas muitas atrações, as quais já foram descritas aqui anteriormente. E ao dar voz à camada mais frágil da população deste município estava mostrando aos seus moradores que todos têm sua significância e devem ter oportunidade de se colocarem, buscando assim a colaboração de todos.

Por tudo que saiu depois, pelo livro que saiu aqui da escola, pelo documentário Memória Luizense que deu voz aos idosos para falar de suas experiências de vida, e da enchente (**Professor Coordenador do Projeto**).

Nota-se que no decorrer do projeto foi possível que os participantes conhecessem muitas pessoas diferentes, as quais só vieram a contribuir com a dinâmica do desenvolvimento do mesmo, levando inclusive à reflexão do quão positivas foram as relações com essas pessoas e como acrescentaram coisas boas em suas vidas. Então, pode-se destacar que o Cemaden Educação, movimentou não só a escola, mas também a comunidade e a vida das pessoas, propiciando maior interação tanto dos moradores residentes na cidade, como com os de fora, ampliando assim as possibilidades de trocas de experiências e laços de amizade.

Eu agradeço muito ter conhecido o Vitor, o acho uma pessoa espetacular! Isso só foi possível por causa do Cemaden Educação. De onde eu o conheceria se não fosse pela circunstância da enchente? E o fato dele dizer para seus orientandos que precisavam vir para cá por causa do Cemaden Educação foi muito bom (**Professor Coordenador do Projeto**).

Embora o professor relate sobre o quão bom foi o contato com todos os envolvidos no Projeto, destaca a participação de um dos membros, que além de desenvolver o trabalho com eles ainda propiciou outros contatos e novos projetos com seus orientandos.

O Professor Coordenador do Projeto faz um paralelo da “enchente” de São Luís com o desastre em Brumadinho, onde apresenta muitas indagações em relação ao “acidente”. Indagações estas, que todos devem se fazer quando vivenciam situações catastróficas.

Como estamos vendo no caso de Brumadinho quem é o responsável? Qual papel do governo? Quem vai salvar? Como os voluntários podem trabalhar? Por que se rompeu? Qual a informação técnica? Porque ninguém viu (Professor Coordenador do Projeto).

Além de questionamentos em situações como estas, as pessoas devem também ter a convicção de que precisam obter as respostas, pois caso contrário estes desastres continuarão acontecendo e nada será feito para mudar as condições das que vivem em áreas de vulnerabilidade.

Grupo F: Modelo, Multiplicar, Metodologia, Caso, Apenas, Estabelecer, Sempre, Assim

O que se destaca também é a metodologia utilizada no desenvolvimento do Projeto Cemaden nesta escola, a qual foi utilizada em outras escolas a fim de verificar a veracidade de sua aplicabilidade em uma situação real de desastre natural. E o professor coordenador relata que:

Os resultados das oficinas, **modelos** de oficinas, está tudo lá à disposição para as **pessoas se apropriarem**, mas é a prática e **sempre** a prática que **dará** resultados. **Então, sempre** procuro ter este **olhar, além** do estritamente **técnico**. Porque envolve mais coisas: as relações, **contatos** que se **estabelecem**, são muito **maiores** na **vida** e também na prática. **Então, de certa forma**, era uma experiência. Uma **ideia** sendo implementada, para a partir daí essa **ideia** ganhar uma **forma** para ser aplicada em **comunidades** que têm diferentes **riscos**, mas com a mesma **metodologia**. Porque você efetivamente aprendeu. Você está nela. Eles **perceberam** a importância disso... da **metodologia[...]** (Professor Coordenador do Projeto).

Percebe-se pelo relato do Professor Coordenador do Projeto o quanto a metodologia aplicada foi importante e eficiente para que o “desenrolar” das oficinas ocorresse de maneira a seguir e respeitar métodos, sem os quais o trabalho não fluiria com o mesmo aproveitamento. E o mais relevante foi que os estudantes aprenderam a importância do método para a conquista de melhores resultados aos empreendimentos.

Grupo G: Multiplicar, Forma (lidar), Risco Ambiental

O Professor Coordenador Pedagógico, afirma que não participou efetivamente do Projeto Cemaden Educação, pois na época era professor de Inglês, porém percebeu que o projeto movimentou muito a escola.

Percebi aqui uma movimentação muito importante, partindo do pressuposto em que o contato com o município se deu principalmente por aquela **questão** de de **prevenção** de **risco** de **desastres**, a qual o município também passou (**Professor Coordenador Pedagógico**).

No entanto, em meio a tantos investimentos, mesmo que não se tenha dados estatísticos, o que se pode notar pela fala do Professor Coordenador do Projeto é que, embora ele tenha sido muito bom, algo que tanto ele como os participantes ativos do mesmo o validam como extremamente relevante e necessário, percebem que, para uma parcela da comunidade não o foi. Diante da prestatividade de todos e especialmente do Agente da Defesa Civil sempre disposto a passar informações importantes, de vivência pessoal com a tragédia, os moradores muitas vezes nem se quer se disponibilizavam a participar.

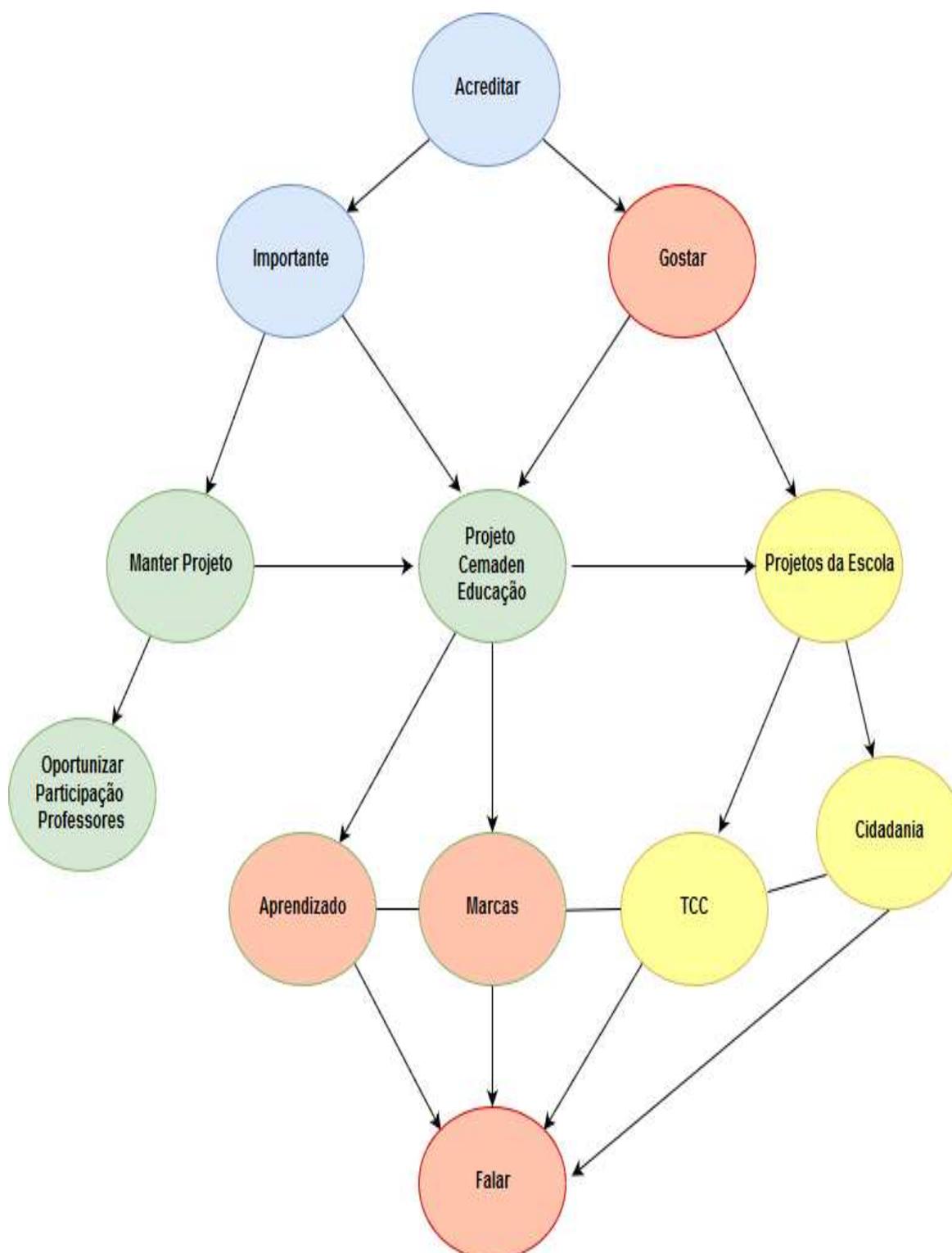
Porque talvez não seja o **modelo** que essa **comunidade precise** ou queira. Quando eu vejo o agente da **Defesa Civil**, que trabalhou **aqui** conosco em todas as oficinas, estava **sempre aqui cheio** de **informações** porque atuou diretamente na **enchente** (**Professor Coordenador do Projeto**).

Percebe-se que a comunidade deixou de adquirir e absorver muitas informações importantes por falta de empenho e interesse próprio, pois pessoas qualificadas e dispostas para divulgar práticas e ações de proteção em relação aos desastres naturais, não faltaram.

Classe 1: Credibilidade do Projeto

A Classe de Palavras gerada pelo IRaMuTeQ, aqui denominada Classe 1, apontou termos recorrentes em 21,3% das falas dos entrevistados, demonstrando que estes temas são considerados de significativa importância para o grupo de entrevistados. As palavras que compuseram a Classe 1, após análise podem ser observadas no mapa conceitual da figura 04.

Figura 11: Credibilidade do projeto



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A Classe 1 apresentou uma sequência de vinte e sete palavras. O trabalho de análise de sua recorrência nas falas do professor e alunos entrevistados ocorreu da seguinte forma:

primeiramente realizamos uma pesquisa cuidadosa com a primeira palavra de maior recorrência na classe: **acreditar**. O *IRaMuTeQ* gerou um relatório em que é possível visualizar todos os segmentos de texto em que esta palavra aparece. Ao observar este relatório, pode-se verificar em quais segmentos de texto a palavra **acreditar** aparece, quais e quantos foram os entrevistados que disseram a palavra **acreditar** em suas falas e em qual contexto disseram.

Ao fazer esta primeira análise já foi possível verificar que a palavra **acreditar** se relacionava, em vários momentos, com outras palavras desta mesma classe, como por exemplo **gostar**, **achar** e **importante**. O trabalho de análise, foi direcionado, então, a procurar compreender quais as relações existentes entre cada uma destas palavras na Classe 1, até que suas relações se esgotassem. Esta etapa da análise propiciou a criação de um Mapa Conceitual que demonstra as relações existentes entre cada uma das palavras da Classe 1 nas falas dos entrevistados, como pode-se visualizar na figura 4.

Grupo F: Acreditar, Gostar, Achar, Importante, Frente

O projeto Cemaden Educação foi adquirindo a credibilidade de seus participantes, no decorrer da realização das atividades, pois puderam averiguar que de fato as abordagens que iam sendo propostas tinham fundamento para serem aplicadas em situações emergenciais as quais já haviam vivenciado em decorrência da inundação.

Os coordenadores e ex-alunos que participaram do projeto relataram o quanto gostaram e o acharam importante, conforme é perceptível pelos relatos a seguir:

Eu acredito que é **superimportante** também, pois pelo pouco que **conheço** é uma **instituição** que se faz **muito** necessária. **Ainda mais** aqui em nossa cidade por ter passado pelo problema da enchente, por ter perdido tanta **coisa**. **Vimos** percebendo o quanto as **instituições** e as pessoas que vêm até a escola para ofertar essas **orientações** estão dispostas e **acreditam muito** que é **importante** entrar em **contato** com o **aluno** já no Ensino Médio para mostrar para ele na prática. Que consiga também arcar com essa demanda que esses **alunos apresentam**, que ao meu **ver** é uma **coisa** que faz falta, da forma que eu penso na Educação. É **muito importante**! Eu **acho** que é **muito** bacana esse tipo de **contato** com objeto de aprendizagem (Professor Coordenador Projeto).

Um dos aspectos **mais importantes** foi de que, **dentro** da porcentagem dos que se prontificaram, tiveram **alunos** que não **abraçaram** a causa, porém tiveram alguns que se **destacaram**. Foi um **projeto** desenvolvido com **muito** amor, muito carinho por todos os **alunos**, os professores e **principalmente** o coordenador que está sempre ajudando e desenvolvendo algumas práticas. No **mais** é isso... eu **gostei muito** de participar do **projeto**! Eu **acho** que o **projeto** pra mim foi uma experiência **incrível**! Participei também no ano passado. **E**, eu **espero** que eu possa **continuar** participando dele por **muito** tempo. Um **dia** eu pretendo **ainda voltar** na escola e quem sabe

estar **mais a frente** do **projeto**, **falando** sobre ele. Isso é uma das minhas metas também (Aluno 1).

Eu **achei** que realmente é **importante** nós sabermos e tomarmos conta disso. Se eu pudesse eu **voltaria** no **projeto** de novo, porque eu **acho o máximo!** E eu **espero** que cresça, que ele cresça e **continue** evoluindo aqui na escola, pelo menos aqui na escola. E que ele possa atingir outras cidades. É um **projeto muito importante!** E atingindo uma maior quantidade de pessoas seria perfeito! Eu **acho** que foi **muito importante** a integração dos conhecimentos **ajudando-nos a ver** isso, qual a importância que tem isso (Aluno 2).

Eu **gostei muito** de participar! Eu fui andando. Fui indo junto, porque **vi** a importância do **projeto** para a cidade. **Vi** o jeito que o pessoal **gostava** de ensinar e acabei me encantando (Aluno 3).

Alunos disseram “Olha, o que eu **acho importante** que eu **aprendi** aqui é que eu posso contar para alguém e se esse alguém não for diretamente atingido ele pode contar para alguém que é diretamente atingido. Então “sacou” (Professor Coordenador Projeto).

Pode-se perceber, pelos relatos acima, que o investimento de todos que se prontificaram a colaborar com a efetivação do projeto foi grande, mostraram-se dispostos a participar das atividades tanto internas quanto externas. Por isso, conseguiram enxergá-lo em toda sua magnitude e significância. Fora o prazer e satisfação que sentiram em participar de causa tão nobre, que ocasionou-lhes marcas profundas e positivas para levarem para a vida toda.

Ao entenderem o objetivo do projeto, os alunos atuantes no mesmo já iniciaram o processo de disseminação dos conhecimentos adquiridos em outros contextos enquanto ele ainda acontecia e após findadas as oficinas, palestras, eles deveriam dar continuidade a esta prática. E isso culminou em satisfação para todos que o aplicaram, ou seja, valeu a pena todo empenho e investimento. No entanto, as dificuldades também permearam as ações, como expressas nos relatos a seguir:

Eu **acredito** que essa seja a **principal** dificuldade que nós encontramos no momento, de **realizar** algumas **atividades**. É **justamente abraçar** causa e **querer** fazer essa força de vontade de **levar o projeto a frente**. **Talvez** essa seja a **principal** dificuldade encontrada. Mas eu **acredito** que a grande dificuldade mesmo é do **projeto** nas escolas (Aluno 1).

Nem que o estado pudesse me pagar ele não conseguiria mesmo! Paciência! Eu sei que isso é **muito** idealista, vocacionado, às **vezes** soa bonito e na prática é sofrido! Mas como eu **acredito**, eu faço o que eu **acredito** (Professor Coordenador Projeto).

Desenvolver um **projeto**, **gostar** desse **projeto** e se estimular **mais**. Se o aluno tem uma desestrutura familiar isso atrapalha **muito**. **Se** ele está desempregado, com problemas **sociais**, enfim vários aspectos que **impedem** e interferem, por isso eu estou **levando** em consideração também. Na verdade, **dentro** das escolas eu **acredito** seja **levar a frente o projeto** e fazer com que os **alunos** percebam a importância, porque **ficou** no esquecimento (Professor Coordenador Pedagógico).

Embora o projeto Cemaden Educação, tenha sido um acontecimento bastante importante para a escola e tenha contado com a participação de uma parcela da comunidade, infelizmente está caindo no esquecimento, porque os alunos que puseram suas ações em prática já saíram da Unidade e os novos que estão chegando ouvem apenas falar da inundação e/ou de algumas poucas práticas do Cemaden Educação. Alguns professores abordam o projeto quando o tema enchente entra em pauta de discussão. Têm acontecido algumas poucas reuniões apenas, nos setores públicos da cidade com o intuito de desenvolver atividades relacionadas ao Cemaden Educação.

Mas a escola, alicerça sua prática com um trabalho baseado em outros projetos também, conforme pode-se verificar nos relatos a seguir:

Vou citar dois **projetos** que eu **acredito** que são **muito importantes** que vamos desenvolvendo, e tem tido um retorno **superpositivo** para escola. “A vida após o Ensino Médio”. Um outro **projeto** que eu **acho** que na escola já vem **acontecendo** há **bastante** tempo e estamos tentando cada **vez mais** aprimorar é a Semana da Cidadania que já passou a ser uma **atividade** já do calendário da escola. Outros **projetos[...]** eu ressalto um que os **alunos** aprovam **muito**, que é a presença dos **ex-alunos**. Esse é um projeto que eu **destacaria** e das oficinas que a gente **realiza talvez** a que **mais** os **alunos gostem**, porque a gente faz uma roda de conversa de **ex-alunos** para que eles **falem** (Professor Coordenador Projeto).

Se **queremos levar** os **alunos** para **conhecer** parque ou uma **coisa**, que **entendemos** que é **muito mais importante** às **vezes** que uma aula dentro da sala de aula, eles **aprendendo** ali! Então, quando os **alunos** vão lá, eles fazem a trilha, **conhecem** a vegetação, **conhecem** os animais e a **orientação**. Quando que ele **aprendeu!** **Mais** do que uma aula de botânica às **vezes dentro** da **sala** de aula. **Acredito** que são **projetos** assim, **mais** impactantes para a comunidade. Ela precisa se movimentar, porque faz parte da comunidade **produzindo** conhecimento a partir do **projeto** do TCC. Eu **acho** que a escola precisa dessa função **social** na comunidade ela tem que refletir para o meio que ela está (Professor Coordenador Pedagógico).

Foi possível notar que a escola desenvolve outros projetos bastante interessantes também, onde o aprendizado é baseado em um trabalho cooperativo, investigativo, dinâmico que oportuniza a vivência da prática alinhada à teoria.

Quanto ao projeto Cemaden Educação sua fase piloto foi concluída. Sendo possível observar que alguns ex-alunos continuam empenhados em mantê-lo ativo com a disseminação dos conhecimentos e práticas adquiridas mesmo após terem saído da escola, pois além de terem gostado do projeto reconhecem a sua importância para a vida dos luizenses. Outros, mesmo tendo gostado não retornaram mais à Unidade Escolar para saber de seu andamento se o pluviômetro estaria funcionando e sendo monitorado como seria o esperado. Tais afirmações podem ser constatadas no relato a seguir:

Neste momento eu não sei o que está **acontecendo**, porque eu não estou **mais** estudando aqui. Antes vinham os estudantes e os Coordenadores... mas eu acredito que o **projeto ainda** esteja **continuando**. (Aluno 2).

Então, pode-se perceber que um dos ex-alunos acredita que estejam dando continuidade ao projeto Cemaden Educação, porém não costuma ir à escola para monitorar e nem para reaplicar o que aprendeu.

O Projeto Cemaden Educação ainda acontece no ambiente escolar, porém com menos ênfase, ou seja, um conhecimento que dispendeu o empenho de variados profissionais em suas diferentes especificidades, muitos gastos, muito tempo investido, redundou apenas em uma crença para alguns, sem preocupação de averiguação do andamento do mesmo junto à comunidade escolar.

Em relato o Professor Coordenador diz

Acho que o **projeto acontece**, mas é pouco. Quando **voltei para escola**, me lembro que fui tomar conhecimento desse **equipamento, o pluviômetro**. A gente **aprendeu! Acontece** essa disseminação da informação, mas **acredito** por exemplo que uma formação para **mais** professores e para os **alunos** poderia **ajudar mais**, para que de **repente aconteçam mais coisas** em relação a este **projeto**, quanto ao apoio e a **participação** do Cemaden Educação na escola (Professor Coordenador Pedagógico).

O Coordenador Pedagógico da escola, julga que aprendeu um pouco sobre o projeto Cemaden Educação, porém acha que deveria ser mais disseminado entre o corpo docente. Que deveria ter sido concedida maior abertura e condições aos professores de participarem efetivamente das propostas de atividades do órgão.

Grupo G: Aluno, Projeto, Conhecer, Participação, Marca, Aprender

O desenvolvimento do trabalho pedagógico da escola por meio de projetos é uma forma de transmitir o conteúdo programático de maneira mais efetiva sendo uma prática educativa muito bem aceita pelos alunos. O termo projeto surgiu no contexto educacional em meados do século XX e tinha como objetivo orientar os docentes em suas práxis pedagógicas. No entanto, foi através do pensamento de Dewey (1956) e outros representantes da chamada “Pedagogia Ativa”, que surgiram as primeiras referências ao trabalho com projetos como meio pedagógico.

Isso acontece, pois, o projeto permite realizar um trabalho mais amplo, possibilitando abordagens diversificadas sobre o mesmo assunto redundando em mais envolvimento dos aprendizes que precisam ser despertados em suas inteligências múltiplas, como observa-se nos relatos a seguir:

Eu participei do **projeto** enquanto eu estava estudando. Nós fazíamos umas **coisas** menores. Depois teve a instalação do pluviômetro, nós visitávamos as margens do rio e foram **bastante atividades legais**. Então, sei que a escola também **desenvolveu** alguns **projetos** junto à comunidade (Aluno 1). Me encanto por **projetos**, porque eu **acho** que eles são um caminho **importantíssimo** para o **aprendizado**! Adotei a ideia, logo quando a Rachel Trajber **falou**, explicou o que era o Cemaden Educação, como funcionava, porque ela estava à **frente** do **projeto**. E podendo mobilizar a comunidade nos **projetos** de **participação** da comunidade, da escola, ao meu **ver**, **acho** que ela **cumpriu** sua função e não **ficou** somente no espaço físico. Eu **falo** para eles que é **importante** que tenham a dimensão da riqueza do **material** que estão **produzindo** às vezes eles não têm (Professor Coordenador Pedagógico).

Conheceram todos os **equipamentos**, o **material**, os pluviômetros, **tudo** isso que **conheceram tiraram bastante** foto e trouxeram aqui para nós. **Acho muito legal**, porque eles **voltaram super** feliz, **falando**, que haviam aprendido. O cemaden, sempre quando precisamos para alguma **orientação** prática para os **alunos** podemos contar com os subsídios deles portanto eu **acho** é **importante** sempre mantermos esse **contato**, fomentar isso **mais**, até porque eu não sei esse **projeto**, desse programa vai se estender por mais tempo. Cada ano precisa de novo reavivar desta informação, para que possam **entender** que isso faz parte. Olha, eu **acho** que posso até estar sendo redundante em relação a essa informação, mas **acredito** que essa **participação seja fundamental**.

Mas, estou **muito** feliz das coisas que conseguimos! Das **coisas** desse projeto que **acreditamos ver acontecendo** e, depois **ver** resultado positivo. Fico **bastante** contente! (Professor Coordenador Pedagógico).

Ao analisar as falas dos entrevistados, pode-se perceber que a escola realiza projetos bem interessantes, os quais são validados pelos alunos que os julgam bem legais, especialmente os que lhes propiciaram sair do contexto escolar e vivenciarem experiências únicas, conhecendo lugares e objetos nunca visto antes por eles. E isso proporciona um grau de satisfação não só para os alunos, mas também para os Coordenadores, pelo fato de serem profissionais que consideram que a aprendizagem não deve se resumir aos conteúdos acadêmicos e todos fechados em uma sala de aula. Por isso trabalhar com projetos foi e tem sido importante por demais para

Os **alunos, pois ficaram** marcados pelo **projeto Cemaden Educação (Aluno 1)**.

Mesmo ela estando cada **vez mais** afastada no tempo, as **marcas continuam** presentes nos discursos, nas impressões, e isso até me chama atenção porque fiz esta observação esses dias nós estamos há 9 anos de enchente para **um adulto** está **tudo muito** vivo, **muito** presente (**Professor Coordenador do Projeto**).

Na memória deles, eu **deixei** alguma **marca**. Sobre os **projetos** futuros da escola **tudo, tudo** que me disser respeito das **coisas** que eu sou convidado fora da escola e das que **aconteçam dentro** da escola. Em todas aquelas que eu confiar que **ficarão marcas** na vida dos **alunos** eu vou participar. Vou contribuir do jeito que eu conseguir, que a minha competência permitir, que a minha qualificação **deixar**. Vou participar porque **acredito** nestas marcas. (**Professor Coordenador do Projeto**).

E as escolhas dos projetos são avaliadas pelo Professor Coordenador de forma peculiar, buscando valorizar os que de fato propiciarão marcas valorosas na vida de seus educandos, que vão somar positivamente, visto que, a vida já se encarregou de deixar marcas e lembranças desagradáveis como a do episódio da enchente (inundação) em 2010, na cidade de São Luís de Paraitinga e que custou e ainda tem custado muito aos moradores da cidade se recuperar de um ocorrido que mexeu de forma profunda com todos.

Grupo H: Vez, Deixar, Bastante, Acontecer, Orientação, Aprendizado, Principal

O professor Coordenador Pedagógico, ressaltou ainda seu anseio de que a escola seja um ambiente agradável e acolhedor, lugar onde os estudantes queiram estar todos os dias e se sintam felizes. E, por esse motivo aderem a muitos projetos e bem variados para procurar assegurar a atenção dos alunos. Até da limpeza da escola eles cuidam, e por incrível que pareça de maneira animada e prazerosa, pois não é uma imposição, eles são “induzidos” de forma a terem conhecimento de que a escola é um patrimônio deles, uma segunda casa, e que se não cuidarem bem dela, serão os mais prejudicados, afinal não é nada agradável ficar em um espaço sujo, desorganizado.

Costumamos fazer uma **atividade**, que **acho** que é **super legal** e eles **gostam bastante!** Porque realmente **veem** o quanto a limpeza da escola também depende deles. Eles fazem um mutirão de limpeza (Professor Coordenador Pedagógico).

Em relação aos sonhos para a escola, o Professor Coordenador da Escola de uma maneira bastante utópica fala que:

Gostaria que a escola fosse **mais gostosa!** **Que** a escola fosse **mais** divertida! Eu **queria** um **aprendizado mais** efetivo sabe!? Pelo menos eu fazia isso em **sala** de aula. Embora ache que o tecnicismo e o tradicionalismo seja **importante** (Professor Coordenador Pedagógico).

Então, é possível notar que esse projeto do TCC, Projeto Cidadania, Cemaden Educação, acaba colaborando com os anseios do Coordenador Pedagógico da Escola, porque torna o estudo dos conteúdos mais interessante, prazeroso, pois oferece oportunidade aos estudantes de um acesso maior a conhecimentos variados, aproximação do objeto de estudo, contato com pessoas diferentes, estimulando o desenvolvimento da aprendizagem destes alunos integralmente. Para o Coordenador Pedagógico o trabalho com projetos

Valoriza pesquisa, oferece oportunidade ao **aluno** aparecer, tem **tudo** isso. **Talvez** o desafio da escola seja assim e eu **acredito** que vai **acontecer** com os resultados que vamos **apresentando**, irão aparecendo **mais alunos** interessados em fazer. Uma **vez** também os **alunos** foram **conhecer** o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) (**Professor Coordenador do Pedagógico**).

Além do trabalho com pesquisas, a vivência na prática com profissionais que possuíam uma gama variada de conhecimentos foi muito rica, como pode-se verificar nos relatos dos ex-alunos entrevistados

Às **vezes** visitávamos a estação de água, o leito do rio. Tinha que ser em horário contrário. Nós fazíamos **bastante coisas**. Assim **bastante** influência, porque além de nós **alunos** estarmos **conhecendo** isto, novidade pra nós (Aluno 2).

Ocorreram alguns momentos e foram preciosíssimos! **Aprendemos** muitas **coisas**. O grupo de **alunos** teve **muito** respaldo, muita **coisa** para hoje poder estar **falando**. Tivemos **contato** com geógrafos, cartógrafos, antropólogos (Aluno 1)

Nota-se que o contato com diferentes profissionais, uma prática interdisciplinar, visitas a locais diferentes oportunizou o aprendizado de todos gerando assim segurança, dando voz aos alunos para propagarem o que aprenderam em relação aos Desastres Naturais e às medidas de prevenção, com objetivo de multiplicarem seus conhecimentos com outros alunos, com familiares e com a comunidade.

Mas é possível perceber pelo o relato do Professor Coordenador

Ao meu **ver**, poderia sim ser ampliado. **Não** sei se não **chegou** tudo até mim, porque estava em **sala**, por isso não me recorde, mas acho que precisa **mais, ficar** próximo da escola. De **repente, vir mais vezes** para cá (**Professor Coordenador Pedagógico**).

Ele revela que embora estivesse na escola, lecionando como docente na época do projeto Cemaden Educação, não recebeu todas as informações referentes ao mesmo. Ficou mais focado entre os alunos e o Professor Coordenador do Projeto. Considerou, portanto, a necessidade de o Cemaden Educação continuar seu excelente trabalho, porém com a participação mais expressiva e abrangente do corpo docente, visando que de fato toda Unidade Escolar se envolva no processo.

Grupo I: Super Legal, Falar, Atividade, Dia, Instituição, Orientação

Na voz de um participante, aluno 1, fica evidente no seu relato que ele acredita que se for feito um trabalho de união para divulgação do projeto cada participante poderia compartilhar o que aprendeu, e se for um trabalho sistemático conseguiria abranger toda a comunidade.

E **ainda** que como se fôssemos formiguinhas **falando** de um em um, eu **acredito** que um **dia** todos estarão a par de **tudo** que **acontece**. **O** meu papel no **projeto** agora na escola é **justamente** esse, tem algum evento que vai ocorrer em tal **dia**, alguém pergunta: Você **quer** participar? E eu prontamente vou, porque gosto **muito** de **falar** sobre o **projeto** (Aluno 1).

Eles **ajudando** nas decisões. Eles manifestando o que **acham** melhor para escola. Democrático, **muito** democrático! Até sou **bastante** criticado por isso. Dizem que **deixo** o **aluno falar muito**, mas eu analiso, lógico! Os investimentos, o que se enxerga sobre a Educação Pública é que cada **vez** está sendo **mais** depreciada. Precisamos ter pessoas aqui para **continuar** fazendo a resistência. Essa essência de **falar, acreditamos** nessa gestão democrática. **O aluno** tem que **falar**, afinal... **vir**, sentar bumbum na cadeira e **ficar** das sete até meio **dia** e vinte não é **legal!** Vamos **tornar mais** atrativo! Fazer **mais** dinâmico, **mais** participativo! Tem-se uma **instituição** ou você tem um braço a **mais** de gente que mora na comunidade, gente que está aqui vivenciando e que pode contribuir para isso, com esse conhecimento. (**Professor Coordenador do Pedagógico**).

A escola tem uma visão democrática e isso de fato coopera na formação de cidadãos democráticos, críticos e agentes em sua realidade, o que vai contra um sistema que almeja pessoas alienadas. E somente assim se consegue as mudanças necessárias para melhoria da qualidade de vida a todos, não apenas a minoria privilegiada.

Classe 2: A escola de Ensino Médio

A Classe 2 apresentou uma sequência de vinte e sete palavras. Primeiramente, foi realizado uma pesquisa com a primeira palavra de maior recorrência na classe: **Ensino**. Ao analisar quais os segmentos de texto que a palavra **Ensino** aparece, quais e quantos foram os entrevistados que recorreram a ela e em quais contextos foi possível verificar que esta palavra se relacionava diretamente com a palavra **Médio**.

Ao analisar os segmentos de fala dos entrevistados em que apareceram as palavras **Ensino** e **Médio**, a palavra **Ensino** se demonstrou como principal desencadeadora das demais palavras, demonstrando a existência de uma forte relação dos entrevistados com o local. As demais palavras desta classe demonstraram esta relação com o lugar onde está a escola: **tentar, mesmo**.

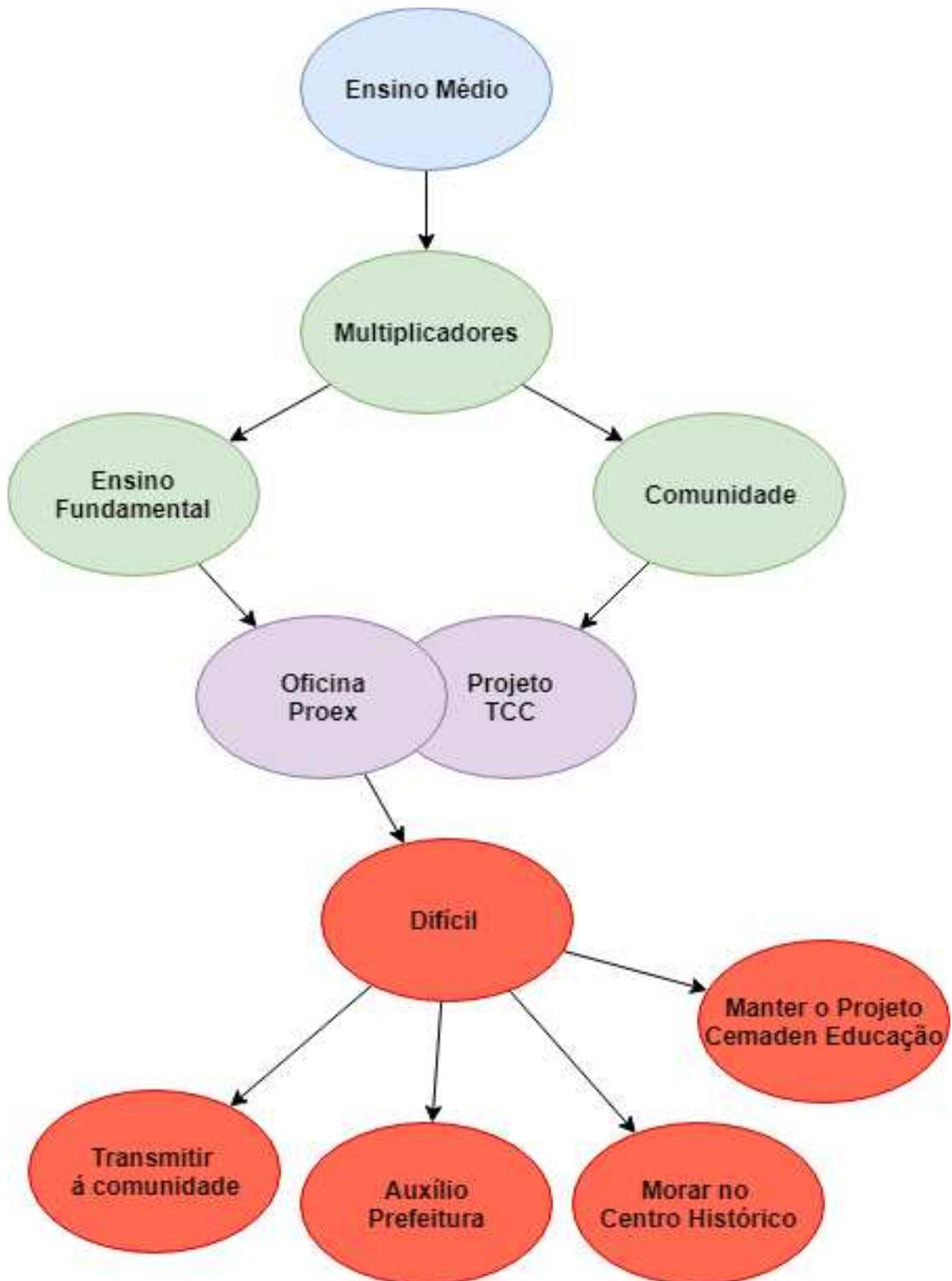
Ao procurar compreender quais as relações existentes entre cada uma destas palavras, pode-se verificar que esta ligação dos entrevistados com o lugar, demonstrou um sentimento de pertencimento. Nesse sentido, os conceitos que orientam a temática presente na Classe 2 referem-se à escola e aos motivos que levaram os entrevistados a se envolverem com esse projeto, bem como, permanecer na escola.

As relações presentes entre as palavras da Classe 2 demonstraram também que ela se refere, além da escola e às dificuldades vivenciadas neste contexto: professor, alunos,

comunidade. Por esse motivo, nomeou-se essa classe apropriando das relações entre as palavras que a compõem.

Os dados de análises obtidos Classe 2 podem ser observados no mapa conceitual, apresentado na figura 5:

Figura 12: A escola de Ensino Médio



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Grupo J: Ensino, Médio, Tentar, Mesmo, Fundamental, Escola

Essa classe retrata a importância que uma escola de Ensino Médio tem em uma pequena cidade do interior de São Paulo. Aborda questões relacionadas sobre para onde vão os alunos que por ela passam, quais relações a comunidade escolar tem com a escola, entre outras.

O professor que coordenou o Projeto Cemaden Educação, foi aluno desta Unidade Escolar desde os anos iniciais de escolarização e relata como foi seu percurso na escola, onde está até hoje atuando como professor da disciplina de História

Eu fui dos sete **anos até** a oitava **série**, **quando** eu estava na sétima **série** foi criado o **Ensino Médio**, eu terminaria a oitava **série** e teria que ir para outra **escola**, mas criou o **Ensino Médio**. Então, terminei a oitava série e fiquei no **Ensino Médio**. **Quando** terminei o **Ensino Médio**, teria que **sair** da **escola** eu **não** ia fazer **faculdade** aqui teria que ir. Só que **quando** eu estava no terceiro **ano** do **Ensino Médio**, eu prestei concurso público e comecei a trabalhar. No **ano** seguinte na própria **escola**, na secretaria. Nos **trabalhos** da secretaria fiquei nove **anos** (Professor Coordenador do Projeto).

O fato do professor ter estudado desde o primeiro ano nesta escola, acabou fazendo com que criasse um vínculo muito forte e especial com a mesma que ao ser aprovado em um concurso público para secretário, optou por trabalhar nesta escola, onde exerceu esta função por um longo período. O sentimento de pertencimento era tão grande, que decididamente ele sentia que ali era o seu lugar o que é perceptível em seu relato acima. E esse sentimento de pertencer ao lugar e a escola julga muito importante, conforme relato a seguir:

Essa questão da identidade a **escola tenta não perder**, por isso que a **gente** faz isso **quando** os alunos **saem** a gente tenta em algum momento trazê-los de volta. Eles perceberam. **Converso** com eles **ainda** hoje. Já **saíram** do **Ensino Médio** no **ano** passado, mas encontro com eles, aliás a nossa convivência nos tornou amigos muito próximos (Professor Coordenador Pedagógico).

Cabe reforçar que a relação de amizade que se formou entre professor e alunos não se restringe ao contexto escolar, mas também à comunidade, onde se encontram em uma relação amistosa e o professor tem grande liberdade de pedir-lhes qualquer tipo de colaboração referente à escola e seus projetos. E eles são sempre solícitos e participam com prazer.

A cidade não possui nenhuma faculdade e quando os estudantes finalizam o Ensino Médio e desejam dar continuidade aos estudos obrigatoriamente precisam se dirigir para outras cidades. E o que geralmente acontece é de irem para a cidade mais próxima, Taubaté, a qual possui faculdade de diversas áreas, ou seja, disponibiliza de uma gama de cursos que contempla o interesse acadêmico da grande maioria dos estudantes. Por ser mais próxima também, torna mais fácil o acesso, a locomoção, possibilitando também que retornem diariamente para suas residências após o período de aulas, não precisando ficar longe de seus familiares

Como é uma comunidade **pequena**, uma cidade **pequena** e a única **escola de Ensino Médio** do Município, os alunos **passam** por aqui, todos **passam praticamente**, a **não** ser aqueles que vão para uma **escola particular (Professor Coordenador do Projeto)**.

O fato de a cidade ser pequena e possuir somente uma escola de Ensino Médio, não é de todo negativo, pois acaba propiciando a criação de laços de amizades fortes, os quais se mantêm mesmo após os alunos tomarem outros rumos na vida.

E percebe-se que sendo a única escola de Ensino Médio, eles buscam fornecer o melhor em aprendizado para seus alunos. Portanto todo projeto que venha corroborar com aquisição de conhecimentos e que possibilitem aos alunos colocarem os conhecimentos em prática, exercendo assim a cidadania é sempre muito bem vindo. O projeto Cemaden Educação possibilitou isso, pois os estudantes tiveram a oportunidade de participar de uma Conferência promovida pelo Órgão a qual foi, segundo o Coordenador Pedagógico, fundamental para o aprendizado deles.

Eles fizeram a Conferência **lá**, e esses alunos trouxeram essas informações que coletaram de outros Municípios e de outras Instituições para nós. Considero essa **parceria fundamental**, porque acho bom esse investimento para os alunos que estão aqui no **Ensino Médio** que vão eventualmente estudar isso ou **não (Professor Coordenador Pedagógico)**.

Ele julgou que os conhecimentos foram importantes para todos, não apenas para quem tem interesse em aprofundar estudos em uma área científica. Além do mais, tudo acontecia de modo a não prejudicar as demandas do contexto escolar, o que reforça o aluno 3

Conversávamos junto com os **professores, não perdíamos** matéria. Geralmente era depois da aula que participávamos. E cada dia era um tema **diferente**. E **quando** o tema era mais **longo** insistíamos um pouquinho mais e continuávamos (Aluno 3).

As abordagens eram sempre dinâmicas e diferenciadas, chegando, inclusive, ultrapassar o tempo do período em que tinham que ficar na escola. No entanto, eles não se importavam, pois era interessante para eles o aprendizado. O que vem de encontro ao desejo do Coordenador Pedagógico da escola.

Tem que dar gosto acordar cedo e falar hoje eu vou pra minha **escola!** E **não** porque é minha **escola**, porque é obrigado a estudar **até** a terceira **série** do **Ensino Médio** (Professor Coordenador Pedagógico).

O que na opinião do Coordenador Pedagógico não deveria se restringir apenas quando acontece um projeto como o do Cemaden Educação ou outros que a escola já propicia aos

alunos, mas deveria fazer parte de um contexto diário, onde todos os docentes da escola conseguissem estimular seus educandos de tal forma que ir para escola fosse um prazer, e não um fardo pesado.

Um trabalho frutificando é sempre muito bom de se ver. E, foi o que ocorreu após tanto aprendizado com o desenvolvimento do Projeto Cemaden Educação

Os alunos foram à **Escola Municipal de Ensino Fundamental** e replicaram a oficina com os alunos da outra **escola**. Os alunos do 5º ano fizeram a **mesma** oficina, só que ao invés da Unesp fazer com o **Ensino Médio** era o **Ensino Médio** fazendo com os alunos do Ciclo I. Então, este é um projeto que tem desdobramento. Ele **não** parou. Acho **até** que podíamos, **digo** nós, a **escola**, se tivéssemos um pouco mais de condições de fazer este Projeto do Cemaden Educação, poderia ser do **Ensino Médio** para as **escolas** do **Ensino Fundamental**. Se **conseguirmos** chegando **Ensino Fundamental**, **passamos** as informações **lá embaixo e quando** o aluno chegar aqui para vivenciar a experiência que nós **passamos**, eles já têm as informações, elas **não** podem ser **novas** e continuamos com coisas mais complexas, mas que tenhamos uma ideia que **não** pode morrer! Se encontrarmos, se nos derem uma brecha, vamos **abrir** este campo, porque isso é uma outra coisa importante para os alunos aqui no **Ensino Médio** (Professor Coordenador Projeto).

Percebe-se também pelo relato do aluno 3 que o fato de poder multiplicar um conteúdo de tanto significado para seus próprios colegas do Ensino Médio, para crianças de várias faixa etárias de idade e de diversas escolas da cidade com as quais tiveram oportunidade de falar e à comunidade como um todo, foi uma experiência ímpar para ele. Surpreendente também, pois não imaginava que crianças tão novinhas tinham tantos saberes enraizados e estavam ávidas para compartilharem.

Como fizemos na época que eu estava na **escola**, fomos na escola do **peessoal mais novo**. Fomos para **tentar** conscientizar, **até mesmo** as **crianças** desde **pequenos para** já crescerem com esse pensamento. Na comunidade fizemos várias **palestras** como eu já havia dito. Fomos na outra **escola** para **tentarmos passar** para **crianças**. **Tentar, então conseguimos passar** para as **crianças**, impressionante **até** como elas já tinham noção disso. Foi de se espantar! Tinham **palestras** abertas na Biblioteca pública. **Tentamos** fazer várias outras coisas também para **passar** essa visualização da nossa cidade para os moradores. Foi uma **parte** bacana isso (**Aluno 3**).

As palestras sobre o projeto Cemaden Educação, transcenderam aos muros da escola, pois foram aplicadas pelos alunos do Ensino Médio, tanto para os estudantes do Ensino Fundamental, como para a comunidade local de maneira a propiciar acesso a todos a esta informação tão eficiente e preciosa para o contexto peculiar ao qual estão todos inseridos.

E a partir da oficina que eles fizeram com as crianças, foi possível colocá-la em prática na escola em que os pequenos estudavam. O que mostra que não ficou somente na teoria,

partiram também para a prática, imprescindível para os alunos tomarem posse dos conhecimentos mais profundamente

Os **pequenos** foram identificar os riscos da **escola** deles. Essa oficina em **particular** vai virar um artigo e eles pediram que eu identificasse alguns alunos que participaram para que eles falassem qual foi a experiência deles em fazer a oficina e aplicá-la no **Ensino Fundamental** (Professor Coordenador Projeto).

Essa interação entre os alunos foi uma oportunidade única para os pequenos, pois proporcionou-lhes conhecer melhor a escola, bem como, suas áreas vulneráveis possibilitando-lhes em uma situação de risco identificar em quais locais da escola estarão mais seguros para no caso de necessidade saberem onde se protegerem.

Percebendo-se que o trabalho com projeto na escola tem fluído bem, indagou-se ao Professor Coordenador do Projeto Cemaden Educação, sobre outros projetos que a escola desenvolve os quais julga importantes. Respondeu que existe um que os alunos aprovam muito, que é a presença dos ex-alunos. Relata que eles são sempre convidados a voltar à escola para falar de suas experiências de vida depois que saíram dela, e isso de certa forma é muito importante segundo ele, porque não é o professor dizendo como é que vai ser a vida depois

É **praticamente** de jovem para adolescente. É uma linguagem que é **diferente** de um **professor tentar dizer** a eles como é que é a **realidade** depois do **Ensino Médio**. É alguém da **mesma** faixa etária **praticamente**, falando da experiência. É **diferente quando** ele **pega** um colega que no **ano** passado estava aqui ou há 2 3 **anos**, ou **mesmo** alguns que já **saíram** há mais **tempo**, mas que já estruturaram uma carreira e que **digam** eu estava aqui no lugar de vocês. **Até** a **gente** batiza de a vida após **Ensino Médio**. Existe vida após o **Ensino Médio**?! E aqui **não** tem **faculdade**, então eles precisam **sair** de nossa cidade para estudar. Essa oficina funciona muito **bem** e tem dado ótimos resultados. **A gente** é muito **bem atendido**, porque eles querem voltar para falar das experiências e se sentem **parte** da **escola**. É como se a **escola não saísse** deles nunca mais. E a **escola tenta** fazer com que **não saia mesmo**, para que eles se sintam pertencentes sempre (Professor Coordenador do Projeto).

Além do projeto descrito acima, o professor descreve outro projeto desenvolvido na Unidade Escolar:

Eu destaco o projeto do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), porque nenhuma **escola** de **Ensino Médio** faz. Fizeram uma **entrevista** a qual deu fruto por causa da pesquisa e do envolvimento nela. Eles **saíram** daqui para fazer uma **palestra** para os alunos do **Ensino Fundamental** sobre a história de nossa cidade porque eles tinham se apropriado de informações que podiam ser partilhadas (Professor Coordenador Projeto).

Esse projeto além de fomentar o trabalho de pesquisa, ainda desenvolveu nos educandos o senso de responsabilidade pela seriedade e condições de se exporem para falar sobre o assunto estudado com maior propriedade, porque adquiriram subsídios para tal. Sendo assim, um bom

investimento para o preparo maior e melhor destes alunos para galgar os estudos em uma Universidade.

Grupo K: Quando, Parte, Difícil, Sair, Trabalho

Como todo Projeto tem seus percalços e dificuldades, com o Cemaden não foi diferente segundo relato dos alunos e do Professor Coordenador que participaram efetivamente do mesmo. Pode-se constatar nos relatos a seguir:

Mas uma **parte** que é **bem difícil** da **população mesmo, tentar** interagir! Tentamos fazer várias coisas para população ir até a escola, **palestras**, esse tipo de coisa (meneio de cabeça negativamente) (Aluno 3).

Nós **não conseguimos envolver** a sociedade, a comunidade de uma maneira geral. Participamos de eventos superinteressantes com os alunos, as **crianças** da **escola de Ensino Fundamental**, mas eu acredito que poderíamos **ainda** trabalhar um pouco mais nisso, para que toda **população** esteja inteirada sobre o projeto. O **trabalho** na **escola** foi como eu contei, ele ocorria mensalmente e foi levado para a comunidade, mas **ao mesmo tempo não** foi... por não haver participação. Nós **não conseguimos ainda** atingir o ápice do projeto em nossa cidade (Aluno 1).

Hoje **mesmo** aqui, minha família **mora** na **parte** que a enchente **pega, e pega** com frequência, porque **moramos bem** na **parte** baixa do Centro Histórico. Vamos **tentar** visualizar essa **parte** e **passar** para **população, alertar novamente** (Aluno 3).

Porém, mesmo mediante das dificuldades que encontraram, os alunos e professores estavam engajados no projeto e não desanimaram de levá-lo adiante, pois têm convicção da importância do mesmo para a comunidade em que estão inseridos e para um contexto mais amplo da sociedade.

O aluno 1 lembra da dificuldade de resgatar as pessoas na enchente e percebe-se o quão importante é manter na memória das crianças o episódio da inundação, o que ela ocasionou e as ações do projeto Cemaden Educação, conforme relato a seguir:

Há **8 anos** atrás, os alunos de **Ensino Fundamental não** se lembram como foi a enchente, a que magnitude chegou, a altura da água e como foi **difícil** de resgatar as pessoas (Aluno 1).

Percebe-se pelo relato do aluno 1, que como passaram por grandes dificuldades com a inundação de 2010, caso ela ocorra novamente, que todos estejam bem preparados desde a infância para desta forma minimizar os prejuízos e também para que vidas sejam protegidas.

O Coordenador Pedagógico ressalta que o trabalho tanto de professores como dos alunos é extenuante o ano todo, mas que, ao final do ano é digno de comemorações, pois muitos dos objetivos estruturados, almejados, são alcançados:

Então faz um **tempinho** que a **escola tenta** ajudar nossa cidade com essa interação. Ainda tem bastante coisa e importante que **consequimos passar** para **população**. **Até mesmo** fizemos plano de contingência, esse tipo de coisa **quando** estávamos **na escola (Aluno 2)**

Isso produzido pelos alunos do **Ensino Médio** é de uma riqueza que **até brincamos**, que **passa o ano** todo é muito penoso, muito desgastante, porque é bastante **trabalho** para os **professores** e para os alunos levarem ao final do **processo** (Professor Coordenador Pedagógico).

No entanto, não desistem. E o mais importante, o fazem com grande qualidade, mostrando que os investimentos e esforços empreendidos valem a pena sempre.

Grupo L: Passar, Tempo, Ano, Igreja, Pequeno

O Professor Coordenador do Projeto Cemaden Educação, embora tenha nascido, vivido na cidade e trabalhado na mesma escola por toda sua vida, demonstrou um conhecimento e uma vivência muito ampla, frutos de todo empenho e dedicação na busca de conhecimentos durante toda sua trajetória de vida. Possui um jeito muito expressivo de falar, bem articulado com as palavras, bastante receptivo e colaborador. Falou sobre o desenvolvimento do Projeto Cemaden Educação, bem como dos demais projetos e ações da escola como um todo com propriedade de quem atua, conhece e sabe muito bem o que está falando.

Eu estou há **muitos anos** aqui. De certa forma, quando você veio para uma entrevista para falar da escola, modéstia à parte eu sou pessoa boa para falar **da escola** por tudo isso (Professor Coordenador Projeto).

Ele discorreu sobre os projetos desenvolvidos pela escola com riqueza de detalhes, afirmando que acredita que vale a pena investir, ele “adota”, se julgar que trará benefícios para a Unidade Escolar e seus educandos

Este por exemplo **não** é um projeto que nasceu aqui e vai para a comunidade ele nasceu na comunidade, mas a **escola** vai para **lá**. A **escola** agora **passa** a se **envolver** neste do Memorial da História da Paróquia, que vai dar **trabalho** e também oportunidades de conhecimentos. É um projeto da **igreja**, mas eu tenho a mania **boa** de que **quando** eu entro a **escola** vai junto. Uma sugestão que dei **lá**, do **mesmo** jeito que a Unitau firmou **parceria** conosco (Professor Coordenador Projeto).

E o professor inclusive traz estes projetos para dentro do contexto escolar se estes forem propostas que vieram de fora, como o da Paróquia local, descrito acima, oportunizando desta forma engajamento de alunos mais interessados e ousados na busca de conhecimentos que vão além do currículo escolar previstos para o Ensino Médio.

Assim, pode-se verificar nessa pesquisa que quando a escola e seus educadores inserem trabalho com projetos em suas práticas pedagógicas, além de desenvolverem o conhecimento de forma interdisciplinar, viabilizam o respeito à biodiversidade.

Dessa forma, sua práxis está cerceada na conscientização e busca de ações coletivas que oportunizem uma melhor qualidade de vida com foco na sustentabilidade socioambiental e preparo de cidadãos críticos e agentes conscientes da necessidade de preservação para equilíbrio do planeta.

Grupo M: Processo, Diretoria, Brincar, Gente, Abrir, Espaço, Vir

Em todas as entrevistas realizadas foi possível notar no semblante, na voz e nas respostas dos entrevistados que todos que se engajam nos projetos propostos pela Unidade Escolar são geralmente pessoas comprometidas, que os levam adiante e com responsabilidade. E quando percebem que o mesmo trará muitos benefícios para todos até pensam em perpetuá-lo de alguma forma, no entanto esbarram em problemas os quais expõem nos relatos abaixo:

Enfim é a logística, a engrenagem disso funcionar que é um pouco mais complicado ela depende muito mais da **boa vontade** da direção da **Diretoria de Ensino**, da Prefeitura em nos receber, de **abrir espaço** sem interferir no andamento da própria **escola (Professor Coordenador Projeto)**.

A **escola tenta** cada vez mais a **parceria** com a **Escola Municipal (Professor Coordenador Projeto)**.

E as tentativas para aliar-se aos órgãos competentes que julgam que poderão beneficiá-los não cessam, mesmo que enfrentem dificuldades, não haja abertura de espaço e muitas vezes tenham que dar tréguas, retomam posteriormente no afã de conseguir a parceria tão almejada.

CONSIDERAÇÕES

Essa pesquisa se propôs a analisar as percepções de um Professor Coordenador do Projeto do Cemaden Educação, um Professor Coordenador Pedagógico da Unidade Escolar, três ex-alunos do Ensino Médio, que participaram e/ou o efetivaram o Projeto Piloto Cemaden

Educação na Unidade Escolar sobre as práticas educativas desenvolvidas nesta escola situada em área de risco ambiental, suas contribuições e influências na comunidade local quanto à prevenção aos riscos de desastres naturais, visto que ela passou por uma tragédia ambiental.

A partir das análises concluiu-se que o projeto Cemaden Educação ser desenvolvido junto aos jovens alunos do Ensino Médio foi uma escolha bem acertada por seus idealizadores, pelo fato de serem estudantes mais autônomos e se encontrarem em melhores condições para assimilação de conteúdos científicos propostos e por poderem exercitar a corresponsabilidade, o que se deu de fato.

Verificou-se que a construção dos conhecimentos para o pleno e efetivo desenvolvimento do projeto ocorreu com embasamento no conteúdo das variadas disciplinas do currículo de forma interdisciplinar onde a Educação Ambiental, a qual é interdisciplinar, participativa, comunitária, crítica da realidade, formadora de cidadãos cômicos de suas responsabilidades com o meio ambiente e com a vida, foi o foco principal.

Concluiu-se ainda, que este projeto foi mais além, pois transcendeu aos muros da escola com atividades externas que redundaram na aquisição de conhecimentos para todos os envolvidos, especialmente quanto às práticas relacionadas aos cuidados com o meio ambiente, às possíveis causas dos desastres naturais, formas de precauções diante das situações de riscos, realização de mapeamento da cidade demarcando os locais mais seguros e mais vulneráveis.

Verificou-se ainda o interesse e prazer de todos os entrevistados em participar do projeto, os quais julgaram que enriqueceu muitíssimo seus conhecimentos tanto teóricos quanto práticos, fornecendo-lhes outros, que até então não haviam tido contato na práxis, imprescindíveis para todos que residem neste contexto peculiar, preparando-os também para multiplicá-los com seus familiares, amigos. Havendo a disseminação dos conhecimentos para um maior número de pessoas possíveis.

Constatou-se que o fato de saberem que ao adquirirem os conhecimentos e o multiplicarem estariam contribuindo para o bem comum da comunidade a qual estão inseridos, fez com que os participantes se sentissem privilegiados em fazer parte deste projeto.

Verificou-se que todos os envolvidos, obtiveram um preparo com melhor embasamento para o aplicarem de forma consciente e proficiente em situações de risco ambiental pois, houve a promoção de desenvolvimento individual, um caráter social na relação com a natureza e com os outros seres humanos, potencializando assim essa atividade humana, com a finalidade de torná-la uma prática social e ética, colaborando desta forma para que haja mínimos prejuízos em situações drásticas como as quais os moradores desta cidade já tiveram o infortúnio de enfrentar.

Apontou que o aprendizado concebeu-se mediante palestras e oficinas ministradas por profissionais capacitados, tanto no contexto escolar, como em espaços comunitários variados, com intuito de transmitir conhecimentos tanto teóricos quanto práticos, visando que o mesmo tivesse uma área de alcance que abrangesse não só à comunidade estudantil, mas um público bem maior, como a comunidade local, o país e até com projeção para instâncias governamentais de outros países, verificando-se que já obteve êxito neste sentido.

O Projeto Cemaden Educação, bem como os outros projetos desenvolvidos pela escola, oportunizou que ela se tornasse de fato em um espaço público aberto a todos e também um instrumento de emancipação, de educação e proteção das classes menos favorecidas.

Destaca-se que de forma natural, por meio dos projetos desenvolvidos na Unidade acontece a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, que propicia aos educandos um acesso amplo, interligado e variado aos conhecimentos de todas as disciplinas.

Como sugestão, se de fato almeja-se uma educação voltada para o desenvolvimento de uma sociedade sustentável e resiliente, deve-se promover e manter projetos como estes nos contextos escolares. Por profissionais capacitados, com a formação correspondente, para que a educação passe a ser vista para além da sala de aula, evoluindo para a gestão integrada do conhecimento.

Constatou-se também que os participantes do projeto puderam cientificar-se de que não só as intempéries da natureza são as causadoras dos desastres naturais, mas isso acontece também pela ação impensada do homem, que acaba causando muitos problemas a toda população de um modo geral, dentre eles, o risco constante de morte, prejuízos materiais e até problemas emocionais, visto que perdas e situações de estresse elevado costumam ser traumáticas.

Percebemos que a comunidade local, embora tenha conhecimento de que moram em uma área de risco de desastres naturais e da vulnerabilidade a qual estão expostos, não aproveitaram como deveriam a oportunidade que tiveram de aprender e de opinar quanto às necessidades e cuidados com a própria cidade e consigo mesmos, pois por vezes foram realizadas reuniões, oficinas e palestras abertas a todos e uma parcela ínfima de munícipes comparecia, demonstrando o desinteresse e descaso.

Pode-se observar também o descaso de alguns órgãos públicos, especialmente da prefeitura que deveriam ser os mais engajados em projetos voltados para a preservação da vida e do meio ambiente, mas pouco se envolvem.

Julga-se que de fato foi importante e necessário que um projeto com as características do Cemaden Educação fosse desenvolvido nesta escola/cidade, pois de acordo com geógrafos

a tragédia certamente ocorrerá novamente, visto que ela respeita um ciclo de mais ou menos 11 anos, ou seja, em breve poderá acontecer o mesmo episódio. (AB' SABER, 1990).

A escola, por meio dos variados projetos que desenvolve, além do Cemaden Educação, demonstra preocupação e cuidado em relação ao meio ambiente no intuito de construir uma sociedade sustentável e resiliente, com o desenvolvimento de seus educandos de maneira integral (biopsicossocial), preparada para vivenciar situações difíceis, às vezes até calamitosas e mesmo assim serem capazes de demonstrar atitudes de preservação, prevenção e cuidado próprio, com o outro e com o ambiente de um modo geral.

Foi perceptível que embora o projeto Cemaden Educação tenha sido um marco para a escola e para todos que tiveram o privilégio de participar do mesmo, ele já não estava sendo desenvolvido tão efetivamente como da forma que os participantes foram preparados para fazê-lo.

Sugere-se que os profissionais do Cemaden Educação retornem à escola para verificar de que forma e com qual intensidade o projeto impactou nas ações da população de um modo geral. Se ele está acontecendo como deveria. Se não estiver, verificar o que está faltando para que este conhecimento tão importante continue a ser propagado visto ser este o principal objetivo deste órgão e se os equipamentos (pluviômetros) instalados estão funcionando plenamente. Este retorno possibilitará fazer uma avaliação para averiguar se os conhecimentos ministrados aos participantes do projeto continuam “vivos na memória” e fazendo a função a qual se propôs que é a multiplicação dos conhecimentos em prol da vida e de uma sociedade cada vez mais sustentável e resiliente.

REFERÊNCIAS

AB' SABER. A. N. **Um plano avançado para o Brasil**: Estudos Avançados. São Paulo, 1990.

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo, Atlas, 2009.

ARROYO, M. G. **Currículo, Território em Disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ASSIS, S. G. **Encarando os desafios da vida**: uma conversa com adolescentes. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, ENSP, /CLAVES, CNPq, 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas Transversais/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BOFF, L. **Saber Cuidar. Ética do Humano**. Compaixão pela Terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. **Sustentabilidade**: tentativa de definição
<https://leonardoboff.wordpress.com/2012/01/15/sustentabilidade-tentativa-de-definicao/>
 acesso em: 15 abr. 2018.

BORGES, C. **Espaços educadores sustentáveis**. Salto para o Futuro. Ano XXI Boletim 07, Junho, 2011.

BUSSOLOTI, J. & ORTIZ, P. **Educação Ambiental para Sustentabilidade**. Livro texto para Programa de Educação à distância da Universidade de Taubaté, Taubaté: UNITAU, 2015.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. **IRAMUTEQ**: um software gratuito para análise de dados textuais. Temas em Psicologia, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013.

CAZENAVE, M. *Approches du réel*. Paris: Le Mail/France Culture, 1986. In: YVES, Lenoir. **Três interpretações da perspectiva interdisciplinar em educação em função de três tradições culturais distintas**. Revista E-Curriculum, São Paulo. v1. n1. p.5. dez. - jun.2005.2006.Disponível<<https://www.usherbrooke.ca/crcie/fileadmin/sites/crcie/documents/2049.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

CEMADEN. I SEMINÁRIO NACIONAL DE AVALIAÇÃO DOS ALERTAS DO CEMADEN (I SNAAC) http://www..gov.br/wp-content/uploads/2016/12/_Seminario-Def-Civil-2017_V2-MARENGO.pdf. acesso em: 27 de jan. 2019.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson, 2007.

COLESANTI, M. **Paisagem e educação ambiental**. In: Anais do Encontro Interdisciplinar sobre o Estudo da paisagem, 3. Rio Claro: UNESP, 1996, p. 35.

- DESLANDES, S. F. **A construção do projeto de pesquisa**. In: MINAYO, M. C. S. (Org.) et al. *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2004. pp. 31-50.
- DEWEY, J. **The Child and the Curriculum: the school and society**. Chicago: 1956.
- DUARTE, R. **Pesquisa qualitativa: reflexões sobre trabalho de campo**. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 115, p. 139-154, mar. 2002.
- FAZENDA, I. C. A. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?** São Paulo: Edições Loyola, 1979.
- _____. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?** 5. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. (Org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. (org.). **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.
- FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. 3. ed. Brasília: Liber livro editora, 2008, pp. 69-79.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- GALLO-JUNIOR H; LOMBARDO. M.A; OLIVATO. D. **Uma discussão sobre projetos da agenda 21 escolar**, 2007, p.08. http://www.epea.tmp.br/epea2007_anais/plenary/
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, R. et al. **Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação**. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). *Avaliação por triangulação de métodos: Abordagem de Programas Sociais*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. pp. 185-221.
- GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas (SP): Papyrus, 1995.
- HARPER, B. et al. **Cuidado, escola! Desigualdade, domesticação e algumas saídas**. 24. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- IPCC. **Quarto Relatório de Avaliação-Sumário para Formuladores de Políticas**. Brasília: OMM, PNUMA, 2007.
- IPCC. **PAINEL INTERGOVERNAMENTAL SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS Third Assessment Report. Climate Change 2001: Synthesis Report**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007a. Summary for Policymakers.
- JACOBI, P. R. **O desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo**. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 233-250, mai./ago. 2012. Disponível em: <<http://www.educacaoepesquisa.fe.usp.br/?cat=17&paged=2>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

JACQUARD apud LENOIR, Y. **Três interpretações da perspectiva interdisciplinar em educação em função de três tradições culturais distintas**. Revista E-Curriculum, São Paulo, v. 01, n. 01, dez-jul, 2005.

LAYRARGUES; P.P. **Crise ambiental e suas implicações na educação**. In: QUINTAS, J.S. Pensando e praticando a na gestão do meio ambiente. Brasília: Edições Ibama, 2002. p. 161-198. Disponível <<http://www.ibama.gov.br/sophia/cnia/livros/pensandoepraticandoeducacaoambientalnagestaodomeioambientedigital.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

LEGAN, L. **A escola sustentável: Eco-alfabetizando pelo ambiente**. São Paulo: Imprensa Oficial & Pirenópolis: IPEC, 2007.

LOPES, N. **Como fazer uma escola sustentável**. 2010. Disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/653/como-fazer-uma-escola-sustentavel>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

LOUREIRO, C. F. B. **Pensamento complexo, dialética**. São Paulo: Cortez, 2006.

MARCHAND, P.; RATINAUD, P. (2012). **L'analyse de similitude appliquée aux corpus textuels: les primaires socialistes pour l'élection président- 518** Camargo, B. V., Justo, A. M. tielle française. In: Actes des 11eme Journées internationales d'Analyse statistique des Données Textuelles. JADT 2012 (pp. 687-699). Liège, Belgique. Retrieved April 13,2013.

MARCHEZINI.V; TRAJBER. R; CONCEIÇÃO R.S. MENDES. T.S. NEGRI. R.G. **Desafios para uma agenda de prevenção de desastres em sítios históricos: o caso de São Luiz do Paraitinga, SP- São Paulo, Unesp, v. 14, n. 2, p. 375-400, julho-dezembro, 2018.** <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/800/1043>

MARCONDES, D. **O futuro que queremos? Envolverde: Jornalismo & Sustentabilidade**. 03 jul. 2012. Disponível em: <<http://envolverde.cartacapital.com.br/o-futuro-que-queremos/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MARCONDES, V. **Processos de recuperação em desastres: discursos e práticas**, São Carlos: Rima, 2014.

MASSON, G. **Políticas de formação de professores: as influências do neopragmatismo da agenda pós-moderna**. 2009. 245 f. Tese (Doutorado em Educação)

MEDINA, N. M. **A formação dos professores em Educação Fundamental**. In: MEC ; SEF, Panorama da no ensino fundamental / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília :, 2001. 149 p.

MINAYO, M. C. S. (Org.) et al. **A construção do projeto de pesquisa**. In: Pesquisa Social: Teoria, Método, e Criatividade. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 11a ed. São Paulo, Hucitec, 2008.

MOREIRA, A.F.B.; SILVA, T.T. da (orgs). **Currículo, cultura e sociedade.** São Paulo: Cortez, 1995.

MOREIRA, A. F. B; CANDAU. V. M. **Currículo, Conhecimento e Cultura.** In: BEAUCHAMP.J. PAGEL.D. S. NASCIMENTO. A. R. Indagações sobre currículo. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação Básica. 2007. 48 p.

MORIN, E. **A Cabeça bem-feita:** repensar a reforma - reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, E. **A religião dos saberes:** o desafio do século XXI. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

NIEVES ALVAREZ, M. **Valores e temas transversais no currículo.** Trad. Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002.

OLIVATO, D. **Análise da participação social no contexto da gestão de riscos ambientais na bacia hidrográfica do rio Indaiá,** Ubatuba-SP-Brasil. USP-SP, 2013. (Tese de doutorado).

PASSOS, L. A.; SATO, M.: **o currículo nas sendas da fenomenologia merleau-pontyana.** In: SAUVÉ, L.; ORELLANA, I. et SATO, M. (Dir.) Sujets choisis en éducation relative à l'environnement - d'une Amérique à l'outre. Montréal: ERE-UQAM, 2002.

PELICIONI, M.C.F.; PHILIPPI JR., A. **A Educação Ambiental e Sustentabilidade.** São Paulo: Signus, 2005. (Coleção Ambiental).

PLATAFORMA: PROGRAMA CIDADES SUSTENTÁVEIS. **Educação para a Sustentabilidade e Qualidade de Vida.** Disponível em: <http://www.cidadessustentaveis.org.br/sites/default/files/gps/arquivos/07_educacao_para_a_sustentabilidade_e_qualidade_de_vida_0.pdf> Acesso em: 19 nov. 2017

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUIZ DO PARAITINGA
<<http://saoluizdoparaitinga2014.blogspot.com/2014/11/educacao.html>> acesso em: 19 nov. 2017.

QUINTAS, J. S. Conceito de. In: BRASIL. Ministério do Meio Ambiente - Política de 2008. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/politica-de-educacao-ambiental/>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

RATINAUD, P., & MARCHAND, P. (2012). **Application de la méthode ALCESTE** à de “gros” corpus et stabilité des “mondes lexicaux” : analyse du “CableGate” avec IraMuTeQ. Em: Actes des 11eme Journées internationales d’Analyse statistique des Données Textuelles (835–844). Presented at the 11eme Journées internationales d’Analyse statistique des Données Textuelles. JADT 2012, Liège.

SANTOS, B. de S. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências:** Revista Crítica de Ciências Sociais, Revista Crítica de Ciências Sociais Coimbra, n. 63, out. 2002, p. 237-280.

SANTOS, C. M. P.; PAES-LUCHIARI, M. T. D. **A espetacularização do patrimônio cultural** de São Luiz do Paraitinga-SP. 2007.

SATO, M.; TRAJBER, R. **Escolas Sustentáveis:** Incubadoras de Transformações nas Comunidades. In: REMEA - Revista eletrônica do Mestrado em . v. especial, set. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3396/2054>>. Acesso em: 17 ago. 2017

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA
<http://escolas.educacao.ba.gov.br/transversalidadeambientalsaude> acesso em: 10 abr. 2018.

SECRETARIA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
<http://www.vitoria.es.gov.br/cidadao/defesa-civil-plano-de-contingencia-para-desastre-e-emergencia>, acesso em: 17 abr. 2018.

SORRENTINO, M. et al. **Política pública nacional não formal no Brasil:** gestão institucional, processos formativos e cooperação internacional. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL, 2007, Ahmedabad. Anais... Ahmedabad, 2007.

TOMINAGA, L. K. **Análise e mapeamento de risco.** In: In: TOMINAGA, L. K. SANTORO, J., AMARAL, R. (Orgs.). Desastres Naturais: Conhecer para prevenir. Instituto Geológico (SMA/SP). 2ª. ed. São Paulo: 2012. 149-160p.

TRAJBER, R. **Os espaços educativos precisam ter intencionalidade sustentável.** In: Entrevista para Centro de Referências em Educação Integral. 27 fev. 2015. Disponível em: <<http://educacaointegral.org.br/reportagens/para-alem-de-se-moldarem-sustentaveis-os-espacos-educativos-precisam-ter-intencionalidade-sustentavel/>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

_____. **Processo Formativo Escolas Sustentáveis e Com-Vida:** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2010.

TRAJBER R.; MOREIRA, T. (Coord.) **Processo Formativo em Educação Ambiental:** Escolas Sustentáveis e Com-Vida. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2010.

TRISTÃO, M. **Pedagogia ambiental: uma proposta baseada na interação.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, 2004.

UNISDR, UNITED NATIONS INTERNATIONAL STRATEGY FOR DISASTER REDUCTION). Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres 2015-2030.

WALSH, F. Fortalecendo a resiliência familiar. São Paulo: Roca, 2005.

YOUNG, M. **O campo do currículo:** da ênfase no “conhecimento dos poderosos” à defesa do “conhecimento poderoso”. In: Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.40, n. 4, p. 1109-

1124, out.dez. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/88449>>. Acesso em: 10 out. 2017.

ZABALA, A. **Os enfoques didáticos**. 6. ed. São Paulo: Ática, p. 153-196, 1999.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

<ul style="list-style-type: none">• Foram realizadas as mesmas perguntas para professores e alunos.
<ul style="list-style-type: none">• Conte um pouco quem você é: seu nome, onde mora e quantos anos têm.
<ul style="list-style-type: none">• Fale-me um pouco sobre como é o projeto nessa escola: Você lembra como ele começou? Como você conheceu o projeto? Por que decidiu participar? E agora, o que vocês fazem aqui na escola?
<ul style="list-style-type: none">• Como vocês organizaram as práticas educativas na escola?
<ul style="list-style-type: none">• Como vocês vêm esta questão da situação de risco?
<ul style="list-style-type: none">• Como é o trabalho de vocês na escola?
<ul style="list-style-type: none">• Esse projeto tem alguma influência na comunidade?
<ul style="list-style-type: none">• E outras ações da escola? Tem alguma relação com a comunidade?
<ul style="list-style-type: none">• Diga-me o que percebe sobre a organização e o trabalho da escola.
<ul style="list-style-type: none">• Quais são os aspectos que você considera como os mais importantes? E os mais difíceis relacionados ao Projeto?
<ul style="list-style-type: none">• Fale-me sobre algo que desejar.

ANEXO A - OFÍCIO

Taubaté, 19 de setembro de 2017.

Prezada Senhora Solange Aparecida de Oliveira

Somos presentes a V. S. para solicitar permissão de realização de pesquisa a Adriana Valéria Vargas Carvalheira do Mestrado em Educação da Universidade de Taubaté, trabalho a ser desenvolvido durante o corrente ano de 2017, intitulado **PRÁTICAS EDUCATIVAS DE ESCOLAS EM ÁREAS DE RISCO AMBIENTAL: o que dizem professores e alunos**

O estudo será realizado com dois professores da escola onde o projeto será desenvolvido e três alunos, sendo de uma escola na cidade de São Luiz do Paraitinga, sob a orientação do Prof. Dr(a). Mariana Aranha de Souza.

Para tal, será realizada entrevista individual com o professor coordenador do projeto, um professor suplente e três alunos da escola, por meio de um instrumento elaborado para este fim, junto à população a ser pesquisada. Será mantido o anonimato da instituição e dos participantes.

Certos de que poderemos contar com sua colaboração, colocamo-nos à disposição para mais esclarecimentos no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Taubaté, no endereço Rua Visconde do Rio Branco, 210, CEP 12.080-000, telefone (12) 3625-4100, ou com Adriana Valéria Vargas Carvalheira, telefone (12) 982017403, e solicitamos a gentileza da devolução do Termo de Autorização da Instituição devidamente preenchida.

No aguardo de sua resposta, aproveitamos a oportunidade para renovar nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

Edna Maria Querido Oliveira Chamon
Coordenadora do Curso de Pós-graduação

Ilmo (a). Sr (a) Diretora Solange Aparecida de Oliveira
EE Monsenhor Ignácio Gioia
Via de Acesso João Romã, sn, Centro,
São Luiz do Paraitinga, SP

ANEXO B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

São Luiz do Paraitinga, 19 de setembro de 2017.

De acordo com as informações do ofício 120 sobre a natureza da pesquisa intitulada **“PRÁTICAS EDUCATIVAS DE ESCOLAS EM ÁREAS DE RISCO AMBIENTAL: o que dizem professores e alunos”**, com propósito de trabalho a ser executado pela aluna Adriana Valéria Vargas Carvalheira, do Mestrado em Educação da Universidade de Taubaté, e, após a análise do conteúdo do projeto da pesquisa, a Instituição que represento, autoriza a realização de uma entrevista com algumas perguntas com dois (2) professores que desenvolvem o Projeto Educação na escola e três (3) alunos que participam do projeto, que atuam neste local, sendo mantido o anonimato da Instituição e dos profissionais.

Atenciosamente,

Ilmo (a). Sr (a)Diretora Solange Aparecida de Oliveira
EE Monsenhor Ignácio Gioia
Via de Acesso João Romã, sn, Centro.
São Luiz do Paraitinga, SP

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: “**PRÁTICAS EDUCATIVAS DE ESCOLAS EM ÁREAS DE RISCO AMBIENTAL: o que dizem professores e alunos**”

Orientador: Prof. Dr(a). Mariana Aranha de Souza

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador(a) responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

Informações sobre a pesquisa:

Titulo do Projeto: “**PRÁTICAS EDUCATIVAS DE ESCOLAS EM ÁREAS DE RISCO AMBIENTAL: o que dizem professores e alunos**”,

Objetivo da pesquisa - Investigar a concepção dos alunos e professores participantes do Projeto Educação desenvolvido em uma escola pública, situada na cidade de São Luiz do Paraitinga, São Paulo.

Coleta de dados: a pesquisa terá como instrumentos de coleta de dados entrevistas, que serão aplicadas junto a um professor e três alunos da unidade escolar, que coordenam o projeto nestas escolas na cidade de São Luiz do Paraitinga, São Paulo.

Destino dos dados coletados: o(a) pesquisador(a) será o responsável pelos dados originais coletados por meio dos dados da entrevista individual com o professor coordenador do projeto em cada escola, professor que atue no projeto e três alunos da escola e por meio de um instrumento elaborado para este fim, junto à população a ser pesquisada. Será mantido o anonimato da instituição e dos participantes.

Entrevista contendo poucas questões que abordem sobre o andamento do projeto Educação na escola permanecendo de posse dos mesmos por um período não inferior a 5 (cinco) anos, quando então os mesmos serão destruídos. Os dados originais serão guardados, tomando-se todo o cuidado necessário para garantir o anonimato dos participantes. As informações

coletadas no decorrer da pesquisa, bem como os conhecimentos gerados a partir dos mesmos não serão utilizadas em prejuízo das pessoas ou da instituição onde a pesquisa será realizada. Os dados coletados por meio de (entrevistas) serão utilizados para a dissertação a ser apresentada ao Mestrado em Educação: da Universidade de Taubaté (SP), bem como para divulgar os dados por meio de publicações em periódicos e/ou apresentações em eventos científicos.

Riscos, prevenção e benefícios para o participante da pesquisa: o possível risco que a pesquisa poderá causar aos voluntários é que os mesmos poderão se sentir desconfortáveis, inseguros ou não desejarem fornecer alguma informação pessoal solicitada pelo pesquisador, por meio de (entrevistas). Com vistas a prevenir os possíveis riscos gerados pela presente pesquisa, aos participantes ficam-lhes garantidos os direitos de anonimato; de abandonar a qualquer momento a pesquisa; de deixar de responder qualquer pergunta que ache por bem assim proceder; bem como solicitar para que os dados por ele fornecidos durante a coleta não sejam utilizados. O benefício esperado com o desenvolvimento da pesquisa será o fato de oferecer aos participantes e à comunidade acadêmica maiores informações e conhecimentos acerca dos aspectos que compõem “PRÁTICAS EDUCATIVAS DE ESCOLAS EM ÁREAS DE RISCO AMBIENTAL: o que dizem professores e alunos”.

Aqui ressaltar também que, pelo aspecto interdisciplinar que se pretende abordar no presente estudo, os conhecimentos gerados por meio da pesquisa poderão despertar o interesse de profissionais, instituições, pesquisadores e fundamentar estudos em outras áreas do conhecimento no que diz respeito ao presente objeto de pesquisa. Contudo, os principais benefícios do presente estudo poderão se apresentar somente ao final do mesmo, quando das conclusões do mesmo.

Garantias e indenizações: fica garantido o direito às indenizações legalmente estabelecidas aos indivíduos que, por algum motivo, sofrerem qualquer tipo de dano pessoal causado pelos instrumentos ou técnicas de coleta de dados. Os participantes têm o direito de serem informados a respeito dos resultados parciais e finais da pesquisa, para isto, a qualquer momento do estudo, terão acesso aos pesquisadores responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de suas dúvidas.

Esclarecimento de dúvidas: a investigadora é mestranda da Turma 2017 do Mestrado em Educação da Universidade de Taubaté (SP), Adriana Valéria Vargas Carvalheira, residente no seguinte endereço: Av. Da Liberdade, 68, Jd Alvorada, São José dos Campos, SP, podendo

também ser contatado pelo telefone (12) 982017403. A pesquisa será desenvolvida sob a orientação da Prof. Dr(a). Mariana Aranha de Souza, a qual pode ser contatada pelo telefone (12) 99601-2751. A supervisão da presente pesquisa será feita pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, situado na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – Bairro: Centro, Taubaté-SP, no telefone: (12) 3625-4217.

A presente pesquisa não acarretará quaisquer tipos de ônus e/ou despesas aos participantes, sendo os dados coletados nas dependências da Instituição, onde os participantes que compõem a amostra atuam, em horário condizente com as disponibilidades dos mesmos. Da mesma forma fica aqui esclarecido que a participação no presente estudo é em caráter voluntário, não havendo nenhum tipo de pagamento pela sua participação no mesmo, ficando excluídas as indenizações legalmente estabelecidas pelos danos decorrentes de indenizações por danos causados pelo pesquisador.

As informações serão analisadas e transcritas pela pesquisadora, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. O anonimato será assegurado em todo processo da pesquisa, bem como no momento das divulgações dos dados por meio de publicação em periódicos e/ou apresentação em eventos científicos. O depoente terá o direito de retirar o consentimento a qualquer tempo. A sua participação dará a possibilidade de ampliar o conhecimento sobre: “Concepções de professores e alunos participantes do Projeto Educação em uma escola pública situada em área de risco na cidade de São Luiz do Paraitinga”.

DECLARAÇÃO

Declaro que li e que compreendi todas as informações contidas neste documento, sanei todas as minhas dúvidas, junto ao pesquisador, quanto a minha participação no presente estudo, ficando-me claros, quais são os propósitos da presente pesquisa, os procedimentos a serem realizados, os possíveis desconfortos e riscos, as garantias de não utilização das informações em prejuízo das pessoas no decorrer e na conclusão do trabalho e da possibilidade de obter esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação não será paga, bem como não terei despesas, inclusive se decidir em desistir de participar da pesquisa.

Concordo em participar desse estudo podendo retirar meu consentimento a qualquer momento, sem necessidade de justificar o motivo da desistência, antes ou durante a pesquisa, sem penalidades, prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido.

São Luiz do Paraitinga, _____ de _____ de 2018.

Assinatura do Participante

Adriana Valéria Vargas Carvalheira

Declaramos que assistimos à explicação da pesquisadora ao participante, que as suas explicações deixaram claros os objetivos do estudo, bem como todos procedimentos e a metodologia que serão adotados no decorrer da pesquisa.

Testemunha

Testemunha

ANEXO D – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “PRÁTICAS EDUCATIVAS DE ESCOLAS EM ÁREAS DE RISCO AMBIENTAL: o que dizem professores e alunos”, sob a responsabilidade da pesquisadora, Adriana Valéria Vargas Carvalheira, aluna do Curso de Mestrado em Educação – UNITAU - Turma A 2017. Nesta pesquisa pretendemos analisar as concepções dos professores e dos alunos de uma escola de Ensino Médio situada no Vale do Paraíba, construída em área de risco relacionado à questões ambientais. Sua participação é voluntária e se dará por meio entrevistas que serão gravadas e filmadas. Esta pesquisa apresenta risco mínimo como desconforto, insegurança ou o desejo de não fornecer alguma informação pessoal solicitada pelo pesquisador e pode ser acionado o setor sócio-pedagógico, caso necessário. Com vistas a prevenir os possíveis riscos gerados pela presente pesquisa, aos participantes ficam-lhes garantidos os direitos de anonimato; de abandonar a qualquer momento a pesquisa; de deixar de responder qualquer pergunta que ache por bem assim proceder; bem como solicitar para que os dados por ele fornecidos durante a coleta não sejam utilizados. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa, de responsabilidade do pesquisador responsável. Se você aceitar participar, estará contribuindo em oferecer aos participantes e à comunidade acadêmica e local maior compreensão sobre o Projeto Cemaden, quanto: a participação dos professores e alunos no mesmo; a importância do projeto e a correlação entre currículo/vida. De igual forma, espera-se que os resultados desta pesquisa possam oferecer subsídios para a reflexão dos limites e possibilidades da criação de projetos dessa natureza, auxiliando na construção de indicadores para a implementação de políticas públicas que considerem esta temática.

Para participar desta pesquisa você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Fica esclarecido que em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. O seu responsável poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a identidade do menor com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. O nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e

após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você, com o consentimento/ autorização devidamente assinado pelo seu responsável. Para qualquer outra informação. Você poderá entrar em contato com o pesquisador pelo telefone (12-982017403, inclusive ligações a cobrar) ou pelo e-mail dricacarvalheira@hotmail.com.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br.

Adriana Valéria Vargas Carvalheira - (RG 19319323-1)

Assinatura do Estudante - (RG _____)

Taubaté, ____ de _____ de _____.



UNITAU - UNIVERSIDADE DE
TAUBATÉ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PRÁTICAS EDUCATIVAS DE ESCOLAS EM ÁREAS DE RISCO AMBIENTAL: o que dizem professores e alunos

Pesquisador: ADRIANA VALERIA VARGAS CARVALHEIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 83455817.2.0000.5501

Instituição Proponente: Universidade de Taubaté

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.600.091

Apresentação do Projeto:

Muitas escolas, que deveriam ser consideradas como espaço de formação integral do ser humano e unidades de proteção, esbarram em um condicionante primário: estão construídas em situação de risco ambiental, tema da pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar a concepção de alunos e professores participantes do Projeto Cemaden Educação sobre as práticas educativas de escolas em situação de risco ambiental (transcrito do projeto)

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos da pesquisa são mínimos. Os participantes podem se sentir constrangidos em responder alguma pergunta ou a manterem-se na pesquisa. Nesse caso, o pesquisador garantirá o anonimato dos participantes e a garantia de que podem desistir da pesquisa a qualquer tempo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Espera-se que os resultados desta pesquisa possam oferecer subsídios para a reflexão dos limites e possibilidades da criação de projetos dessa natureza, auxiliando na construção de indicadores para a implementação de políticas públicas que considerem esta temática

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequado.

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210

Bairro: Centro

CEP: 12.020-040

UF: SP

Município: TAUBATE

Telefone: (12)3635-1233

Fax: (12)3635-1233

E-mail: cepunitau@unitau.br



UNITAU - UNIVERSIDADE DE
TAUBATÉ



Continuação do Parecer: 2.600.091

Recomendações:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté recomenda a entrega do relatório final ao término da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Atendida a solicitação do parecer anterior sobre TCLE e cronograma.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, em reunião realizada no dia 13/04/2018, e no uso das competências definidas na Resolução CNS/MS 510/16, considerou o Projeto de Pesquisa: APROVADO.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_973070.pdf	21/03/2018 08:35:25		Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	21/03/2018 08:34:11	ADRIANA VALERIA VARGAS CARVALHEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	21/03/2018 08:33:51	ADRIANA VALERIA VARGAS CARVALHEIRA	Aceito
Outros	TCPR.jpg	30/01/2018 12:37:04	ADRIANA VALERIA VARGAS CARVALHEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_ADRIANA.doc	30/01/2018 12:34:39	ADRIANA VALERIA VARGAS CARVALHEIRA	Aceito
Folha de Rosto	Folharostoadriana.pdf	30/11/2017 19:14:40	ADRIANA VALERIA VARGAS CARVALHEIRA	Aceito
Outros	Oficio.jpeg	30/11/2017 19:10:42	ADRIANA VALERIA VARGAS CARVALHEIRA	Aceito
Outros	TermodeautorizacaocorrigidodaAdriana.jpeg	30/11/2017 18:28:10	ADRIANA VALERIA VARGAS CARVALHEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCL.docx	04/08/2017 23:31:42	ADRIANA VALERIA VARGAS	Aceito

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210

Bairro: Centro

CEP: 12.020-040

UF: SP

Município: TAUBATE

Telefone: (12)3635-1233

Fax: (12)3635-1233

E-mail: cepunitau@unitau.br



UNITAU - UNIVERSIDADE DE
TAUBATÉ



Continuação do Parecer: 2.600.091

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TAUBATE, 16 de Abril de 2018

Assinado por:
José Roberto Cortelli
(Coordenador)

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210

Bairro: Centro

CEP: 12.020-040

UF: SP

Município: TAUBATE

Telefone: (12)3635-1233

Fax: (12)3635-1233

E-mail: cepunitau@unitau.br

ANEXO E – ENTREVISTAS

ENTREVISTADO: Professor Coordenador do Projeto Cemaden Educação

1. Conte um pouco quem você é: seu nome, onde mora e quantos anos têm.

Meu nome é... Sou professor de História, moro aqui no município, e tenho 45 anos.

2. Fale-me um pouco sobre como é o projeto nessa escola: você lembra como ele começou? Como você conheceu o projeto? Por que decidiu participar? E agora, o que vocês fazem aqui na escola?

A primeira experiência do Cemaden Educação nasce por causa de uma experiência desta cidade, que em 2010 passou por um desastre natural, a enchente de 2010, que destruiu grande parte do patrimônio histórico da nossa cidade. A partir daquela experiência, o Cemaden, que é o Centro de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais, foi implantado pelo Governo Federal em 2011, um ano depois da enchente aqui.

O Cemaden Educação, foi criado por causa do desastre em Petrópolis. Desastre com muitas mortes. Depois de lá, o governo achou que seria melhor que as próprias comunidades se organizassem para emitir alertas, para que não ficassem dependendo apenas de instâncias do governo. A ideia era que, o Cemaden Educação desenvolvesse um projeto que chegasse até as comunidades, a conscientização sobre os desastres naturais e como as pessoas poderiam se prevenir do desastre, para que pelo menos vidas fossem salvas durante um desastre natural. A professora Rachel Trajber, que trabalhou no Ministério da Educação e está no Cemaden Educação, decidiu fazer esse projeto via escola. Ela imaginou que a escola seria o melhor ponto de partida numa comunidade para atingir a comunidade toda. Aliás, ela via institucionalmente com a prefeitura e poderia fazer através da escola. Ela me procurou. Na época, eu era vice-diretor da escola. Eu fui o contato dela aqui. Ela falou desta ideia, que era fazer um projeto piloto e que eles tinham escolhido São Luís do Paraitinga por causa da enchente de 2010 e duas cidades que tinham outros riscos de desastre, embora não a enchente, que seria Ubatuba, por causa dos deslizamentos, e Cunha, porque a zona rural de Cunha apresenta fragilidade, áreas de risco. Ela usaria esses três municípios com perfis diferentes.

A ideia era que o Cemaden Educação desenvolvesse um projeto piloto. A escola serviu como Projeto Piloto. Antes que começasse este projeto na Secretaria da Educação do Estado, eram feitas experiências com algumas escolas. O Cemaden Educação, veio para escola junto com a UNESP para organizar este projeto. Na verdade, eles iam testar o projeto, para verificar

como que aquilo poderia se inserir no cotidiano da própria escola. A partir da experiência que fizeram aqui, em Cunha e em Ubatuba, eles levaram, para Secretaria da Educação, o resultado deste projeto piloto.

Agora, o Cemaden Educação funciona, na escola, via Secretaria da Educação. Deu para entender? Nós somos o piloto. Eles testaram a experiência e levaram para Secretaria da Educação. E agora, como é que funciona o Cemaden Educação na escola? Ele funciona como se fosse um tema transversal. O risco de desastres naturais, as ações, a Defesa Civil, o papel da prefeitura e do cidadão num momento de risco de desastre natural, isso é feito agora nas disciplinas. Isso, agora, veio de lá para cá. É que esta escola foi piloto, foi experiência inicial, entendeu? Então, disse assim: Tem? Não! O projeto piloto acabou. Agora virou projeto da rede estadual de ensino. Os professores abordam? Abordam nas aulas mesmo, no cotidiano, quando os assuntos aparecem. A gente continua tendo parceria com a Defesa Civil. O projeto saiu da escola. Agora ele é um projeto da comunidade. A prefeitura desenvolve parcerias com a Defesa Civil, para falar da prevenção de riscos de desastres. Assim, a partir da experiência que aconteceu aqui, o assunto virou agora um assunto da cidade. Entendeu? Não é que acabou o projeto. Agora ele está no nível comunitário e não mais só no nível da escola.

A UNESP faria parceria, para também fazer um projeto de extensão universitária com alunos da Engenharia Ambiental. Os alunos realizariam oficinas na escola, com alguns alunos que a escola indicaria. Esses alunos serviriam como experimento. Os alunos fariam as oficinas. Através das oficinas, eles veriam como testar o conhecimento, como testar a experiência dos próprios alunos com a enchente. Através desta experiência, eles fariam primeiro um mapeamento, depois um banco de dados com a oficina sendo colocada em prática e, a partir daí, dependendo do resultado que eles tivessem, do retorno, eles levariam essa ideia para a Secretaria da Educação do Estado, não só de São Paulo, porque seria em todos os municípios que tivessem algum tipo de risco no país. Esse projeto já chegou no Acre. Esse projeto já está em nível Sul-Americano e foi reconhecido pela UNESCO como um projeto inovador na área da Educação, porque ele é um típico projeto que, embora seja feito dentro da escola, o objetivo básico dele é atingir a comunidade. Mais ainda, tornar a comunidade a própria Defesa Civil. Que não seja um grupo recrutado para Defesa Civil. Que cada vizinho, cada aluno, cada pessoa, sabendo das condições de riscos, de áreas vulneráveis, dos tipos de vulnerabilidade, de riscos de deslizamentos, de enchente, pudessem ser eles os protagonistas, pelo menos da ação emergencial, até que o poder público pudesse agir. A experiência nasceu assim, por causa do desastre que nós sofremos, mas também para que fosse um projeto que pudesse ser aplicado em todas as escolas do país. Por que são oficinas? As oficinas exigem atividade prática e é do

conhecimento particular da comunidade. Então, dá para ser replicado, reaplicado em qualquer lugar.

3. Como vocês organizam as práticas educativas aqui na escola?

Hoje, acontece com todas as salas interdisciplinarmente. Na época do projeto piloto, nós indicamos alguns alunos de primeiro, segundo e terceiro ano. Isso foi em 2015. Formavam um grupo de alunos "interssrial", tinham das três turmas. Os alunos vinham em um outro horário, fora do horário de aula, para as oficinas que eram oferecidas pelo Cemaden Educação e pela UNESP. Esse grupo de alunos participava das atividades. Essas atividades eram registradas pelo Cemaden Educação para serem reproduzidas em vídeo, para que alunos em outras escolas, que não tivessem a presença da UNESP e deste órgão, pudessem saber o tipo de atividade. A ideia do Cemaden Educação, naquele momento, era colocar tudo isso numa plataforma em que as escolas do país inteiro pudessem ter acesso. Isso já existe, a Plataforma do Cemaden Educação. Na época, a gente recrutou os alunos e, na verdade, o interessante do projeto é que eram oficinas. Eles iam para a prática. A gente foi fazer o monitoramento da margem do rio Paraitinga, fizemos mapa social, cartografia social, que a ideia era olhar o mapa do município no Google Earth, com foto aérea, e tentar que os próprios alunos indicassem quais eram as áreas vulneráveis, as áreas de riscos de inundação, áreas de possíveis deslizamentos e inclusive, no momento de um evento natural, quais seriam áreas de fuga, os lugares que deveriam procurar para se proteger, quais eram os pontos que encontrariam os idosos na cidade, onde é a maior concentração de idosos? Aonde estava o hospital, a polícia, a escola dos alunos menores? Os alunos menores sairiam para onde? Uma espécie de dar a eles a ideia da vulnerabilidade e já pensando na ação que poderiam tomar. Evidente, que isso vale para esse município e vale para qualquer outro, porque em um outro mapa de uma outra cidade, os alunos de lá olhariam essa realidade e poderiam agir em cima dela.

4. Como vocês veem esta questão da situação de risco?

O risco, que chama de desastre natural, na verdade é a natureza, mas é também a ação do homem. Quando a gente ocupa, por exemplo, falando da nossa realidade, São Luis do Paraitinga, a cidade toda, o centro todo, está à margem do rio Paraitinga. Possivelmente, toda a área da praça, onde está hoje o centro histórico, toda ela era uma área de inundação. Esta área foi sendo ocupada, foi sendo construída e as casas são muito próximas do rio. Essa ocupação do solo, ela faz aquela junção ali: um fenômeno natural aliado a enchente, a cheia do rio, é natural, mas a cheia do rio com casas a beira do rio, ela é um desastre natural, porque a cheia do rio vai provocar danos, que podem ser danos ao patrimônio ou mesmo colocar em risco a vida das pessoas. Uma outra parte da cidade que não está à margem do rio, pela própria

geografia da região, ela está em pontos altos, morros. Que tipo de construção é feito. Que ocupação foi feita deste solo. Não é uma ocupação planejada, então, por não ter sido planejada, não se pensou rua, não se pensou acesso. E, que perfil de morador está lá. Se são famílias mais pobres, os tipos de construções são mais frágeis. Na verdade, há o risco, é o fenômeno natural, aliado a ocupação do solo, a ação do homem, ao tipo de construção, a que lugar ele vai. A junção disso pode colocar uma cidade em risco e nós temos várias áreas aqui identificadas como áreas de risco, também por isso.

5. Como é o trabalho de vocês na escola?

O projeto piloto não existe mais, porque ele era piloto. Essa fase passou. Agora a escola trabalha com a experiência que foi feita aqui com essas oficinas. Os alunos daqui já participaram de oficinas feitas com alunos da outra escola. A experiência que a UNESP fez com eles, eles fizeram com os alunos de um outro ciclo. Foram lá e replicaram a oficina. Um dos alunos que participou ativamente aqui na época do projeto piloto, hoje ele trabalha com *rafting*, que durante a enchente foi decisivo para impedir que pessoas morressem. Ele é um aluno que saiu daqui e foi para o *rafting*. Converso com ele, às vezes. Ele já disse que a experiência que ele adquiriu aqui, agora a faz lá. Agora ele alia a experiência do *rafting*, que agiu durante a enchente com a experiência daqui, de olhar áreas de risco e percepção do adolescente para ação do esporte. O próprio grupo de *rafting*, sempre que a gente realiza, porque a gente continua realizando ainda, faz seminários ou faz encontros para trazer a sociedade para discutir risco de vulnerabilidade. O *rafting*, Defesa Civil, esta escola, a Prefeitura, eles são grupos, digamos, obrigatórios nessas discussões. A gente já conseguiu no ano passado fazer uma experiência dessa, de um encontro para discutir risco de desastre e vulnerabilidade, num sítio histórico. Tivemos uma adesão bastante importante. Eu diria que, como a gente já saiu desta fase de projeto piloto, as experiências que a gente tem aqui, quando discute o assunto, são levadas para seminários maiores, que envolvem a comunidade. A escola virou uma espécie de referência para a experiência de discutir risco de desastres naturais, por ter passado por este projeto.

6. Esse projeto tem alguma influência na comunidade?

Nitidamente é o assunto, até por causa do trauma. A enchente virou um assunto de discussão, mas não apenas um assunto de discussão sobre o medo que ela se repita, por exemplo, ou quais as condições para que ela volte a acontecer. Na verdade, a preocupação, hoje, não é mais essa. As ações que foram feitas naquele momento, como elas podem ser melhoradas? Como as pessoas podem se conscientizar para que na hora que o evento estiver acontecendo, as pessoas se preservem, as pessoas sobrevivam. Que elas não aumentem o risco por uma ação

equivocada, por uma tentativa de ir para um lugar errado. E, na verdade, uma rede que se formou no momento da enchente de 2010, é uma rede que se reproduz agora quando a gente discute as ações que foram feitas, e como elas podem ser melhoradas, para que no futuro, caso o evento se repita, a gente tenha um pouco mais de condições de saber como agir, de ser protagonista na ação. Já foi em 2010, a comunidade, a própria comunidade, que formou uma rede de proteção. Mas, formou sem a discussão científica, sem a engenharia, sem os bombeiros. Naquele momento foi instintivo, mas o instintivo tem mais risco de dar errado do que o pensado e planejado. A lógica do projeto Cemaden Educação é fazer disso uma discussão presente na comunidade. A comunidade tem algum risco natural, então precisa discutir isso, pensar isso, para que isso não seja um fenômeno a surpreender a própria comunidade. A gente já saiu dessa fase escola e agora a comunidade está envolvida, porque nessas discussões aparecem desde, como eu disse, Defesa Civil, a escola, a igreja, as companhias de *rafting*, a Prefeitura, a Polícia Civil e Militar. Todo mundo se envolve na discussão, que a ideia é: vamos falar desse assunto. Não que a gente esteja lá traçando estratégias para a próxima enchente, não necessariamente, a ideia é que a gente discuta, que a gente fale, que a gente faça disso um tema, e que a comunidade esteja mais atenta quando e se o fenômeno ocorrer.

7. E outras ações da escola? Tem alguma relação com a comunidade?

A escola faz um projeto que, no ano passado, a gente chegou na décima edição. A gente batizou, aqui, de Semana da Cidadania. É um momento que a escola para um pouco a rotina, digamos assim, a gente abre as portas da escola para, normalmente, ex-alunos. E, como estou há muito tempo nesta escola, conheço os ex-alunos e eles estão hoje formados em diferentes áreas. A ideia é trazer os ex-alunos de volta para a escola, nos diferentes ramos em que eles atuam e fazer oficinas com os alunos que estão aqui, para discutir desde carreira profissional até falar das áreas onde eles atuam: orientações de saúde, mercado de trabalho, direito, direito civil. Nós temos oficinas que tratam de racismo ou que tratam de segregação. Enfim, são variados temas. Normalmente, os alunos vão indicando o que eles querem discutir e a gente vai buscando ex-alunos ou profissionais para trazer aqui. Os profissionais, junto com os alunos vão fazer discussões em cima desses temas. É uma ação que a gente traz a comunidade para falar com os alunos de temas diversos. E, inclusive, a gente desenvolveu um que ganhou bastante destaque aqui. Nós temos, morando em São Luís do Paraitinga, uma refugiada da Síria. Por contingências lá, ela saiu e acabou aqui em São Luís. E ela aceitou vir participar de uma oficina aqui na escola e discutiu com os alunos a realidade dela, os motivos da fuga. Como é viver num país aonde ela não se preparou para ir? Quais são as dificuldades que ela encontra? Por que ela está em São Luís do Paraitinga? Na verdade, é assim, trazer um fato que está na ordem do dia,

mas que, aparentemente, está muito longe da gente para dentro da escola. Como é uma comunidade pequena, uma cidade pequena e a única escola de Ensino Médio do município, os alunos passam por aqui. Todos passam, então praticamente, a não ser aqueles que vão para uma escola particular, que é uma grande minoria, todos passam por aqui. Como é uma cidade pequena, a gente vai sabendo, depois que eles saem daqui, onde estão, onde estão atuando e tem uma receptividade muito legal. Esse é um projeto que eu destacaria. E, das oficinas que a gente realiza, talvez a que mais os alunos gostem, porque a gente faz uma roda de conversa de ex-alunos para que eles falem. Até a gente batiza de: a vida após o Ensino Médio. Existe vida após o Ensino Médio. E, aqui não têm faculdade, então, eles precisam sair de São Luís para estudar. Às vezes, vão para o mercado de trabalho, vão trabalhar. Contar sobre os desafios que eles venceram ou que estão vencendo, na faculdade, como funciona, quem paga, como é que eles se mantêm, viaja todo dia, como é na faculdade, como são as festas na faculdade. Enfim, eles falam dessas experiências para que nossos alunos, que estão praticamente na hora de viverem a mesma experiência, consigam dividir, e é praticamente de jovem para adolescente. É uma linguagem que é diferente de um professor tentar dizer a eles como é a realidade depois do Ensino Médio. Não! É alguém da mesma faixa etária, praticamente, falando da experiência. Essa oficina funciona muito bem e tem dado ótimos resultados.

8. Me diga o quê percebe sobre a organização e o trabalho da escola. Quais são os aspectos que você considera como os mais importantes. E os mais difíceis?

Eu começaria pelos difíceis. A escola é a única do município que atende alunos do Ensino Médio. É uma cidade pequena, que permite uma inter-relação maior com as famílias. Isso é evidente e nos ajuda muito. Mas, a escola é reflexo da sociedade. Nós temos problemas que estão na sociedade e estão dentro da escola. A violência, drogas, essas dificuldades, elas estão na ordem do dia. A gente talvez consiga lidar um pouco melhor com elas no sentido de uma pequena comunidade. As relações favorecem isso. Mas, por ser única e por estarem todos os adolescentes aqui e por ser a realidade vindo aqui para dentro da escola, a gente tem discutido muito isso, falado muito disso, pensado muito isso. E, a gente acha, nas nossas discussões, que o caminho é bem esse, é comunidade. Quanto mais a gente conseguir envolver a comunidade nessas discussões, mais a gente consegue buscar soluções para esses problemas. Eu diria que a dificuldade da escola é a dificuldade de uma escola que atende a adolescentes, e que atende todos os adolescentes. Aqui não tem perfil, um perfil definido, que a gente diga assim: é de um determinado bairro, de uma determinada classe social. Não, aqui nós temos alunos do centro, da zona urbana, toda a zona rural do município, todos os bairros da zona rural, os alunos vêm

para cá no Ensino Médio. A gente tem essa realidade de zona rural e zona urbana. As perspectivas mudam muito de um grupo e de outro. E, a gente lida com todos eles juntos, ao mesmo tempo. É a nossa dificuldade, nosso maior desafio. As coisas boas, primeiro, os professores, quase todos ou na grande maioria, são da própria comunidade, moram aqui, efetivos. Então, o projeto de trabalho pode durar anos, desenvolvido. Isso ajuda bastante. Comprometida com a comunidade. A gente encontra, no dia a dia, com os pais, com os próprios alunos. Nossas relações sociais, nas festas, nos eventos, na cidade, festas religiosas, carnaval, aluno, pai, professor, está todo mundo no mesmo espaço. Ao mesmo tempo, aumenta a nossa responsabilidade, mas a gente se sente pertencendo ao mesmo grupo. Essa questão da identidade, a escola tenta não perder. Por isso, que a gente faz isso, quando os alunos saem, a gente tenta, em algum momento, trazê-los de volta. A gente é muito bem atendido, porque eles querem voltar para falar das experiências e se sentem parte da escola. É como se a escola não saísse deles nunca mais e a escola tenta fazer com que não saia mesmo, para que eles se sintam pertencentes sempre. Estamos todos na mesma comunidade e somos todos responsáveis pela escola. Eu diria que a dificuldade e as coisas boas, elas meio que caminham juntas, então, não é o lugar perfeito. Temos muitas dificuldades, em várias áreas, mas a gente tende a não fugir destes problemas, porque ao mesmo tempo a gente percebe que a própria comunidade que vai ajudar a resolver isso. E, a gente tem essa parceria, muito boa por sinal.

10. Fale-me sobre algo que desejar.

Eu tenho uma relação pessoal com a escola que é especial, particular. Eu digo, sempre, que eu tenho mais tempo de escola do que qualquer outra pessoa que passa por aqui. Eu entrei, não neste prédio, que é um prédio novo, mas nesta escola, aos sete anos de idade para ser alfabetizado, na primeira série. Eu continuei desde os sete anos até hoje. Eu nunca saí. Eu fui dos sete anos até a oitava série. Quando eu estava na sétima série, foi criado o Ensino Médio. Eu terminaria a oitava série e teria que ir para outra escola, mas criou o Ensino Médio, então, terminei a oitava e fiquei no Ensino Médio. Quando eu terminei o Ensino Médio, eu teria que sair da escola. Eu não ia fazer faculdade aqui, teria que ir. Só que quando eu estava no terceiro ano do Ensino Médio, eu prestei concurso público e comecei a trabalhar no ano seguinte na própria escola, na secretaria, nos trabalhos da secretaria. Fiquei nove anos na secretaria, passando de escrevente para oficial de escola, para secretário e nesse intervalo eu fiz a faculdade de História. Prestei concurso e consegui escolher a vaga que tinha nesta mesma escola. Eu fui secretário de escola até o dia 31 de janeiro, fiz a minha própria atribuição e, no dia seguinte fui para sala de aula como professor. Nesse trabalho de professor, já vem desde o ano de 2000,

como professor. Depois eu fui convidado para ser vice-diretor da escola. Fiquei três anos nesta função, que agora por contingência do Estado, que acabou com este cargo para escolas menores, voltei para a sala de aula. Isto para mim é um grande prazer, não tem nenhum problema. Eu diria que eu fui do aluno de primeira série até diretor de escola, porque em momentos de ausência da Diretora, quem responde pela direção sou eu. Vai ter, historicamente, documentos assinados por mim como diretor da escola. Desde os sete anos de idade, eu já estou aqui. Eu diria que essa escola, tenho uma identidade com ela fortíssima. Estou há muitos anos aqui. De certa forma, quando você veio para uma entrevista para falar da escola, modéstia à parte, eu sou uma pessoa boa para falar da escola, por tudo isso, por toda essa relação que eu tenho com ela e inclusive na função de professor mesmo, que desde 2000 eu exerço. Eu costumo dizer que eu falo da escola com a paixão que muito poucos conseguirão falar, porque eu enxergo isso aqui como minha casa mesmo, no sentido quase literal. Os alunos até brincam comigo, que quando eu morrer, provavelmente eu vou virar uma assombração na escola, não vou largar daqui, vou continuar por aqui. Não tenho filhos, eles serão sempre meus filhos. Fico à disposição, sempre que preciso.

Entrevista 2

Apresentei o andamento de minha Dissertação ao Prof. Coordenador do Projeto Cemaden Educação, solicitando-lhe que a validasse.

O que observo rapidamente, que está contemplado sim (na dissertação) muito do que aconteceu aqui na escola. Evidente que é muito complicado você fazer organograma em uma estrutura que é viva, pois as coisas continuam acontecendo. Então, por tudo isso, a única observação que eu faria é do desafio que você tem em tentar sintetizar em esquema toda esta complexidade que envolve um projeto destes. De qualquer forma, nós também sabemos que quem faz uma dissertação não pode abarcar realmente todas as informações, faz um recorte. E quanto mais preciso for o recorte, mais as pessoas que pesquisarem sobre isso terão ideia do que está além de seu recorte. Então, assim como recorte, eu acho que é perfeito!

A ideia do Projeto Cemaden Educação aqui na escola era exatamente essa: a escola seria uma escola piloto, então de certa forma era uma experiência, uma ideia sendo implementada para ganhar forma e ser aplicada em comunidades que têm diferentes riscos, mas com a mesma metodologia. Porque no fundo, é uma ideia importante, por ser uma ideia que parte da própria comunidade. A comunidade falar de seus problemas, para ela verificar os seus riscos, suas áreas de risco e escape.

Então, é a comunidade que precisa saber disso, não é um plano, não funcionaria se fosse um plano apenas governamental pensamos isso para São Luís, pois quem deveria pensar em São Luís do Paraitinga seria a própria cidade.

Nós estamos aí com um exemplo recente. Eu vi a reportagem sobre Brumadinho e aquele alerta que foi emitido na madrugada do risco do rompimento da represa de água, não era de rejeitos, era a de água. Foi às 5h30 da manhã. Uma sirene tocando e um alto falante dizendo para as pessoas: saiam imediatamente e sigam para os pontos mais altos.

Eu fiquei pensando em tudo que nós discutimos aqui durante o Projeto Cemaden, e na necessidade cada vez maior de que a comunidade se aproprie disso. Porque na hora de um alerta que diz para você: corra para um lugar seguro, corra para os pontos mais altos, as pessoas precisam ter algumas ideias prévias do que precisam fazer. Então é assim, me preocupo em levar alguma coisa? Documentos pessoais é importante eu tirar? Eu fecho a casa? Que tempo eu tenho entre essa sirene às 5h da manhã e alguém dizendo saia imediatamente? Esse sai imediatamente é o quê? A represa está rompida e eu tenho que correr muito?

Enfim, fiquei pensando e me deu uma agonia. Pensei na enchente de São Luís do Paraitinga e como é que isso funcionaria. De certa forma importância do Projeto Cemaden é esta, dar a comunidade informações para que ela se conscientize dos riscos, que ela tenha uma ideia de como minimizar o impacto de um desastre natural, quais são as áreas de escape, para onde ela deve seguir, que áreas são seguras em uma inundação, que áreas são seguras em um risco de deslizamento. Quem está autorizado a dar esta informação para ela.

Porque senão, vira um pânico generalizado, informações desencontradas. Se a Polícia disser uma coisa, a Defesa Civil outra e os Bombeiros disserem outras, então quem ela ouve? Quem está autorizado a dizer? Que equipamentos medem isto? Quem emite o alerta? Que tipo de alerta é? Tem diferença de um tipo de desastre para outro na hora do alerta? Quais são as áreas de escape? Isso não é uma informação que tem que ficar na Defesa Civil, tem que ficar em cada casa. Por isso a escola é um ponto de partida.

Então, como é uma realidade brasileira e pelo que nós temos visto, será cada vez mais, porque tem todo desencontro do que o governo pensa com fiscalização ambiental. Como é pensado o Meio Ambiente no novo governo com esse discurso que tem que acabar com essa palhaçada de multa, de fiscalização. Eu fico pensando como isso funciona e vai funcionar no dia a dia.

Vimos o imenso trabalho Pedagógico que vocês fazem aqui na escola. Você pode me contar um pouco sobre a escola, os Projetos que desenvolvem, as parcerias que fazem, enfim o que você acha importante mencionar. Conte-me tudo: os Projetos que já aconteceram, aqueles que acontecem e seus desejos futuros.

Você falou sobre outros Projetos não sei se quer precisar algum que você queira falar? Eu senti falta aí de um que os alunos aprovam muito, que é a presença dos ex-alunos. Eles são sempre convidados a voltar aqui para falar de suas experiências de vida depois que saíram daqui e isso de certa forma é muito importante, porque não é o professor dizendo como é que vai ser a vida depois. Porque eu imagino que o aluno sempre vai olhar quando o professor disser como vai ser depois, meio assim “Meu pai querendo dizer como é que tem que ser a minha vida.” É diferente quando ele pega um colega que no ano passado estava aqui ou há 2, 3 anos, ou mesmo alguns que já saíram há mais tempo, mas que já estruturaram uma carreira e que digam eu estava aqui no lugar de vocês, meu desafio foi este, enfrentei isso... estudei longe de casa, não tinha condições de pagar, foi assim que me financiei em uma universidade enfim.

Como é o nome do Projeto?

O projeto é dentro da Semana da Cidadania, mas nós o batizamos como “A vida após o Ensino Médio” o A pode ser com H, para saber que existe vida depois do Ensino Médio ou, a vida sem H, para ele saber como é depois que sai daqui. Vale as duas formas. E a ideia é fazer com que ele tenha contato com pessoas muito mais próximas da idade, dos desafios. Que digam para eles, estou me virando assim, estou resolvendo deste jeito. Desde alunos que podem vir, quanto alunos que queiram gravar um vídeo para dizer para eles como está sendo tudo isto.

É uma ideia que funciona em todos os sentidos, que temos o resultado disso quando eles saem e vamos percebendo, pelo menos os egressos que fazem questão de nos dizer: Olha, estou estudando em tal lugar. Estou fazendo tal faculdade. Me virando aqui. Morando longe. Eles fazem questão de nos dizer, porque eles sabem que adotamos esta metodologia de que quando puderem voltar para falar com os que estão aqui. Isso funciona. A escola vê funcionar e dar bastante resultado.

Ainda a respeito do Cemaden, vou te dar uma informação a mais, ele me chamou para ajudar a escrever um artigo que vai falar disso, mais especificamente a partir de uma oficina que trata de risco de vulnerabilidade da escola que a Unesp e o Cemaden fizeram aqui com os alunos que estavam no Projeto, onde nós mapeamos os riscos na nossa escola. Os alunos fizeram as oficinas aqui e identificamos quais são nossas vulnerabilidades. Chega a ser irônico que essa escola foi construída por causa da enchente e ela foi construída a beira do rio Paraitinga. E isto é um grande risco! Os alunos fizeram esta oficina aqui, ajudaram o Cemaden

a perceber que eles identificaram os riscos. E os alunos foram na escola Municipal de Ensino Fundamental e replicaram a oficina com os alunos da outra escola, então os alunos do 5º ano fizeram a mesma oficina só que ao invés da Unesp fazer com o Ensino Médio era o Ensino Médio fazendo com os alunos do Ciclo I. E os pequenos foram identificar os riscos da escola deles.

Essa oficina em particular vai virar um artigo e eles pediram que eu identificasse alguns alunos que participaram, para que eles falassem qual foi a experiência deles em fazer a oficina e aplicá-la no Ensino Fundamental. Para mim a maior importância é você perceber que a informação que você se apropriou não é sua, precisa multiplicar a ideia de conscientizar para os riscos de desastres. Precisa ser da comunidade a informação.

Eu posso fazer uma oficina, identificar todos os riscos da minha escola e saber dizer para todo mundo: olha, ali é perigoso por isso, o rio subiu tanto, chegou até aqui, para ele encher até aqui precisa subir tanto acima do nível normal. É ótimo você ter esta informação! Mas do que adianta se as pessoas que estão próximas nesta área não souberem. Assim, meio que este é o *start*, isso é a importância do Projeto.

Então, este é um Projeto que tem desdobramento. Ele não parou. Acho até que podíamos, digo nós, a escola, se tivéssemos um pouco mais de condições de fazer este Projeto do Cemaden, poderia ser do Ensino Médio para as escolas do Ensino Fundamental. É que aí envolve mínimas coisas, porque são duas Redes diferentes. Nós vamos continuar cumprindo aqui as funções normais dos dias letivos, onde achamos espaço para sair daqui com estes alunos ir para a comunidade? Enfim é a logística, a engrenagem disso funcionar que é um pouco mais complicado. Ela depende muito mais da boa vontade da Direção, da Diretoria de Ensino, da Prefeitura em nos receber, de abrir espaço sem interferir no andamento da própria escola. Coisas mais complexas, mas que tenhamos uma ideia que não pode morrer. Se encontrarmos, se nos derem uma brecha, vamos abrir este campo, porque isso é uma outra coisa importante para os alunos aqui no Ensino Médio.

Por quê foi desenvolvida a pesquisa com ex-alunos do Ensino Médio?

Como é um Ciclo muito curto, são três anos, e por isso os alunos saem daqui rapidamente, o que precisamos é que essas informações não fiquem com os alunos quando eles saem, que elas se repliquem na comunidade. Se conseguimos chegar no Ensino Fundamental, passamos as informações lá embaixo, quando o aluno chegar aqui para vivenciar a experiência que nós passamos, eles já têm as informações, elas não podem ser novas, talvez este seja o próximo grande desafio do Cemaden, digo Cemaden porque embora nós tenhamos assumido esta responsabilidade de sermos multiplicadores aqui, nós precisamos desta retaguarda.

O Cemaden Educação tem que pensar o macro, digo o país, embora ele tenha as plataformas, os resultados das oficinas, modelos de oficinas, está tudo lá, à disposição para as pessoas se apropriarem, mas é a prática e sempre aprática, que dará resultados. Porém estes são desafios e eles existem exatamente para que possamos atacar, resolver e perceber.

A Defesa Civil de São Luís do Paraitinga, foi muito parceira durante o Projeto aqui e é muito ativa nesta ideia de multiplicar informações. Sabemos que eles fazem isto que precisa, numa linguagem comunitária, a Defesa Civil, o Cemaden, a escola, os pais, para que consigamos fazer isto fluir com mais naturalidade. Nós ainda encontramos alguns obstáculos do tempo e do espaço.

Hoje, aqui na escola está tendo alguma ação do Cemaden? Têm alunos engajados?

O que fazemos como projeto da escola por exemplo na Semana da Cidadania, mesmo depois que o Cemaden e a Unesp deixaram de vir aqui para fazer as oficinas com o tema de Riscos de Desastres, nós temos um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) voluntário. Os alunos de 3º ano que querem desenvolver uma pesquisa de conclusão de curso fazem e estimulamos que os temas sejam: Patrimônio Histórico, Rio Paraitinga, isto é um estímulo. Alguns alunos que decidem pesquisar estes aspectos naturalmente, vem a enchente e vindo a enchente vem as informações do Projeto Cemaden e o resultado fica como pesquisa na sala de leitura da escola para futuras pesquisas.

Essa é uma forma de informações irem se consolidando. São caminhos que a escola tem encontrado depois que as oficinas foram feitas. Sempre que possível as oficinas são replicadas, não exatamente no mesmo modelo, mas identificação de áreas de risco por exemplo ou vulnerabilidade da escola, são discussões que aparecem sempre que vão discutir questões de Geografia, História, que isso apareça. A formação aparece no conteúdo, na informação da sala de aula, em Sociologia, Área de Humanas bem mais atuante nisso.

E o que percebemos, que como a enchente não é algo isolado, atingiu todo mundo direta ou indiretamente. Mesmo ela estando cada vez mais afastada no tempo as marcas continuam presentes nos discursos, nas impressões e isso até me chama atenção, porque fiz esta observação esses dias, nós estamos há 9 anos da enchente, para um adulto está tudo muito vivo, muito presente. O que nós professores precisamos nos dar conta é que nove anos depois os alunos que chegam aqui não têm a memória da enchente como memória, eles têm como informação. Portanto, é hora de juntarmos informação e memória e fazer com que a enchente permaneça viva, não para cutucar feridas, mas para conscientizar, para alertar, se preparar, perceber riscos.

Sendo historiador, tenho certeza de que a enchente estará para sempre na história de São Luís do Paraitinga por todos os sinais que já temos nove anos depois dá para ter certeza que ela

não vai desaparecer da história. Resta saber, como ela vai para os registros históricos. Ela vai como um grande desastre que destruiu o Patrimônio Histórico ou vai como uma grande lição que a cidade aprendeu na relação com o Meio Ambiente, com a ocupação das áreas de risco, na conscientização sobre a qualidade das construções onde você mora, até que ponto sua interferência no espaço cria as condições para você ser vítima de um desastre.

O AzisAb' Saber, fala que a enchente é um ciclo que ocorre de 11 em 11 anos...

Sim, Aziz disse isso em uma palestra na praça com a igreja destruída, em escombros. Ele doou muitos livros dele para biblioteca municipal, pois queria estimular à leitura. Inclusive fez uma observação na palestra: “De certa forma eu sou culpado pela biblioteca estar toda destruída porque fui eu quem falou ao prefeito para que a biblioteca fosse no centro da cidade, no coração da cidade e agora eu dou outro conselho, desapropriar uma casinha no canto mais alto, faça a biblioteca lá em cima, porque assim fica tudo preservado, porque vai se repetir...” (AzisAb' Saber, 2010)

O que ele disse como informação técnica que na enchente de 2010 houve uma conjugação de fatores para que elas se coincidam novamente ao mesmo tempo e mesmo espaço, é improvável que ocorra tudo de novo, mas é certeza de que uma nova grande enchente faça parte da história de São Luís do Paraitinga.

De certa forma a enchente de 2010 nos fez ver isso, porque uma das coisas que apareceu naturalmente quando fazíamos pesquisa da história oral e fomos buscar informações sobre as outras enchentes é que ela respeitou um ciclo. As grandes enchentes ao longo da história têm sempre um ciclo, o espaço de tempo que é exatamente este que o Prof Aziz falou, entre 11 e 20 anos ela se repete.

Como nós passamos nove anos da enchente já começamos a ficar angustiados. Mas de qualquer forma o Cemaden nos fez pensar isso também. E claro, se ela é inevitável estamos mais preparados hoje do que estivemos em 2010!? Ou já esquecemos e vamos esperar para ver o que acontece.

De quantas oficinas vocês participaram em média? E quais pessoas ministraram estas oficinas?

Então, exatamente o número de oficinas não lembro! Eu lembro que tivemos de história oral, de mapeamento de cartografia social, que chamamos de observar geograficamente a área e pensar quem mora ali, a vulnerabilidade da escola. Começamos com a Árvore dos Sonhos, para pensarmos quais eram as nossas dificuldades, que caminho tínhamos que seguir, o que queríamos atingir com essa discussão toda. Foram algumas oficinas. Elas eram mistas porque

eram realizadas pela Unesp e o Cemaden Educação. Os técnicos que vieram para as oficinas eles mudavam a cada oficina, porque dependia do objetivo dela e o que ela iria tratar também.

No Cemaden, eles funcionam como equipe multidisciplinar, têm antropólogos, engenheiros, sociólogos e da mesma forma que funcionam com essa variedade de conhecimento as oficinas também tinham essa ideia obviamente. Para eu, que sou dessa área de humanas, as que me despertaram muitas coisas para pensar sobre o Projeto foram as que tratavam das questões sociais, das questões históricas, aliás a ideia de fazer uma oficina de história oral nasceu aqui, porque nós tínhamos depois da enchente uma noção perfeita de que a enchente tinha levado documentos, histórias de vida, fotografias, objetos que não teriam como voltar. Por causa disso, era na memória das pessoas que poderíamos contar a enchente, era o nosso recurso, a memória.

Sugerimos para Rachel Trajber, que incorporasse isso às oficinas. E a ideia de recorrer a Professora Suzana, que trabalhou com Professor José Carlos na USP, que foi quem mais trabalhou com esse Projeto Memória História Oral. Ela veio para fazer uma oficina que não estava prevista inicialmente. Ela se incorporou ao Projeto a partir de uma sugestão nossa aqui, porque para nós era uma oficina necessária, pelas nossas angústias.

Então assim, as oficinas tinham esta característica, elas como a nossa escola era também piloto no Projeto. Daqui também podiam surgir sugestões de como isso atingiria outras escolas. E a ideia da oficina de história oral nasceu aqui e de certa forma porque a vimos nisso uma necessidade.

É comum que imaginemos tratar desastres naturais com estes aspectos. Como estamos vendo no caso de Brumadinho: Quem é o responsável? Qual papel do governo? Quem vai salvar? Como os voluntários podem trabalhar? Por que se rompeu? Qual a informação técnica? Por que ninguém viu? A fiscalização falhou? Estes aspectos são importantíssimos. Tem um aspecto que às vezes, até por causa do que a mídia estabelece como questões que precisam ser discutidas, os jornalistas têm ânsia desta informação. E estas pessoas, o que está nos sentimentos das pessoas? E as famílias, os que perderam ou os que mesmo não tendo perdido estão próximos na área do evento, como estão estas pessoas? O que elas pensam? O que elas sentem? Qual é a angústia? E a forma de lidar com isso é dar voz a elas. E isto é um aspecto na prevenção de desastres, importantíssimo! Porque quando as pessoas se manifestam, elas registram, elas permitem que se registrem sentimentos. As pessoas que estão fora do evento, tendo contato com as que estão no evento sentem, elas podem ter a dimensão de porque a prevenção é importante. Porque um desastre não é só físico, técnico, ambiental, são as pessoas e como é que as pessoas se livram disso, talvez nunca se livrem, ou como é que elas vão lidar

com isso, como é que a vida vai voltar ao normal, como é que ela vai conseguir viver depois, tendo passado por isso? Não é se é possível colocar algum desastre natural que é bem estranho imaginar...Ah isso naturalmente acontece! Nesse caso de Brumadinho não foi, é crime ambiental. Mas enfim, chamar de desastre natural é sempre bom pensar assim, e a natureza das pessoas? Então é natural passar por um trauma destes? A vida será natural depois de um trauma deste? E a única forma de cuidar disso é dando voz, pelo menos é assim que interpreto, que analiso.

Eu acho que São Luís do Paraitinga fez isso bem! Por tudo que saiu depois, pelo livro que saiu aqui da escola, pelo documentário “Memória luizense” que deu voz aos idosos para falar de suas experiências de vida e da enchente. Pelos livros que já tinham sido publicados com a história de São Luís, que foram republicados para que as pessoas voltassem a ter contato com a história.

Estou participando de um Projeto que começa na semana que vem que é de um Memorial da Igreja Matriz, para tornar público, expor documentos, história da Paróquia, fotos, para que as pessoas também se apropriem dessa história. É um projeto da igreja, mas eu tenho a mania boa de que quando eu entro a escola vai junto. Uma sugestão que dei lá, que do mesmo jeito que a Unitau firmou parceria conosco, e os alunos da graduação virão para ajudar tecnicamente na organização do projeto, o Ensino Médio vai com alguns alunos que se voluntariaram. Vamos recrutá-los aqui e eles vão fazer pesquisa científica, enquanto os da graduação farão a pesquisa de Campo. Vão tomar conhecimento de como se age em uma pesquisa de Campo deste tipo.

Então, assim de novo é isso expor, tornar público, fazer as pessoas se apropriarem da história. Porque eu tenho convicção de que as pessoas só podem amar aquilo que elas conhecem. Elas precisam conhecer esta história. É mais um projeto, mais uma ideia. Temos aqui uma dinamicidade que é meio que próprio das necessidades da comunidade. Este por exemplo, não é um projeto que nasceu aqui e vai para a comunidade. Ele nasceu na comunidade, mas a escola vai para lá.

Teriam outros Projetos da Escola que se sobressaem?

Eu destaco o projeto do TCC porque nenhuma escola de Ensino Médio faz. Quando esta experiência chegou na Diretoria de Ensino, eles nos disseram que é inovador, ninguém faz. Queremos que seja voluntario, porque precisamos que os alunos tenham envolvimento na pesquisa. Se é uma coisa que inventamos, podemos nos dar ao luxo de dizer que não é obrigado. Porque se viesse de cima, provavelmente teria que envolver os alunos, ter um número mínimo

de alunos e não trabalho com isso. A ideia é essa, o trabalho é esse, vocês não precisam fazer, é quem quiser, porque dá muito trabalho.

Eu tive uma experiência em dezembro, de entregar para a escola uma pesquisa feita com três alunos do Ensino Médio do ano passado que queriam estudar Arquitetura Colonial no Brasil e São Luís do Paraitinga, os casarões. O resultado prático disso é que conseguiram fazer uma leitura histórica das transformações da arquitetura no país até chegar ao Ciclo do Café em São Luís. Se apropriaram de informações técnicas da construção inclusive para perceber porque o material era aquele, quais eram os objetivos de quem construía, quem construía, aspectos sociais.

Os barões do café construía, as pessoas trabalhavam, as casas não eram casas de moradia, eram casas de veraneio, de eventos, por isso aquela estrutura de salões muito grandes e quartos muito pequenos, era para atender eventos sociais. Os barões do café, faziam questão de fazerem reuniões políticas em época de eleição e época de festa. Todos os donos de casarões em um momento ou outro queriam ser festeiros do divino. Festas maiores que a cidades religiosas. Quantos aspectos aparecem em uma pesquisa... E eles fizeram com muita disciplina, muita qualidade. E consegui, até pela amizade e parceria que a banca deles fosse a Professora Márcia e Professora Rachel Abdala.

Tínhamos duas Doutorandas Universidade assistindo uma banca de iniciação científica que estavam em sua primeira pesquisa, tentando na medida do possível respeitar as normas da ABNT, fazer as citações corretamente. Fizeram uma entrevista a qual deu fruto por causa da pesquisa e do envolvimento nela. Eles saíram daqui para fazer uma palestra para os alunos do Ensino Fundamental sobre a história de São Luís, porque eles tinham se apropriado de informações que podiam ser compartilhadas.

Eles participaram da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia em São José dos Campos, que o Cemaden promove, para falar da pesquisa sobre São Luís, pois tinha a ver com que o Cemaden trabalha.

Participaram aqui da Semana da Consciência Negra que propôs que levássemos um tema para ser discutido, onde alguns meninos daqui tinham o que dizer. Fizemos uma roda de conversa e eles participaram muito adultos, muito donos de si e das informações, que haviam adquirido na escola.

E eles perceberam. Converso com eles ainda hoje, já saíram do Ensino Médio no ano passado, mas encontro com eles, aliás a nossa convivência nos tornou amigos, muito próximos. Eles perceberam uma coisa, que quando você se envolve com a pesquisa você vira dono dela mesmo, você fala dela com naturalidade, não precisa recorrer a apoios para você falar dela, ela

é sua, você tem domínio, porque você efetivamente aprendeu, você está nela, eles perceberam a importância disso.

A metodologia, às vezes eu os atormentava com isso, falava: Olha você não pode não pode sair colocando, não foi você quem disse isso, alguém que disse isso, você precisa dizer. Até na conclusão do trabalho um aluno ficou responsável pela conclusão e eu tinha publicado um artigo na Universidade do Vale do ... Eu consegui que a revista me autorizasse a fazer em uma parte do artigo um depoimento pessoal, em artigo científico isto não deve aparecer. Mas não fiz em primeira pessoa. Relatei sobre minha experiência da enchente, em terceira pessoa, eles permitiram para publicação.

É um projeto que atende múltiplas necessidades, múltiplas informações, valoriza pesquisa, oferece oportunidade ao aluno aparecer, tem tudo isso. Talvez o desafio da escola seja assim e eu acredito que vai acontecer com os resultados que vamos apresentando irão aparecendo mais alunos interessados em fazer. Porque é um desafio. Eu destacaria este como um projeto importante que a escola está fazendo andar e queremos que continue.

Então, assim, tem o Cemaden Educação, tem a Semana da Cidadania e dentro da Semana da Cidadania tem “A vida após o Ensino Médio”, que trazemos ex-alunos, e eu julgo importante. A escola agora passa a se envolver neste do Memorial da História da Paróquia, que vai dar trabalho e também oportunidades de conhecimentos.

A escola tenta cada vez mais a parceria com a escola Municipal. Todos os anos vamos para escola apresentar pesquisa, falar sobre a história de São Luís. Eles abrem espaço para nós, porque é alguém diferente indo conversar. Na medida que trazemos a Universidade para cá, o Ensino Médio vai pra lá... é uma experiência que a escola tem feito.

Rapidamente, sem ter pensado em todos os projetos, vamos citando estes.

Quais parcerias vocês têm?

Dá para dizer que as parcerias nos projetos que desenvolvemos a Universidade de Taubaté, até porque nossa Supervisora Professora Márcia é da Universidade, Professora Rachel, que foi minha co-orientadora no Mestrado, que ama São Luís. Chamou, ela aparece! A Unitau está muito presente.

A Unesp não perdeu o vínculo, eles já desenvolveram outras pesquisas depois do Projeto Cemaden Educação que é sobre fazer o caminho, a descida do rio Paraitinga, trilhas. Vem à escola conversar por causa da experiência que tivemos, viraram parceiros.

Da comunidade aqui, eu destaco a Defesa Civil que está sempre muito presente aqui, sempre que precisamos.

Por consequência a Prefeitura. A escola Municipal, porque vamos vencendo um pouco...duas Redes, como se fossem duas realidades, porque no fundo o aluno é o mesmo, é o aluno de São Luís do Paraitinga.

Agora com a igreja, que vamos para esse novo projeto.

Temos parceria com ONGS, tanto as que foram criadas pós-enchente, como e o caso da AME, que desenvolveu este documentário “Memória luizense”. Eles estão sempre em contato com a escola. Eles pensam em fazer uma feira literária em São Luís, para tentar reunir pessoas que publicam pesquisas de livros, para que reunamos todo mundo num espaço. Já entraram em contato com a escola para que estes trabalhos que a escola já fez de pesquisa possam ser publicados, para que saiam da escola e vá para comunidade. É uma parceria que é bastante importante.

Tem um de Capoeira Angola, que o Professor responsável é pesquisador da história africana. Ele faz uns recortes para ver o papel dos negros em São Luís do Paraitinga, que é um vácuo na história. Não tem muitas informações. Temos tentado trazer isso à tona e a escola está sempre presente nos projetos. Sempre que ele tem algum resultado, ele partilha com a escola, sempre que a escola tem alguma pesquisa que vá no sentido das informações que ele já colheu, compartilhamos. Então, assim rapidamente pensando destacaria estes.

Como você analisa o Projeto Cemaden Educação?

Eu posso falar do Cemaden Educação! A Rachel Trajber tem uma expressão “Você é pai do Cemaden Educação.” Porque quando ela veio aqui, ela veio com a ideia. Me conheceu por acaso. O primeiro contato foi comigo, porque eu estava na vice-direção da escola. No dia que ela programou a visita, a Solange não estava. Por isso, foi eu quem acabei recebendo-a e aí ela falou da ideia. Me encanto por projetos, porque eu acho que eles são um caminho importantíssimo para o aprendizado. Adotei a ideia logo quando ela falou, explicou o que era o Cemaden Educação, como funcionava, porque ela estava à frente do Projeto. Porque ela não era da área técnica de metodologia. Explicou que com a formação na área de Humanas, era ela por isso...trabalhei no MEC...

Então, estamos aqui abrindo portas. Eu sempre enxergo isso. A Unesp estaria junto. Seria a iniciação científica para os alunos. Vamos fazer!

Sobre o envolvimento dos alunos, não tivemos um único grupo de alunos que foi do começo ao fim, porque isso também foi dinâmico, alguns alunos foram transferidos, mudaram de período, não conseguiam vir ao Projeto. Alguns foram do começo ao fim, naturalmente isso acontece, outros foram variando conforme as oficinas. Fomos tentando fazer disso uma

multiplicação, enquanto não podíamos replicar as oficinas, porque estávamos envolvidos nelas e vários alunos foram participando ao longo do processo.

Quando ela apresentou a ideia, afirmei, precisamos. Só que ela disse assim “Mas é piloto, não temos ideia onde vai dar isso...sabemos o que queremos, mas como precisamos pensar em todas as escolas, de todas as cidades do país que tem algum risco e são realidades muito diferentes. Por isso que pensamos em oficina. Vamos filmar tudo, registrar tudo, porque vocês são "cobaias", digo, experimento, o que der errado aqui não vamos fazer, o que der certo, ficou ótimo, vamos replicar.”

A ideia de atingir o resto do país partiu da experiência em São Luís do Paraitinga, de Cunha e Ubatuba, que foram as cidades previamente selecionadas. Adotamos a ideia e achamos boa. Depois fomos vendo na prática as dificuldades naturais, porque eu por exemplo ficava o tempo todo na escola, não tinha horário mais, não tinha como ir para casa, pois era hora da oficina que durava horas e horas. Exige isso. O mesmo que falo para os alunos do TCC, se acharem que dentro do seu espaço de aula vai fazer uma pesquisa extra, vai entrevistar pessoas, não vai. Do mesmo jeito eu que oriento trabalho além do meu horário. Isso é que dificulta que encontremos professores tanto para participarem do Cemaden Educação, quanto do TCC. Que professores comprem a ideia, pois usam uma lógica assim, de que não ganham para isso, não ganham para este extra, o Estado não vai me reconhecer, me valorizar. O Estado não está nem aí se eu trabalhei 12 ou 15 horas!

Brinquei com os alunos em uma das entrevistas que fizemos para o TCC deles que foi em uma sexta-feira à noite, que era no horário que a pessoa podia. É um dia que não trabalho, mas estava lá, abri mão de outras coisas, para isso. Quando contamos isso, os professores dizem imagina!

A leitura que eu faço é, não brigo com o Sistema no sentido de imaginar que ele não me valoriza, então, em contrapartida não dou nada para ele. Eu não estou nem aí para o Sistema, eu não trabalho para o Sistema, trabalho para a comunidade, para os alunos. Se eu consigo oferecer isso... pra mim não existe pagamento melhor que um aluno ser grato para o resto da vida a você porque você estava envolvido com eles em um projeto, com a vida deles. Nem que o estado pudesse me pagar ele não conseguiria mesmo, paciência!

Eu sei que isso é muito idealista, vocacionado, as vezes soa bonito e na prática é sofrido, é, mas como eu acredito eu faço o que eu acredito! Se vai dar certo depois...

Então para terminar a ideia do Cemaden Educação, é por isso é um Projeto que tinha muito disso, vamos fazer juntos, é na prática, não vamos dar aulas para eles, não se preocupe,

vamos fazer oficinas, eles poderão replicar estas oficinas. A escola precisa disso, desse gás, desse novo jeito de ver. Para mim deu certíssimo!

Se hoje o Cemaden consegue, a partir da experiência que teve aqui atingir a escola como eles imaginavam, isso já não me pertence mais, fugiu do que eu tinha de fazer. Mas pelo que vejo, pelo que continuo acompanhando, pois não perdi vínculo com o Victor, com a Rachel, Débora, que vinham sempre aqui. Estavam na escola o tempo todo e frequentaram-na por muito tempo. O pessoal que vinha para as oficinas, eram diferentes, mas eles estavam sempre presentes. Firmei parcerias importantes com eles.

O Victor é orientador de doutorado de um pesquisador que veio do México, e outro que morou no Chile. Eles estão pesquisando sobre Desastres Naturais. São doutorandos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Ele me pediu que recebesse os pesquisadores aqui em São Luís do Paraitinga para mostrar-lhes a cidade. Pensei, já que vamos fazer um *City tour*, e eu tinha desenvolvido na Semana da Cidadania um projeto com meus alunos que era “Turista por um dia na minha própria cidade”. Peguei alguns alunos do 1º, 2º e 3º ano e saímos pela cidade como turistas, focando nos pontos que se costuma visitar, informações que o turista recebe quando vem aqui. Fizemos, Mercado, igrejas, praças, casarão, etc. Quando o Vitor falou que iria trazê-los, disse-lhe que os alunos quem fariam isso juntamente comigo e com eles, pois tinham participado dessas oficinas que eu havia feito com eles.

Eu agradeço muito ter conhecido o Vitor, o acho uma pessoa espetacular! Isso só foi possível por causa do Cemaden Educação. De onde eu conheceria o Victor se não fosse por aquela circunstância (enchente) e o fato dele dizer para seus orientandos que precisavam vir para São Luís do Paraitinga, por causa do Cemaden Educação.

Então, sempre procuro ter este olhar além do estritamente técnico, porque envolve mais coisas... as relações, contatos que se estabelecem são muito maiores na vida e também na prática.

Na comunidade, você percebe que as pessoas tomaram posse de conhecimentos nestas oficinas?

Muitos sim!

Digamos a maioria?

Na minha opinião os alunos tomaram posse dos conhecimentos que o Cemaden Educação transmitiu, mas quanto à comunidade, não sei se atingimos. Como são os alunos que vão replicar as informações, não temos condições práticas de fazer o mapeamento para perceber onde chegou, até porque isto não é o papel da escola.

Tinham oficinas para a comunidade?

Por causa do Cemaden Educação, foram realizados vários Seminários na cidade tratando do tema Desastre Natural. Quando os Seminários aconteciam, eram abertos ao público. Necessariamente, alguns grupos da comunidade estavam presentes: *Rafting*, Defesa Civil, Prefeitura, Secretaria do Meio Ambiente, Escolas, alguns professores, era um público obrigatório, além da comunidade.

O ponto final do Cemaden Educação, após sair daqui, foi criar o Com-Vida. Com vida exatamente para que isso se estabeleça na comunidade. Isso não é muito fácil para a escola fazer. O que percebemos é que as coisas que foram discutidas aqui chegam à comunidade por estes outros caminhos...que eu não acho que seja errado, exatamente porque o modelo que o Cemaden Educação deixou falou: Está aqui o modelo, agora multiplica. Porque talvez não seja o modelo que essa comunidade precise ou queira.

Quando eu vejo o Carlos da Defesa Civil que trabalhou aqui conosco todas as oficinas, estava sempre aqui cheio de informações, porque atuou diretamente na enchente. Ele é o palestrante das escolas Municipais para falar sobre enchentes, desastres, prevenção... Muita informação que receberam aqui, se multiplica.

Quando o estado veio aqui para lançar um Programa da Defesa Civil para alunos do Ensino Fundamental que é um joguinho, mas que fala das áreas de risco, que eles têm que observar as paredes das casas, as árvores, enfim... É um game, embora não seja especificamente para alunos do Ensino Médio. Eles vieram aqui porque queriam usar esta escola como lançamento. O que percebo e não foi combinado é que eles conheceram o game que era o objetivo, mas ouviram o Carlos, me ouviram, ouviram alunos que estavam no Cemaden Educação. E isto está no site da Secretaria da Educação.

Alunos disseram “Olha o que eu acho importante que eu aprendi aqui, é que eu posso contar para alguém, e se esse alguém não for diretamente atingido ele pode contar para alguém que é diretamente atingido.” Então “sacou”! E não era combinado, era espontâneo.

Inclusive um dos alunos se destacava pelo interesse e envolvimento. Hoje ele está no *Rafting*. Então significa que aqui despertou nele uma coisa assim... Isto o que o *Rafting* fez foi sensacional, porque após a enchente eles viraram os “Anjos do *Rafting*”. E antes da enchente eles eram malvistas pela comunidade. O aluno foi para lá depois. E hoje ele tem conhecimento técnico, ativamente participa do *Rafting*. Precisa de conhecimentos lá, informações importantes da natureza, respeita o rio.

Uma das coisas que aprendemos aqui, o termo que usamos é assim: aqui chama São Luís do Paraitinga, nós chegamos depois, então vamos ser parceiros dele. Se formos parceiros

do rio, usamos o que ele tem de bom para oferecer e não sofre com as ações que possamos fazer-lhe que provoquem inundações, cheias do rio, que trazem os transtornos que naturalmente aparecem.

Além de tudo que já falou, tem algum desejo futuro para a escola?

Se o Bolsonaro não mexer nisso, terei mais 8 anos de escola. Eu não consigo enxergar estes 8 anos indo embora, por toda relação que tenho com a escola. Estou aqui desde os 7 anos na alfabetização, nunca mais sai. Já fui aluno, fui funcionário, sou professor, fui vice-diretor, diretor, substituindo a Solange. Aqui só não fui pai de aluno, o resto eu fui tudo.

Então, quando fico com este horizonte, fico pensando em uma filosofia que tenho para a vida, que é minha passagem aqui. Eu não quero, pode ser uma pretensão daquelas que alguém que ouça diga: Nossa, esse cara é metido, arrogante!

Mas eu penso assim, não quero sair da escola, que um dia vou ter que sair, mas eu não quero sair sem deixar as minhas marcas, elas precisam aparecer, não por vaidade, mas por necessidade. Fico imaginando que se você passar por dentro de uma instituição tantos anos e depois que você for embora, as pessoas não tiverem nenhum motivo para lembrar de você, pode ter sido um ótimo cumpridor de normas, regras, exemplar no horário, mas você passou...e não pode passar só.

Penso como é que vou ser lembrado, não vou ser lembrado pelas aulas de História, ou serei lembrado muito pouco pelas aulas de História. Elas são aulas, como a Biologia, Matemática, Português. Serei lembrado pelos Projetos que esta escola desenvolve. Eu, como não sou bobo nem nada a deixo materialmente. Tem um livro meu publicado da História desta escola, isso é material. Tem pesquisa dos alunos que eu oriento no TCC que vão ficar na sala de leitura, isso é físico, é palpável. Como eu acredito na história oral, tenho uma convicção de que estes alunos que foram para o *Citytour*, os que fazem o TCC, os alunos que eu convido e aceitam imediatamente para voltar à escola porque é o Professor Daniel quem está convidando para falar com os alunos, na memória deles eu deixei alguma marca.

Sobre os projetos futuros da escola, tudo, tudo que me disser respeito, das coisas que eu sou convidado fora da escola, das que aconteçam dentro da escola, em todas aquelas que eu confiar que ficarão marcas na vida dos alunos, eu vou participar. Vou contribuir do jeito que eu conseguir, que a minha competência permitir, que a minha qualificação deixar, vou participar, porque acredito nestas marcas.

Não conseguimos mudar o mundo, talvez nem precise mesmo, mas se eu marcar um, dois, alguns para a vida, minha missão de professor foi cumprida.

ENTREVISTADO: PROFESSOR COORDENADOR DA ESCOLA

Bom dia! Qual seu nome?... Quantos anos você tem? 31. Qual sua formação? Sou formado em Letras e Inglês. E no momento exerço a função de Coordenador Pedagógico da escola.

E você mora aqui na cidade?

Moro. Vim em 2013 para São Luís.

Não é daqui então?

Não, sou de Taubaté. É porque em 2013 fui convocado pelo Estado, digo, pela Prefeitura de São Luís, pois tinha feito concurso da Prefeitura e tinha sido nomeado no Estado, quando fui para São Paulo para atribuição, tinha São Luís, aí pensei, como já vou pra lá, “toco” minha vida por lá. Eu já frequentava o Município antes para lazer, vim morar e não quero mais ir embora daqui, porque é um lugar muito gostoso, muito mais tranquilo, clima bom, segurança. Já fiz *Rafting*, é uma delícia, experiência única, incrível! Este contato com a natureza é muito bacana. Agora nas férias fui com meus pais para cachoeira, fazer trilha, etc. Trago isso como qualidade de vida para mim. Quando vou a Taubaté hoje em dia já me estresso por causa do trânsito, calor.

Aqui é muito próximo, estamos há apenas 40 minutos de Taubaté e muito próximo de Ubatuba. Além do lugar que gosto bastante a escola é muito gostosa também, me acolheu, a comunidade também me acolheu.

Gostaria que me contasse um pouco sobre a escola, os Projetos que desenvolvem, visando divulgar o bom trabalho que a escola realiza. As parcerias que fazem para desenvolverem os Projetos. Enfim, o que achar importante mencionar. Conte-me sobre os Projetos que já aconteceram e que foram importantes, os que acontecem ainda hoje e se você tem desejos futuros relacionados a Projetos ou à escola de um modo geral?

Então professora, a nossa escola realmente tem Projetos bem bacanas que viemos desenvolvendo! Talvez, uma coisa que eu sinto muito se de repente esse ano não continuar por conta do investimento do Governo Federal e do Estadual que seria o projeto do PROEMI, que é única forma da escola receber uma verba para realização e execução de projetos que sejam interdisciplinares e que consigamos adquirir recursos para desenvolver esse projeto. Há dois anos, esse projeto já acontece por intermédio do Programa Ensino Médio Inovador, que é do Governo Federal, que conseguíamos desenvolver anualmente, coisas mais específicas mediante as necessidades da comunidade que os professores manifestam no planejamento do início do ano, só que esse ano acho que não vai ter mais.

A escola se propõe a utilização desse recurso, porque temos que dar conta do nosso currículo, porque é um documento assinado do Estado de São Paulo, mas conseguimos articular com esses recursos adicionais para poder dinamizar um pouco o aprendizado.

Entendemos que essa juventude está com uma necessidade de aprendizagem, um ímpeto, um desejo, uma ânsia muito maior, não pelo acesso, mas pelo conhecimento. Porque o acesso ao conhecimento eles têm por meio da internet muito mais do que as gerações antigas, precisa de uma mediação desse conhecimento de forma mais dinâmica, mais prática, mais fácil para eles.

Vou citar dois projetos que eu acredito que são muito importantes que vamos desenvolvendo e tem tido um retorno superpositivo para escola e alguns que ainda gostaríamos de executar.

Por intermédio do PROEMI, há dois anos começamos com um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com a intenção estimular a produção científica na escola, não para formar. É por adesão, é curricular, está previsto no nosso currículo, principalmente das Ciências Humanas e de Língua Portuguesa o desenvolvimento desse projeto, mas resolvemos principalmente para estimular uma produção científica porque é o contato com o objeto que eles vão ter futuramente fazendo Curso Superior ou não. Eles vão ter acesso a esse tipo de documento, enfim, propomos essa equipe, conversamos numa reunião de Planejamento e propusemos isso naquela ocasião há dois anos atrás.

E tem sido assim, muito gratificante! Os poucos trabalhos que foram apresentados ao final do ano, a professora Marcia participou de uma banca, um grupo junto com a professora Rachel Abdala, que participou conosco aqui, foi incrível! E, por orientação do professor Daniel também, falando sobre a arquitetura de São Luís, sobre os casarões. Isso produzido pelos alunos do Ensino Médio é de uma riqueza, Adriana, que até brincamos que passa o ano todo, é muito penoso, muito desgastante, porque é bastante trabalho para os professores e para os alunos levar ao final do processo, assim ficamos contemplados com a qualidade do trabalho que eles apresentam!

No ano retrasado conseguimos mais grupos e ano passado foram dois grupos. Um grupo da sala da manhã e um da sala da tarde. Esse projeto, queremos continuar fomentando porque pensamos ser importante essa produção científica de material. O tema é sempre sobre São Luís e eles falam sobre arquitetura, festas populares, cultura, educação, vários aspectos de um material que é deles, pois são eles que vão levar esse conhecimento de produção científica para o município. Eu falo para eles que é importante que tenham a dimensão da riqueza do material que estão produzindo. Às vezes eles não têm.

Por exemplo, no ano retrasado teve uma garota, um grupo de meninas que falou sobre a questão da cultura do eucalipto do município, quanto ela afetava a dinâmica das comunidades rurais e eu lembro que ela trouxe uma foto super emblemática assim, que eu reforcei o quanto era bacana, que era uma igreja na zona rural aqui do município, uma capelinha, onde já há algum tempo não estava acontecendo mais as coisas nessa comunidade por conta do êxodo rural, que as pessoas estavam saindo da zona rural e indo para a cidade e aquela igreja numa imagem aérea estava totalmente circundada pelos eucaliptos assim, forrado em volta, só a igreja no meio e todo eucalipto em volta.

Então, quanto isso na fala da aluna impactava nela enquanto moradora da zona rural. O quanto que ela achava importante o que ela vivenciava de festas populares lá na comunidade, do trabalho da família, foi fantástico o trabalho! Conseguimos esse recurso através do PROEMI, ele pode proporcionar a aquisição de computador, de projetor (Datashow), a impressão, que o recurso é limitado pelo próprio demandado do estado, então veio esse recurso excedente do programa que pode proporcionar que eles tenham a impressão garantida e encadernação desse material.

Assim, o projeto vai continuar porque temos um pouquinho de recurso com relação a isso. Para mim é um projeto que começamos há dois anos e no planejamento desse ano vou propor novamente o produto, para que continuemos. O professor é uma pessoa que abraçou a causa, ele também acredita bastante e tem uma outra professora. São dois que já tenho, assim como não é obrigatório precisamos dessa mesma adesão do restante dos professores que possam auxiliar. O processo de orientação é muito dispendioso para orientador de estar indicando material, lendo, relendo, vendo junto, ainda mais com a dificuldade que os alunos têm de produção escrita, então fica mais difícil para orientador, mas vamos continuar. Fico vendo a coordenação, os professores geralmente com os alunos orientando. E se tiver mais professores fica bem mais legal!

Um outro projeto, que eu acho que na escola já vem acontecendo há bastante tempo e estamos tentando cada vez mais se aprimorar, é a Semana da Cidadania, que já passou a ser uma atividade já do calendário da escola. Ela geralmente acontece no segundo semestre quando os alunos retornam das férias. Os alunos sempre procuram orientação profissional em algumas áreas, as quais são distantes da nossa realidade ou é próxima, mas não temos tanto apoio desses profissionais. Então nós, eu na coordenação junto com a diretora, mais alguns professores, buscamos parceiros, profissionais de áreas distintas, seja Instituições Parceiras, Universidades, Instituições Privadas, Empresas aqui do Município que possam vir ministrar oficinas para esses alunos sobre áreas específicas manifestadas pelos alunos. Por exemplo, os alunos manifestam,

ano passado, é feito uma pesquisa anteriormente com o grêmio para saber, quais cursos e profissões que eles têm interesse naquele momento, por exemplo: “Gostaríamos muito de saber mais sobre o curso de Odontologia!” Eles querem saber por que eles não têm acesso a formação. Aqui tem a Unitau que é próxima, mas as vezes é um pouco distante para a realidade deles. Aí, trazemos um profissional da Unitau, que vem aqui e ministra além de uma palestra orientadora, uma oficina prática com relação a execução daquela profissão. Então eles têm contato palpável com o objeto de estudo daquele curso, daquela profissão. Isso tem sido muito legal, essa parceria! Vimos percebendo o quanto as instituições e as pessoas que vêm até a escola para ofertar essas orientações estão dispostas e acreditam muito que é importante entrar em contato com o aluno já no Ensino Médio para mostrar para ele “ ó, aqui está a profissão de dentista, faz isso e você vai ter contato com esse tipo de material” Outra coisa, ano passado conseguimos, fazia tempo que os alunos manifestavam que queriam saber sobre medicina veterinária, que é muito próximo da realidade deles, pois muitos são moradores da zona rural, lidam com gado plantação. Eles queriam saber sobre a formação do médico veterinário e conseguimos ir para São José trazer uma profissional que falou sobre o curso, falou sobre a formação, conversou com eles e tirou dúvidas. Foi assim muito legal a Semana da Cidadania!

Ela acontece então nesses moldes, com esse intuito de trazer profissionais e também ações cidadãs, pontuais de alguma atividade que eles possam fazer que seja uma arrecadação de alimentos para uma instituição aqui do município. Costumamos fazer uma atividade que acho que é super legal e eles gostam bastante, porque realmente veem o quanto a limpeza da escola também depende deles. Eles fazem um mutirão de limpeza, eles tiram, os alunos, eles tiram todos papezinhos de dentro das carteiras que os alunos costumam enfiar de bala chiclete. Tiramos sacos e sacos e eles ficam espantados. Reforço que estavam dentro de um lixo que eles mesmos produziam. Portanto, eles fazendo parte disso a conscientização é um pouquinho maior. Isso é uma ação cidadã que fazemos na Semana da Cidadania.

No ano passado, o nosso muro externo estava pichado, por alguém que veio e pichou. Conseguimos comprar a tinta. Eles pintaram e falaram “Nossa professor como é difícil!” Onde disse-lhes o quanto era bacana eles fazendo parte desse processo, pois faz com que se sintam mais parte da escola, mais próximos, se identifiquem mais com a escola. E conseguimos até vislumbrar assim, se você se apropria daquilo como sendo seu você cuida mais. A escola é minha, então eu vou cuidar dela eu não vou rabiscar e você pode observar que a escola se mantém limpa organizada, comparada com algumas escolas da Rede Estadual.

Então, Adriana, eu acho que assim, nesses dois projetos há dois anos que eu estou na coordenação, são projetos que eu acredito bastante, que é o TCC e a Semana da Cidadania que

eu penso que não podemos deixar morrer porque percebemos que o impacto no aprendizado desses alunos é muito alto, é muito grande, pelo que eles trazem de devolutiva para nós nessas ações.

No caso da Semana da Cidadania, é uma coisa muito nossa. Somos nós que fazemos. Nós que mobilizamos a escola, os professores, os funcionários durante aquela semana. Já o TCC, depende do Programa Ensino Médio Inovador (PROEMI) do Governo Federal, que ainda vamos tentar continuar, pois ouvimos, por boatos, que o governo vai cortar esse programa para 2019. Estamos chateados, pois conseguimos muito com o dinheiro do PROEMI: viagens pedagógicas para museus, etc, coisa que se depender de recurso próprio não temos condições para pagar transporte, lanche. E a prefeitura de São Luís tem uma limitação de recurso e não consegue nos atender nisso. Se queremos levar os alunos para conhecer um parque ou uma coisa que entendemos que é muito mais importante às vezes que uma aula dentro da sala de aula, eles aprendendo ali, sei lá, aqui próximo nós temos o lucro de Santa Virgínia que é um lucro que faz parte do Parque Estadual que é da Serra do Mar. Então, quando os alunos vão lá, eles fazem a trilha, conhecem a vegetação, conhecem os animais e a orientação olha quanto que ele aprendeu, mais do que uma aula de botânica às vezes dentro da sala de aula. Tendo esse impedimento desse programa, ficamos um pouco chateado porque não conseguimos fazer mais.

Em contrapartida, tentamos buscar o que temos de nossos recursos daqui, que são professores da escola que conseguem se imbuir de projetos nossos, que consiga também arcar com essa demanda que esses alunos apresentam que ao meu ver é uma coisa que faz baixo da forma que eu penso na educação, é muito importante, eu acho que é muito bacana esse tipo de contato com objeto de aprendizagem

Acredito que são projetos assim, mais impactantes para a comunidade. Que eu acho que a escola precisa dessa função social na comunidade, ela tem que refletir para o meio que ela está. Ela não pode ser somente um prédio que fica e que o aluno vem cumprir, aprende a fazer as quatro operações de matemática, aprende a ler e escrever não! Ela precisa se movimentar, porque faz parte da comunidade produzindo conhecimento a partir do projeto do TCC e podendo mobilizar a comunidade nos projetos de participação da comunidade da escola, ao meu ver, acho que ela cumpriu sua função e não ficou somente no espaço físico. Acho que esses dois são os mais importantes.

Conte-me um pouco sobre como você vê o projeto Cemaden Educação? Como você viu o projeto? Como você vivenciou esse projeto? O que sabe sobre o projeto? Como ele está hoje na escola? O que está acontecendo relacionado ao projeto?

Conheci o projeto estando em sala de aula. Não estava na Coordenação. Via a movimentação do próprio Professor Coordenador do Projeto.

Você estudou aqui?

Não, aqui é minha sede. Eu trabalho aqui há seis anos, mas estou há dois anos na coordenação. Dava aula aqui antes de assumir a coordenação.

Você é professor de qual disciplina?

De inglês. Percebi aqui uma movimentação muito importante, partindo do pressuposto em que o contato com o município se deu principalmente por aquela questão de prevenção de risco de desastres, a qual o município também passou. Por isso o município se integrou dentro desse círculo de municípios ou de instituições que trabalhavam com essa ótica de prevenção. A escola virou a referência no município para poder mobilizar alguns alunos da comunidade em relação a essa prevenção. Eu tenho percebido pela devolutiva dos alunos que tem sido muito bacana! Fazer apresentações nas Conferências, que acho que são anuais. Pude observar que os alunos têm contato exatamente com documentos ou com outras situações também de desastres que aconteceram, para que eles possam trazer essa informação para o município e depois replicar essa informação. Então eu acho que das vezes que eu vi os alunos participando dos Seminários, dos debates ou foram dois anos que o professor Daniel conseguiu levá-los nessa Conferência, que eles apresentaram, mas eram apresentações musicais. Eles fizeram a Conferência lá esses alunos trouxeram essas informações que eles coletaram de outros municípios e de outras instituições para nós.

Considero essa parceria fundamental, porque acho que esse investimento para os alunos que estão aqui no Ensino Médio que vão eventualmente estudar isso ou não. Acho que assim é uma sementinha que planta. Todos têm uma responsabilidade pública com o município em fazer esse gerenciamento, essa gestão para prevenção dos desastres e tudo mais. Tem-se uma instituição ou você tem um braço a mais de gente que mora na comunidade, gente que está aqui vivenciando e que pode contribuir para isso com esse conhecimento, então.

Uma vez, os alunos foram conhecer o INPE. Conheceram os equipamentos, o material, os pluviômetros, todos os equipamentos. Tudo isso que conheceram tiraram bastante foto, trouxeram aqui para nós. Acho muito legal! Porque eles voltaram muito felizes, falando : “A gente aprendeu! Nossa! É isso que a gente vê, que passa na televisão, que fala sobre o índice pluviométrico e fala sobre temperatura.” Eles viram na prática e puderam trazer para escola. O que talvez eu sinto falta, é de termos, talvez, formação e capacitação para nós professores. Espero que possamos ser multiplicadores dessas informações.

Por que só foi o Professor Coordenador do projeto e os alunos? Professores não foram envolvidos?

É, na verdade não, pelo que me recordo, se não estou equivocado. Era preciso um professor interlocutor, que fosse lá e participasse. O professor Daniel, trabalha bastante com pesquisa, produção científica. Ele sempre se emancipa nessas situações porque ele consegue ir e trazer... mas acho que, não sei, uma ampliação dessa formação que pudesse abranger uma formação para todos os professores da escola ou de repente uma formação para todos os professores do município, que seja Rede Estadual e Rede Municipal ,aí passamos a ser replicadores dessas informações para os alunos, não especificamente somente um interlocutor.

Sinto um pouco de falta até por desconhecimento mesmo, por não estar tão envolvido nesse projeto, não sei se o Cemaden Educação oportuniza isso e não chega até nós. De repente para que possamos nos mobilizar. O que eu sei, é o Daniel sempre está presente, sempre está em contato. É um contato muito bacana, porque estreita a relação entre a escola e a própria Instituição.

O Cemaden Educação, sempre quando precisarmos para alguma orientação prática para os alunos podemos contar com os subsídios deles. Portanto, eu acho que é importante sempre mantermos esse contato, fomentar isso mais, até porque eu não sei se esse projeto, desse programa, vai se estender por mais tempo.

Então hoje na escola o projeto Cemaden Educação não está sendo desenvolvido mais, está parado? Tem um pluviômetro instalado aqui, alguém o monitora ainda?

Quando eu assumi a Coordenação aqui em 2017, até questionei porquê o equipamento fica aqui e o que ele tem que ligar. A informação que recebi, acho que foi até do próprio Professor Coordenador do Projeto, que ele precisava da atualização do *software* que fica ligado nesse computador. Eu sei que o equipamento que está lá embaixo é o coletor de água da chuva, está intacto, até porque está em um espaço seguro, fechado, não tem problema, mas pelo que eu me lembro, procurei saber, porque alunos perguntam sempre pra que que serve isso e respondo que é um pluviômetro, mas está em desuso porque precisa de uma autorização do *software* para esse computador que é o que ele fica interligado. O cabo fica ali enroladinho, mas até onde sei, é isso que falta. Se o Cemaden Educação pudesse retornar à escola, como estou na coordenação de 2019, estando na escola, me disponibilizo a monitorar, a fazer a formação com mais alunos para que eles possam ajudar.

Os alunos que participaram do Projeto já saíram? E os que estão estudando na escola agora, eles ouviram falar, sabem algumas coisas?

Eles participaram desses círculos informativos que tiveram, só participando dos eventos e tal, das Conferências, junto com o professor, mas eu acredito que essa informação se replica entre eles. Mas não veem uma finalidade prática. Acredito que tendo um pluviômetro em funcionamento, podem realmente manusear e fazer monitoramento, fazer relatório.

Porque não sei, até por desconhecimento, se o pluviômetro que nós temos perto do rio se é o próprio Cemaden Educação quem faz o monitoramento ou se é a Prefeitura. Sei que ele é funcional, porque é ele que emite o alerta de nivelamento do rio ali pela passarela, mas eu não sei se tem algum outro lugar, se tem algum outro ponto da cidade. Tendo aqui na escola também, é mais um dado que se confronta com o dado do outro e essa informação flui. Acho que em Catuçaba, uma Vila aqui do Município, também tem, onde fazem monitoramento porque lá tem risco de cheia com frequência por conta dos rios que circundam.

São dois anos que você está como Coordenador da escola e não ocorreram mais oficinas do Cemaden Educação com os alunos? Não aconteceu mais nada relacionado ao Cemaden? O que tem é entre os alunos aqui dentro sobre os conhecimentos que adquiriram? Eles participam de algo fora ainda?

Sim, eles participaram dessas Conferências e dessas reuniões junto ao professor, mas grande maioria que já participou, já se formou. Tanto que uma vez, quando houve uma Conferência, um aluno, não sei qual ano foi, que estava bem a par, porque ele participou, foi nas formações, mas já tinha se formado. Lembro que o Professor Coordenador o chamou novamente para participar junto, porque ele poderia contribuir bastante. E teve uma outra aluna também, já formada que foi novamente porque ela estava mais por dentro e ela pôde também dar ali o testemunho da apresentação.

Esses alunos ficaram mais engajados? Outros participaram, só que os mais engajados foram esses?

Sim.

Como você analisa o Cemaden Educação? Assim, o que você viu, presenciou? Como aconteceu quando estava na culminância do projeto? Ele era multiplicado de fato na escola?

Olha, eu acredito que quando o projeto veio, começou, teve a instalação, acho que não estava aqui na escola. Acredito que foi em 2016, que foi instalado, não me recordo porque teve um ano que eu me ausentei daqui e fui trabalhar na Diretoria de Taubaté. Depois voltei e me lembro que fui tomar conhecimento desse equipamento. Acho que o projeto acontece, mas ainda é pouco.

Acontece essa disseminação da informação, mas acredito por exemplo, que uma formação para mais professores e para os alunos, poderia ajudar mais para que de repente aconteçam mais coisas em relação a este projeto, quanto ao apoio e a participação do Cemaden na escola.

Eu acredito que é superimportante também, pois pelo pouco que conheço é uma Instituição que se faz muito necessária, ainda mais aqui em São Luís por ter passado pelo problema da enchente, por ter perdido tanta coisa. Então eu acho que este respaldo de entender que tem um órgão que controla e monitora isso é importante a população saber, todo mundo saber. Saber que na escola tem um local que faz a propagação dessa informação. Ao meu ver, poderia sim ser ampliado. O que vi acontecendo não sei se não chegou tudo até mim porque estava em sala, por isso não me recordo, mas acho que precisa mais, ficar mais próximo da escola, de repente vir mais vezes para cá.

Esta Semana da Cidadania, talvez seja uma semana superbacana, mais propicia para isso, porque eles podem estar aqui, ficar a semana toda aqui fazendo formação para nós ou em outro momento que julgarem importante. Estamos dispostos a receber esta informação sim. Eu estando na coordenação, comungo desta vontade. Acredito que a diretora também não se oponha a fazermos funcionar este equipamento.

O trabalho foi bom, teve um evento de instalação. O pessoal veio e os alunos participaram, mostraram, mas têm muitos alunos, principalmente os novos precisam desta orientação. Eles entram na minha sala e perguntam o que é o equipamento, pois eles não sabem. Cada ano, precisa de novo reavivar esta informação, para que possam entender que isso faz parte.

Gostaria que você falasse alguma coisa da escola relacionada à escola de um modo geral, ao projeto, alguma coisa que eu não perguntei e que ache relevante apontar.

Olha, eu acho que posso até estar sendo redundante em relação a essa informação, mas acredito que essa participação, esse apoio que recebemos das Instituições privadas Instituições Públicas, que vem até a escola contribuir com a nossa formação e com a formação dos alunos, vou continuar batalhando por isso. É uma meta dentro do meu projeto da coordenação, fomentar essa participação com essas Empresas, Entidades Públicas, tudo que pode estar dentro da escola, pois sou a favor da escola aberta. A escola tem que estar aberta para tudo. E a participação dos pais não se restringir apenas em dia de reunião de pais para tratar de assuntos pedagógicos. Por mim, essa escola devia estar aberta toda semana, com eventos para serem parte da escola, ser público. Falo para eles que aqui não é nada meu é tudo nosso e temos que fazer funcionar, buscar melhorar se não perdemos. É uma coisa mais particular minha, porque vejo que na

educação vem se perdendo muita coisa ao longo do tempo. Os investimentos, o que se enxerga sobre a Educação Pública é que cada vez está sendo mais depreciada. Precisamos ter pessoas aqui para continuar fazendo a resistência, essa essência de falar, acreditamos nessa gestão democrática. É muito importante a participação do grêmio, a participação dos alunos nas decisões da escola. Penso que tem que ser desta forma, a forma como eu conduzo o meu trabalho na coordenação de estar sempre junto com os alunos, eles ajudando nas decisões, eles manifestando o que acha melhor para escola. Democrático, muito democrático!

Até sou bastante criticado por isso. Dizem que deixo o aluno falar muito. De repente... Eu olho, lógico, a imaturidade, o processo de formação deles tem que ser levado em conta. Se não eles querem colocar uma máquina de refrigerante lá embaixo. Digo: “Não gente, maneira aí!”

Mas se eu puder, o tempo que eu estiver na coordenação, farei o que puder para a escola ter mais a cara deles. A escola tem que se tornar atrativa, ela tem que se tornar gostosa, o aluno tem que falar. Afinal, vir, sentar bumbum na cadeira e ficar das sete até meio dia e vinte não é legal! Vamos tornar mais atrativo, fazer mais dinâmico, mais participativo. Tem que dar gosto acordar cedo e falar: “Hoje eu vou pra minha escola, e não porque é minha escola, porque é obrigado a estudar até a terceira série do Ensino Médio, mas porque ela faz parte da minha comunidade e a minha comunidade eu quero que ela cresça que ela se desenvolva.” É isso que tento que mostrar para eles!

Você está conseguindo este seu objetivo?

Não é fácil! É uma batalha dia após dia. Tem dia que vamos tentando. Tem dia que conseguimos mais, tem dia que conseguimos menos, mas talvez a profissão de professor, enquanto educadores, quando conseguimos plantar ali uma sementinha, duas e ele sai e consegue agradecer depois, porque eles realmente entenderam a mensagem, já é gratificante. Seria muito inocente da minha parte imaginar que isso vai ser extensivo para todo mundo, porque as mazelas sociais impedem muito também que alguma coisa aconteça na prática como eu quero que um aluno ele consiga vir aqui, desenvolver um projeto, gostar desse projeto e se estimular mais se ele tem uma desestrutura familiar, isso atrapalha muito, né! Ele está desempregado, com problemas sociais, enfim vários que impedem e interferem, por isso eu estou levando em consideração também.

Mas estou muito feliz das coisas que conseguimos! Das coisas desse projeto que acreditamos ver acontecendo e depois ver um resultado positivo, fico bastante contente!

Existe algum desejo especial para escola como um todo?

Nossa difícil hein?! Tenho vários desejos... Hoje, para 2019, gostaria que a escola fosse mais gostosa! Que a escola fosse mais divertida! Eu queria um aprendizado mais efetivo sabe, pelo menos eu fazia isso em sala de aula. O Tecnicismo e o Tradicionalismo são importantes, ele está aí, até hoje. Fomos concebidos nesse modelo de Educação. Ele é importante, mas as gerações estão vindo com outra demanda. Precisa caminhar juntos, se não vai ficar empacando. Não ser divertido para tornar a escola uma palhaçada, mas para aprender a matéria, sobre variadas coisas, de forma bem legal! Que os alunos digam e sintam isto. Já falei isso bastante para o Daniel como é legal ter uma atividade que foi feita através destes projetos, como o *tour* que foi feito pela cidade para conhecer os casarões, a igreja, foi uma aula deliciosa. Os alunos perguntando, se interessando. Eu passo aqui pela igreja todos os dias e não sabia da importância dela para minha cidade. Isso é muito mais do que cinquenta minutos sentado com a mão na cadeira ali sabe vendo, copiando coisas da lousa ou vendo sabe, enfim. São coisas que vamos batalhando para fazer, e que esses valores sejam valorados, intensificados, mas é um dia por vez. Esse é o desejo que eu tenho para esse ano. Vou tentar buscar, continuar buscando.

Hoje, eu podendo fazer um trabalho na coordenação em prol da comunidade e também junto aos alunos, é muito gostoso. Porque aqui, por mais que se tenha problemas talvez nem se compare, pois vejo a realidade difícil de colegas de Taubaté, Caçapava que fazem parte da Diretoria de Taubaté. Mas nós aqui em São Luís, Lagoinha, Natividade da Serra, Redenção e Vargem Grande que é um Distrito de Natividade que é uma escola que também faz parte da Diretoria, comungam muito da mesma realidade, alunos da zona rural, da zona urbana tem uma atividade comercial, aqui no município. São coisas muito próximas o que é muito bacana nessa nossa região. Eu brinco com os alunos que sou nascido em Natividade da Serra, fui registrado e morei em Taubaté, portanto saí da roça e voltei para roça. Agora estou aqui e acho uma delícia poder olhar, apreciar a natureza

ENTREVISTADO: ALUNO 1

1. Conte-me um pouco sobre você: seu nome, onde mora e quantos anos tem...

Eu tenho dezoito anos e sou estudante de direito, estou no segundo semestre do curso e participei do projeto Cemaden Educação a partir do ano de 2015.

2. Fale-me um pouco sobre como é o projeto Cemaden Educação nessa escola: você lembra como ele começou? Como você conheceu o projeto? Por que decidiu participar? E agora, o que vocês fazem aqui na escola?

O projeto Cemaden Educação começou logo após a enchente que aconteceu no ano de 2010, e passei a participar dele no ano de 2015, quando estava no primeiro ano do ensino médio e eu decidi participar, pois me identifiquei bastante com a proposta dele, porque sabia o quanto seria importante e precisava de apoio dos alunos. Então me identifiquei e decidi participar, pois eu gostaria muito de fazer alguma coisa que viesse a ajudar as pessoas no sentido de se prevenir contra qualquer tipo de desastre natural pelo fato de que destruiu a cidade... e muitas outras cidades, então eu desejava estar à frente ou participar de alguma forma desse projeto.

E na escola eu não posso dizer o que exatamente vem acontecendo, pois eu não participo mais, porém durante o período do projeto foram desenvolvidos alguns trabalhos com os alunos e com os profissionais que faziam parte do Cemaden Educação, mas logo após esse período eu não tive mais contato com os projetos que foram realizados.

3. Como vocês organizam as práticas educativas aqui na escola?

No período em que eu estive com o projeto, fazendo parte, foram aproximadamente 30 ou 35 alunos, mais ou menos isso que participantes. Todos os alunos participaram da mesma maneira, não havia monitores intitulados monitores. Eram todos juntos realizando os trabalhos do projeto.

As práticas educativas na escola eram realizadas a partir de uma espécie de matriz de que já haviam sido realizadas em outras escolas pelos próprios profissionais que trabalhavam juntos no Projeto Cemaden Educação. Vamos supor vinha um geógrafo ou topógrafo e ele já iniciava alguma prática que já havia sido realizada em outras escolas para ver se dava certo realmente. Era como se fosse um teste. Então nós realizávamos as atividades que já eram modelo, elas já vinham para nós e nós executávamos apenas cada uma delas.

4. Como vocês veem esta questão da situação de risco?

Em relação a questão de risco, a situação de risco em..., que foi o caso que mais analisamos, algumas áreas de risco eminente, foram eliminadas, na verdade bastante delas, então existem vários níveis de situação de risco. Existem os riscos iminentes, que são bem simples de identificar, porque está bem exposto. E nossa cidade, nós vivemos dentro do risco, porque nossa cidade foi construída ao redor do rio e temos que conviver com o risco dia após dia, mas, alguns riscos que são possíveis de serem controlados, que são os deslizamentos e tudo mais, que se

plantarmos, se houver uma vegetação mais segura, que venha a segurar a terra para que ela não venha a deslizar, já é uma diminuição dos riscos iminentes por exemplo, mas a situação de risco ela é bem evidente em..., tanto nos bairros de zona rural, quanto nos bairros do próprio centro da cidade. Os riscos são bem expostos e nós temos que conviver com eles e aprender a lidar com cada um deles, e talvez esse seja o maior intuito do projeto, que nós possamos aprender a lidar com cada risco que existe e levar uma vida normal.

5. Como é o trabalho de vocês na escola? O que vocês fazem? Quais ações vocês praticavam ou praticam?

O nosso trabalho era compreender e realizar as tarefas ou trabalhos do projeto e executá-los da melhor forma possível, é uma espécie de teste para ver se eles eram realmente efetivos e se iriam passar todas as informações necessárias, e mais do que isso, levar o projeto às ruas, às pessoas, falar sobre o projeto, disseminar a ideia, explicar como funciona e sua importância, Era dessa maneira que eram nossas ações e que vem sendo até hoje.

6. Esse projeto tem alguma influência na comunidade? Ou seja, a comunidade pratica algo diferente após a realização do Projeto?

A realização do projeto surtiu bastante efeito, mas talvez precisasse ainda ter um alcance maior, alcançar mais toda a comunidade, falar mais sobre ele com mais pessoas, porque ficou muito exclusivo na escola, com os alunos. Talvez os alunos precisassem ter mais interação, mas houve sim a interação com alunos do Ensino Fundamental, até de escolas de zonas rurais, eu mesma fui falar sobre projeto em escolas de zona rural o que foi bastante interessante porque eles não conheciam o projeto também, mas a própria defesa civil, que isso já não tem relação tanto com o projeto, porque após a enchente de 2010, a própria defesa civil se encarregou de ter uma comunicação melhor e um monitoramento melhor em relação ao nível do rio em todas as zonas de perigo, então talvez o projeto precisasse alcançar um pouco mais ainda.

7. Além do Projeto Cemaden, tem alguma outra ação da escola que tem alguma relação com a comunidade?

Bom, existe a semana da cidadania, que é um projeto desenvolvido pela escola que envolve ex-alunos, profissionais de diversas áreas, representantes de universidades, que é uma semana que inclusive acontece no mês de agosto. Ela reúne vários profissionais e os alunos que decidem

participar de palestras que já têm os próprios temas definidos, e a cada ano ele se renova, os alunos participam dessas palestras, algumas nós conseguimos, quer dizer conseguíamos, que eu já não faço parte dessa escola, que fosse em formato de oficina. Então é um projeto que vem se estendendo há mais de 10 anos. É incrível! Muito bom! Muito interessante! Os alunos aprovam e muito, e toda a comunidade acaba se envolvendo em favor deste projeto.

8. Gostaria de saber como a escola é organizada? E como você vê o trabalho da escola de um modo geral?

Em relação a escola... e a sua organização, é excelente, os professores são qualificados, a escola é muito organizada, muito bem limpa, os alunos também não têm muitos problemas com a conduta dos alunos. De maneira geral a escola é muito bem organizada, a biblioteca tem bastante livros, então de modo geral ela é muito boa.

9. Quais são os aspectos que você considera como os mais importantes. E os mais difíceis relacionados ao Projeto Cemaden Educação?

Os aspectos mais importantes do Projeto é a dimensão que ele deseja atingir, ao objetivo central que é atingir praticamente todas as cidades do Brasil, monitorando e a todo momento mandando sinais de alertas para as pessoas, cidades, para os órgãos responsáveis, órgãos competentes. Então, acredito que seja um ponto mais importante, mas a grande dificuldade do projeto na verdade, é alcançar toda a população de uma maneira que a população venha a interagir com o projeto, digo no sentido da própria comunidade entrar no site, procurar saber o que é, ou até mesmo chegar a ideia do projeto para as pessoas, porque muitas pessoas nem ao menos conhecem o projeto, então a dificuldade maior seja toda a comunidade, todas as pessoas serem conscientes de que existe esse projeto e que ele é muito importante e que pode mudar a vida de muitas pessoas, pois pode salvar muitas vidas, eu acredito.

10. Agora, para finalizarmos, gostaria que me falasse sobre algo que desejar. Algo que julgue relevante relacionado ao Projeto.

Eu acredito que a maior relevância é o intento de ajudar as pessoas em relação aos desastres naturais que são fatores, fatos que acontecem que a sociedade não pode controlar, mas pode se prevenir. Então acredito que o ponto mais relevante seja esta intenção de ajudar as pessoas.

ENTREVISTADO: ALUNO 2**1. Conte um pouco quem você é: seu nome, onde mora e quantos anos têm.**

Meu nome é... Eu tenho 17 anos e moro aqui na cidade mesmo.

2. Fale-me um pouco sobre como é o projeto nessa escola: você lembra como ele começou? Como você conheceu o projeto? Por que decidiu participar? E agora, o que vocês fazem aqui na escola?

Foi o meu professor que me chamou, me convidou para participar, o professor... Eu comecei a participar. No começo, ele era um projeto menor. Nós fazíamos umas coisas menores. Depois teve a instalação do pluviômetro. Nós visitávamos as margens do rio e foi bastante atividade. Eu achei que realmente é importante nós sabermos e tomarmos conta disso. Neste momento, eu não sei o que está acontecendo, porque eu não estou mais estudando aqui. Mas, eu acredito que o projeto ainda esteja continuando.

3. Como vocês organizam as práticas educativas aqui na escola?

Vinham os estudantes e os coordenadores, eu acredito. Eu não lembro exatamente quem eles eram, o que eles eram. Mas, eles vinham e apresentavam para nós em forma de palestras. Um programa, também, que eles apresentaram para nós que mostrava como monitorar. Tinham umas coisas muito legais, mas eles vinham para cá e mostravam o material para nós. Aqui, nós fazíamos bastante atividades. Por exemplo, formava alguns mapas e nós íamos mostrando quais eram os pontos principais de riscos. Nós visitamos outras escolas, também, para fazer as atividades com os alunos das outras escolas. Nós, os alunos, que monitorávamos os alunos fazendo estas atividades. Era bem legal.

4. Como vocês veem esta questão da situação de risco?

Na cidade, em geral, tem bastante risco. Pelo rio estar passando pela cidade, já tem um risco grande. Deslizamentos também existem. É importante nós estarmos estudando isto, porque existem muitos riscos na cidade.

5. Como é o trabalho de vocês na escola?

Nós fazíamos durante o período de aula e tinham algumas atividades que aconteciam no período contrário. Às vezes, nós visitávamos a estação de água, o leito do rio. Tinha que ser em horário contrário. Nós fazíamos bastante coisas assim.

6. Esse projeto tem alguma influência na comunidade?

Bastante influência, porque além de nós, alunos, estarmos conhecendo isto, nós acabamos passando isto para os nossos pais e mostrando isso para comunidade também. Influenciou na comunidade, mas é como eu te disse, poderia ser mais.

7. E outras ações da escola? Tem alguma relação com a comunidade?

Teve a implantação das réguas no rio para medir a quantidade de volume e o pluviômetro, mesmo, que media a quantidade da chuva. Isso também ajudava, para saber o quanto tinha chovido.

8. Me diga o quê percebe sobre a organização e o trabalho da escola.

A organização é muito boa, mas eu acho que precisaria melhorar. Nós tínhamos ajuda da defesa civil, que era muito importante. Mas, eu acredito que se a prefeitura ajudasse um pouco mais, isso atingiria um número maior de pessoas. É um projeto muito importante e atingindo uma maior quantidade de pessoas seria perfeito!

9. Quais são os aspectos que você considera como os mais importantes. E os mais difíceis?

Eu acho que foi muito importante a integração dos alunos ajudando-os a verem isso. Qual a importância que tem isso? E, a maior dificuldade foi atingir a comunidade. Mas, agindo dentro da escola já é um ponto bem forte. Para mim, eu acho que é o mais difícil. Ainda é muito difícil, cativar a comunidade.

10. Fale-me sobre algo que desejar.

Eu participei do projeto enquanto eu estava estudando. Se eu pudesse, eu voltaria no projeto de novo, porque eu acho o máximo e eu espero que cresça. Que ele cresça, ele continue evoluindo aqui na escola, pelo menos aqui na escola e que ele possa atingir outras cidades.

ENTREVISTADO: ALUNO 3**1. Conte um pouco quem você é: seu nome, onde mora e quantos anos têm.**

Eu sou o... e tenho 19 anos. Atualmente, moro em... Não estou trabalhando, somente estudando.

2. Fale-me um pouco sobre como é o projeto Cemaden Educação nessa escola: você lembra como ele começou? Como você conheceu o projeto? Por que decidiu participar? E agora, o que vocês fazem aqui na escola?

Eu comecei este projeto no 2º colegial, junto com mais alguns alunos da escola. O professor...chamou a gente na sala para apresentar e quem tivesse interesse podia continuar e eu fui um destes alunos que tive interesse. Então abracei a causa e comecei o projeto e gostei bastante.

3. Como vocês organizam as práticas educativas aqui na escola relacionadas ao Projeto?

Então nós organizávamos sempre no período oposto da nossa aula. Eu estudava de manhã e na parte tarde duas vezes, ou uma vez por mês, dependendo do mês a gente ia na escola para fazer o projeto, ou mesmo na escola, ou a gente ia para outro lugar... escolas de crianças menores, outros ensinos, até mesmo na base do Cemaden a gente já foi. Fazíamos reconhecimento da cidade. Fomos na zona rural, fomos a lugares diferentes, mas sempre no período oposto ao que a gente estudava.

4. Como vocês veem esta questão da situação de risco?

Então no começo quando a gente não tinha o Projeto, a gente pensava assim na enchente, mas não como hoje, porque a gente pensava: ah! vai vir enchente e pronto! Agora a gente sabe certinho a onde vai vir a enchente, pra onde vai começar, como perceber se realmente vai acontecer ou não, onde a gente vai se acontecer e o que precisa fazer. Então a gente tem agora, a gente monitora, tem quantidade de chuva que a gente aprendeu que a cidade aguenta em milímetros. Tem o site que o Cemaden nos passou, para gente tá monitorando junto com eles mesmo, para gente estar ciente de tudo que acontece aqui na cidade.

5. Como é o trabalho de vocês na escola?

A gente estudava dentro da sala de aula através de mapas ou apresentações que o Cemaden trazia, a gente pegava os mapas da cidade e colocava em cima da mesa, aí a gente coloria o mapa de acordo com a quantidade de riscos que tinha cada área, a gente pintava para ter uma noção. Depois, estes mapas ficavam em apresentação para alguns lugares da cidade e a gente levava para outras escolas para estar apresentando também. E tinha o trabalho de campo, a gente saía pela cidade olhando a mata ciliar, olhando a sujeira que o pessoal jogava no rio, este tipo de coisa.

6. Esse projeto tem alguma influência na comunidade ou teve e não tem mais?

Este projeto teve sim influência na comunidade, mesmo depois que eu saí do colegial eu estava morando em outra cidade e fui convidado até para ajudar a apresentar na biblioteca municipal aqui da cidade uma palestra sobre o Cemaden Educação. E nesta palestra foram inclusive moradores aqui da cidade, inclusive a minha mãe, meus parentes, meus tios tudo para conhecer um pouco mais do Projeto e estar apresentando áreas de risco aqui da cidade.

7. E outras ações da escola? Tem alguma relação com a comunidade?

Tem sim! Eu gosto muito aqui desta escola, porque ela é muito aberta à comunidade, até no final de semana antes ficava aberta a quadra, a mesa em vez das crianças ficarem na rua brincando, ficavam aqui na escola jogando pingue-pongue e futsal, sempre com coordenação perto e monitoramento dos professores.

8. Me diga o que percebe sobre a organização e o trabalho da escola, de um modo geral.

Eu gostava sim de estudar bastante lá na escola, eles sempre eram abertos às críticas e dicas mesmo! Então sempre tinha o grêmio também na escola, que era participativo na época. Uma escola sempre aberta mesmo aos alunos e são muito “gente boa”! Fácil de conversar com eles, e sempre arrumam um tempinho pra gente, é bacana sim a escola!

9. Quais são os aspectos que você considera como os mais importantes do projeto? E quais foram os mais difíceis?

Olha, a parte mais importante do projeto eu acho que foi ensinar as crianças, a gente foi na escola de Ensino Fundamental e até ficamos impressionados como as crianças já tinha essa visão do que poderia acontecer com a cidade. Na hora que a gente começou a ensinar, elas pegaram muito rápido. E essa foi uma parte muito marcante pra mim, porque a gente tá ensinando a criança ela já vai saber crescendo, então ela vai repassar esse conhecimento para os outros...

A parte mais difícil eu acho que foi a... acho que pode-se dizer a preguiça, preguiça da população, alguns da população em querer aprender, ir aos debates, ir às palestras que estávamos fazendo, porque eles têm a mania de se acomodar muito fácil, então você vai ter enchente, na hora da enchente eu vou erguer meus móveis uns 15cm, e vai estar tudo bem, mas se eles soubessem o que eles podem fazer exatamente, eles não perderiam mais nada, não correriam mais risco, seria muito melhor.

10. Por favor, fale-me sobre algo que desejar relacionado ao projeto Cemaden Educação, algo marcante que ficou para sua vida, ou algo que não te perguntei. Pode expor à vontade o que quiser...

Olha, eu acho que foi muito marcante para mim saber que eu um aluno do Ensino Médio, poderia participar de um projeto tão grande assim. Realmente eu não pensava que isso poderia acontecer comigo. A gente participou e quando enxerga a proporção do que estava acontecendo a gente vê que realmente era muito importante, fiquei muito feliz, acho que isso vai ficar marcado para mim para o resto da vida. Se Deus quiser vou contar para os meus netos e até mesmo para os bisnetos, para estar falando sobre o que eu participei na escola. Foi uma coisa que eu gostei muito de ter participado. Eu queria mesmo que esse projeto continuasse. Continuasse com todas as escolas, da mesma forma que já estava ou até mesmo melhor, sempre melhorando. Porque se desde cedo as crianças crescessem com pensamento de prevenção aqui na nossa cidade ou até mesmo nas cidades do Brasil inteiro, seria muita gente, talvez vidas, muitas vidas seriam poupadas.

MEMORIAL

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
ADRIANA VALÉRIA VARGAS CARVALHEIRA

MEMÓRIAS DE MINHA TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Memorial apresentado como Anexo da
Dissertação para Defesa no Mestrado
Profissional em Educação, da Universidade de
Taubaté.

Área de Concentração: Formação Docente para
a Educação Básica

Orientador: Profa. Dra. Mariana Aranha de
Souza

TAUBATÉ - SP

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo privilégio da vida.

Aos meus pais, pelos ensinamentos e estímulos para permanecer sempre firme em meus propósitos.

Ao meu marido e aos meus filhos pelo apoio diário.

Aos meus irmãos que sempre compartilharam seus conhecimentos comigo. À minha orientadora Mariana pela empenho e ensinamentos. Aos professores que muito me ensinaram ao longo de minha trajetória acadêmica.

E a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para que esta pesquisa se concretizasse.

EPIGRAFE

“Educação não
transforma o mundo.
Educação muda pessoas.
Pessoas transformam o
o mundo.”

Paulo Freire

1. INTRODUÇÃO

Rever a trajetória profissional é sempre uma oportunidade interessante. É um momento em que damos uma pausa para refletir sobre o caminho que viemos galgando na direção tanto da nossa realização profissional, quanto da nossa contribuição para o bem comum da sociedade. Este memorial possibilita reportar ao passado e relembrar toda minha trajetória acadêmica e profissional. Uma retrospectiva que traz doces lembranças, mas também outras digamos, nem tanto... Com certeza um trabalho bastante interessante de ser realizado, pois possibilitará recordações de episódios que se encontram no recôndito de minha alma. Tantas lembranças adormecidas, afinal a vida é feita de múltiplos acontecimentos.

O mesmo tem como objetivo despertar um olhar de verificação sobre a minha trajetória de vida na construção do meu conhecimento e no desenvolvimento de minha profissionalização na docência até o presente momento e também de acordo com Nóvoa (1992^a) pela importância de se conhecer o saber oriundo da experiência pedagógica, por meio do levantamento e reflexão de momentos significativos de percursos pessoais e profissionais. Isso com certeza ajuda a compreender o cerne de nossas práticas pedagógicas.

2. MOTIVAÇÃO

Vislumbrei minha vida acadêmico-profissional desde a tenra idade, pois logo no primeiro ano das séries iniciais, que foi quando iniciei meus estudos, tive o privilégio de estudar com uma professora que havia dado aula para meus irmãos anteriormente e eles já haviam falado muito bem dela. Era amistosa, carinhosa, tratava todas as crianças com muito carinho e respeito. Me "apaixonei" por ela! Seu nome era Ana Carolina. Jamais esqueci seu rosto suave e bondoso. Seus gestos sensíveis e amáveis. Foi então que senti o forte desejo de um dia lecionar. Estava aí traçado meu destino profissional. A partir de então, comecei a investir no meu tão almejado sonho: ser professora.

3. TRAJETÓRIA PESSOAL ACADÊMICA E PROFISSIONAL

Ao iniciar este trabalho, sinto o quanto é importante envolver o leitor nos caminhos percorridos por mim, como aluna até chegar ao exercício da docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental. É preciso vislumbrar o horizonte social ao qual pertenço, pois só a partir dele será possível compreender o meu interesse pela profissão, as opções teórico-metodológicas de minha prática e também pelo tema de minha pesquisa. Acredito que a resposta a esta questão esteja atrelada ao próprio histórico de minha alfabetização.

Minha escolarização iniciou-se quando eu tinha sete anos de idade. Não tive oportunidade de frequentar a pré-escola por falta de vaga, pois naquela época não havia muito investimento neste setor educacional. A escola pertencia a rede pública Municipal, situada na Vila Califórnia, São Paulo. Era grande, bonita, cheia de árvores, salas espaçosas, um enorme pátio coberto para merendar e outro descoberto para brincar, tudo o que uma criança gosta. A minha professora de primeiro ano já havia dado aula para meus irmãos anteriormente e eles falavam muito bem dela. Ao conhecê-la apenas pude comprovar o que disseram: era amigosa, carinhosa, tratava todas as crianças com carinho e respeito. Seu nome era Ana Carolina. Tinha um rosto suave, bondoso e seus gestos eram sensíveis e amáveis. Ela me cativou tanto que senti muito gosto pelos estudos e também um forte desejo de um dia ser professora. Mas como o destino às vezes nos revela surpresas, nem sempre tão agradáveis, mais ou menos ao meio do ano ela se mudou de cidade tendo que ir embora da escola, o que me deixou extremamente triste. No entanto, a professora que a substituiu era tão boa quanto a Ana Carolina, o que me fez prosseguir os estudos com dedicação e entusiasmo.

Nesta época, os estudos ainda tinham como proposta de alfabetização, os métodos desenvolvidos por meio de cartilhas e foi assim que ocorreu o meu processo de alfabetização.

Tudo transcorreu normalmente, a cada dia descobria o quanto era bom estudar! Desde então não parei mais. Finalizei o então chamado ensino de primeiro grau, do primeiro ao quarto ano nesta escola.

Em seguida, minha família e eu nos mudamos para São Caetano do Sul, SP, onde concluí apenas o quinto ano em uma escola da Rede Municipal, pois no ano seguinte houve uma mudança nas regras públicas, as quais não sei bem ao certo, sendo necessário mudar de escola novamente, onde concluí apenas o sexto ano em uma escola da Rede Pública Estadual.

Em meados de 1983, nos mudamos para São José dos Campos, SP, onde estudei em uma escola da rede de ensino Estadual de Primeiro e Segundo Grau, do sexto ao oitavo ano,

quando finalizei a fase do ensino de primeiro grau completo.

Nos mudamos novamente de cidade. Fomos para Matão, interior de São Paulo onde dei continuidade aos estudos no primeiro ano colegial, em uma escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau. A partir daí, comecei a investir no meu tão almejado sonho: ser professora.

Inicie o curso Normal Superior - Magistério, nesta mesma escola. Trabalhava durante o dia todo e estudava no período noturno. Apesar de ser um curso de Ensino Médio, a maioria das disciplinas eram específicas para a qualificação de professor que iria atuar de 1^a à 4^a série, hoje 1^o ao 5^o ano do Ensino Fundamental. Para conclusão do curso, era necessário fazer estágios nas séries do 1^o ao 4^o ano e em escola de Educação Infantil, os quais fazia em meus períodos de férias do trabalho, pois era quando havia o tempo disponível para fazê-los. Tive a oportunidade de realizar parte deles na escola a qual eu estudava, pelo fato da mesma possuir vários níveis de ensino, dentre os quais o que me era exigido realizar no período de estágio, e isso facilitou muito. Foi bastante importante este período de estágio, pois me propiciou viver na prática o cotidiano de uma sala de aula e a forma de lecionar de docentes experientes, o qual Nóvoa (1995) ressalta ser a prática imprescindível na formação do profissional do magistério.

Casei-me em 1988 e retornei à cidade de São José dos Campos, onde finalizei o curso do Magistério. Antes mesmo de finalizá-lo comecei a desempenhar minha função profissional. A princípio como estagiária em uma escola particular de Educação Infantil, chamada Curumim, mas logo a proprietária da mesma me colocou como professora de uma turminha de crianças do Infantil II, com idade de 3 (três) anos. Foi uma experiência muito gratificante, poder desenvolver um trabalho com essa faixa etária, pois pude participar de um momento onde as crianças estão em fase de muitas descobertas do mundo, o que exerce sobre mim um certo fascínio. Me realizava com a criançada, pois além de ministrar os conteúdos pedagógicos brincávamos bastante, ocorrendo assim o aprendizado de forma lúdica.

Desenvolvi assim com a turminha uma metodologia voltada para o aprender brincando, baseada nas teorias de Piaget (1980), teórico que nos trouxe com seus estudos importantes contribuições da epistemologia genética, onde demonstrou-nos que a criança se desenvolve conforme as faixas etárias as quais chama de “estágios”, estas fases do desenvolvimento cognitivo. São elas: sensório motor, operacional concreto (pré-operatório e operações concretas) e operacional formal. O que subsidiou toda minha prática para desenvolver um trabalho que de fato estivesse de acordo com a fase que as crianças se encontravam, ou seja, necessidade de maior contato e manuseio com material concreto.

Em meados de setembro, de 1989 fui convidada a ser estagiária na escola a qual estudava. Aceitei de pronto, pois iria melhorar para mim em vários aspectos: a escola era mais

próxima de minha residência, salário melhor, alunos maiores o que me proporcionaria novas experiências, o que é muito importante para que seja possível escolher de forma mais sensata em qual nível nos adequamos melhor. E também o contato diário com professores mais experientes, bem como iniciantes com eu, me possibilitaria uma formação onde haveria maior socialização dos conhecimentos com profissionais da própria instituição a qual estava me formando o que é de grande eficácia para o futuro professor, pois transmite maior segurança.

Costumava assumir turmas para ministrar aulas quase todos os dias, pelo fato de haver grande índice de falta de professores PI, no cotidiano da unidade. Então preparava aulas constantemente, o qual declara Imbernón (2009) ser um fator importante para a prática docente, pois potencializa uma formação “que fomenta a autonomia deste na gestão de sua própria formação”.

No ano seguinte, uma professora do 3º ano desta escola se aposentou e a diretora atribuiu a sala dela para mim. Me senti realizada. Minhas práticas pedagógicas eram embasadas no método tradicional de ensino, pois tinha como base o ponto de vista filosófico de Rousseau (1770) que parte de uma concepção baseada no princípio de que todos os homens são essencialmente iguais, possuem natureza boa para aprender, portanto todos aprendem de igual forma. O mesmo era o mais usado na época e como eu havia vivenciado na prática de estágio com as professoras mais experientes, ou seja, acabei reproduzindo minha vivência com meus alunos. Apesar do método que utilizei, o qual não é muito aceito pela maior parte dos filósofos, pois julgam que ele tolhe a criatividade das crianças, foi um excelente ano tanto de aprendizado quanto de relacionamento, pois a turma era muito boa e criamos um vínculo muito próximo. E essa prática me fez constatar as concepções de Gatti (2009) que os professores desenvolvem sua profissionalidade na formação básica e nas experiências com as práticas docentes.

No ano seguinte, acabei ficando sem sala, pois diminuíram turmas da escola, ficando eu e mais duas professoras adidas. Sendo direcionada para atribuição de aulas na Secretaria Estadual de Educação, mas sem sucesso. Começa aí minha saga de ser professora eventual tendo que me deslocar cada dia para uma escola, ou seja, um corre-corre sem fim. Era solicitada a qualquer hora do dia, e como não dirigia contava com o apoio de meu marido para me levar o mais rápido possível ao destino. Juntava o material que tinha da série na qual ministraria aula, pois sempre era informada antes, e ia o mais rápido possível. Assim foi por uns dois anos.

Então inauguraram uma escola estadual, num bairro de periferia de São José dos Campos, chamado Campo dos Alemães. Era considerada uma zona de alta periculosidade por acontecer muitos atos de violência e circulação de drogas no mesmo. Mas lá fui eu... Afinal lecionar era o meu objetivo e deste eu não abriria mão! A escola era novinha, senti uma sensação

muito boa ao adentrá-la. Peguei uma turma de primeiro ano. Confesso que não foi fácil, pois as crianças apresentavam muita dificuldade para aprender, mas ao final os resultados foram bem positivos, pouquíssimos não se alfabetizaram.

Minha ação pedagógica com a turma foi diferente da inicial, já havia obtido mais conhecimento sobre a teoria de Ferreiro (1980) e me embasei nela para desenvolver minha prática. A mesma possui uma perspectiva psicogenética da aprendizagem da língua escrita sob a denominação de “construtivismo”, a qual trouxe uma significativa mudança de pressupostos e objetivos na área da alfabetização, porque mudou total e fundamentalmente a concepção do processo de aprendizagem e apagou a distinção entre aprendizagem do sistema de escrita e práticas efetivas de leitura e de escrita. Não aboli o método tradicional totalmente, pois as crianças que tinham maior dificuldade em aprender pelo método construtivista, às vezes conseguiam com mais facilidade pelo tradicional e como professores sabemos que o método não importa o importante é conseguir que os alunos aprendam de fato.

No entanto, minha zona de conforto mais uma vez durou pouco. Lecionei apenas um ano nesta escola e me encontrei novamente sem uma sala de aula. E lá vou eu ser novamente eventual. E meu marido junto, sempre me apoiando e me levando aonde precisava, mesmo que fosse em um bairro mais distante.

O diretor de uma escola Estadual de Ensino Fundamental do 1º ao 4º ano, vendo meu empenho em atender às necessidades da Unidade, me atribuiu a sala de uma professora que entrou em licença gestante. Como eu desempenhei bem a minha função, no ano posterior ele me atribuiu uma sala de primeiro, ano onde minha metodologia era baseada novamente em Ferreiro (1980) mas também em Vigostisky (1934), pois teve grande importância para o Construtivismo. Para ele o conhecimento se dá através da interação social. Assim sendo, o mesmo da ênfase ao aspecto interacionista na aprendizagem, onde a criança aprende interagindo socialmente. E o papel do professor nesta linha teórica, é o de mediador do conhecimento que se constrói no relacionamento entre o professor e o educando. Mediação que no contexto da sala de aula, é concebida pela intervenção docente problematizadora e desafiadora do processo, onde já estava mais aberta a trabalhar de forma a permitir uma interação maior entre os pequenos para que o conhecimento pudesse fluir liberalmente entre eles o qual pude perceber um efeito extremamente positivo e de crescimento mais rápido e proficiente para toda turma.

Permaneci nesta UE por um período de cinco anos, ministrando aulas em séries variadas. Neste meio tempo, prestei um concurso para FUNDHAS (Fundação Hélio Augusto de Souza), no qual fui aprovada nas primeiras colocações. Trabalhei no mês de julho na unidade, no meu período de férias do estado para conhecer e me cientificar do funcionamento deste órgão. Ao

final do mês, acabei opinando em me manter no Estado, pois trabalhava meio período apenas e nesta instituição teria que trabalhar período integral. E isso não estava nos meus planos, pois já tinha um filho e havia iniciado a graduação em Educação Física, na Unitau, a qual escolhi pelo fato de ser reconhecida como uma das melhores faculdades nesta área na época.

Confesso que antes de começar a estudar fiquei pensando em qual Faculdade ingressar, pois estava em dúvida entre a Faculdade de Educação Física e de Letras, que é uma área do conhecimento que muito me encanta também. Foi bastante difícil para me decidir, mas acabei optando pela de Educação Física. E ao desenvolver do curso só pude constatar que havia tomado a decisão mais acertada. As aulas eram dinâmicas como eu apreciava. Alternando sempre a prática com a teoria. Lembro-me de cada uma delas... De cada professor como se fosse hoje.

À princípio estudei no período noturno, finalizando o primeiro ano em 1996. No ano de 1997, por ter me mudado de residência, tive que trancar minha matrícula na faculdade, com muita resistência, pois não era o que eu queria, mas o necessário naquele momento por não haver quem ficasse com meu filho, já que nos mudamos para longe dos parentes que nos davam uma assistência aos cuidados com o mesmo. No meu íntimo eu dizia, será só por um ano, pois como diz Nóvoa (1997).

O aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola como lugar de crescimento profissional permanente. (NÓVOA 1997, p.23, apud, DAVID, 2002, p.4).

E isso eu já tinha por concebido em minha mente quando escolhi a profissão docente, de que a formação contínua seria imprescindível para o exercício de minha profissão. No ano de 1998, como já estava em meus planos, retornei aos meus estudos na faculdade de Educação Física, pois houve uma mudança em meu horário de serviço, passando a dar aula no período vespertino. Surgiu assim a possibilidade de meu marido ficar com nosso filho de manhã, enquanto eu estava estudando, e dava tempo de eu trabalhar e buscá-lo na escolinha de Educação Infantil ao final da tarde.

No ano de 1997, havia prestado um concurso na Prefeitura Municipal de São José dos Campos para atuar como Prof. I no Ensino Fundamental. Fui aprovada, porém só me chamaram para assumir o cargo no início de 1999, até então eu lecionava na escola do Estado. Não cabia dentro de mim de tanta felicidade. Esperava ansiosamente por isso, pois queria ser professora efetiva, para conseguir a tão almejada estabilidade de emprego.

Iniciei como professora volante, termo usado para designar o docente que ficava na Unidade Escolar disponível tanto para dar aula como para assessorar em serviços

administrativos na secretária, no entanto acabava fazendo até mais um pouco, como: rodar atividades no mimeografo para o grupo de docentes, organizar arquivos para diretora, etc. Gostava de me manter ocupada. A única coisa que não era muito agradável era o fato de não ficar fixa na escola, tinha que me deslocar para outras sempre que havia necessidade. Em algumas delas eu tinha que ir logo após a faculdade pela inviabilidade de ir em casa devido à distância e falta de tempo.

No ano de 2000, finalizei a faculdade de Educação Física em Licenciatura Plena. O curso foi realmente tudo que eu esperava. Me deu o preparo tanto teórico quanto prático para o exercício da profissão de professor de Educação Física para área escolar e também para trabalhar em academias.

Logo após minha formatura houve um concurso para professor de Educação Física na Rede Municipal de Ensino de São José dos Campos, o qual prestei e fui aprovada em 44º lugar, uma boa colocação diante do número grande de inscritos no mesmo, mas como eu não tinha interesse em trabalhar o dia todo por causa de minha família, acabei não assumindo a função de PII, pois para compensar financeiramente seria necessário assumir as duas funções PI e PII, pois se eu deixasse de ser PI para ser PII, ganharia menos que ganhava, devido ao fato de não permanecermos com a referência de uma função para outra, teria que começar do zero. Foi aí que acabei opinando em continuar como PI, pois seria mais compensador financeiramente, visto a trajetória que já havia trilhado nesta função na Rede Pública e também para ter tempo para me dedicar à família, a qual aumentaria naquele ano, pois resolvemos ter mais um filho logo ao final da faculdade e também pelas exigências que o trabalho da docência demanda.

Quando meu filho tinha 5 (cinco) anos, achei que já estava na hora de buscar novos conhecimentos, os quais também seriam valorizados em referências tanto na pontuação que necessitamos para escolhas de escola e sala de aula na Rede Pública municipal, bem como, em valorização em questão salarial e aprendizado para desenvolver um trabalho cada vez melhor junto aos meus educandos. Resolvi então fazer o Curso de Complementação Pedagógica, na Faculdade Anhanguera de Jacareí, onde as aulas aconteciam aos sábados, o dia todo, adquirindo à final habilitação também em Administração Escolar. Tive como supervisora e tutora do meu estágio a diretora da escola a qual eu lecionava. A mesma me concedeu toda autonomia e subsídios os quais eu precisava para realizar um bom estágio o que segundo Mello (2000) um estágio supervisionado por um tutor ou professor experiente é extremamente importante para que haja retorno em relação aos acertos e às falhas de atuação do estagiário.

Concomitante aos estudos, após ter me aventurado ministrando aulas em várias escolas e sempre distantes, consegui trabalhar em uma mais próxima de casa, e sempre pegava turmas

de 5º ano, pois eram crianças da faixa etária a qual eu melhor me adaptava, após as diversificadas experiências com as variadas faixas etárias de idade.

Passado o tempo que havia finalizado a Pedagogia, resolvi me especializar em Psicopedagogia no Processo Ensino-Aprendizagem, para aperfeiçoar minha prática, com o intuito de conseguir ajudar as crianças com maiores dificuldades de aprendizagem a saná-las, evitando assim maiores prejuízos tanto para seu desempenho nos estudos como para autoestima, visto que as crianças com grandes defasagens de aprendizagem acabam por se sentir inferiores aos demais colegas de classe e perdem totalmente o estímulo em frequentar a escola. As aulas aconteciam um sábado por mês, e diariamente pela internet, onde tinha que participar de fóruns, chats, responder a questionários, etc.

Sem dúvidas, foi um excelente aprendizado, pois justamente naquele ano eu havia pego uma turma de (5º) quinto ano a qual foi a turma mais difícil de trabalhar ao longo de toda minha carreira de magistério. Eram alunos de aprendizagem e personalidades tão diversas que somente com um bom preparo psicopedagógico eu desenvolveria um trabalho de excelência com a turma. Confesso que inventei de tudo e mais um pouco, e contava com o apoio de uma estagiária que era bem disposta a me apoiar em todas as ideias que eu tinha... e eram muitas...utilizei tudo que é método e teorias imagináveis, as quais havia aprendido no decorrer de minha formação continuada e também me esmerei em obter o máximo de conhecimento de minha clientela de alunos e da comunidade onde estavam inseridos, pois segundo Freire (1996) é preciso obter estes conhecimentos para adequar o ensino a fim de oportunizar um aprendizado significativo e de qualidade para os alunos. Quase ao final do ano produzimos e apresentamos um sarau tão lindo, sendo possível verificar naquela turma o quanto de talento muitos deles possuíam. E o melhor de tudo é que eles se sentiram mais capacitados o que elevou a autoestima dos mesmos, visto que quase todos participaram, salvo raras exceções.

Enquanto estava cursando a Psicopedagogia engravidei e tive uma menina. E entre fraldas, mamadeiras e estágio do curso, enfim conclui minha pós-graduação, tudo dentro do prazo esperado, afinal quando me proponho a algo, não meço esforços.

A partir daí, resolvi me dedicar somente ao trabalho do Magistério, o qual faz com que demandemos tempo não só quando estamos na escola lecionando, mas em casa também. E participava constantemente de cursos oferecidos pela Rede Municipal de Ensino. Fiz isso por alguns anos. Mas tinha no coração que minha trajetória de estudos acadêmicos ainda não tinha terminado. O desejo de cursar o Mestrado já tomava conta de mim há muito tempo. Cada vez que alguém me falava do curso, eu pensava, ainda chego lá... Na verdade, o que me levou à espera de quase longos dez anos foi o fato de não possuir uma língua estrangeira a qual era

solicitada para frequentá-lo. Uma colega de trabalho me chamou para realizar o curso no Paraguai, há uns três anos atrás, mas não fui especialmente por causa minha família, pois teria que me ausentar de casa por longos 20 dias, durante três ou quatro períodos de férias da escola.

Porém, este sonho acadêmico ficou guardado até o dia em que colegas de trabalho me informaram sobre o curso da Unitau, dizendo que era muito bom e que não exigia mais o domínio da língua estrangeira. Foi aí que decidi que havia chegado o tão esperado momento de realizá-lo.

E aqui estou, vivenciando esta experiência maravilhosa de muito aprendizado, trocas de conhecimentos com os colegas de turma, professores que têm tanto a nos acrescentar e o aprimoramento de minhas práticas pedagógicas baseadas em teóricos muito bem conceituados.

E o Mestrado realmente tem sido uma experiência além de minhas expectativas. Impressionante o vigor, disposição e dedicação dos docentes do curso em preparar e ministrar aulas de forma tão dinâmica e diferenciada, ainda mais pelo fato de possuírem uma carga de trabalho no dia a dia bastante longa e certamente bem cansativa, para maioria deles.

E cada um, com seu jeito peculiar, mas certamente cômicos do quanto seus conhecimentos podem enriquecer os nossos, nos concedendo experiências e aprendizados os quais podemos aplicá-los aos nossos alunos e especialmente levá-los como experiência de vida. E quanto mais aprendemos com nossos sábios mestres, mais nos sentimos preparados para atuarmos profissionalmente e para exercitarmos nossa cidadania.

Deixo registrado aqui, uma nota em especial para Professora Dr^a Mariana, que além de ter ministrado aulas para nossa turma, ainda tive o privilégio de tê-la como Orientadora. Uma pessoa tão jovem, mas com uma “bagagem” surpreendente de conhecimentos para transmitir. E além disso, de uma doçura no falar, buscando sempre orientar com carinho, mas primando por um trabalho de excelência.

E o que não dizer de alguns teóricos, os quais foi possível aprender sobre eles e a forma de pensar de cada um, onde acabamos nutrindo por alguns um enorme respeito, visto tanta sabedoria apresentada por meio de suas palavras, despertando em nós um profundo desejo da busca, da descoberta do aprender cada vez mais.

O processo longo, árduo, cheio de barreiras, mas certamente com muitas vitórias. E o mais importante, repleto da certeza de que a trajetória para a conquista geralmente não é fácil, mas ao final, sempre vale a pena!

Sem falar dos bons colegas de turma, os quais compartilharam não só conhecimentos e parceria nas aulas, mas também a palavra amiga, a ajuda nas necessidades, o companheirismo no decorrer do processo, certamente sem este apoio seria tudo bem mais difícil.

Tudo ficará guardadinho na memória...

REFERÊNCIA

COUTINHO, C.N., **O individualismo e seus críticos**: Cultura e Política. v. 38, Dez de 1996. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451996000200002> Acesso em: 15. Jun.2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GATTI, B. A. **Formação continuada de professores**: condições e problemas atuais. Revista Brasileira de Formação de Professores. São Paulo, 2009. Vol. 1, n. 1, p.90-102

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

_____. **Formação permanente do professorado**: novas tendências. São Paulo: Cortez, 2009.

MELLO, G. N de. **Formação inicial de professores para a educação básica**: uma (re)visão radical. São Paulo Perspec, São Paulo, v.14, n.1, p98-110, Mar. 2000. Disponível em: http://www.scielo.php?script=sci_arttex&pid=SO102-8839200000012&Ing=en&nrm=iso. Acesso em 12 Nov. 2017

NÓVOA, A. (coord.). **Os professores e a sua formação**. 2 ed, Lisboa: Dom Quixote, 1995.

<http://www.ufjf.br> “A educação sobre riscos ambientais e o programa “Defesa Civil nas escolas”: uma proposta metodológica interdisciplinar” Acesso em: 21/01/2018.